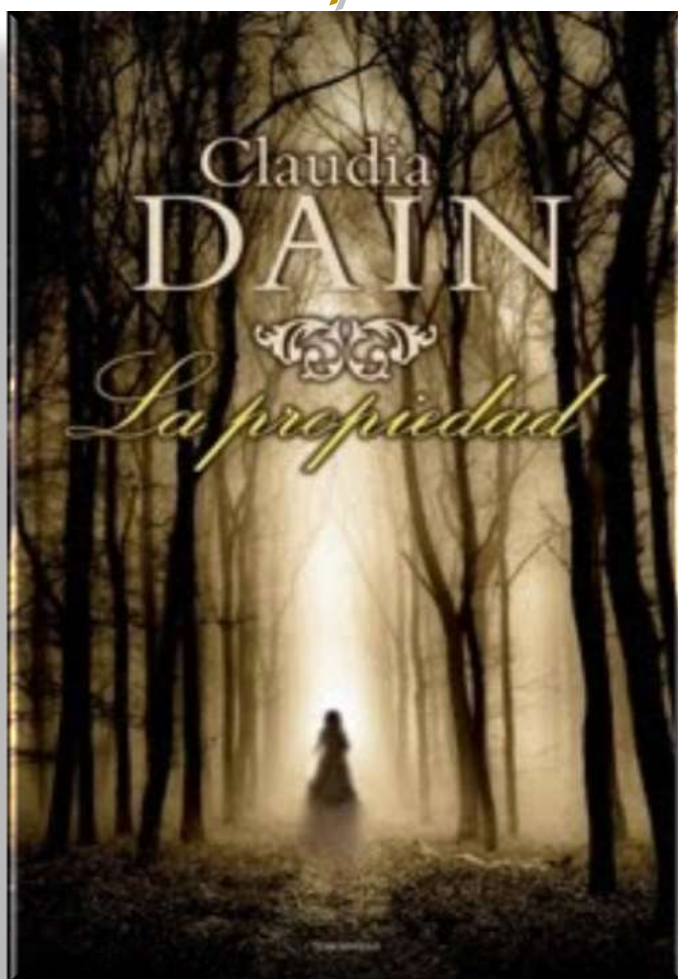




GRH

Claudia Dain

A Propriedade



1º da Série Medieval

*Realização/Créditos: GRH
Revisão Inicial: Kelly
Revisão Final: Caroline Alves
Formatação: Ana Paula G.*





Comentário da Revisora Kelly:

Este é um dos mais belos livros que eu já tive o prazer de revisar. Com uma história emocionante de amor e redenção a autora prende ao leitor de uma forma que poucas vezes eu tive o prazer de ver, o casal de protagonistas é maravilhoso, Cathrin, que no início aparece com uma mulher fria e sem sentimentos se mostra, no desenrolar da história, uma mulher de um caráter forte, uma guerreira capaz de tudo, até mesmo de se oferecer ao sacrifício para salvar o seu povo. Willian se mostra um dos mais lindos mocinhos, se não o mais lindo, dos romances por mim já lidos. Um homem com um sentido de honra fortíssimo que no início despreza Cathrin por ela não ser mais pura, mas quando descobre por quais sofrimentos ela já havia passado faz de tudo para curar a alma ferida de Cathrin e conquistar o seu amor.

Comentário da Revisora Caroline Alves:

História cativante, onde um mocinho decidido, com um sentido de honra muito forte, que é capaz de curar as feridas do corpo e da alma da mocinha, que sofreu horrores para tentar salvar seu povo. Realmente, um dos livros mais belos que já li.



*“Com este anel, eu te desposo.
Com meu corpo te honro.”*

*Estava feito. Ela era sua esposa.
Esposa de um cavaleiro tão
calado e sigiloso que o chamavam
“A Névoa”. Tudo que possuía
Lady Cathryn de Greneforde,
castelo, terras e gente, agora
estava a salvo em suas mãos. Mas
ainda havia uma barreira que
transpassar...*

*Havia um segredo no Castelo
de Greneforde, um segredo que
tanto sua esposa como os calados
serventes pareciam conhecer.
William, o Brouillard¹ temia que o
aguardava a traição em sua noite
de bodas. Mas tinha jurado tomar
posse das terras que lhe tinha
outorgado seu Rei... e para isso
deve conhecer sua esposa por
completo, tomá-la na mais
elementar e íntima posse de todas.*

¹ *Brouillard* é uma palavra francesa que, traduzida para o português, possuiu o mesmo significado que *névoa*.



Sobre a autora

Autora norte-americana, Claudia Dain começou a sentir o fio de bordar da escritura desde muito jovem já. No ano 2000 publicaram sua primeira novela. Duas vezes finalistas aos prêmios Rita, é uma das principais autoras mais vendidas do EUA.

Nem sequer ela sabe como descrever-se já que na verdade não sabe quem é. No sul é uma ianque. Em Nova Inglaterra é uma garota do Valley e, em Los Angeles, é uma pessoa do leste.

Viveu os dez primeiros anos de sua vida em Los Anjos, no vale de São Fernando. Também tinham uma casinha em Malibú. Quando tinha dez anos se mudaram a Nova Inglaterra, a uma pequena cidade de Connecticut. Além disso tinham uma pequena casa de campo junto ao lago na zona rural de Massachussets. Graduou-se na Universidade do Sul da Califórnia e viveu em Los Angeles outros onze anos mais em um antigo bangalô californiano dos anos 50 com seu marido.

Agora vive na Carolina do Norte e aprendeu a aceitar o fato de que nunca será uma autêntica sulina, como tampouco será uma verdadeira cidadã da Nova Inglaterra, nenhuma californiana de coração. Vive em uma típica casa colonial sulina com brancas colunas e um alpendre coberto, mobiliada ao estilo tradicional com montões de almofadas nos sofás, mas ainda assim não se sente sulina.

CAPÍTULO 01

Inglaterra Inverno de 1155.

William, o Brouillard, o novo lorde de Greneforde, não estaria satisfeito com sua recompensa, absolutamente. Isso foi o primeiro que Kendall pensou ao contemplar as terras de seu senhor. Kendall puxou as rédeas para deter o cavalo e deu uma olhada a seu redor enquanto exalava devagar. Dezenove anos de guerra tinham cobrado da propriedade que William havia ganhado por suas mãos.

Os campos, que deveriam estar semeados e em bom estado, ofereciam um aspecto baldio, com a terra queimada e salpicada de plântulas de carvalho e cicuta que teimavam em sobreviver. O bosque ia ganhando terreno aos campos arrasados. Aquele bosque que antigamente tinha sido diligentemente dominado e contido até os limites dos campos, avançava agora implacável, invadindo as terras que deveriam ter constituído a principal fonte de mantimentos de Greneforde. Aquele inverno não haveria colheita de milho. Kendall notou a fria dentada de uma forte rajada de vento no rosto, e seu estômago protestou ruidosamente ante o assalto inesperado; sem lugar a dúvidas, aquela seria uma estação cheia de penúrias.

Seguido de perto por seu senhor, Kendall estremeceu ao não ver nenhuma choça. Onde estavam os lavradores? Acaso por isso a terra estava desatendida? Não ficava ninguém para trabalhar os campos de cultivo? Seu estômago voltou a rugir, essa vez mais escandalosamente. De nenhuma forma desejava ser o emissário que levasse a William as notícias de que sua propriedade não era nada mais que um nome inscrito no registro de propriedade na Inglaterra.

Como se pretendesse burlar-se dele, Greneforde emergiu subitamente no meio da penumbra com um aspecto alentadoramente sólido. As almeias se erguiam imponentes, inclusive se podia ver uma coluna de fumaça proveniente do interior do recinto amuralhado. A paliçada, apesar de ser de madeira, oferecia um aspecto robusto, e a torre principal era feita de pedra. O estômago de Kendall deixou de

rugir: pelo menos o castelo de Greneforde parecia estar em bom estado, mas o que era um castelo em bom estado sem comida para alimentar aos que moravam nele?

Justo então uma mulher se materializou entre as almeias, uma mulher no lugar que deveriam ter ocupado homens dispostos a lutar. Escrutinaram um ao outro em silêncio. Por causa da distância que os separava, Kendall não conseguia distinguir seus traços, e havia algo em sua atitude que o acautelava de aproximar-se mais. Kendall podia ver que tinha o cabelo claro e que se mantinha em atitude altiva, com as costas totalmente erguida, o manto que usava era de uma sobriedade indescritível. Continuaram olhando um ao outro com tanta desconfiança como adversários declarados. O modo em que o castelo se materializou subitamente entre a névoa, junto com aquela mulher, resultava quase espectral. A suas costas, seu senhor murmurou algo com evidentes sintomas de mal-estar, e aquele sussurro tirou Kendall de sua efêmera paralisia.

—Sou um emissário do rei Henry II da Inglaterra, senhor de Aquitania, Normandia, Maine, Anjou, Turena, Poitou, Guyena e Gascã.

Ao não receber resposta alguma, Kendall prosseguiu:

—Dada a condição de órfã de Cathryn de Greneforde, o rei há resolvido entregá-la em matrimônio a William, o Brouillard, que neste preciso instante se dirige ao castelo de Greneforde com a intenção de cumprir a ordem do rei.

Após uma pausa que poderia ter se medido em pulsados de coração, a mulher assentiu grosseiramente, sem oferecer nenhuma outra resposta à proclamação real.

Kendall se revolveu inquieto sobre a sela, ajustou a espada ao cinto e notou o peso reconfortante do aço no meio daquele lugar desolado cheio de ramos maltratados sob um céu plúmbeo e uma mulher que permanecia excessivamente silenciosa ante tais novas.

—Entendeste-me? —perguntou-lhe, desconcertado.

Kendall viu que ela assentia com a cabeça.

Ao mesmo tempo, notou —mais que ouviu— que seu senhor esporeava o cavalo e se afastava um pouco dele, daquela mulher silenciosa e do castelo de Greneforde.

Posto que Kendall era um cavaleiro, não podia permitir a mesma indulgência que seu senhor. Se desejava que todos o reconhecessem por sua valentia e habilidade com as armas, não podia sair fugindo como um covarde.

Subitamente, o denso manto de nuvens que tinha ocultado até esse momento o sol se desvaneceu, e os raios abraçaram a torre com uma suave luz. Kendall conteve o fôlego. O que a penumbra havia encoberto, agora o revelava a luz. A terra sob seus pés, apesar de estar baldia, era rica; sim, era uma terra em que certamente germinaria qualquer semente. O castelo estava construído com pedra calcária amarela, com frestas de arco pontudo e contrafortes nos ângulos. E aquela mulher... Seu cabelo cáldo e cheio, da cor do ouro pálido, caía em uma bela cascata até seus joelhos.

Movido pelo impulso, Kendall perguntou:

—É lady Cathryn de Greneforde?

Tal e como Kendall esperava, ela não pronunciou palavra alguma mas sim se limitou a responder com um áspero movimento afirmativo. E a seguir desapareceu. Kendall considerou que era uma reação certamente estranha, ante a notícia de seu iminente matrimônio.

Kendall puxou as rédeas para fazer girar sua montaria e torceu o gesto ao ver que seu senhor não era mais que um pequeno ponto na distância.

«Pelo menos William não terá que suportar uma esposa com mau gênio», refletiu com ironia.

O rio Brent baixava caudaloso por causa das chuvas, mas William e seus homens tinham encontrado uma zona menos profunda por onde atravessá-lo até a outra borda. Segundo seus cálculos, achavam-se muito perto de Greneforde, pelo norte, e William tinha tanta vontade de ver sua propriedade que não esperou seus acompanhantes mas sim galopou pela borda oposta e virou para o oeste, rezando para que a garoa não turvasse sua primeira visão do presente que lhe tinha feito Henry.

William soprou pesadamente. Em realidade pouco tinha de presente, se pensava em todos aqueles anos ao serviço do futuro monarca da Inglaterra, lhe

demonstrando sua valia. Muitos cavaleiros passaram ao bando de Henry quando se inteiraram de que Stephen tinha combinado que o filho de Matilda herdaria a coroa quando ele morresse. Matilda e Stephen passaram quase toda a vida lutando, disputando o direito ao trono da Inglaterra. Em todos aqueles anos, às vezes a sorte tinha tomado partido a favor de um e às vezes a favor do outro, até que ao final os dois ficaram muito velhos para seguir encetados naquela guerra sem quartel que quão único conseguia era debilitar ao povo e as terras. Agora, com Henry II no trono, haveria paz, se Deus o quera; uns anos de paz para que a Inglaterra se recuperasse. William rezou para que o mandato de Henry fosse duradouro e próspero —duradouro e próspero para os dois.

Quando Henry foi renomado sucessor de Stephen, muitos cavaleiros tentaram granjear sua amizade, mas Henry de Anjou não era tolo, e pouco a pouco foi abandonando a quase todos os que o tinham rodeado com fins propriamente egoístas. William, em troca, tinha seguido Henry incansavelmente e lutado sob seu estandarte com galhardia e nobreza, já que tinha sabido apreciar a um homem que, apesar de não ter talento de guerreiro, parecia ser um competente administrador. E com o transcurso do tempo, William conseguiu atrair a atenção de Henry até ganhar sua confiança. Finalmente, o monarca decidiu recompensá-lo por sua lealdade e sua destreza.

E Greneforde era a recompensa.

Greneforde, oculto em algum lugar próximo entre a neblina e a suave chuva. Greneforde, que tinha sobrevivido à anarquia civil durante o reinado de Stephen, mas em que estado? William tentou afastar aqueles temores de sua mente, culpando ao mau tempo do repentino mal-estar que se apoderou dele, e deslizou a mão por cima das alforjas carregadas de sementes. Durante suas aventuras por meio mundo, William tinha ido se preparando para aquele dia, o dia em que por fim disporia de sua própria terra. Por todos os lugares por onde tinha passado, das tórridas areias de Damasco até as montanhas da Baviera, tinha ido selecionando as melhores sementes, os melhores tecidos, as melhores especiarias para seu futuro lar. E agora seu lar tinha um nome: Greneforde.

—Uma verdadeira beleza, conforme dizem na corte.

William deu a volta para olhar ao pai Godfrey, o sacerdote que tinha permanecido a seu lado durante os últimos anos e que se encarregaria de officiar a cerimônia de suas bodas. Levava uma batina negra de lã que o protegia da suave chuva e que se levantou até os joelhos para sentar-se sobre a mula. Um padre incomum, que tinha estudado com o grande professor Pierre Abelard e que acreditava que o povo pobre só poderia ser feliz se conhecia as Sagradas Escrituras. Por isso tinha passado tantos crepúsculos cinzentos insistindo para que William e seu séquito memorizassem a palavra de Deus.

—Acreditava que os homens de Deus não se fixavam na beleza feminina uma vez que tomavam os hábitos —espetou William com secura.

Godfrey sorriu lentamente enquanto baixava seu olhar até sua puída batina de lã.

—Sim que nos fixamos, mas possivelmente não lhe outorgamos a importância que lhe dão vós, os cavalheiros.

Ulrich, o escudeiro de William, lamentou-se em voz alta:

—Passamos tantos anos percorrendo o país com homens como única companhia que a esta altura inclusive minha avó pareceria atrativa.

William sorriu ante a ocorrência. Ulrich, com seus dezessete anos e um aspecto desajeitado de cachorrinho a ponto de desmamar, acreditava-se absolutamente irresistível para as mulheres. Provavelmente, quando acabasse de desenvolver a musculatura dos ombros, já não teria que imaginar mais.

Realmente era um moço arrumado, com uns olhos risonhos de uma cor azul cinzento e cabelos castanhos e robustos.

Godfrey, balançando-se ritmicamente ao som dos passos de sua mula, disse:

—Isso significa que olha às mulheres com benevolência, e isso é bom.

Ulrich se limitou a esboçar uma careta de chateação e suspirou.

William sorriu divertido ante a reação de Ulrich, como de costume. Procurava instruir ao jovem com firmeza mas sem dureza; em seu tempo de juventude lhe havia custado servir de escudeiro a um homem severo e circunspeto, e considerava que não tinha tirado nada positivo daquela experiência. As exigências físicas dos cavalheiros eram já bastante duras por si, por isso não se necessitava amassar o espírito com um jugo adicional e desnecessário. Não obstante, William não

demorou para afastar Ulrich de sua mente e novamente se dedicou a escrutinar o horizonte brumoso, com vontade de avistar Greneforde.

Godfrey cavalgava em silêncio enquanto observava William. Estava pensando em Greneforde, isso era evidente, mas Greneforde não significava unicamente o castelo e suas terras, e se William não se lembrava daquele significativo detalhe, ele sim.

—Faz anos que é órfã —remarcou Godfrey.

William deu um coice visivelmente surpreso ante o comentário e respondeu com voz ausente:

—Já sei.

—Não foram uns anos fáceis para a Inglaterra —precisou Godfrey.

—Isso também sei, mas agora que estou aqui tentarei emendar todo o necessário —repôs William com um tom confidencial.

Rowland, o companheiro de armas de William, uniu-se a eles e deu um pequeno murro em Ulrich no ombro. Seus olhos escuros posaram primeiro nas costas de William, e logo desviou a vista para o pai Godfrey. O padre lhe devolveu o olhar, e esses breves instantes bastaram para que ambos se dessem conta de que estavam pensando o mesmo.

—Sem lugar a dúvidas, lady Cathryn estará encantada quando souber suas intenções —apontou Rowland prudentemente.

William só ofereceu um grunhido como resposta. Dava a impressão de que se esqueceu dela por completo. Não, não era unicamente uma impressão, a não ser um fato irrefutável. Cathryn era uma pequena bolinha no grosso de seus pensamentos, e ele haveria se sentido mais que satisfeito de poder sacudir essa bolinha de cima. Em seus planos não entrava uma esposa. Que capacidade podia ter uma esposa em seus pensamentos, quando seu afã por possuir uma propriedade levava tantos anos lhe nublando a mente por completo? Entretanto, era certo que estava em idade casadoura e que não podia tomar posse de Greneforde sem ela. Assim teria que casar-se. De todos os modos, seus pensamentos seguiam unicamente centrados em Greneforde.

—A guerra pela terra é muito dura, foste testemunha de numerosas batalhas para ser consciente disso, William o Brouillard —argumentou Godfrey com um tom cordial — E também viu com que efetividade pode uma espada enviar um homem ante Deus. Como crê que uma moça órfã sobreviveu tantos anos à guerra civil?

William não tinha caído na conta, pelo menos não tinha prestado muita atenção à questão, e não gostou nada que o pai Godfrey tirasse o tema a vista. E o que importava essa mulher? Greneforde, a terra que vinha com ela, era o que realmente desejava. William tinha arriscado sua vida por Greneforde, e finalmente a tinha obtido como recompensa. Entretanto, lady Cathryn o aguardava, igual a Greneforde. Por conseguinte, era óbvio que não devia esquecer-se dela, apesar de que o tinha tentado.

Naquele instante, Kendall apareceu no meio da névoa e conseguiu captar sua atenção.

—Encontrou Greneforde? —perguntou-lhe William quando Kendall esteve a uma distância audível.

—Sim, William, encontrei sua propriedade.

—E o que te pareceu? —exortou-o, sentindo-se instantaneamente incômodo ante a parca resposta de Kendall.

Kendall baixou os olhos enquanto tirava as manoplas das mãos.

—É uma terra rica, o castelo é uma edificação sólida e robusta, e lady Cathryn já está se preparando para sua iminente chegada.

Ao ver que novamente lhe recordavam a figura de lady Cathryn, William se sentiu obrigado a perguntar:

—E como está lady Cathryn de Greneforde?

—Quando lhe dei a notícia de que o rei tinha ordenado seu matrimônio, aceitou as novas com calma —recitou Kendall com cuidado. Levava mais de uma hora ensaiando as palavras exatas que ia pronunciar, e se sentia satisfeito com a verdade ofuscada que transmitia a mensagem.

—Não te disse que certamente reagiria assim? —William sorriu a Rowland.

Rowland só sorriu efemeramente, e sua tez escura assentiu com aquiescência.

—A senhora estará pronta quando eu chegue? —Quis saber William especificamente, ansioso por superar o quanto antes aquele possível ponto de conflito.

—Quando lhe disse que tinha que casar-se com William, o Brouillard por ordem de Henry II, lady Cathryn não disse nenhuma só palavra contra e desapareceu rapidamente para dispor os preparativos —replicou Kendall, dizendo tecnicamente a verdade.

—Parece uma mulher com um notável autocontrole —atravessou Godfrey brandamente.

—Sim —conveio William — uma virtude certamente valiosa em uma esposa. Tal e como há dito —continuou, dirigindo sua conversação para Godfrey — Foram muitos anos de guerra, e provavelmente se sentirá aliviada ao saber que muito em breve terá um marido que poderá defender as terras e lhe dar descendência. Em resumidas contas, isso é o que todas as mulheres querem, não? —concluiu com um tom desenvolto.

Kendall ficou brincando incômodo com as manoplas, que pareciam estar lhe provocando inumeráveis problemas. A sua vez, o pai Godfrey começou a manusear as contas do rosário que pendurava de seu cinto, com uma expressão contemplativa no rosto. Parecia que essas eram as únicas respostas que William ia obter. A atitude de seus companheiros o desconcertou. Por que essas amostras contidas de perturbação ante as notícias de Kendall da boa disposição de lady Cathryn para receber seu futuro marido?

—Vamos, Rowland, você estiveste casado. Acaso nem todas as mulheres desejam segurança, do mesmo modo que aos homens atrai o conflito e a instabilidade? —exortou-o William.

—Assim foi com as mulheres que conheci —respondeu Rowland simplesmente.

E desse modo terminou a conversação a respeito de Cathryn. William se dispunha a interrogar mais a fundo Kendall com respeito a Greneforde quando Kendall lhe adiantou:

—De fato, já estamos nas terras de Greneforde, William. Quando me reuni contigo já pisava em sua propriedade. O castelo está a tão somente uma breve corrida a galope para o oeste.

Kendall não teve tempo de dizer nada mais. William esporeou seu cavalo para iniciar a corrida a galope. Rowland o seguiu veloz, já que inclusive com Henry no trono, as terras seguiam infestadas de foragidos.

Necessitaram só uns minutos para avistar a sólida silhueta da torre de Greneforde, que se materializou entre a chuva que agora caía com mais força, mas William apenas se deu conta daquele matiz. O castelo, construído com o consentimento real durante o reinado de Henry I e, por conseguinte, indultado de ser destruído com a miríade de castelos que tinham sido eretos durante os anos de anarquia, tinha sido originariamente desenhado como uma única torre singela e estava rodeada por uma paliçada de madeira. Ergia-se no topo de um promontório, flanqueado em sua maior parte pelo rio, o que lhe conferia um estratégico valor defensivo. A paliçada precisava ser reconstruída, não de madeira mas sim de pedra, embora a verdade era que tampouco estava em condições deploráveis e provavelmente suportaria qualquer ataque durante o processo de reconstrução. William ficou absorto calculando quanto custaria o trabalho, tanto em termos econômicos como em tempo, e chegou à conclusão de que poderia completar-se em um ano se era capaz de encontrar um Engenheiro hábil. Posto que William estava se aproximando pelo lado oeste, o castelo destacava por cima da paliçada com um aspecto imponente; os muros eram almeados, igual à torre, que se erigia majestosamente com sua altura de quatro andares.

Tão ensimesmado estava William com sua primeira impressão de Greneforde que não se fixou no estado de abandono das terras, nem no bosque que se estendeu ocupando as terras de cultivo, nem na falta de choças ou de uma aldeia próxima. Tão satisfeito estava com sua propriedade que quando caiu na conta do estado de abandono em que se achava Greneforde, não permitiu que aquele pensamento o inquietasse. Greneforde dispunha de um lorde outra vez, e William faria todo o possível por lhe devolver todo seu esplendor e alegria de antigamente.

Por fim estava em casa.

CAPÍTULO 02

Marie não gostou absolutamente da notícia sobre as iminentes bodas de sua senhora; de fato, resultava-lhe impossível ocultar sua enorme consternação.

—E o que fará, minha senhora? —perguntou visivelmente afetada.

Cathryn elevou a vista e por uns instantes abandonou o trabalho de separar as flores das folhas do vistoso ramalhete de mil-em-ramas que acabava de recolher para responder de modo sucinto:

—Me casar.

Marie entrelaçou as mãos e as afundou nas dobras de sua túnica com porte aflito.

—Mas senhora...

—Marie —a interrompeu Cathryn, acariciando cuidadosamente as flores que estava preparando para secar — Greneforde necessita um lorde. —Fixou a vista nos adoráveis olhos azuis de sua criada e continuou sem perder a calma — Meu dever é velar pela segurança de Greneforde; fui consciente disso do momento em que o pão substituiu o sabor do leite de minha mãe.

Quando Marie continuou olhando-a com olhos assustados, Cathryn sorriu docemente e perguntou:

—Acaso não te dá conta de como meu estado de órfã afetou a Greneforde? Certamente passou fome como eu, não é assim? Não te parece que todos nos beneficiaremos do robusto braço de um cavaleiro elevado em nossa defesa? — Cathryn agasalhou entre suas mãos as mãos geladas de Marie e continuou — Já chegou a hora de que me case, e o rei está em seu direito de me escolher um marido.

—Mas o homem que escolheu será um de seus homens! —protestou Marie.

—Pode ser Henry II pior rei para a Inglaterra que o foi Stephen? —contra-atacou Cathryn — Pode este homem, o tal William, o Brouillard, ser pior para Greneforde que o fato de que eu siga sozinha à frente de tudo sem nenhum marido?

Marie não tinha resposta para sua senhora, ao menos nenhuma que se atrevesse a expressar em voz alta. Era certo. Os tempos não tinham sido nada bons, mas ela não estava preocupada com Greneforde, mas sim por sua senhora.

—E quando se tiver convertido na esposa desse cavalheiro e ele seja lorde de Greneforde, então o que, lady Cathryn? —sussurrou Marie, deixando entrever seus mais profundos temores.

Cathryn voltou a fixar a vista no ramalhete de flores, tão níveas e delicadas, apesar de que sabia que muito em breve murchariam e que as bonitas folhas verdes logo perderiam também sua frescura para cair murchas. Uns instantes antes aquelas flores estavam vivas e tomavam todos os nutrientes do chão. Agora, entretanto, tinham-nas cortado pelo caule para cobrir as necessidades dos habitantes de Greneforde. A finalidade daquelas flores medicinais era servir aos que lhes tinham enviado a vida, a aqueles que as tinham privado de ar, a aqueles que tremiam com febre. Mas primeiro as mil-em-ramas tinham tido que morrer para curar às pessoas de Greneforde. E a Cathryn tocava desempenhar o mesmo papel: devia relegar todas suas emoções e lembranças até o mais profundo de seu ser e por sua vida ao serviço de Greneforde. Deslizando as mãos por cima das folhas, sentindo o suave tato na ponta dos dedos, Cathryn respondeu a jovem criada sem elevar seus olhos escuros.

—Então Greneforde estará a salvo, Marie, e o estará enquanto seu senhor tenha forças para empunhar a espada e montar sobre um cavalo de batalha.

«Sim, Greneforde estará a salvo», pensou Marie enquanto observava como sua senhora abandonava as flores e ia para a cozinha. Mas o que seria de Cathryn?

Tudo o que se podia fazer para dignificar o castelo estava se fazendo nesse instante. Ninguém queria que se dissesse que Greneforde não tinha recebido a seu novo lorde com a cabeça encurvada. Na cozinha, John, o mordomo, fiscalizava a preparação de seis galinhas, dois patos e meio porco; as ervas culinárias começavam a escassear, mas ainda ficava bastante salsinha e orégano para oferecer um ágape mais que respeitável, e quando lady Cathryn chegou com uma bolsinha de cravos que tinha guardado em lugar seguro, todos sorriram agradados.

A atividade era frenética: sacudir as tapeçarias, arrancar as más ervas, afiar os utensílios de lavoura, limpar o esterco dos estábulos... A enorme agitação infundiu a Cathryn um pouco de energia. Greneforde recuperava sua vitalidade, preparando-se com alegria para a chegada de seu novo senhor, e a ideia a encheu de satisfação.

Ao constatar que John estava fiscalizando os trabalhos na cozinha com grande acerto, Cathryn subiu apressadamente as escadas até seu quarto. Rapidamente e sem perder a calma, foi para o outro extremo da habitação, até uma enorme arca que continha suas mais apreciadas posses e o abriu com cuidado. Fazia três meses que não tocava a pequena faca que sempre repousava em cima de todos os seus pertences, a faca que seu pai lhe tinha entregue a modo de presente de despedida. Cathryn se surpreendeu ao esticar a mão instintivamente para tocá-lo. Com enorme esforço, afastou novamente todas as lembranças de sua mente e começou a buscar no interior da arca, sem um objetivo claro. De repente se deu conta de quão absurdo resultava seu comportamento, e foi para trás, sentando-se sobre os calcanhares, e riu em silêncio. O que pretendia? Escolher o melhor vestido entre seus trajes cinzentos para oferecer um aspecto primoroso e atrativo, digno de uma mendiga? Como era possível que virtualmente todo seu vestuário fosse de uma única tonalidade, o cinza? Sacudiu a cabeça severamente e suas largas tranças varreram o chão com o movimento. Finalmente, Cathryn se decidiu pelo traje menos lúgubre: um vestido de lã sem tingir. Sacudiu-o vigorosamente e o inspecionou para assegurar-se de que não tivesse nenhum buraco. Felizmente, tampouco tinha nenhum remendo e parecia bastante digno. Estava debruado por uma fita negra que conferia a atenuada cor branca da lã um aspecto mais luminoso. Em realidade não ressaltava muito a aparência de sua proprietária; a falta de uma cor viva parecia apagar a calidez de sua compleição, mas pelo menos estava limpo e não se assemelhava ao típico traje que usaria uma faxineira. Era o melhor que tinha. Gostava de estar atrativa para o homem que logo chegaria para casar-se com ela, embora não compreendia o porquê. Casariam-se tanto se lhe agradava o que via como se não; era a ordem do rei. Depois de tudo, o mais importante seria a primeira impressão que lhe desse Greneforde.

Cathryn alisou o vestido com seus magros dedos que tremiam quase imperceptivelmente e ficou de pé sem soltar o grosso tecido. No piso inferior ouviu o som de uns passos que subiam as escadas. Alguém que ela não distinguiu começou a chamar Albert, que se achava entre as almeias fazendo de vigia, e Albert repôs que ainda não via ninguém que se aproximasse do castelo. Ainda não se via William, o Brouillard. Mas muito em breve chegaria. Gradualmente, com excessiva cautela, Cathryn se moveu para a fresta e olhou para o pátio que se abria a seus pés. Viu Alys na horta, tentando alcançar com enorme esforço uma maçã que pendia de um dos ramos mais elevados da árvore, com uma cesta a seus pés só meio cheia. Tybon estava concentrado escovando a longa pelagem do único inquilino que morava no estábulo com tanto brio como se se tratasse de um poderoso cavalo de batalha e não uma pobre égua velha e lânguida. Com a extremidade do olho viu Marie perambular sigilosamente pela cozinha entre as sombras, cabisbaixa e com os ombros caídos, certamente pensando em sua senhora. Cathryn sorriu com um profundo sentimento de agradecimento ao pensar em quão afortunada era de que alguém se preocupasse tanto por sua pessoa. Entretanto, pelo bem de Marie, pelo bem de todos os residentes de Greneforde, preferia não admitir que a chegada do Brouillard a aterrorizava.

Ele chegaria a qualquer momento, era pouco provável que seu arauto se adiantasse mais de meio-dia. Ao anoitecer já estaria casada, e depois... Cathryn não podia pensar além daquele ponto. Não sabia que tipo de homem era; possivelmente alguém acostumado a usurpar sem pedir permissão, cuja única intenção era tirar o máximo proveito do que ficava em Greneforde para logo partir em busca de outra propriedade mais próspera. Desconhecia suas intenções, e não as saberia até que pudesse olhá-lo aos olhos e decifrar sua personalidade. E aquela incógnita a afligia. Unicamente sabia uma coisa: que protegeria Greneforde com unhas e dentes até que descobrisse o tipo de homem que o rei Henry lhe tinha eleito por marido.

Cathryn não pensava na ideia de proteger a si mesma.

Aspirou fundo e ergueu os ombros, a seguir abandonou seu quarto e entrou no quarto principal, que ocuparia seu novo marido. A cama estava recém feita,

enfeitada com os melhores panos que Greneforde podia oferecer. Tinham aceso o fogo na lareira, e a bacia estava a ponto com água fresca. Sem olhar de novo para a cama, Cathryn assentiu levemente com a cabeça em sinal de aprovação e abandonou o quarto. O mais sensato que podia fazer era baixar de novo para fiscalizar o jantar.

Alys levou a cesta com as maçãs até a cozinha e a deixou cair pesadamente no chão.

—Agora já não fica nenhuma só fruta nas árvores —anunciou a criada.

John a observou por cima do ombro e remarcou com um tom gentil:

—Oferece seu prezado tesouro para a melhor das causas.

—Por nada do mundo deixaria que nossa senhora ficasse em ridículo —declarou Eldon, como se falasse em nome de todos os ali presentes — O novo lorde e seus homens comerão, e além disso comerão bem, embora para isso nós tenhamos que jejuar.

—Não se preocupe, comeremos —lhe assegurou Lan enquanto cortava a carne de porco em quadrados— embora possivelmente tenhamos que comer guisado.

Alys secou as mãos no avental antes de começar a preparar as frutas para assá-las.

—Dá igual! A verdade é que um bom prato quente sempre é maravilhoso! —remarcou ela com seu habitual modo de falar desenvolto e sem rodeios.

—Estão preparados para dar a bem-vinda a nosso novo lorde? —quis saber Lan.

—Um novo lorde significa que poderemos comer carne frequentemente — respondeu John — Seguro que melhorará nossa qualidade de vida, por isso deveríamos estar agradecidos.

—Possivelmente sim —insistiu Lan enquanto cortava a carne de porco com a enorme faca — ou possivelmente não.

—Cuidado —o admoestou John, com educação mas com firmeza — Que ninguém questione, nem especule, nem duvide sobre essa questão. Está a ponto de chegar nosso novo lorde, e lhe daremos a bem-vinda como é devido. Pensem em nossa senhora: esta manhã despertou órfã, no meio da manhã já estava

prometida, e estará casada antes de que acabe o dia. Cuidado —repetiu com mais ímpeto — Por respeito a lady Cathryn, ninguém questionará a valia do novo lorde de Greneforde.

Lan não disse nada mais depois daquele alegação, assustado ante a ideia de que sua língua mordaz pudesse causar que lady Cathryn tivesse que aguentar uma carga mais pesada que a que já lhe tocava suportar. As palavras de John tinham sido muito acertadas e aceitas por todos os que se achavam na cozinha preparando um festim com o pouco que tinham para celebrar a chegada do homem do rei Henry. Além disso, John tinha falado no momento oportuno, já que Cathryn entrou na cozinha justo um momento depois.

Ao observar com que tranquilidade a senhora se dedicava a fiscalizar o progresso do pudim de flocos de aveia que fervia na panela ou como conversava com John a respeito da quantidade precisa de cravos que tinham que usar para condimentar a carne de porco, todos os servos começaram a relaxar. Ela era a proa do navio, que os mantinha a salvo de afundar em um estado de pânico e medo. Mas até aquele dia, o navio tinha navegado sem leme. William, o Brouillard mudaria a situação por completo. Ao observá-la, Alys mal podia acreditar que em tão somente umas horas sua senhora já estaria casada, tão calma como estava. Ao observá-la, Eldon teve a crescente confiança de que o lorde de Greneforde protegeria as terras e a sua gente de qualquer ataque. A imagem começou a tomar corpo na mente de cada um deles; sim, ter um novo um lorde significaria que os caçadores trariam carne e que os homens observariam o horizonte da paliçada; seu mundo, que tinha ido se desmoronando durante aqueles últimos anos, voltaria para seu estado correto. A visita de Cathryn à cozinha tinha surtido o efeito que ela tinha desejado.

E então, da parte superior da muralha, o grito de Albert ressonou entre os muros até penetrar no pátio, um eco que parecia reverberar na alma de Cathryn.

—Já chega!

Todos os olhos giraram para a senhora; por um momento, todos abandonaram os preparativos nos que estavam ocupados; o fio de suor que caía de Christine pelo pescoço até as costas, as gotas de sangue escorregando pela enorme faca de Lan,

a agradável fervura da comida fervendo na panela, a rápida piscada dos olhos azul celeste de Eldon, todos aqueles matizes e movimentos se amplificaram e se cristalizaram para ela naquele momento. Foi um momento eterno, um momento no que o tempo se deteve. Era o passo de liberdade a cativo, de celibato a matrimônio. «Não —corrigiu a si mesma em silêncio— era o passo de vulnerabilidade em um mundo hostil a segurança, de fome a um estômago cheio.»

Isso era o que devia recordar, o que devia acreditar. Quando pronunciou as seguintes palavras, cessou a intensa sensação de estar vivendo um momento eterno.

—Já chega —repetiu Cathryn, e a seguir suspirou lentamente — E eu tenho que sair a seu encontro.

Sem perder a compostura, deu meia volta e abandonou a cozinha, embora se deteve um instante na soleira. Os ruídos da frenética atividade reataram com a força de um trovão inesperado e ela sorriu. Aspirou ar lentamente antes de sair para enfrentar o vento agreste que rugia dentro da paliçada, desfrutando da fresca umidade do ar que penetrava em seu nariz. Realmente estava saboreando cada momento como se fosse o último. Naquele dia ia casar-se. Seu prometido se aproximava, e ela se casaria por ordem do rei. A força daquela realidade era tão esmagante como o peso de uma laje. Assentiu firmemente e decidiu outorgar uma pequena trégua a seus pensamentos. Com gesto cometido —que teve que impor-se para ocultar o terror que a invadia — Cathryn atravessou a esplanada.

Com a extremidade do olho viu Marie, abraçada ao muro da imponente torre, com os olhos desmesuradamente abertos e o rosto pálido. Cathryn se colocou frente a ela, fez-lhe um gesto com a mão e Marie desapareceu entre as curvas escuras da torre. Por um momento, um efêmero momento, Cathryn desejou que alguém lhe desse permissão para não ter que enfrentar ao encontro iminente, mas cortou aquele desejo rebelde com um contundente assentimento com a cabeça.

—Abra a porta —ordenou a Albert sem perder a calma — Chega o lorde de Greneforde.

Cathryn afogou a sufocante sensação de vulnerabilidade que a assaltou ao ver como se abria lentamente a porta da torre. Podia ouvir o som dos cascos de um

cavalo que se aproximava. Ergueu as costas e esperou, sozinha, no meio da esplanada de Greneforde, William, o Brouillard.

CAPÍTULO 03

A porta da torre que se elevava com um sólido esplendor sobre o rio Brent se abriu quando William se aproximou, o que contribuiu a reforçar nele a impressão de que estava em casa. No futuro, trocaria quatro palavras com o homem que se encarregava de vigiar a porta, já que era uma temeridade extrema abrir Greneforde a um cavalheiro não identificado e a sua comitiva, embora seus homens ainda estivessem bastante atrasados. Inclusive Rowland, que cavalgava com ele, tinha ficado atrás quando William tinha fustigado seu cavalo para que corresse mais veloz que o vento à medida que se aproximava de Greneforde.

William entrou a galope na esplanada, e uma vez dentro, freou em seco o cavalo, e pela primeira vez em numerosos dias, o castelo de Greneforde deixou de ocupar seus pensamentos por completo. Possivelmente casar-se não ia ser uma tarefa tão árdua, depois de tudo.

Ela permanecia de pé, sozinha. O vento esmagava o tecido branco de seu vestido e brincava com a capa de cor marrom, que ondeava sobre suas costas. Era uma figura áurea e estilizada, como uma chama singular. Seu luminoso cabelo dourado caía até os joelhos em uma graciosa trança frisada. Tinha uns traços delicados, como uma graciosa ninfa, uns lábios não exageradamente carnudos, e uma pele da cor do mel de flor-de-laranja. Em meio daquele delicado brilho dourado, destacavam uns olhos castanhos, que pareciam quase negros com o contraste de sua pele. Foi então quando se fixou na cicatriz que perfilava a linha de uma de suas sobrancelhas escuras. Parecia muito recente, a julgar pelo tom rosado no centro. Possuía o aspecto travesso de uma jovem que ainda não era o bastante amadurecida para desempenhar o papel de mulher adulta, mas que entretanto se acreditava uma mulher feita e direita. A pesada lã branca de seu vestido lhe caía

lisamente sem manifestar nenhuma proeminência nem deixar entrever nenhuma das curvas próprias de um corpo feminino.

Era Cathryn de Greneforde.

Naquele momento de descobrimento, William a desejou com tanto ardor como desejava Greneforde. Não tinha querido uma esposa, mas desejava a ela, e se alegrou ao pensar que muito em breve seria dele. O rei a tinha devotado e ele tinha aceito; o rei tinha ordenado a Cathryn que se casasse, e ela não ia deixar de cumprir a ordem do rei. Sim, logo seria dele. De maneira nenhuma podiam trocar aquele designo; antes de que acabasse o dia, ela seria dele.

Cathryn permanecia de pé, sozinha, e subitamente William começou a desconfiar. Tinha entrado sozinho, sem seus homens, e não podia ver nenhum dos homens de Greneforde. Parecia uma emboscada perfeita, se isso era o que ela tinha planejado, embora Cathryn demonstraria ser uma irresponsável se ousava desafiar ao rei. Henry não era Stephen, um rei ao que podia dar as costas quando seus súditos se rebelaram contra sua vontade. Possivelmente ela desconhecia o aspecto do homem que agora reinava na Inglaterra.

—Sou William, o Brouillard —declarou sem tirar o capacete — Enviado por Henry II para proteger Greneforde e me casar com lady Cathryn.

Não se podia dizer que sua voz fria e monótona fosse alentadora, mas Cathryn sorriu levemente e replicou:

—Seja bem-vindo, William, o Brouillard, lorde de Greneforde.

Nesse momento, Rowland entrou no pátio a galope, levantando uma grande poeira, e imediatamente convocou a mão sobre o punho da espada. Então começou a falar pausadamente:

—William, não vejo soldados por nenhuma parte.

William também colocou a mão sobre o punho de sua espada, e a agarrou com força com seus dedos crispados, protegidos pela cota de malha. Não pensava tirar nenhuma peça da armadura até que não tivesse a absoluta certeza de que não corria nenhum risco de cair em uma emboscada. Através da viseira do capacete, escrutinou o recinto e os portais dos abrigos situados em primeira linha.

—Onde estão seus cavalheiros, seus escudeiros, milady?

Apesar de que ela não poderia ver o matiz de desconfiança em seus olhos, podia ouvir o tom azedo em sua voz.

—Mortos, milord —se apressou a responder — Todos mortos.

Os olhos de William voltaram a posar-se nela, e perguntou bruscamente: — Quando?

—O último cavaleiro a minhas ordens morreu faz três meses, milord — respondeu Cathryn com uma voz estranhamente monótona.

Kendall, Ulrich e o resto estavam entrando nesse momento no pátio, e o ruído dos cascos dos cavalos conseguiu apagar quase por completo as palavras pronunciadas brandamente por lady Cathryn. Ela tinha desviado os olhos para escrutinar os rostos dos homens que acompanhavam ao novo senhor de Greneforde, como se tentasse medir a estatura de cada homem, e William viu que de repente lhe iluminava o rosto.

Embora soasse estranho, sentiu-se ciumento. Ao seguir a vista de lady Cathryn viu que ela estava olhando fixamente ao pai Godfrey com uma evidente alegria. Significava isso que ardia de desejo de casar-se com ele? Mas, se fosse assim, por que não olhava diretamente a ele?

Rodeado por seus homens, completamente armados e preparados, William baixou a guarda. Tanto se os cavaleiros de lady Cathryn estavam mortos como se não, ele e sua comitiva tomariam posse de Greneforde. Aquela era a única verdade pela que sempre se regia na batalha: vencer.

Subitamente, William sentiu a imperiosa necessidade de que Cathryn visse o homem ao que muito em breve denominaria marido. Queria captar novamente toda sua atenção, queria que não lhe tirasse os olhos de cima do mesmo modo que ele não podia afastar a vista dela. Separou a mão do punho de sua espada e tirou o elmo com uma só mão.

Quando o novo lorde de Greneforde tirou o sóbrio elmo de metal, Cathryn seguiu seus movimentos, satisfeita ao ver que finalmente ele tinha decidido abandonar sua atitude desconfiada e beligerante. William tinha conseguido de uma forma absolutamente efetiva seu propósito: captar a atenção de sua futura esposa por completo.

Cathryn estudou seu cabelo negro e encaracolado, muito curto, ao estilo normando. Umas sobancelhas negras, grossas e cheias, arqueavam-se sobre as espessas pestanas que rodeavam aqueles olhos cinzas azulados. O nariz reto e ligeiramente esmagado na ponta parecia assinalar diretamente para a ampla boca. Sua tez era pálida e não levava barba, também segundo a moda francesa. Se não fosse por seu pescoço grosso e sua óbvia corpulência, teria sido belo. Tal como era, resultava imponente, majestoso.

Apesar de William tirar o elmo que tinha oculto seu rosto e que com tal gesto ela assumia uma atitude menos agressiva, seguia desafiando-a com o olhar silenciosamente, com altivez e orgulho. Cathryn não afastou os olhos dele, nem pestanejou nem se ruborizou nem se moveu nervosa ante seu aspecto desafiante. Não havia dúvida de que ele a estava desafiando, apesar de que Cathryn não compreendia o porquê, mas decidiu manter a compostura e não permitir que ele visse sua reação confundida ante sua beleza varonil, que lhe provocava aquele comichão em todo o corpo. Ele era o novo lorde de Greneforde, mas entretanto não lhe resultaria tão fácil converter-se em seu dono. Cathryn não era tão iludida para deixar-se enganar simplesmente por uma aparência atrativa. Ele possuiria Greneforde, do mesmo modo que logo possuiria a ela tal e como mandava a lei e os laços do matrimônio, mas seus pensamentos e seu coração eram deles e assim continuariam. Greneforde seria dele; Cathryn não, e se era astuta, ele nunca se daria conta de que ela o evitava. O orgulho masculino se amansava ante o poder da submissão premeditada com a mesma efetividade com que as ondas se desvanecem na praia. Assim tinha decidido enfrentar a ele, ao homem que seria seu lorde antes de que o dia tocasse a seu fim.

Cathryn saudou com uma elegante reverência aos recém chegados.

—Greneforde lhes dá a bem-vinda —anunciou com calma, sem elevar o tom de voz — Desmontem e entrem, e serão atendidos como merecem.

William, tão concentrado como estava na reação de Cathryn com ele, que ficou completamente perplexo ao ver que ela só ficou momentaneamente desconcertada, olhou a seu redor e viu que dos rincões sumidos na penumbra começavam a sair alguns homens. Não eram muitos, embora ele não sabia se aquele número escasso

representava a totalidade dos habitantes de Greneforde. Realmente não havia nada notável naqueles homens. De fato, quanto mais os observava mais seguro estava que o único destacável daqueles homens que emergiam dentre as sombras com porte inseguro era seu aspecto imundo. Seus corpos estavam cobertos por farrapos, e embora William podia entender que não dispunham de outros trajes mais dignos, não compreendia sua evidente falta de higiene pessoal, dada a proximidade ao rio.

Rowland estudou o rosto de William e seus olhos brilharam zombeteiros, mas quando falou usou um tom educado.

—E bem? O que opina o lorde de Greneforde de seus habitantes?

William soprou brandamente enquanto tirava as manoplas que lhe protegiam as mãos do frio.

—Opino que necessitam um banho —respondeu com um grunhido apagado.

—Qual será o primeiro compromisso que adotará como lorde? Preparar banhos para todos?

William fulminou Rowland com um olhar glacial, mas respondeu sem perder os nervos:

—Não seria uma perda de tempo, e tendo em conta que a partir de agora terei que estar todos os dias em contato com eles.

Rowland sorriu e desmontou. A seguir entregou as rédeas a um ancião corcunda com as mãos imundas. Observou como o homem levava cuidadosamente o cavalo para o estábulo; apesar de toda a imundície, realizava seu trabalho com destreza.

—Pelo menos lady Cathryn está limpa. Não deveria ter motivos de queixa quando estiver todos os dias em contato com ela —apontou mordazmente.

William não respondeu de forma imediata, mas sim se dedicou a observar novamente à mulher com a que logo assinaria o contrato de matrimônio. Após de sua bem-vinda inicial, não lhe tinha dedicado nenhuma outra amostra de atenção; unicamente parecia ter olhos para um homem, e esse homem era o pai Godfrey. Naquele preciso instante estava falando com ele, com uma expressão sincera e serena, inclinada levemente para seu interlocutor de uma forma quase... conspiradora.

—O que opina de sua falta de cavalheiros, William? —continuou Rowland enquanto atravessavam o pátio a pé.

Durante o trajeto, William se dedicou a observar com atenção o pátio do castelo de Greneforde. Os abrigos pareciam estar em bom estado, apesar de seu aspecto fosco. A horta estava em boas condições. No pátio não havia rastro de escombros. A grande torre, com todo o esplendor de seus quatro andares, impunha-se majestosa. A maioria das torres tinham dois andares, e algumas exibiam três com orgulho, mas Greneforde, sua torre, era um colosso de quatro andares.

—Pelo menos me alegro de dispor de meus cavalheiros —respondeu a Rowland — Até que não substituamos essa paliçada por uma muralha de pedra, Greneforde estará em uma posição vulnerável. Pensava contratar um engenheiro que tinha ouvido falar em Londres, mas agora me pergunto se não será necessário contratar também mão de obra. Os homens que vi não parecem bastante fortes para levantar e transportar pedras do rio.

—A falta de mantimentos diminui as forças —remarcou Rowland suavemente.

William olhou seu amigo e assentiu solenemente. Também ele se fixou que os campos vizinhos estavam ermos, e que seu aspecto de abandono deixava entrever mais de uma estação sem cultivo. Sem dúvida, Greneforde e sua gente tinham sofrido por causa da anarquia generalizada durante o reinado de Stephen. Não iriam necessitar unicamente dinheiro para erigir a muralha, mas também para comer. Entretanto, aqueles descobrimentos não empanaram o entusiasmo de William com respeito a Greneforde, a não ser justamente o contrário: acentuaram-no. Greneforde necessitava um lorde forte e poderoso para garantir o amparo e sobrevivência daquelas terras e de seus habitantes. E ele era esse lorde.

Enquanto conversava com Rowland, William tinha desviado a vista de forma repetida para Cathryn, que seguia conversando animadamente com pai Godfrey. Apesar de não poder ouvir o que diziam, os gestos de Cathryn eram contundentes. Igual antes, quando ela tinha permanecido de pé só no meio do pátio para lhe dar a bem-vinda, as suspeitas de William se avivaram como uma fogueira a que acabassem de jogar ramos secos. Godfrey ia encarregar-se de officiar a cerimônia matrimonial; podia ser que ela procurasse sua ajuda para achar a forma de escapar

de seu destino? Ela sozinha tinha estado ao cargo de Greneforde durante muitos anos, e ele conhecia de sobra às mulheres para saber que muito poucas cederiam gostosamente a essa classe de autonomia. Cathryn, igual a todas as mulheres de sua classe, tinha sido criada e educada para encarregar-se de umas terras ante a ausência de um homem responsável, do mesmo modo que o tinham treinado para lutar e dar ordens. Cathryn de Greneforde estava louca se acreditava que poderia impedi-lo de desempenhar seu papel de dono e senhor daquelas terras; ele mandaria sobre sua esposa da mesma forma que mandaria sobre Greneforde, com o apoio incondicional do rei, e a julgar pelo aspecto deplorável de Greneforde, provavelmente todos seus habitantes acabariam agradecidos por sua chegada. Sim, lady Cathryn teria que suportar seu escrutínio até que tivessem trocado os votos matrimoniais, e depois perderia a capacidade para rebelar-se contra ele. William suspirou nervoso ao tempo que a observava enquanto ela entrava na torre, com seu cabelo trançado agitando-se graciosamente por cima de seus joelhos enquanto caminhava.

Ulrich não só se fixou no estado dos abrigos e das terras; unicamente se fixou em uma coisa e não perdeu nem um segundo em expressar suas impressões a viva voz:

—Faz tanto, tanto tempo que não estive com uma mulher... Como mínimo dois anos —se lamentou— Quando trouxerem comida para Greneforde, importaria-lhe trazer também algumas mulheres formosas?

—Insulta a seu senhor, Ulrich, soltando esse comentário justo no momento em que acaba de conhecer a que será sua esposa —o corrigiu Rowland com seriedade, fingindo estar ofendido.

Ulrich se ruborizou imediatamente dos pés à cabeça e começou a gaguejar:

—Eu não... eu não queria dizer... Rowland, você sabem que... que lady Cathryn é uma dama realmente bela, absolutamente desejável...

Quando William arqueou uma de suas sobrancelhas negras em sinal de admoestação e Rowland sacudiu a cabeça com pessimismo, Ulrich se corrigiu:

—Não estou dizendo que... que deseje a lady Cathryn ou que a encontre atrativa...

William arqueou a outra retrocedendo ante o insulto direto.

—Não! Quero dizer que... que ela se converterá em sua esposa! —desculpou-se Ulrich elevando nervosamente a voz.

Ao ouvir aquelas palavras, William sorriu levemente e se deteve no portal da torre.

—É certo —disse simplesmente. Então, enquanto seus olhos cinzas escrutinavam a escuridão da escada, acrescentou calmamente — E chegou a hora de confirmar se lady Cathryn está de acordo com nossas iminentes bodas.

Subiu a escada circular devagar e com dificuldade, embutido como ia na armadura de metal. Atravessou o celeiro que ocupava a planta principal até que chegou ao amplo salão do primeiro andar. William gostou do que viu. A estadia ocupava o primeiro andar em sua totalidade e estava bem iluminada graças às frestas. O fogo chispava na imponente lareira, propagando um calor que esquentava a gélida estadia de pedra. As tábuas de madeira do assoalho estavam em bom estado, os juncos entrelaçados formavam uma esteira polida e limpa. Justo atrás da enorme mesa senhorial, impecavelmente coberta com uma toalha de linho branca, uma enorme tapeçaria no que se via um cavaleiro com armadura debaixo da sombra da Santa Cruz se agitava levemente de forma esporádica com a brisa que se filtrava através das frestas. Descrevendo uma linha com o passar do perímetro da estadia se podiam ver mesas e banquetas para que os soldados e os serventes pudessem se acomodar sem aperto algum, era o lugar que ele sempre tinha ocupado antes. Até aquele dia. Entretanto, a partir daquele dia, seu lugar seria na mesa principal.

Novamente procurou Cathryn. Ela tinha se afastado de pai Godfrey para iniciar uma nova conversa, desta vez com um servente que, por sua aparência, devia ser o mordomo do castelo. William atravessou a estadia para falar com pai Godfrey. Queria saber do que tinham falado e queria saber imediatamente. Tinha que acabar com aquela incerteza que o consumia.

Sem elevar a voz, exigiu de forma cortante ao padre:

—Mantiveste uma conversa muito longa com lady Cathryn. Procurava ela seu conselho sobre como evitar este matrimônio?

Pai Godfrey não pode ocultar a faísca de brincadeira de seus olhos quando olhou William, embora a verdade é que tampouco pretendia ocultá-la.

—Não.

William não se sentiu satisfeito ante a breve resposta e insistiu:

—Está tentando atrasar a cerimônia? Porque não haverá nenhum atraso. Não penso descansar até resolver este trâmite...

—Não, William, não falamos de matrimônio —o cortou Godfrey com um sorriso.

—Se é que ela queria saber algo sobre o homem com o que vai se casar, o melhor teria sido que...

—William, não falamos de ti —o interrompeu Godfrey com um amplo sorriso.

William, o Brouillard, conhecido em três continentes por sua habilidade, seu orgulho e galhardia, olhou o padre visivelmente desorientado.

—Lady Cathryn me rogou encarecidamente que officie uma missa pelos mortos.

—Ao ver que William assentia com gesto perplexo, acrescentou — Disso falamos, e de nada mais.

—Então será melhor que officie uma missa o quanto antes —respondeu William com serenidade, recuperando a compostura.

Godfrey assentiu com aquiescência, procurando ocultar a risada.

Nesse instante se aproximou Rowland, e William se voltou para ele, aliviado de poder resolver aquela conversação com pai Godfrey. Ambos examinaram lentamente o salão. Não era a estadia em si o que ocupava seus pensamentos agora, a não ser os habitantes de Greneforde. Os serventes se moviam energicamente, obcecados em seu trabalho, falando e murmurando e dando ordens uns aos outros sem ao menos respirar. Rowland se fixou na reação de William com supremo interesse. As palavras de Ulrich eram certas; ali não havia nenhum homem nem nenhuma mulher que tivesse menos de quarenta anos, e além disso, todos exibiam um aspecto deplorável: cheios de imundície e com farrapos tão rígidos por causa da sujeira acumulada durante meses, ou possivelmente inclusive anos. Também levavam os rostos tão sujos até o ponto de oferecer um aspecto sarnento, e tinham as unhas enegrecidas em vez de brancas.

Os serventes de Greneforde pareciam mendigos.

Em troca, o aspecto de lady Cathryn era justamente o contrário, e com seu vestido branco destacava como uma fogueira luminosa no meio de uma noite fechada.

Rowland voltou a olhar William com interesse. Em Síria, Armênia, Capadocia e Frigia; na Antioquia, Edesa e Dorila; desde a Moldavia e Boêmia a Sajonia; nas terras de Champagne, Valois, e, naturalmente, na Normandia, William, o Brouillard tinha fama por sua habilidade guerreira, seu valor, ... seu esmero. Nas áridas terras de Damasco, nas que a água era um bem escasso mais prezado que as pérolas e os homens vendiam seus cavalos por uma mera taça cheia de água, William sempre tinha ido impecável. Não era uma tendência pouco viril, de temor a sujeira —ninguém que o conhecesse se atreveria a expressar tal acusação — simplesmente se tratava de que não suportava o abandono nem de si mesmo nem dos que o rodeavam. Só teria que ouvir como se queixava Ulrich dessa obsessão de seu senhor. E agora William possuía terras com uma gente que devia fazer mais de seis meses que não se banhava. Se Rowland tivesse tido um temperamento menos prudente, teria rido a gargalhadas.

William observou Cathryn enquanto ela falava com o mordomo. Era de constituição magra, com a graça desajeitada da erva crescida balançada pelo vento, mas entretanto podia ver que era toda uma mulher. Não se tratava de sua aparência, porque era esbelta mas sem curvas, como uma menina, mas sim por sua maneira de comportar-se. Cathryn demonstrava ter o absoluto controle do salão e de seus serventes, já que no meio daquela atividade frenética, cada um deles olhava sem falta para ela não uma só vez, a não ser inumeráveis vezes. Frequentemente ela assentia ou estabelecia contato visual, embora outras vezes não parecia vê-los, mas entretanto, eles sim que a olhavam. Observando-a, William se sentiu de repente desnecessário.

—O jantar está servido, milord.

A voz de Cathryn era suave e doce, entretanto conseguiu captar a atenção de William no meio das conversações que alagavam a estadia.

—A mesa está disposta para que possa relaxar junto com seus homens após a longa viagem que os conduziu até aqui.

William podia ver como os serventes estavam acabando de depositar umas fumegantes bandejas sobre a mesa principal, e a taça de prata colocada frente à cadeira senhorial era uma bela obra de ourivesaria. Não havia nada nas palavras de Cathryn nem em sua atitude que pudesse despertar suspeitas. Ele estava faminto. Seus homens estavam famintos. Era óbvio que aquele banquete tinha sido preparado com antecipação a sua chegada. Entretanto, William não podia separar de sua mente o alarme que disparou no mais profundo de seus pensamentos. Apesar de todas suas doces palavras e de sua cálida bem-vinda, não confiava completamente na lady de Greneforde. Havia algo que não encaixava, e embora agora não sabia do que se tratava, disse a si mesmo que cedo ou tarde o averiguaria. Até que não soubesse, casar-se com ela era a melhor opção para evitar uma guerra aberta contra a gente de Greneforde. Não desejava iniciar seu poder com uma batalha campal, já que um início tão nefasto demoraria anos para ser esquecido.

—Sua hospitalidade nos honra —começou a dizer ele — Entretanto, não desejo atrasar a cerimônia de nossas bodas que tem que nos unir como lorde e lady de Greneforde. —William fez uma pausa para sorrir — Sou um dos cavalheiros de Henry, e o rei me enviou aqui com o fim de que estas terras estejam a salvo sob seu nome, demonstraria ser um cavalheiro muito ingrato se desse prioridade a minha própria comodidade em vez de demonstrar uma resolvida obediência às ordens do rei.

Cathryn escutou as palavras sem alterar nem um ápice seus gestos, mas a falta de uma resposta já supunha uma resposta em si.

—Lady Cathryn —prosseguiu William— preparastes um magnífico banquete para seu prometido. —Fez outra pausa para sorrir, mas seus olhos brilhavam como o aço incandescente — O aceitarei como nosso banquete de bodas e comerei com minha esposa a meu lado.

Naqueles longos momentos em silêncio, Cathryn observou William, o Brouillard como até então não tinha feito. Certamente era um bom orador, mas sua frieza era tão acentuada que não podia ocultá-la; possivelmente não era uma frieza agressiva que procurasse feri-la, apesar de intuir que ele não duvidaria em defender-se se se

sentia provocado. Parecia um homem forte, dos que não estavam acostumados a que ninguém lhe contrariasse, um homem que lutaria, embora sem aversão, por conseguir seu objetivo. Esses eram os pensamentos de Cathryn enquanto o olhava e escutava suas palavras expressas com tanta diplomacia mas que de uma vez deixavam patentes que ele não pensava comer nesse momento, que não comeria até que não tivesse a absoluta segurança de que Greneforde lhe era completamente leal.

Aquela faceta do caráter do homem que ia governar Greneforde não a amedrontou absolutamente; ao contrário, Cathryn pensou que seria muito vantajoso, se lhe importava a prosperidade de Greneforde. Pelo que a ela correspondia, ainda não tinha ponderado como ia adaptar-se a aquele caráter.

—Seu dever é o primeiro, milord, e eu sempre o obedecerei —respondeu Cathryn, inclinando a cabeça graciosamente — Seu aposento vos espera. Quando tiver despojado de sua indumentária militar e tenha se trocado, encontrará-me no salão contiguo a seu aposento. Isso, é obvio, se a você isso parece bem.

William teria preferido ir diretamente à capela e assinar os contratos imediatamente, mas não queria arriscar-se a ofendê-la casando-se com a armadura posta, após a aceitação por parte dela de postergar o banquete. Contendo sua ansiedade, tentou sorrir encantadoramente, tal e como tinha aprendido na corte, e respondeu:

—Agrada-me que tente satisfazer meus desejos, Cathryn, e por conseguinte, eu satisfarei os seus.

Apesar da moderação e autocontrole que demonstrava sua iminente esposa, a William não passou despercebido a leve dilatação de suas pupilas negras ante sua resposta. Ela era uma moça inocente que não estava acostumada à linguagem sedutora que usavam na corte, o qual era de esperar, tendo em conta o isolado que se achava Greneforde, e ele se sentiu satisfeito.

—Vestirei-me do modo adequado para acrescentar um toque de distinção à cerimônia que nos unirá em matrimônio. Não terá que esperar muito.

Cathryn não respondeu. Sentia um tenso nó no peito que lhe espremia os pulmões, por isso teve que realizar um enorme esforço para respirar. O homem que

ia converter-se em seu dono e senhor era incrivelmente arrumado; seus olhos brilhavam e cintilavam como o aço recém brunido, e suas delicadas palavras a embriagavam com o efeito de uma malha de seda. Só esperava que ele não se desse conta do tremendo efeito sedutor que lhe provocavam suas palavras, já que não queria que ganhasse o terreno tão rapidamente e com tanta contundência.

Girando-se lentamente, Cathryn rumou para as escadas e depois entrou no quarto de seu futuro esposo.

O quarto principal estava localizado justo em cima do salão, mas era a metade de seu tamanho. A estadia tinha sido dividida no passado em duas habitações: uma, a do senhor, e a adjacente, onde se achava o salão do castelo. Era uma disposição incomum. Normalmente o quarto do senhor era uma das maiores e luminosas estadias, já que, embora a torre fosse ampla, não estava acostumado a sobrar o espaço. Não obstante, apesar de estar dividida, o quarto seguia sendo espaçoso. Uma enorme cama dominava a habitação, coberta por uma colcha de um branco níveo impecável que chegava até o chão, e embora coroada com uma estrutura de dossel, não dispunha de cortinas, mas isso tinha fácil acerto. No extremo mais afastado do quarto se achava a lareira, com um fogo que chispava e que dissipava a fria umidade das paredes de pedra. Frente à lareira havia um tamborete estofado e uma antiga banquetta belamente cinzelada e sem estofado. Na parede oposta, perto da entrada à habitação coberta por uma cortina, destacava uma arca de proporções espetaculares decorada com uns chamativos relevos, e junto a ela, uma mesa com uma bacia e uma vasilha. William assentiu para mostrar sua aprovação em relação à distribuição, o quarto era amplo, tinha todo o necessário, e estava limpo.

Antes que pudesse falar, Cathryn retrocedeu para a cortina que revestia a porta do quarto, era uma forma muito efetiva de frear as correntes de ar que se originavam com a força de um torvelinho nos estreitos limites da escada da torre. Dois homens entraram na estadia com uma banheira de madeira e a depositaram frente ao fogo, assentindo e levando as mãos à testa com uma reverência quando passaram diante do novo lorde de Greneforde. Atrás deles se personificou uma fileira de serventes com baldes de água, e começaram a descarregar a pesada

carga na banheira para a seguir abandonar a estadia rapidamente. Os serventes tinham duas coisas em comum: todos lançavam a Cathryn um olhar inquisitivo antes de partir e todos eram sarnentos. William não pode evitar fixar-se naquelas duas particularidades, até que chegou à conclusão de que, com referência à segunda questão, algo estranho acontecia em Greneforde.

—Um banho quente frente ao fogo me cairá muito bem, lady Cathryn —apontou ele — Agradeço-lhe sinceramente que tenha pensado neste detalhe. Levo vários dias sem poder me banhar —adicionou, olhando com insistência para último servente que ficava no quarto e que agora se dispunha a partir.

Cathryn só assentiu, negando-se a seguir os olhos de William.

—Durante minha experiência como cruzado pela Terra Santa aprendi muitas coisas —continuou, entrando mais na estadia — Os sarracenos, por exemplo, ensinaram-nos muitas coisas sobre a arte da guerra e também sobre arquitetura e, para mim foi um prazer tomar consciência da importância que tem a higiene pessoal. É algo que lhe recomendo encarecidamente.

Cathryn permaneceu em sua postura rígida junto à soleira, e apesar de tom comedido, William percebeu uma nota reprimida na mensagem:

—É verdadeiramente afortunado, milord, pelo fato de ter aprendido tantas coisas. Nem todo mundo gozou das vantagens de viajar tão longe em nome de Deus.

William, recordando com vívida clareza a sujeira, a depravação, a fome e a sede, mas por cima de tudo as mortes violentas das que tinha sido às vezes testemunha e às vezes verdugo, perguntou-se se ela realmente compreendia o que estava dizendo.

—Tenho que adicionar que não fomos muitos afortunados os que seguimos esse caminho em nome de Deus, e mais, fomos muito poucos os que retornamos — respondeu com um tom sereno — Por conseguinte, minhas revelações são mais valiosas por ser um dos privilegiados que pode retornar.

—Uma interessante perspectiva —murmurou ela.

—Por isso espero que acabem por compartilhar seus hábitos comigo —disse ele com moderação, com os olhos cintilando como um tição em chamas— posto que a partir de hoje compartilharemos o resto de nossas vidas.

Cathryn, encurralada em uma esquina tão literal como simbolicamente, entrelaçou as mãos em seu colo e assentiu com amabilidade e... à força.

William sorriu antes de prosseguir:

—Meu desejo, senhora, é que a gente de Greneforde se banhe, e frequentemente.

—E assim o farão —respondeu ela serenamente, apesar de que podia notar como lhe acelerava o pulso. A seguir, fez uma grácil reverência e acrescentou — Deixarei você sozinho com seu escudeiro para que possa banhar-se a gosto.

E desapareceu ao tempo que Ulrich fazia sua entrada como um torvelinho.

Enquanto descia pelas escadas, Cathryn teve tempo para sossegar-se. Sua estimativa inicial sobre William, o Brouillard tinha sido acertada, e seu segundo encontro só reafirmava sua conclusão: ele era um osso duro de roer; em seu estilo adoçado, exigiria que seus desejos se cumprissem a todo custo. Cathryn sorriu levemente para si ao chegar ao último degrau. A chuva caía com veemência e agora fazia mais frio que quando tinha chegado a comitiva de cavalheiros. As gotas se estrelavam com força contra o pátio o alagando de barro, salpicando tudo em qualquer parte. Elevando o traje branco até os joelhos, Cathryn se apressou a andar pega à parede da torre e entrou disparada na cozinha. Existiam várias formas de tratar aquele indivíduo, e a natureza lhe estava mostrando uma delas: do mesmo modo que a chuva se chocava contra o chão com força, tentando trocar sua natureza, assim chocaria-se Brouillard contra ela. Mas, ao final, a chuva cessou com a primeira rajada de vento e o pátio ficou igual a antes, sem nenhuma marca nem nenhuma mudança provocada pela água que o tinha atacado violentamente. E o mesmo aconteceria com eles, e Cathryn sairia vitoriosa, apesar de que a vitória seria discreta.

Não lhe cabia nenhuma dúvida de que os criados na cozinha estariam nervosos, assim Cathryn entrou esboçando um amplo sorriso, sacudindo a chuva do cabelo com uma gargalhada jovial. Era melhor que atuasse desse modo, porque em realidade tinham motivos pelos que estar preocupados.

—Pedi que nos banheemos, não é certo, milady? —perguntou Eldon. É obvio que sabiam o que havia dito, ao menos em essência, no quarto do senhor. Não existiam segredos no mundo estreitamente confinado da torre e suas paredes.

—Sim, expressou seu desejo de que se integre o hábito do banho como uma parte a mais na vida de Greneforde —respondeu ela tranquilamente.

—E o que vamos fazer, milady? —sussurrou Marie do rincão oposto da cozinha. Cathryn sorriu.

—Banharemo-nos, Marie. O senhor de Greneforde expressou seu desejo, e eu aceitei, tal e como é meu dever.

Todos a olharam com preocupação. Tinha sido Cathryn quem tinha ordenado que não se banhassem, por mais imundos que estivessem, e que tão somente lavassem seus objetos. Não compreendiam como era possível que agora mudasse de opinião tão rapidamente, após escutar as palavras de um desconhecido que acabava de atravessar a porta do castelo.

Cathryn se deslocou até a chaminé, e sem perder a calma, ficou removendo o guisado que se cozia a fogo lento na panela então, e mantendo a mesma calma, remarcou:

—O que William, o Brouillard não há dito é quando se levarão a cabo esses banhos.

Os sorrisos, lentos ao princípio, iluminaram os rostos dos serventes. Marie, em particular, respirou mais aliviada. Lady Cathryn não daria o braço a torcer tão facilmente, isso já sabiam, mas a evidência do que acabavam de ser testemunhas os tranquilizou.

Girando-se para Lan, Cathryn ordenou:

—O jantar se atrasa, mas confio em que igualmente será capaz de organizar um jantar digno de uma celebração.

Antes de que Lan pudesse responder, Cathryn se voltou para Alys.

—Possivelmente este atraso te dará tempo para preparar uma deliciosa sobremesa com as maçãs, Alys.

—Sim, é obvio, milady. Agora mesmo porei mãos à obra —assegurou Alys, e se afastou sem perder nem um segundo.

—John —disse Cathryn — estou preocupada com os ovos. Com tanto atraso ficarão duros. Não poderia prepará-los...?

—Não se preocupe senhora, já nos encarregamos disso —respondeu John com calma.

—Obrigado, John —respondeu Cathryn, e então acrescentou no mesmo tom pausado e sereno que tinha estado utilizando até o momento — Porque tem que ser um jantar especial, para celebrar meu matrimônio.

Marie se maravilhou da moderação de Cathryn, e ao mesmo tempo, em segredo, de seu rincão escuro, tremeu de medo e angústia.

CAPÍTULO 04

Rowland entrou no quarto de William sem chamar, um hábito que sabia que logo teria que abandonar. Ulrich estava acabando de vestir William e, como de costume, o pobre escudeiro estava visivelmente nervoso.

A estadia tinha mudado de aspecto desde que William a tinha visto pela primeira vez: junto à arca que havia inicialmente no quarto, agora havia outra, a arca de William, justo ao outro lado da bacia. E precisamente naquela segunda arca, Ulrich se achava enterrado até seus fornidos ombros.

—Será melhor que o encontre, moço —murmurou William em um tom grave — O encarreguei expressamente para uma ocasião tão especial como a de hoje.

—Possivelmente deixaste em Borgonha, quando perdeu a presilha atrás daquela formosa ruiva —apontou Rowland com um tom jocoso.

—Não perdi a presilha —declarou William resolutamente, então acrescentou com um sorriso zombador — Foi ela a que perdeu a presilha quando parti.

Ulrich elevou a cabeça abruptamente naquele instante com cara de satisfação, segurando o objeto em questão.

—E aqui está sua capa, lorde William!

Sacudindo-a vigorosamente, depositou-a sobre os ombros de William. Era um objeto magnífico, verdadeiramente digno de um rei. Forrada com pele de arminho, a capa estava confeccionada com um brocado de seda branca tão fina que parecia absorver toda a luz para depois refleti-la sutilmente alterada. A túnica que William levava debaixo da capa era de um cinza furta-cor com fio de prata, e a prega da peça estava debruada por uma tira acetinada de uma intensa cor carmesim. Rowland os contemplou enquanto Ulrich colocava o impressionante broche com um rubi no ombro direito, para fechar a capa. O rubi por si só já valia uma boa recompensa, e precisamente assim o tinha obtido William: a modo de recompensa.

Era do tamanho do punho de um menino e estava montado sobre uma base de prata adornada por um belo filigrana. Era uma peça de artesanato extraordinariamente delicada, inclusive excessiva para o sarraceno que a tinha levado previamente.

William moveu os ombros várias vezes seguidas para que a capa se acomodasse perfeitamente a seu talhe. Ulrich admirava com fascinação, como sempre, a elegância natural de William. Era certo que William prestava uma excessiva atenção a seu vestuário, mas também era certo que qualquer objeto lhe caía bem.

Rowland, em troca, já fazia tempo que tinha deixado de admirar William.

William ordenou a Ulrich que abandonasse o quarto e a seguir se aproximou de Rowland para esquentar-se junto ao fogo. Elevando a parte traseira da capa com elegância, sentou-se no tamborete estofado e deixou a banqueta para seu amigo. Rowland não vacilou em lhe contar tudo o que tinha indagado.

—Interroguei-os a respeito de sua chamativa sujeira, mas quando veem um desconhecido se encolhem de medo. —Rowland se inclinou para diante, apoiando os cotovelos nos joelhos — São umas pessoas muito estranhas, William; todos estão atemorizados por algo, tanto os homens como as mulheres.

William se inclinou para diante e seus olhos cinzas interrogaram os escuros olhos castanhos de seu amigo.

—Conseguiste saber o que é o que lhes provoca tanto temor, Rowland? É mais que evidente que estes últimos anos foram muito duros para Greneforde, mas o que é o que pode esmagar a moral desta gente até tal ponto?

—Meses sem comida, sem paz, podem afundar inclusive a moral do mais forte, William —respondeu Rowland lentamente, recordando o que ambos tinham presenciado durante suas aventuras como cruzados pela Terra Santa. William não necessitava que ninguém o recordasse, jamais necessitaria que ninguém o recordasse, as imagens tinham ficado gravadas na sua retina para o resto de seus dias.

—Sim, é certo —conveio respeitosamente — mas suspeito que esta gente sofreu algo mais que um simples montão de cabanas arrasadas e más colheitas.

Rowland olhou William sem piscar. Os instintos de William quase nunca falhavam, e Rowland tinha aprendido a não questionar sua precisão.

—A que se refere? —interessou-se.

—Não sei —murmurou William, cravando a vista no fogo— mas não ficarei tranquilo até que Cathryn se converta em minha esposa — Elevando a vista subitamente, William perfurou Rowland com seu intenso olhar — Não te parece estranho que toda a gente de Greneforde esteja tão atemorizada e que em troca sua senhora se mostre tranquila e sem nenhum sinal de angústia?

—Lady Cathryn é uma mulher com um prodigioso autocontrole —respondeu Rowland simplesmente.

—Suponho que sim —murmurou William, desviando novamente a vista para o fogo, plenamente consciente de que aquele traço de sua futura esposa lhe fazia agora menos graça que umas horas antes. Parecia uma mulher fria, com um coração de gelo, uma característica nada desejável da mulher com a que muito em breve se deitaria — Ela é de Greneforde, e entretanto não se comporta como o resto da gente de Greneforde.

—É uma dama —matizou Rowland.

—Sim, mas ser uma dama não implica ser tão diferente.

—É-o no caso de lady Cathryn.

—Isso parece —respondeu William brandamente — Entretanto... não estou seguro...

—Teme que te traia? Que não suporte a ideia de te ceder as rédeas de Greneforde?

—Que estranho que utilize a palavra «traição». Não tinha considerado a questão em tais termos, entretanto, a palavra encaixa com a forma em que começo a ver Cathryn. Mas... que se negue a ceder o castelo de Greneforde? —repetiu William, com os olhos cintilantes — Não, não a temo por isso. Greneforde me pertence — concluiu com um tom cortante.

Rowland se recostou no respaldo com os contornos estragados da banquetta de madeira.

—Está em suas mãos acabar com essa inquietação de uma vez por todas, a dama te espera no salão, tal e como te prometeu. Só tem que ir ao seu encontro, estreitá-la entre seus braços e tomá-la por esposa.

—Sim, tem razão —conveio William, e a seguir ficou de pé. Sua capa revooou graciosamente ao redor de suas pantorrilhas — Só tenho que tomar a Cathryn para afiançar Greneforde; são duas faces da mesma moeda, não é certo? Já chegou o momento de acabar com esta incerteza que tanto me incomoda.

William deu a volta e andou para a porta a grandes pernadas com uma firme determinação, Rowland decidiu segui-lo a um ritmo mais pausado. Pai Godfrey e George, o clérigo que William tinha contratado em Londres, esperavam-no junto a uma mesa coberta com uma bela toalha de cor vermelha. Tudo estava em um silêncio incomum, tinham afugentado aos cães, os criados se retiraram, e inclusive a chuva tinha cessado seu cadencioso martelar. Tal e como esperava, Cathryn se achava conversando animadamente com Godfrey. Sem deixar de franzir o cenho, William cobriu o espaço que o separava deles com amplas pernadas.

—Está seguro de que não precisa descansar um momento antes de officiar a missa?

Godfrey estudou o rosto de Cathryn e aspirou ar antes de responder. «Pequena intensidade, e além disso, pequena intensidade reprimida, em um corpo tão esbelto», pensou. Só fazia umas horas que tinham chegado a Greneforde, e entretanto ela não parecia desfalecer na hora de insistir no tema do funeral. Godfrey teria pensado que o normal em uma jovem às portas de suas bodas seria que o acossasse com mil perguntas sobre o homem com o que ia se casar, em troca, não tinha mencionado William nenhuma só vez.

Godfrey afogou um sorriso. Conhecia William bastante bem para saber que a falta de curiosidade que ela professava para ele unicamente conseguiria lhe pisar o orgulho. William tinha gozado de fama de leão entre as mulheres durante muitos anos e agora esperava que Cathryn reagisse igual, Cathryn de Greneforde lhe estava dando um insuportável golpe, embora Godfrey duvidava de que ela se desse conta. E ali radicava o problema: ela tratava William como alguém que não era mais que uma inconveniência necessária, um sujeito com o que devia casar-se por

obrigação para logo relegá-lo de novo à escuridão tão rápido como fosse possível. Realmente era uma forma de se comportar estranha por parte de uma moça que acabava de conhecer seu prometido, mas Godfrey não era um tipo que gostava de misturar-se nos problemas alheios. Pensava esperar pacientemente até ganhar a confiança de lady Cathryn. Tão melhor que ela desfrutasse de plena liberdade para escolher o momento adequado, já que sabia por experiência que da passividade mais benigna emergiam as confissões mais profundas. Esperaria, apesar de notar o enorme lastro que ela suportava em sua alma. Godfrey não comentou nada a respeito, mas perguntou a Cathryn uma questão pessoal:

—Sinto-me em plena forma, lady Cathryn. Oficiarei a missa logo que possa, mas se me permitir, tenho uma curiosidade. —Fez uma pausa para escutinar seu rosto novamente, e então lhe perguntou casualmente — O que passou com o padre de Greneforde?

—Decidiu acompanhar meu pai na peregrinação —repôs ela.

—Mas isso foi faz vários anos, não? Quer dizer que não retornou?

—Sim retornou, com as novas da morte de meu pai, mas faz uns meses sentiu a necessidade pessoal de peregrinar a Canterbury, e ainda não retornou.

Godfrey podia notar pelo gesto de Cathryn que ela não esperava que o padre retornasse. A situação era verdadeiramente incomum; nenhuma morada podia funcionar muito tempo sem um padre. A atitude de Cathryn, que até esse momento se mostrou tão expedita no tema do funeral, era agora abrupta e sutilmente evasiva. Que estranho!

—Tenho outra pergunta mais, se não se importar. A quem quer dedicar a missa? —perguntou-lhe o padre, tentando obter uma resposta mais concisa.

Cathryn baixou a vista para suas mãos entrelaçadas e permaneceu calada um instante. A seguir, respondeu com um murmúrio, com tanta suavidade que Godfrey mal conseguiu entender suas palavras:

—A alguém a quem eu queria muitíssimo.

Apesar de que Godfrey teve problemas para compreender sua mensagem penalizada, William ouviu com suficiente clareza. As palavras que ela tinha eleito

não o agradou absolutamente. Cathryn era órfã; quem podia ocupar um lugar em seu coração inocente? Só existia uma resposta aceitável: ninguém.

Ao dar-se conta de sua presença, Cathryn se separou um pouco do pai Godfrey e olhou William. Sua insistência no funeral teria que esperar até que tivessem celebrado a cerimônia nupcial e tivessem assinado os contratos, por isso ela tinha tanta vontade de acabar de uma vez por todas com aquela formalidade do contrato matrimonial. William, o Brouillard era o lorde de Greneforde, assim tinha decretado Henry. William possuía Greneforde, e isso era um fato irrefutável. A cerimônia do matrimônio seria meramente o selo em um documento que já estava aceito.

Cathryn o olhou sem mostrar alívio nem urgência, a não ser com o sereno controle e falta de emoção com a que ele associava a sua futura esposa. Podia alguém ser carinhoso com uma mulher tão fria? Ela não mostrava nenhum interesse por ele, nem vontade de falar com ele, unicamente aceitava sua presença; ao cabo de uns segundos, Cathryn deu a volta e andou para o mordomo para lhe pedir que servisse vinho. Seus movimentos eram flexíveis e graciosos até o ponto de lhe recordar um campo de erva na primavera e, apesar de sua compostura tão fria, William se sentiu atraído pela forma em que se movia. Suas tranças entrelaçadas com fio de seda se balançavam graciosamente cada vez que se movia, e as mechas de cor dourada pálido capturavam a luz das velas e do fogo.

Godfrey tinha razão: era uma beleza. Era tal e como os trovadores descreviam a suas nobres amadas: esbeltas e pequenas e com o cabelo claro, e apesar de seus olhos possuírem um tom escuro em vez do esperado tom azul, William pensou que sua beleza ainda ressaltava mais graça aqueles olhos.

E ela nem sequer se fixou nele com curiosidade, como faria uma donzela que olhasse ao homem que desejava. William cravou os dedos crispados em sua imponente capa para conter a raiva. Não podia recordar a última vez que uma mulher não lhe tinha prestado atenção, certamente porque nunca antes lhe tinha acontecido. Em todos aqueles anos de experiência, inclusive durante os anos moços, sempre o tinha acompanhado o reconfortante som dos suspiros por parte das mulheres que estavam perto dele, assim como os gemidos de pena quando se afastava delas. Passando a mão pelo queixo, ajustou a capa com uma rápida

sacudida com a mão e ergueu as costas. Com uma curta reverência, aceitou a taça de vinho que Cathryn lhe entregou.

Rowland observou como William reprimia sua exasperação e, adivinhando a causa, sorriu enquanto William aceitava a taça das mãos de Cathryn. De repente se sentiu invadido por uma prazerosa sensação ao pensar que já não havia nenhuma guerra que pudesse distrai-lo, a vida em Greneforde, contemplando como esse par de pombinhos se sentiam incômodos resultava um passatempo do mais entretido.

—Comecemos de uma vez, pai. —William ordenou com uma voz educada — Quanto antes acabemos antes poderemos desfrutar do magnífico ágape que Greneforde nos preparou. —Educadamente assentiu para Cathryn, perguntando-se se ela tinha intenção de atrasar a cerimônia.

Mas Cathryn não disse nada.

—A este matrimônio eu contribuo —começou a dizer ela com sutileza — o castelo de Greneforde, as terras vizinhas e que se estendem vinte léguas ao norte, dez léguas ao este e ao oeste, e que limitam pelo sul com o rio Brent, também a torre Blythe, que se acha a oito léguas de distância dos limites das terras de Greneforde, pelo oeste. —Olhando primeiro pai Godfrey e logo William, acrescentou sem desculpar-se — Faz muito tempo que não visito a torre Blythe, por conseguinte não sei em que estado a acharão.

William assentiu e disse:

—Quando a vir, determinarei sua condição e farei o que seja necessário.

—Além disso —voltou a falar Cathryn — a aldeia de Greneforde, como já sabem, não existe. Nos últimos anos foi saqueada reiteradamente e faz dois anos desapareceu por completo. Os sobreviventes vivem agora dentro da paliçada.

—Embora não sejam muitos os habitantes, as reservas de comida em Greneforde são perigosamente escassas —interveio Rowland em um tom cometido.

Cathryn permaneceu tão erguida e tranquila como uma plântula ante o vento insistente enquanto encarava aos homens situados ao outro lado da mesa com a toalha vermelha sangue que os separava. Achava-se sozinha, entretanto não perdeu a compostura. Suas palavras seguintes ressonaram na estadia por causa de sua brevidade.

—Foi um ano muito duro para Greneforde. —Faremo-nos cargo. Sabemos que perdeste a todos seus cavaleiros nos últimos meses —disse William.

Apesar da evidência, ele não compreendia como o castelo de Greneforde tinha podido sobreviver durante tantas semanas em umas terras assediadas por mercenários que não estavam às ordens de ninguém em concreto. Especialmente se tinha em conta a observação de Rowland, aonde tinha ido parar toda a comida, se mal havia gente a que alimentar?

Cathryn não contribuiu nenhuma resposta à observação de William, mas sim permaneceu em silêncio e imóvel. Foi pai Godfrey quem dirigiu a conversação de novo para o contrato de matrimônio.

—Seu patrimônio inclui alguma coisa mais, lady Cathryn?

Sem perder a compostura, Cathryn respondeu olhando diretamente William, sem afastar os olhos dele:

—Não há moedas, nem joias, nem prata. O que meu pai não levou com ele na peregrinação, os anos de guerra o foram consumindo.

Ela contribuía muito pouca riqueza líquida a aquela união matrimonial, mas oferecia o que William mais desejava: um lar e terras. Olhando-a fixamente, com as costas reta e os olhos alertas, William só pode sentir orgulho ante a honra e a dignidade que ela tinha mostrado ao falar com toda franqueza da pobreza que envolvia Greneforde.

Continuando, pai Godfrey desviou o olhar para William, não sem antes comprovar que George tinha cotado a contribuição de Cathryn.

—E agora é o turno de William, o Brouillard de referir o que ele contribui a esta união.

Cathryn retrocedeu um passo, mas seguiu olhando William com atenção. Ao notar a tensão de sua futura esposa, William pensou que podia adivinhar seus temores. Por lei, suas fortunas tinham que ser de um valor equivalente. Se sua parte não igualava a de sua prometida, o matrimônio seria considerado nulo. Com uma boa dose de orgulho e aspirando fundo, lhe manteve o olhar e começou a enumerar:

—Por minha parte ofereço um serviço de mesa de prata maciça, uma baixela composta por doze pratos de ouro, quinhentas peças de ouro, um arca cheia de especiarias, uma arca cheia de tecidos preciosos trazidos diretamente do Oriente, doze cavalos de batalha, uma pequena bolsa com pedras preciosas incrustadas em joias de ouro e prata, e umas alforjas cheias de sementes.

Os olhos de Cathryn se iluminaram com um escuro fogo ao escutar a palavra «sementes», e não pode evitar olhar a seu futuro esposo com regozijo. Assim, parecia evidente que não lhe importava tanto o ouro como as sementes. Pelo menos, ambos concordavam naquele ponto, e William se alegrou ante tal constatação.

—Adquiri as sementes nas diversas terras que percorri com o fim de que algum dia possa enriquecer minha própria terra com elas —assentiu ele com firmeza — Pelo visto, compartilhamos nosso interesse pela agricultura.

Cathryn tentou não fazer caso da calidez de seu tom e do desmedido brilho de seus olhos ao olhá-la, como se ela fosse uma delicada peça de ourivesaria.

—Contribui com copiosos presentes custosos e objetos preciosos a nosso matrimônio, milord, mas a viabilidade de poder comer quando a gente passa fome é o mais importante. —Sorrindo educadamente, adicionou — Estou segura de que saberei apreciar a baixela de ouro quando meu estômago esteja satisfeito de ganso assado.

Por experiência própria, William sabia o que significava passar fome, sim, a fome não era um bom companheiro de viagem, por isso compreendia plenamente os sentimentos que lhe expressava sua futura esposa. Durante suas aventuras como cruzado, William também tinha passado fome até chegar ao ponto do desespero. Por isso sorriu abertamente, para lhe mostrar seu total acordo.

E Cathryn se esqueceu das sementes.

Nunca antes tinha visto um homem com uma beleza tão devastadora. Seu sorriso iluminava o mundo de uma forma que nem o sol conseguia, e Cathryn se perguntou como era possível que não tivesse ficado totalmente cega ante a intensidade daquele sorriso.

O mundo se encolheu até ficar unicamente ele. Todos os sons cessaram. Todos os pensamentos voaram. Ele a estava seduzindo e ela permaneceu imóvel, incapaz de respirar. Cathryn se sentiu invadida por uma paralisia como nunca antes tinha experimentado. Não se tratava de um controle das emoções imposto por si mesma mas sim de uma paralisia entristecedora que emergia do centro de seu ser e se expandia irremediavelmente por todo seu corpo, até o ponto de congelar o ar que a rodeava.

William, o Brouillard tinha conseguido tocar sua fibra mais sensível, ele a tinha abordado com sigilo e tinha liberado todas as emoções que ela guardava com tanto zelo. E o tinha conseguido com tão somente um sorriso!

Entretanto, o único William viu foi a pasmosa imobilidade de Cathryn, que ele confundiu com uma atitude de serenidade e absoluto controle de si mesma. Desafiando a razão, William se sentiu decepcionado com a resposta por parte dela, e a seguir repreendeu a si mesmo por sua própria estupidez. Cathryn era mais fria que uma pedra. Entretanto, não devia esquecer que formavam um bom casal, depois de tudo, o objetivo de William era obter e velar por aquelas terras, e pelo visto compartilhavam esse amor pela terra.

Greneforde já era quase de sua propriedade.

Continuando, pai Godfrey iniciou a cerimônia que os uniria ante os olhos de Deus.

—Quão único fica é que eu peça solenemente sua mútua conformidade ao matrimônio. É o momento de que reflitam... e pensem em Deus, que benze todos os matrimônios...

Cathryn só ouviu alguns fragmentos da cerimônia. Lutava contra a subjugação de sua pessoa ante William, e ainda por cima sem opor resistência alguma. A voz profunda de William retumbou em seus ouvidos enquanto ela ouvia:

—Sim, eu William, tomo por esposa.

Entrelaçando as mãos sobre seu colo, a imagem perfeita da submissão feminina, Cathryn respondeu com suavidade:

—Sim, eu Cathryn, tomo por marido.

Cathryn acabava de se entregar.

Pai Godfrey tirou então um anel de ouro debruado de rubis e com um topázio encravado que captava e refletia a luz cintilante das velas.

—Que o Criador e Senhor de todos os homens, portador da vida eterna, conceda sua bênção a esta aliança.

William tomou o anel da mão do padre e o colocou sucessivamente em três dos dedos da mão direita de Cathryn, separando com gentileza suas mãos entrelaçadas, e em cada ocasião pronunciou:

—No nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.

A seguir tomou sua fina mão esquerda com solenidade entre as suas calejadas, olhou-a aos olhos e se preparou para dizer as últimas palavras do contrato:

—Com este anel eu te desposo.

Naquele momento, ela notou uma estranha opressão no peito.

Com um tom rouco, William continuou:

—Com meu corpo te honro. —A imobilidade de Cathryn se fez pedacinhos como uns pedaços de gelo estrelando-se contra o chão. —E te faço participante de todos meus bens. Incapaz de afastar a vista dele, Cathryn tentava recuperar a paz em seu rígido controle.

Então, guiados por pai Godfrey e seguidos por Rowland, cruzaram o salão em silêncio e foram para a capela que se achava no piso superior. De todas as estadias do castelo, a capela era a que única dispunha do verdadeiro luxo de ter o teto envidraçado. Cathryn avançou até o centro da nave e sentiu o suave tato de William em sua mão a seguir ambos se prostraram no chão, e pai Gregory estendeu as mãos sobre eles.

O rugoso chão de madeira estava frio, em contato com a bochecha de Cathryn, e ela agradeceu a sensação. Queria fugir de tudo o que a asfixiava: a pobreza de Greneforde, a fome, o fato de que sua casa tivesse sido cedida a um desconhecido e de que aquele desconhecido fosse agora seu marido. Mas não podia. As emoções reprimidas durante tanto tempo se empilhavam agora em seu estômago e em seu peito de tal modo que, naquela postura prostrada, Cathryn teve medo de desfalecer. Aquele homem ia ser seu senhor, sua vida estava agora nas mãos daquele desconhecido pela autoridade tão divina como do rei. OH! Quanto o

detestava! Ele poderia açoitá-la, encerrá-la, matá-la de fome, mas ela seguiria detestando-o, disso não lhe cabia a menor dúvida. As seguintes palavras do padre a pegaram despreparada.

—Que Deus os benza, e que seja o Senhor quem os ensine a honrar e a respeitar mutuamente em corpo e alma.

Era certo que Deus a tinha bento lhe dando William, o Brouillard por marido? Isso era o que precisamente ela tinha tentado transmitir a Marie e ao John e ao resto dos serventes, mas no fundo de seu coração, acreditava? Podia Deus instruí-la para que adorasse e respeitasse a seu marido —posto que agora já era seu marido— em corpo e alma? Como poderia usar seu corpo, o fruto de sua dor, para adorar a seu marido? Lhe parecia uma ideia impossível e, entretanto, o padre o havia dito. Os tremores que tinham começado com as palavras de William voltaram a invadir suas vísceras até o ponto de que mal podia respirar. Cathryn ficou de pé com a ajuda de William, entrelaçou as mãos com dedos crispados sobre seu colo e procurou acalmar-se. Ela era Cathryn de Greneforde, e não pensava desmaiar naquele momento.

De pé, à direita de William, quase pega a sua mão de modo que podia notar o calor que emanava de suas veias, Cathryn ouviu a missa pela primeira vez como mulher casada.

E então a cerimônia fializou, ou pelo menos isso foi o que ela pensou. William avançou até o altar; seu cabelo negro brilhava friamente sob a tênue luz que se filtrava pela janela em cima de suas cabeças. Ele era muito alto. Como era possível que não se fixou antes naquele detalhe? Ia belamente embelezado, com uma capa que caía de seus amplos ombros com uma incrível elegância. Cathryn tocou o tecido áspero de seu vestido de lã, não era o traje mais indicado para umas bodas, mas era o melhor que tinha.

William se inclinou para diante e recebeu o beijo da paz de pai Godfrey, que tampouco era de baixa estatura. Apesar de ser alto e robusto, William não era um indivíduo de constituição grossa, seus ombros destacavam por sua amplitude e tinha a cintura estreita, com os braços fornidos e as pernas longas... por que não tinha visto o físico completo daquele homem antes? «Porque seus frios olhos cinzas

me encantaram», respondeu a si mesma, seus olhos frios e seu sorriso enganador e seu cabelo negro ... Não podia ser! Já a estava seduzindo de novo! Não, agora não. Não naquele instante em que ele avançava para ela e a olhava com olhos solenes e alegres de uma só vez. E então Cathryn se lembrou: Ele ia transmitir-lhe o beijo da paz!

William se colocou frente a ela com toda sua amplitude mas sem nenhuma mostra ameaçadora, já que depois de tudo sua única intenção era lhe dar o beijo da paz, entretanto, a sombra da cruz caiu sobre eles e Cathryn estremeceu. Sorrindo com diplomacia, como se pretendesse amansar um cão de caça assustado, William colocou suas mãos sobre os ombros de Cathryn. Seus movimentos eram lentos, deliberados e gentis, mas apesar disso, Cathryn deu um pulo ao primeiro contato. «William pensará que sou uma dissimulada», repreendeu-se em silêncio. Respirando devagar, elevou o rosto para aceitar o beijo.

Era um beijo casto, e não significava nada mais que isso.

Era um beijo casto, entretanto se estava prolongando muito e era muito suave e muito... Íntimo. O fôlego de William era quente e doce, seus lábios firmes e suaves, seu queixo duro... A Cathryn punha nervosa que ele a tocasse. Não gostava da sensação de estar fisicamente tão perto dele. Não gostava que o fôlego dele se mesclasse com o seu. Não queria sentir aquele corpo pego ao dela. Não queria que ele a tocasse porque não desejava cheirar sua essência masculina. Não queria que ele a seduzisse. Por isso se afastou bruscamente, com o fim de acabar com aquele mau momento.

E então sim que teve a certeza de que a cerimônia tinha acabado.

Pai Godfrey sorriu com afabilidade. Rowland deu umas palmadas nas costas de William e sorriu visivelmente agradado. Ela observou como todos se aproximavam para parabenizar seu marido, e por um momento se sentiu desconjurada em suas próprias bodas, e então todos se voltaram para ela, esperando sua reação.

—O jantar está servido, cavalheiros —anunciou com integridade, e sem outra palavra andou para as escadas com toda a rapidez que lhe concederam suas pernas.

Rowland observou William com interesse, que a sua vez observava como sua esposa se afastava apressadamente.

—Pequena esposa mais competente que tem, William! Não se deixa levar pelas emoções, nem em um dia tão famoso.

Afastando os olhos do ponto exato onde tinha visto Cathryn pela última vez, William fulminou Rowland com um olhar severo.

—Exatamente. E que homem não desejaria uma mulher assim por esposa? — replicou, procurando manter a moderação.

—Nisso tem razão —conveio Rowland com um gesto afável.

Como se pretendesse imitar a atitude de sua esposa, William andou para as escadas e desceu em silêncio seguido por Rowland e Godfrey a escassos passos atrás dele. O banquete estava servido. Ulrich havia trazido a baixela de ouro, seguindo as ordens de William, para dar o toque de opulência ao banquete que a comida por si só não podia contribuir. O salão parecia brilhar com os brilhos do metal, a mesa reluzia com os jogos de prata, estanho e ouro, e os cavalheiros que deviam lealdade a William contribuíram seu grão de areia ao esplendor com suas cotas de malha e suas espadas brilhantes.

Cathryn não se mostrou inquieta ao ver os homens armados em seu banquete de bodas, e isso unicamente serviu para avivar as suspeitas de William. Se ela era inocente de traição, deveria ter se sentido insultada. Se era culpada, deveria ter se mostrado intranquila pelo fato de ter sido desmascarada.

«Malditas sejam as mulheres!», grunhiu William para si. Quem podia confiar no coração de uma fêmea? Cathryn era uma verdadeira professora no que se referia a ocultar suas emoções, ou possivelmente o que na verdade ocorria era que carecia de emoções. Não, estava sendo muito severo na hora de julgá-la. Ela parecia nervosa e disposta a conseguir que o banquete fosse um êxito tal e como tinha planejado, isso era mais que óbvio, e também era muito próprio do gênero feminino. Cathryn permanecia de pé em um rincão, junto ao mordomo, assinalando e dando ordens à fila de serventes enquanto entravam carregados com as bandejas de comida quente. E subitamente, começou a dar ordens a ele.

—Sente-se, milord. Teve uma longa viagem sob a chuva, sente-se e coma.

Era uma ordem educada, mas entretanto ele não podia aceitar sua proposta. Cathryn era a senhora e ele o senhor. Não pensava sentar-se à mesa sem ela. E, apesar de morrer de vontade de ocupar o assento correspondente ao lorde de Greneforde, não pensava fazê-lo. Ela teria que guiá-lo até seu lugar e ceder-lhe com seu pleno consentimento. William não só queria que os habitantes de Greneforde vissem como lhe cedia seu posto, mas também queria que entregasse Greneforde em pessoa.

Mas Cathryn já se deu a volta, esperando que William atuasse tal e como tinha pedido. Era evidente que aquela fêmea tinha passado muito tempo sem um senhor.

Transcorreram vários minutos antes que ela desse a volta e descobrisse que nem William, nem Rowland, nem Godfrey se moveram nem um ápice. Ao dar-se conta, sua expressão de surpresa foi tal que William esteve seguro de que jamais a esqueceria. Em todas as horas que fazia que se conheciam, aquela tinha sido a primeira amostra de emoção em seu rosto.

—Tem alguma queixa, milord? Há algo que não seja de seu agrado? — perguntou rapidamente, com um mais que evidente desconforto.

—Sim —respondeu ele com um tom cometido — Espero a você, milady.

—OH, não é necessário —asseverou ela — Minha intenção era fiscalizar...

—Senhora —a cortou ele, com uma voz profunda e imperativa — A espero.

Para Cathryn, o único brilho, o único brilho em toda a estadia se originou nos olhos chapeados de William. O ar se rarefez entre eles. Cathryn podia notar a força de sua autoridade sobre ela, inclusive naquela estadia tão concorrida que de repente tinha ficado sumida em um incômodo silêncio. E soube que teria que acatar suas ordens. Não, ele não tinha pedido, mas sim ordenado. Mas William era seu marido e seu senhor, e ela devia submeter-se a seu mando.

Com graciosos movimentos, Cathryn se aproximou dele. Seus passos ressonaram na estadia silenciosa. John decidiu sair em sua ajuda e lhe perguntou onde estava o sal. O volume do ruído se incrementou até alcançar o nível normal, e os serventes retomaram novamente suas obrigações e começaram a entrar e a sair do salão, a baixar as escadas e sair ao exterior para atravessar o pátio até a cozinha e logo retornar ao salão.

William ofereceu a mão e Cathryn, com um leve calafrio apenas perceptível, colocou sua mão sobre a dele. A mão de William tinha um tato quente e seco, enquanto a sua mão estava fria e úmida. Entretanto, não podiam perder mais tempo, a mesa estava servida, e William não duvidou em guiá-la até seu lugar. Grande espetáculo tinha montado ele com aquela estupidez de que o acompanhasse até a mesa principal! Cathryn não teria imaginado que um cavalheiro acostumado a lutar se preocupasse com um detalhe tão mínimo, mas o certo era que William não se parecia com nenhum dos cavalheiros que tinha conhecido até esse momento. Ele seguia o protocolo de etiqueta e cavalaria ao pé da letra. Parecia-lhe um indivíduo realmente estranho segundo sua experiência, que para falar a verdade, era muito limitada.

William parecia encantado, ou melhor dizendo, parecia totalmente eufórico de que Cathryn não tivesse rechaçado seu oferecimento de sentar-se junto a ele na mesa principal. Embora o que realmente lhe tinha agradado por igual era que ela não tivesse duvidado em colocar-se a seu lado e que agora estivesse sentada placidamente a sua esquerda. Para ele, ambos representavam uma frente unida ante a gente de Greneforde, os dois juntos, e a solidariedade era seu objetivo tão na aparência como em feitos. Acabavam de pronunciar os votos do matrimônio com testemunhas, por isso Greneforde já estava a salvo. Só ficava uma coisa por fazer: consumir o matrimônio.

Ante tal pensamento, William notou um intenso calor na parte inferior do ventre.

Não o esperava, mas Cathryn estava resultando uma caixa de surpresas. Tinha uma beleza cálida e uma forma de comportar-se muito comedida; seu corpo era delicado e sua vontade de ferro, William havia se sentido atraído por ela inclusive quando havia se sentido rechaçado por ela. Desejava-a e não queria desejá-la, porque tinha a impressão de que ela não o desejava.

Era uma experiência absolutamente nova para ele.

William voltou-se para contemplar o distinto perfil de sua esposa, e o intenso calor em seu ventre ficou visivelmente refletido no resplandecente brilho de seus olhos. E Cathryn, ao notar seu olhar, deu a volta e ficou apanhada no frio calor daqueles olhos chapeados. Tinha reconhecido e compreendido perfeitamente a

intensidade daquele olhar. Sem necessidade de realizar nenhum esforço, Cathryn se encerrou inclusive mais em sua compostura serena, dobrou as capas mais externas e visíveis de seus pensamentos para dentro como uma tartaruga que procurasse refúgio em sua carapaça.

Não fazia nem uma hora que estava casado e somente fazia um dia que a conhecia, mas William teve a certeza de que ela se afastou inclusive mais dele, apesar de não poder entender a razão. Cathryn estava agora casada e protegida, sua vida estava nas mãos de William, e ele sabia que era um homem bonito. Por que ela não se mostrava encantada com os transcendentais sucessos daquele dia em Greneforde?

Elevando a taça, levou-a cuidadosamente não para seus lábios, a não ser para os de Cathryn. O fato de que ela fosse agora sua esposa —embora só o fosse desde uns minutos— lhe outorgava o direito de atuar daquele modo. Além disso, sabia que com aquele gesto cavalheiresco lhe daria de presente um sorriso. A vaidade de William o exigia. Não desejava que ela aguas a festa com um comportamento dissimulado como tinha demonstrado durante a cerimônia. Cathryn reagiu como se estivesse aturdida. Não pode evitar olhá-lo com inquietação, como se tentasse decifrar se William era um lunático ou um idiota. Mas ele não era nem uma coisa nem outra, pelo menos não o era antes de conhecê-la.

Sorrindo e mostrando uma atitude adúladora, William murmurou algo ao ouvido de sua esposa:

—Deixe que eu seja quem te dê de comer, Cathryn. Já sei que não é o costume na Inglaterra, mas é o costume francês.

Quando ela unicamente se limitou a olhá-lo fixamente nos olhos como um cervo encurralado, William acrescentou:

—Será uma verdadeira honra para mim, minha senhora.

William afogou um suspiro de alívio quando viu que permitia que lhe desse de beber da taça que ambos compartilhavam no banquete. Apesar dele fazer as honras, ela não mostrou calidez alguma. Afastando a taça dos lábios de Cathryn, William lhe manteve o olhar enquanto bebia pelo lado da taça que ela tinha esquentado com seus lábios. Cathryn empalideceu e baixou a vista até cravá-la em

suas mãos que mantinha rigidamente entrelaçadas sobre seu colo. O magnífico anel que lhe tinha presenteado brilhava esplendorosamente em contraste com a brancura de seu vestido. Era a única coisa nela que brilhava com desfaçatez. Sem lugar a dúvidas, a atitude de sua esposa o deixava perplexo.

—Vamos homem, não é mais que uma donzela inocente — sussurrou Rowland a William ao ouvido — Deve estar nervosa, pensando no que ocorrerá quando tiver que subir contigo a seu aposento.

Era certo. William era um imbecil ao não pensar em que provavelmente ela se sentia incômoda com a perspectiva da noite de bodas. Subitamente quase sentiu pena por ela. O dia se via de uma perspectiva diferente se o observador era uma pobre donzela inocente. Tinham-na obrigado a casar-se com um perfeito desconhecido, apesar de não ser uma tradição incomum, mas seu marido não tinha sido eleito por um pai que a queria e que velava por ela. Seu prometido tinha sido escolhido a dedo por um soberano novo no trono com afã de consolidar as terras do reino. Essa situação bastaria para incomodar a qualquer donzela até um ponto inusitado.

—Olhe, Cathryn — disse com uma esmerada delicadeza. A pena que sentia por ela tinha atenuado seu desejo carnal — cortei a porção mais saborosa para você. —E a sustentou em sua mão antes de levá-la até a boca dela. Cathryn manteve a boca firmemente fechada enquanto o suco vermelho da carne escorregava pelo dorso da mão de William — É um manjar digno de um festim nupcial, minha senhora, eu adoraria que a provasse.

Com uma visível indecisão, e com uma evidente apreensão, Cathryn abriu a boca, e enquanto a carne roçava seus lábios, tirou a língua para prová-la, e William soube que nunca antes tinha dado de comer a uma dama tão genuinamente sensual. Entretanto, não tinha sido a intenção que ele procurava. Ao menos até esse momento.

—Muito bem, Cathryn — sussurrou lhe infundindo ânimo — Não me diga que não é tenra e deliciosa. —O suco escorregava livremente por sua mão — Deseja mais?

—Não —respondeu ela nitidamente quando engoliu a parte de carne com um tremendo esforço.

—Não? —William sorriu lentamente — Têm pouco apetite, senhora. Preferiria ter uma esposa com uma fome voraz para poder satisfazer seu apetite até que ambos ficássemos saciados.

Cathryn respirava agora rapidamente pela boca. Estava segura de que se ele não deixasse de olhá-la com esses olhos sedentos, esses olhos que a devoravam, vomitaria irremediavelmente sobre a delicada toalha da mesa. Toda essa conversa sobre carne e fome voraz... tinha conseguido lhe revolver o estômago. Não estaria nada mal que vomitasse em cima do colo de William. Então sim que seria um festim próprio de umas bodas.

John a salvou da única forma que lhe ocorreu: improvisando uma distração realmente necessária. Aproximando-se de William, serviu-lhe mais vinho, elevando o braço justo à altura de seu rosto. A expressão de asco que se desenhou na expressão de seu marido ajudou Cathryn a recuperar novamente a compostura, de fato, teve que conter-se para não rir. John tomou seu tempo para servir o vinho, movendo o braço e sacudindo a manga com tanto vigor como podia. Cathryn estava preparada para o comentário de William quando John se separou da mesa.

—Já estamos outra vez a sós —começou a dizer ele, olhando-a com olhos quase acusadores — O fedor pela falta de higiene se mesclou com o aroma da comida. Não está de acordo?

Com que cavalheiro tão delicado se casou, que considerava de mau gosto o saudável fedor a suor! Mas ela não expressou seus pensamentos, nem tampouco revelou o que pensava com a expressão de seu rosto. Olhando serenamente a seu marido, respondeu:

—Estão todos exaustos pelo enorme esforço e os nervos que passaram preparando o banquete. Particularmente com o atraso —remarcou tranquilamente.

William não quis seguir com aquela conversação. Em vez disso se dedicou a estudar seu rosto. Era realmente bela, mas carecia de calidez e seus olhos careciam de brilho. Bom, isso mudaria, e rapidamente. Cathryn estava aterrorizada com a noite de bodas, seguro que quando tivessem consumado o matrimônio, ela

mudaria e se abriria como qualquer outra mulher. O medo a dominava, disso não lhe cabia a menor duvida.

Infelizmente, não lhe faltava razão.

CAPÍTULO 05

Cathryn saiu da sala adjacente à capela, alisando rugas invisíveis de seu pesado traje de lã. Tinha passado muito tempo da última vez que se confessou, e agora se sentia melhor. Pelo menos temporariamente.

Elevou a vista e ao ver a singela cruz, recordou as palavras de pai Godfrey. Ela e o Brouillard tinham recebido a bênção de Deus, não era um pensamento desagradável. Realmente, estava cansada de carregar com todo o peso de Greneforde em seus ombros. Seria positivo compartilhar esse peso e a responsabilidade de tomar decisões. E William podia percorrer a distância até a torre Blythe em um abrir e fechar de olhos, coisa que ela era incapaz de fazer. Por conseguinte, quem atacaria um cavaleiro possuidor de uma força tão descomunal? Depois de tantos saques, possivelmente a torre Blythe se achava reduzida simplesmente a escombros. Kathryn afastou aqueles pensamentos rudes de sua mente. Não lhe convinha pensar na torre Blythe, entretanto era hora de saber que parte ficava ainda em pé e que parte tinha sido destruída. Dispor de William, o Brouillard por marido seria efetivamente proveitoso para Greneforde.

Cathryn recordou subitamente como ele a tinha olhado do alto de seu cavalo ao chegar ao Greneforde. Um calafrio lhe percorreu a coluna vertebral e teve que realizar um enorme esforço para não perder o controle. William era um homem com muito orgulho, disso estava segura. O padre nem sequer tinha tentado ocultá-lo. O pai Godfrey também havia dito que William era um cavaleiro piedoso que professava uma profunda devoção por Deus. Aquele comentário lhe tinha infundido ânimos, já que acaso Deus não era conhecido por sua compaixão e misericórdia?

E por sua ira justa e íntegra?

Cathryn não podia permitir que seus pensamentos entrassem por aquele caminho. Realmente, jamais tinha tido problemas na hora de controlar seus

pensamentos até a chegada de William, o Brouillard. O que tinha aquele indivíduo que diminuía sua força de vontade? Fosse o que fosse, resultava-lhe extremamente irritante. Ela não descartava que ele o fizesse de propósito, William não era inglês e sim normando, e os normandos tinham fama de ser uma raça obstinada.

O pai Godfrey se mostrou solícito e a tinha reconfortado. Ele conhecia seu marido, e não tinha perdido a fé em William nem depois de escutar a confissão de Cathryn, apesar do padre ter perdido a compostura por uns instantes. Seus olhos não tinham podido ocultar o horror, e lentamente tinham adotado uma expressão de compaixão. O pai Godfrey era um homem bondoso. Se seu marido tinha sido instruído em assuntos espirituais por ele durante vários anos, certamente uma parte daquela bondade teria germinado em William. Parecia um argumento lógico, embora não muito convincente, mas pelo menos era uma questão a ter em conta. Tudo sairia bem porque tudo tinha que sair bem. As palavras do padre a tinham reconfortado, já que ela não morava em um mundo no que a gente se expressasse com tanta gentileza a não ser unicamente com mandos e exigências.

Godfrey abandonou a sala a passo lento, e unicamente se deteve ao ver lady Cathryn de pé só na capela. Vestida de branco, com as mãos em posição de prece, como se estivesse ou rezando ou suplicando, tinha o aspecto de uma peregrina penitente. Godfrey considerou que a comparação era particularmente adequada.

William, que estava procurando sua esposa, apareceu na soleira da capela sem dizer nada. Que estranho que ela se fixasse antes em William que no pai Godfrey. Tinham sido seus esplêndidos cachos escuros os que tinham conseguido captar a atenção de Cathryn. Que tato teriam, suaves ou ásperos? Manteriam igualmente aquela tonalidade negra azulada sob o sol de verão como sob o manto da névoa invernal? Cathryn procurou aferrar-se a aqueles pensamentos antes de que fugissem de sua mente, e riu para si. Não sabia o que esperava como resposta a suas perguntas não formuladas em voz alta.

Tal e como estava acostumado a acontecer quando William se aproximava dela inesperadamente, só tinha olhos para ela. Ele não via a peregrina penitente que via pai Godfrey, via uma mulher forte, uma mulher com absoluto controle de si mesma e de todos os que a rodeavam. Mas fria, terrivelmente fria. Infelizmente, não sabia

por que se sentia atraído por ela. Era uma insensatez, e ele sabia, mas ela o atraía irremediavelmente do mesmo modo que uma árvore atrai uma descarga elétrica.

E então outro pensamento o abordou com a mesma intensidade: ela sempre parecia estar sozinha.

Godfrey rompeu o momento de intensa contemplação entre eles. Com um gesto, convidou William a entrar na capela, com uma expressão incomensuravelmente séria.

Novamente, como varrido pela corrente, William sentiu aquela estranha sensação de que algo estranho acontecia em Greneforde. A sensação não o abandonava nunca por completo, mas às vezes sua força se intensificava enquanto que em outras ocasiões se avivava. Naquele preciso momento, a sensação era intensa.

—Alegra-me que estejam aqui os dois, já que há algo que quereria comentar com vocês antes de que culmine o primeiro dia de sua união —disse Godfrey.

A seguir, Godfrey tomou a mão de Cathryn entre as suas e a estreitou com ternura, com uma carícia paternal, logo colocou a mão de Cathryn sobre a palma da mão de William. A mão de seu marido, que superava a do padre tanto em tamanho como em robustez, agasalhou a de Cathryn de tal forma que o único que ficou visível foi seu protuberante pulso.

Cathryn não se sentiu reconfortada.

Mas Godfrey não lhe dedicou nenhum olhar. Seus olhos, que tinham adotado uma solene seriedade, cravaram-se em William.

—Recorda os versos sobre como um marido tem que amar a sua esposa, William?

William não esperava aquela pergunta, e tomou um momento antes de responder.

—Sim, pai. Refere-se à carta de São Paulo aos Efésios, mas agora não é o momento de iniciar um de seus questionários para comprovar minha concentração e minha memória.

—Trata-se de algo mais que isso, William. Quero te ouvir dizer as palavras de Nosso Senhor referentes ao dever do marido com sua esposa. Desejo que lady Cathryn as ouça de seus lábios.

William escrutinou o rosto do pai Godfrey em busca de algum indício de aonde queria ir parar com aquele pedido tão estranho. Quão único detectou em seu rosto foi uma profunda honestidade. Cathryn olhava ao padre com uma patente curiosidade, por isso não parecia ter uma noção mais clara sobre as causas que moviam pai Godfrey. Normalmente William teria rechaçado o pedido de Godfrey com boas maneiras, lhe pedindo que deixasse o interrogatório para outra ocasião, mas aquele dia tinha obtido um prezado presente após tantos anos de suor. Submeteu-se ao padre com um sorriso. A sensação de desconforto que o tinha invadido ao entrar na capela estava se desvanecendo e se sentia aliviado por isso, possuía Greneforde e possuía Cathryn. Que mais podia pedir?

—Sim pai, recordo-o, e se o que espera é que lhe demonstre isso, estarei mais que encantado de fazê-lo.

William começou a recitar o texto:

—«Maridos, amem a suas mulheres, assim como Cristo amou à Igreja, e entregou a si mesmo por ela, para santificá-la, havendo-a desencardido levando-a da água pela palavra, a fim de apresentar a si mesmo, uma Igreja gloriosa, que não tivesse mancha nem ruga nem coisa semelhante, mas sim fosse Santa e imaculada».

William conteve a respiração e se fixou em que Cathryn mantinha as mãos crispadas e pegadas a seu peito e que estava olhando ao pai Godfrey com uns olhos desmesuradamente abertos. É obvio, aquela visão unicamente conseguiu exasperar mais a William. O que acontecia com aquela fêmea que sempre olhava ao padre e alguma vez ao marido que Deus e o rei lhe tinham outorgado? Disposto a acabar com aquela molesta situação, William continuou a um ritmo mais veloz:

—«Assim também devem amar os maridos a suas mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, a si mesmo se ama. Porque ninguém aborreceu jamais seu próprio corpo, mas sim o sustenta e o cuida, assim como também Cristo à Igreja, porque somos membros de seu corpo. Por isso o homem

deixará a seu pai e a sua mãe, e se unirá a sua mulher e os dois serão uma só carne».

—Obrigado, William —o interrompeu pai Godfrey enquanto William fazia outra pausa para respirar.

Cathryn tinha as bochechas acesas e, apesar de não ter olhado seu marido nenhuma só vez desde que tinha começado a recitar o texto, William ficou encantado com sua imagem. Possivelmente o pedido de Godfrey de que recitasse as Sagradas Escrituras não tinha sido tão má ideia, ao pronunciar as palavras que sabia de cor tinham vindo à mente os prazeres que o esperavam no leito nupcial. Quando chegasse o momento, estava seguro de que conseguiria que as bochechas de Kathryn se acendessem com regularidade. Quanto mais a olhava, com sua respiração ofegante, mais seguro estava que Kathryn se esquentaria na cama.

—São as Sagradas Escrituras? —perguntou ela com suavidade, sem afastar os olhos do pai Godfrey.

—Sim, Kathryn —respondeu ele com seriedade.

—E como é possível que ele as conheça?

Mais insultado pelo fato de não ser tomado em consideração que pela clara insinuação de Kathryn, William não pode conter-se e respondeu com tanto cavalheirismo como pode:

—A resposta é óbvia, lady Kathryn, já que este pastor de Deus guia a seu rebanho com uma enorme força de vontade. Assombrariam-lhe se soubesse as horas que passa nos pregando a palavra do Senhor, do mesmo modo que eu quase me assombrei o dia que consegui que lhe recitasse os textos sagrados.

—Não se trata de recitar umas meras palavras, mas sim de que o espírito de Deus fluiu através de ti, William —o corrigiu o pai Godfrey com serenidade.

Cathryn mal tinha olhado William enquanto ele falava, o qual não contribuiu para acalmar seu estado de ânimo.

—Recitam a palavra de Deus em... em campo aberto? —perguntou ela com incredulidade. Os caminhos de Deus eram inescrutáveis para todos exceto para os clérigos, ungidos do Senhor, escolhidos entre todos os homens para celebrar a solenidade da missa... ou pelo menos isso era o que haviam dito a Kathryn.

De novo William respondeu em lugar do pai Godfrey.

—Em sua juventude, pai Godfrey passou bastante tempo com o grande professor Pierre Abélard —expôs William com um sorriso.

Depois daquela revelação, Cathryn nem se alterou.

—Não ouvistes falar de Abélard? —perguntou Godfrey com grande surpresa.

—Não.

—Possivelmente terá ouvido falar de sua Eloísa...

—William! Não era sua Eloísa, a não ser a abadessa de Argenteuil, altamente respeitada...

—Sim, pai. —William sorriu — Entretanto, a lenda de seu amor ultrapassou as fronteiras da França...

—E agora já chegou a Inglaterra —resmungou Godfrey.

William realizou uma reverência teatral e murmurou:

—Peço-lhe desculpas, pai.

Entretanto, sua súplica não sortiu efeito ao ficar completamente desvirtuada por seu sorriso triunfal.

Cathryn estava recebendo muita informação e de uma forma atropelada, isso era o que passava com Cathryn. Abélard e Eloísa, que era ou possivelmente não era «sua» Eloísa. Toda a parafernália sobre ser inocente e pura, pulcra e imaculada... isso era o que lhe disparava o pulso com a celeridade de uma estrela fugaz. Quem teria pensado que um guerreiro arrumado poderia recitar as Sagradas Escrituras com tanta naturalidade? Muita informação para absorver, por isso lhe acelerava o pulso, por isso não conseguia respirar de forma pausada. Era o poder e a surpresa daquelas palavras de Deus do céu para o homem na terra, já que Cathryn nunca teria imaginado que aquele deus dos céus se dedicasse a instruir a um marido para que amasse o corpo de sua esposa como o seu próprio. Devia ser por isso, já que como poderia William amar seu corpo e honrá-la e inclusive chegar a converter-se em «uma só carne»? Impossível! Impossível para ela, e totalmente impossível para ele. Cathryn tinha que esclarecer suas ideias com respeito a aquelas palavras e com respeito ao amor e a segurança que pareciam prometer, já que aquele sermão não ia dirigido a ela. Se pudesse conservar o significado daquelas palavras no mais

profundo de seu ser não a importunariam nem lhe roubariam sua resolução, sua vontade nem seu controle.

Se William fosse capaz de não voltar a sorrir, possivelmente conseguiria sobreviver.

Do torvelinho de emoções que a assaltavam, os dois homens só viram uma leve ondulação na superfície das águas, que rapidamente se aplacou para dar passo a uma superfície totalmente lisa. William não deixou que aquela impressão o desencorajasse, tinha visto o fogo em suas bochechas. Havia sangue naquele corpo, como em qualquer outro corpo criado pelo Senhor, e tinha a confiança de que poderia despertar esses sentimentos outra vez, com resultados mais doces.

—Certamente o jantar já estará preparado, milord —anunciou Cathryn, e a seguir abandonou a capela e baixou as escadas com a esperança de que eles a seguissem. E assim o fizeram. Mas William não pode reprimir um gesto de desaprovação. Sua esposa era realmente rápida quando se tratava de dar ordens, e inclusive mais rápida na hora de assumir a obediência por parte de seu marido. Isso era o que acontecia quando uma mulher não se casava a uma idade mais jovem. Mas ela ainda não era muito velha para não aprender a lição, nem ele era muito velho para não poder adestrá-la.

Efetivamente, o jantar estava servido: vinho, ave, pão e queijo —suave, mas de agradável paladar — Entretanto, o realmente desagradável era a atmosfera.

Ao cair a noite, os serventes se mostravam mais nervosos que durante todas aquelas horas desde a sua chegada. Ao William pareceu uma reação curiosa. Por que estavam tão tensos agora? Justo depois de ter sido recebido com o devido respeito pela senhora do castelo, e agora que já se converteu em seu marido, e depois de ter dado boa conta do banquete de bodas —que, para falar a verdade, tinha sido um pouco exíguo — e depois de ter celebrado a missa? Entretanto, William podia notar a crescente tensão no ar, ou mais que uma simples tensão, um medo latente, e podia notar todos os olhos cravados nele enquanto jantava. Subitamente, elevou a vista e viu que John, o mordomo, olhava-o fixamente. O criado desviou rapidamente a vista, mas William ficou incômodo com aquela sensação de ser observado.

William confiava muito em seus sentidos.

Estavam preocupados de que ele estalasse furioso e montasse uma cena pela falta de comida na mesa? William não pensava ficar contando os pratos. A pobreza e as penúrias em Greneforde eram mais que óbvias, mas não queria que os criados soubessem que isso saltava à vista. Todos os homens tinham seu orgulho. O mais provável era que temessem que ele fizesse pedacinhos seu orgulho corrigindo-os pela falta de atenção que prestavam a Greneforde, seu novo lar. Qualquer comentário sobre a questão seria mal interpretado, seguro. Unicamente ficava ter paciência e esperar que o conhecessem melhor, só quando soubessem como pensava, sentiriam-se mais relaxados.

Entretanto, Cathryn... mostrava tão pouca ansiedade e entusiasmo como um tedioso dia cinza. Por que não era possível que ela fosse um pouco mais emotiva e os criados um pouco menos nervosos? Observou-a enquanto comia como um passarinho da bandeja que ambos compartilhavam. Para ser uma mulher que se mostrava tão pendente da hora de comer, William teria esperado que tivesse mais apetite, entretanto só a viu ingerir um pouco de queijo, que engoliu com a ajuda de um sorvo de vinho, um bocado de pão e outro saudável sorvo de vinho. Quanto mais a observava, mais se convencia de que simplesmente comia para acompanhar os sorvos de vinho. Mas era realmente bela. E também parecia ter uma boa tolerância ao vinho, por mais que estivesse aguçado e com tanto sedimento que William tinha que usar os dentes como barreira para que a boca não ficasse impregnada do amargo sabor dos sedimentos.

Quando Cathryn tinha bebido sua quarta taça, William não pode seguir fingindo que não se dava conta da rarefeita atmosfera no salão. Sabendo que não obteria nenhuma resposta satisfatória por parte de sua esposa, deu-se a volta para homem que Cathryn sempre parecia preferir sua companhia por cima de outros, o homem cuja lealdade para ele era indisputável: pai Godfrey.

—Perguntarei sem rodeios —começou a dizer com um tom pausado — E necessito que também me responda sem rodeios: O que te contou Cathryn?

Godfrey, que se tinha posto a rezar depois de ver que Cathryn ingeria sua terceira taça de vinho, voltou-se para William com olhos alarmados. Não queria

iniciar essa conversa  o, de fato, tinha estado rezando para que seu esforço na capela tivesse servido ao menos para aplainar o terreno entre os recém casados. Não o surpreendia que William tivesse notado a tensão reinante, William era um guerreiro muito ardiloso para passar por cima aquele detalhe. O que o surpreendia era que Cathryn estivesse se embebedando sem nenhum olhar, já que até esse momento tinha feito alarde de um extraordinário autocontrole, entretanto, posto que agora era conhecedor de todos os detalhes da história, sim que se maravilhava que ela fosse capaz de manter a calma sem que a tra  ssem os nervos. Aqueles pensamentos não paravam de dar voltas em sua cabeça como um par de serpentes instigadoras, por isso o único que podia fazer era continuar olhando William com cara de susto.

—Está planejando beber até perder a consciência, para não ter que enfrentar a sua noite de bodas? —perguntou William em um sussurro, com os olhos acesos com um fogo reprimido.

Aliviado de poder responder com absoluta sinceridade, Godfrey respondeu:

—Não, William. Não está planejando nada que possa por em perigo seu matrimônio. Lady Cathryn foi educada como é devido e sabe que tem que acatar as ordens do rei. Expus-lhe as três perguntas e ela respondeu devidamente: a seus dezoito anos está totalmente capacitada para casar-se, não tem pais nem nenhum familiar que possa opor-se a sua união contigo...

—E o terceiro requisito? D   ela seu consentimento a nosso matrimônio?

Godfrey assentiu sem duvidar, esperando apaziguar a ansiedade de William.

—Sim, deu seu consentimento livremente. O matrimônio    válido.

A resposta conseguiu aplacar a ira de William, ao menos momentaneamente. A Igreja estipulava que a menos que uma mulher a ponto de casar-se não respondesse as três perguntas corretamente, o matrimônio não seria válido. Tratava-se unicamente de uma tentativa de evitar que uma moça se visse forçada a casar-se com alguém que não era de seu agrado. Mas entretanto, pai Godfrey irradiava ondas de tensão.

—Não obstante, há algo a respeito dela que o preocupa, pai. —Provando a sorte às cegas, William perguntou — Se trata do defloramento da moça?

Pai Godfrey deu um pulo como se lhe acabassem de dar uma punhalada e olhou William com os olhos tão abertos como um par de laranjas.

William não pode conter-se e sorriu levemente enquanto dava um tapinha a seu velho amigo no braço.

—Não se preocupe, pai. Irei com supremo cuidado. Lady Cathryn não sofrerá nenhum trato agressivo por minha parte.

Godfrey considerou um momento as palavras que ia dizer:

—William, a mulher é sempre a parte mais fraca, tenho a esperança de que o recordará.

Depois de escutar aquele conselho, William deu a volta para Cathryn e descobriu que ela se pos de pé e que tinha iniciado seu caminho para as escadas. Tinha chegado a hora de retirar-se. Ela abriu passo entre seus serventes —ou melhor dizendo, os serventes de William, agora— que não afastavam a vista de sua senhora. Com passo comedido e a cabeça altiva, Cathryn abandonou o salão, com o pesado traje branco arrastando-se a seus pés. William não tinha vontade de ficar debatendo com pai Godfrey, mas pensou que sua esposa era tão fraca como uma barra de ferro.

Cathryn afastou a cortina que ocultava a porta e entrou no quarto principal. A cama se destacava no centro, com um aspecto muito distinto ao que tinha a última vez que a tinha visto. Estava esplendorosamente coberta com um belo tecido confeccionado com tiras de seda de cor escarlata, amaranço e dourado. Era uma cama que falava eloquentemente ser o leito de um lorde poderoso. Era uma cama preparada para manter o calor do fogo e do corpo. Oferecia um aspecto mais elegante agora que quando sua mãe e seu pai se deitaram nela. Marie, que tinha estado esperando nervosamente a sua senhora desde o início do jantar, precipitou-se para ela e começou a ajudá-la a despir-se. Ainda havia um pouco de luz natural, por isso de momento não necessitavam velas. O sol enviava seus últimos raios mortiços através das copas nuas das árvores até o rio, criando umas curiosas sombras no robusto teto da habitação. Ao entardecer se começaram a apagar os contornos da terra sonolenta e as cores começaram a sangrar, até que todas as

árvores e arbustos ficaram mascarados em uma sórdida cor cinza. Quando o céu estivesse totalmente escuro, iniciaria-se a noite de bodas.

—Ele arrumou a cama com os tecidos que trouxe de suas viagens —comentou Cathryn.

—Sim, enviou seu escudeiro para que fiscalize o trabalho —remarcou Marie — Como se chama essa cor, que tem um tom mais vermelho intenso que violeta?

—Chama-se amaranto —respondeu Cathryn.

—Lorde William tem gostos nobres.

—Lorde William tem gostos caros —a corrigiu Cathryn.

—Pedi-lhe ele que subisse à habitação? —sussurrou Marie com um tom angustiado.

—Não —repôs Cathryn com rosto inexpressivo, então acrescentou secamente — mas não consigo compreender o que pensava.

—Ai, senhora! —lamentou-se Marie sem poder ocultar sua pena — Chega o momento que tanto temi desde que ouvi falar deste matrimônio convencionado. Seu valor me assombra e me assusta de uma vez, porque embora o dia trouxe o matrimônio, a escuridão traz a noite de bodas.

Devia ser a considerável quantidade de vinho que tinha ingerido sem mau provar algo, ou possivelmente os tênues raios moribundos do sol que começavam a retirar-se da habitação, mas Cathryn se deu conta de que não suportava seguir ali plantada escutando os lamentos de Marie, por mais que soubesse que sua criada não albergava nenhuma intenção maliciosa de desestabilizá-la. Tinha os nervos crispados e tensos como as cordas de um alaúde, o que precisava era unir as poucas reservas de força e calma que ficavam, após um dia tão longo. Senão, não sobreviveria. Necessitava que Marie trocasse de tema, que deixasse de falar da noite de bodas.

—Obedecer as ordens do rei não é um ato de valor Marie, e isso é unicamente o que tenho que fazer: acatar ordens. Mas me diga, suponho que terá passado grande parte do dia espiando aos recém chegados, escondida entre as sombras. Sabe como William, o Brouillard obteve o apelido de Névoa?

Se fosse a noite de bodas de Marie, a última pessoa no mundo da que ela teria querido falar seria de seu marido guerreiro, que podia aparecer a qualquer momento na habitação, mas ela não era lady Cathryn. Se sua senhora desejava saber mais coisas sobre o senhor com o que se acabava de casar, então Marie estava disposta a contar tudo o que tinha averiguado pegando a orelha às paredes.

—Dizem que é silencioso no campo de batalha, que não grita nem ruge como outros cavaleiros fazem para esquentar o sangue e infundir medo ao inimigo. Além disso —acrescentou com voz insegura, demonstrando que não se sentia confortável com o tema — rodeia e assalta a seu adversário com sigilo e completamente em silêncio como a névoa envolve os campos.

—Por isso o apelido de Névoa —concluiu Cathryn brandamente, logo acrescentou quase em um murmúrio — Pensava que recebeu o apelido pela cor de seus olhos.

Marie não disse nada mais, deu-se conta de que sua senhora estava absorta em seus pensamentos, apesar de que não podia adivinhá-los. Cathryn elevou a cabeça expeditamente e voltou a falar:

—Mas segue me contando mais coisas. Seguro que sabe mais que eu, já que nenhum de seus homens se atrevem a me falar dele como o fariam entre eles tranquilamente, e me interessa saber quantas mais coisas melhor a respeito dele.

Marie não sabia nada mais, embora acreditou que não era precisamente mais informação o que lady Cathryn procurava. Marie não tinha conhecido William, o Brouillard de forma comum, mas sim tinha ouvido comentários por aqui e por lá escondida nos rincões, enquanto os cavaleiros do senhor se instalavam em Greneforde. Para falar a verdade, tinham estado a ponto de descobri-la em mais de uma ocasião, mas tinha conseguido escapar graciosa. Se o orgulho não fosse um pecado mortal, Marie teria se sentido muito orgulhosa de sua habilidade de esconder-se em lugares que não ofereciam muitos esconderijos.

—A maioria dos comentários se referiam a suas habilidades, milady.

—Que certamente é o que se pode esperar entre cavaleiros —respondeu Cathryn.

—Mas ouvi algo a respeito de...

—Fala —a exortou Cathryn com calma — Estou segura de que tudo o que possa me dizer me interessa.

—Todos ressaltam suas habilidades na guerra —começou a dizer Marie, sem poder ocultar seu mal-estar — Lutou na Terra Santa e em muitos lugares mais, tanto na Inglaterra como em outros países, e sempre saiu vitorioso. Por esse motivo o rei Henry o valora tanto, por isso e por sua lealdade. —Ao ver que tinha toda a atenção de Cathryn, Marie continuou com mais confiança — Perdeu as terras de sua família, na Normandia, porque seu pai estava no bando dos perdedores. Por isso passou a infância vagando de um lugar a outro, e desde muito jovem demonstrou sua obsessão por possuir terras. O rei sabia, de fato ouvi que qualquer que tenha passado um tempo com ele, por pouco que seja, conhece a avidez de William, o Brouillard por possuir terras próprias. O rei Henry lhe concedeu Greneforde como recompensa por seus serviços.

Marie não disse nada que Cathryn não soubesse ou que não tivesse averiguado astutamente, o certo era que a história pessoal de William não diferia da de outros cavaleiros, entretanto, ao escutar aquelas palavras —ao escutar que o rei lhe tinha concedido Greneforde como recompensa— Cathryn sentiu uma irritação que não pode conter.

—Assim —começou a dizer Cathryn, tentando ocultar sua dor — o rei lhe concedeu Greneforde, e com o pacote de Greneforde vem a senhora do castelo.

Marie se deu conta imediatamente de que tinha cometido um engano ao narrar o que sabia, já que lady Cathryn nunca antes tinha mostrado nem um ápice de suas emoções mais profundas do modo que o estava fazendo agora. Ter que entregar Greneforde a um desconhecido já era suficientemente doloroso; ter que entregar as terras e de uma vez saber que também tinha que se entregar como parte do trato, mas com um mínimo valor, era muito pior. Entretanto, Marie não comentou nada, simplesmente se desviou do tema como se não o tivesse mencionado.

—Deseja tomar um banho, milady?

Marie não sabia, mas com aquela pergunta tinha dado a sua senhora a desculpa para recuperar a compostura. Gostaria de banhar-se, sabendo a importância que

seu marido outorgava à higiene pessoal? Sabendo que tinha ordenado a ela que todos os habitantes de Greneforde se banhassem?

Com um sorriso sereno, Cathryn respondeu:

—Não.

E mal respirando, acrescentou:

—E tampouco banhe-se você, Marie. Dedique-se a seguir te ocultando da vista de todos, desse modo poderei averiguar mais coisas por parte dos homens do Brouillard.

—Senhora —começou a dizer Marie, visivelmente incômoda — ele é seu marido e seu senhor. É correto que se refira a ele com esse trato de cortesia?

Provavelmente não o era, mas não importava, e a enorme tensão que acumulava Marie estava provocando uma intensa exasperação que não podia dominar. Desejosa de ficar só para acalmar-se, pronunciou as palavras necessárias que lhe proporcionariam a solidão procurada:

—Marie, ajudaste-me a me distrair enquanto me preparo para me deitar, mas sabe que agora deve partir para que o senhor não te encontre nas escadas.

Não teve que dizer nada mais. Com seus olhos azuis tão redondos como pratos e desmesuradamente abertos como os de uma coruja, Marie saiu disparada da habitação, fechando a porta brandamente a suas costas. A cortina apenas se moveu.

Quase já não ficava nada por fazer. Cathryn foi para o tamborete estofado, sentou-se frente ao fogo e começou a desfazer as tranças com dedos hábeis. Tomou um pente de marfim, uma das escassas posses que ainda ficavam, e o deslizou por seu longo cabelo, colocando as pontas sobre seu colo para que não pendurassem sobre o chão. Normalmente era uma tarefa que gostava. O rítmico movimento repetido de pentear o cabelo era um ato que a relaxava, além disso, adorava a sensação de seu cabelo solto sem nenhuma atadura. Entretanto, aquela noite não conseguiu relaxar. Estava muito tensa.

Quando ouvia passos nas escadas ou o ruído de uma porta ou o menor movimento da cortina, dava um pulo alterada. Mas os minutos foram passando e ela permanecia sozinha na habitação. Aquela intimidade não podia durar muito. Tinha

compreendido as intenções nos ardentes olhos cinzas do Brouillard. Ele não demoraria a subir.

Depositando o pente cuidadosamente no assento da banquetta, correu para a cama e de um salto se encarapitou e se sentou com as costas completamente erguida. No meio da cama, sentia-se verdadeiramente minúscula.

Quando ficaram gelados os pés, meteu-se sob os lençóis e os esticou ao redor de seus quadris. Ao princípio se dedicou a contemplar o fogo. A habitação estava em uma absoluta penumbra agora, exceto pelo fogo aceso que iluminava a soleira da porta.

William chegaria a qualquer momento, aquele indivíduo chamado de Brouillard, que era tão silencioso quando enfrentava o inimigo. E como enfrentaria a ela? Se ele se comportava de um modo sigiloso, significaria isso que a via como uma inimizada? Pelos olhares que lhe tinha dedicado na mesa, parecia que se reconciliou com ela. Desejava-a, isso era óbvio, mas a desejava unicamente para passar uma noite desenfreada ou a desejava como a uma verdadeira esposa? Cathryn não era tão inocente que não compreendia que uma esposa podia ser unicamente um corpo quente com a missão de engendrar herdeiros para seu marido. Ela sempre tinha desejado algo mais que isso, mas quando tinha deixado correr a imaginação com aquele sonho, ainda não era a esposa do Brouillard. Desejava uma união mais espiritual, mais completa com ele?

O silêncio de sua alma era a única resposta em que podia confiar.

Cathryn não sabia quanto tempo passou contemplando o fogo e pensando em William, mas quando caiu na conta, o fogo virtualmente se extinguiu e só ficavam umas poucas brasas incandescentes. Já era noite fechada. Girou a cabeça para olhar para a porta, quase esperando ver seu marido ali plantado, mas não viu ninguém. Como era possível que se atrasasse tanto em sua noite de bodas? Que homens mais estranhos, aqueles normandos! Não se pareciam em nada ao que os trovadores cantavam sobre eles.

«Malditos sejam os homens!», resmungou para si. Cathryn não podia —e não pensava— ficar ali sentada como uma apalermada esperando que lhe desse a estocada de graça. Arrastou-se até a borda da cama e de um salto ficou de pé no

chão e correu para a lareira em busca do calor do fogo, mas não podia estar quieta. Começou a perambular pela habitação, com passo tranquilo, sereno, elegante, e de repente se deu conta de que ao andar se relaxava, desse modo podia descarregar lentamente seu excesso de energia. Mas o insuportável frio nos pés a obrigou a retornar à cama, em busca de uma relativa calidez, e se meteu sob os lençóis, desta vez sem prestar tanta atenção para não enrugar a colcha como o tinha feito antes.

Quanto tempo tinha passado? Certamente todos deviam estar já na cama. Não se ouviam nem risadas nem gritos nem nenhum outro ruído, e então pensou que tinha sido um banquete de bodas muito tranquilo. Poderia-se dizer que inclusive sombrio. Bom, isso não importava. A comida estava bem feita e tinha sido apresentada com esmero, apesar de que a quantidade não fosse abundante. Os criados não tinham que envergonhar-se de nada. E ela? Ela que tinha usado um singelo traje de lã branco no dia de suas bodas enquanto seu prometido tinha exibido objetos dignos de ser luzidos na corte real? Não, ela tinha posto seu melhor vestido. E agora tocava a noite de bodas. Tinha realizado um enorme esforço para afastar aquele pensamento de sua mente do momento em que recebeu a mensagem de seu iminente matrimônio da paliçada, e agora tinha chegado o momento. Agora não podia pensar nisso.

William era um homem alto e musculoso, aquele desconhecido que já virtualmente era dono e senhor de Greneforde e dela. Ele tinha desejado suas terras. Mas e a Cathryn? Inclusive após as palavras de Marie, não precisava perguntar a si mesma. O desejo carnal que tinha visto nos olhos de William não deixava dúvidas. Mas o que aconteceria depois da noite de bodas?

A pesar do frio, Cathryn saltou outra vez fora da cama. Não procurava o calor do fogo, já que não podia obrigar-se a estar quieta de pé perto da lareira. Como um animal enjaulado, percorreu todos os rincões da estadia, com passo ágil e com o cabelo solto caindo em cascata sobre suas costas como um estandarte dourado de guerra.

Não, ele não desejava uma esposa, embora ante o presente de uma mulher ele não se voltaria de costas após um frio dia montado a cavalo. Greneforde tinha sido

seu objetivo e isso era sua recompensa —um presente por um serviço leal — O que importava se ela era parte do pacote, naquele prêmio? Que importância tinha? Nenhuma! Era uma questão absurda inclusive de contemplar. Ela e Greneforde eram uma só unidade. O haviam dito muitas vezes e ela assim acreditava, como não ia acreditar quando possuir Greneforde significava possuir a Cathryn? E o Brouillard tinha aberto uma brecha nas defesas externas de Greneforde do mesmo modo que logo subiria as escadas de dois em dois para abrir uma brecha na barreira final: a que ela possuía entre as pernas. OH, sim, ela e Greneforde eram uma unidade que compunham o prêmio sem voz que ia ser entregue ao guerreiro mais forte. De repente teve uma visão de si mesma como uma bandeja cheia de carne suculenta que os diversos comensais de uma mesa iam passando-se, uma bandeja que se oferecia a todo aquele que tivesse uma mão livre.

E sem que se desse conta do que estava passando, seu controle, o controle pelo que se guiava e que de uma vez a protegia, rompeu-se. Igual ao gelo se rompia e se desfazia sob o calor do sol, sua integridade se quebrou, e se sentiu tão indefesa que não teve forças para tentar recompor-se.

Naquele instante, alguém afastou a cortina, e William, o Brouillard fez sua aparição no quarto.

Uma repentina labareda fugaz entre as brasas foi a única pista que Cathryn teve de que algo tinha mudado na habitação. Ao dar a volta, seu cabelo a rodeou formando uma nuvem dourada. Cathryn possuía tão pouco controle de suas emoções como um animal encurralado, e toda sua fúria desbocada e seu frustrado desespero se refletiu nas escuras profundidades de seus olhos castanhos.

De todas as possíveis reações que William teria imaginado por parte de sua esposa, essa não era nenhuma delas, e por um momento, não reconheceu à mulher que estava vendo. Ela era Cathryn de Greneforde, a dama carente de toda emoção, como uma terra esperando tranquilamente que a perfurassem com o arado. Isso era o que supunha dela. Entretanto ali estava, com os punhos crispados, respirando ruidosamente e com os olhos acesos com um estranho fogo líquido.

William entrou na estadia com passo lento e com uma perceptível cautela. Não desejava alarmá-la. Ela era sua esposa há apenas umas horas, e agora enfrentava ao duro momento da noite de bodas. Sua condição de virgem a mantinha naquele estado de enorme tensão, por isso ele tinha que atuar com uma enorme gentileza, tal e como tinha assegurado pai Godfrey.

Ela não tirava os olhos de cima. Observava-o com tanta desconfiança como qualquer adversário que ele enfrentou no campo de batalha. A comparação não agradou absolutamente William. Ela era sua esposa. Ele não pretendia iniciar seu matrimônio, sua união, como adversários. Avançando para o fogo e para ela, observou-a enquanto Cathryn também o observava. Fixou-se que ela retrocedia à medida que ele aproximava, e também se fixou no brilho que brilhava em seus olhos escuros.

Com um movimento sutil, William tirou o broche com o rubi que lhe sustentava a capa sobre os ombros sem afastar a vista dela, do mesmo modo que fazia Cathryn. Ela retrocedeu um passo mais e elevou o queixo com altivez. Pelo visto estava disposta a não fazer nada fácil.

«Mas que bela é», pensou William, e aquela nova faceta de sua esposa, uma faceta que ele não tinha esperado, só serviu para incrementar seu apetite voraz por ela até um ponto inusitado. Os olhos de Cathryn brilhavam perigosamente. Seu longo cabelo lhe caía até os joelhos e cobria sua estilizada silhueta como uma valiosa capa dourada. A fina regata de linho que levava não ocultava a esbeltez de seu corpo, particularmente porque a tênue luz alaranjada do fogo estava justo atrás dela. Seu seio, comprimido pelo ligeiro tecido, subia e baixava como se acabasse de correr uma inacabável corrida. A escura sombra de seus mamilos era completamente visível. O desejo que tinha sentido por ela durante o jantar se acrescentou desmesuradamente.

Cathryn leu seu desejo tão claramente como se ele o tivesse expresso com palavras.

—Aqui chega o conquistador para reclamar sua vitória final, sua vitória mais fácil —sentenciou ela, com uma tensão e amargura impossíveis de ocultar.

William se deteve um instante ao ouvir aquelas palavras, então tirou a capa e a atirou em cima da arca com uma rudeza intencional.

—O conquistador chamado William já deixou seu rastro neste território — respondeu com suavidade — Me chamam Névoa, e estou aqui como seu marido. — aproximou-se um passo mais — Não vim com intenção de conquistar.

—Mas entretanto não lhe importa exigir o que lhe corresponde por direito de conquista. —Cathryn acabou a frase por ele, sem mover-se, ao lado da lareira.

William continuou contemplando seu rosto, tentando ler a tortura que escutava em suas palavras, entretanto, o único que via era seus olhos escuros e a fina cicatriz sobre sua sobrancelha. Movendo-se com extrema cautela, desabotoou o cinturão e o depositou aos pés da cama. Suas seguintes palavras foram tão lentas e medidas como seus movimentos.

—Um marido tem todo o direito de reclamar a atenção de sua esposa, especialmente no dia de suas bodas.

William tirou a túnica e a depositou em cima de seu cinturão, revelando seu largo torso e seus estreitos quadris, e o espaço intermediário coberto por um pêlo negro e encaracolado. Até esse momento, Cathryn tinha respirado com dificuldade, mas agora quase se afogava. Ele parecia uma estátua esculpida em que o escultor tinha desejado ressaltar unicamente seus magníficos músculos, dos ombros até os braços e do peito até o ventre. Chamar um homem assim Névoa resultava ridículo em extremo, tudo nele era tão sólido como uma pedra. E sua beleza —porque realmente William era belo— provocou que Cathryn se assustasse ainda mais.

—E se me nego a satisfazer seu direito? —espetou ela — Porque me parece mais uma conquista final, e considero que já desfrutaste de sua cota de vitórias por hoje.

Ele tinha prometido tratá-la com absoluta consideração. Era uma promessa feita com suas melhores intenções e por uma causa nobre: acalmar uma donzela aterrorizada pelo fato de perder sua virgindade. Mas a mulher que enfrentava agora e que lhe falava em termos de conquista e de vitória e de direitos a reclamar, estava o desafiando sem nenhuma razão aparente.

Naquele instante, William pensou em Margret, tentando que a lembrança de sua beleza virginal acalmasse sua impaciência, William inalou ar para aplacar sua excitação. Tinha a determinação de não mostrar a sua esposa nada mais que não fosse sua cavalheiresca gentileza. Pensava tratar Cathryn com toda a ternura que merecia uma recém casada.

Ela era uma mulher recém casada, mas acaso ele não era um homem recém casado? Não tinha direito de proteger seus direitos por lei com a mulher com a que acabava de unir sua vida? Ela sabia o que lhe esperava, sabia o que significava ele querer consumir seu matrimônio. E com aquele pensamento voltaram a despertar seus medos.

Do momento em que a tinha visto de pé no pátio para lhe dar a bem-vinda sozinha, William não confiou em suas intenções nem em suas amostras de submissão ante o fato de que ele se convertesse no lorde de Greneforde. Pelo visto, ela não tinha intenção de consumir o matrimônio, e por conseguinte este ficaria invalidado. Era uma forma maliciosa e traiçoeira de anular seu direito de reclamar Greneforde, e de uma vez conseguir a nulidade de seu matrimônio. William perderia a propriedade —e a ela— irremediavelmente. Não podia permiti-lo.

E com aquele pensamento, teve a certeza de que pai Godfrey não tinha contado tudo o que sabia com respeito a Cathryn.

—Não, Cathryn —disse com impulso, como se tentasse esclarecer sua própria mente— Ainda fica uma vitória por ganhar hoje, se assim prefere denominá-la, e não permitirei que me seja negada.

Enquanto falava, acabou de tirar o pouco que ficava de seu elegante traje. Em questão de segundos, ficou diante dela tão nu como o dia em que sua mãe o viu nascer, salvo por uma diferença: parecia que seu pênis, ereto e grosso, tentasse apontar ritmicamente para ela como uma espada cuja intenção fosse encontrar o ponto débil do adversário.

Cathryn olhou primeiro para aquela espada ameaçadora e logo elevou a vista para cravá-la naqueles olhos cinzas como o chumbo. Então, sem poder se reprimir, começou a rir com gargalhadas histéricas.

—Não o duvido. —Riu ela, e o som subiu até o teto — Sabia, mas ao menos tinha a esperança, porque lutastes e venceu contra piores adversidades que as que eu possa oferecer. —Abrindo os braços de par em par, retrocedeu um passo mais — Acaso não obtiveste Greneforde? E posto que Greneforde já é sua propriedade, então eu também lhe pertença, mas se quiser esta última vitória, asseguro-lhe que não terá sabor de mel. Possivelmente porque eu não sou um prêmio tão doce como Greneforde!

William se equilibrou sobre ela e a agarrou pelos braços com a intenção de imobilizá-la. Com força, mas com cuidado de não lhe machucar, atraiu-a para ele e seu membro viril ficou pego a seu corpo feminino.

—Por que diz que não é tão doce? —repetiu ele com voz rouca — Não, Cathryn, você é muito mais doce que Greneforde.

Desta vez William não ofereceu nenhum beijo de paz a não ser um beijo de guerra, uma guerra que ele pensava ganhar, e a nenhum dos dois ficava a menor dúvida com respeito a isso. Mas o que realmente pegou Cathryn despreparada foi aquela guerra estratégica contra sua resistência, porque William não teve que lutar muito, apesar de estar preparado para fazê-lo se era necessário. Não, ele não se moveu diretamente para sua boca —acaso temia que ela o mordesse?— mas sim depositou seus lábios no ponto tenro perto do lóbulo de sua orelha. Deslizou as mãos pelos braços delicados até acariciar seus seios com um movimento sedutor, e enquanto que com os dedos polegares brincava com seus mamilos, com a boca, mais cálida agora que antes, começou a percorrer um caminho ao longo da linha de seu queixo. Ela tentou afastar-se, lutando contra a embriagadora investida daquelas carícias e emoções, pressionando com força seus braços contra o amplo peito dele, como se fossem seu escudo. Ele não se moveu. Cathryn tampouco albergava esperança alguma de que ele fosse afastar-se, mas era o único que podia fazer: resistir. E se manteve com os olhos desmesuradamente abertos. Ele não a venceria. Ela não se perderia no poço de sensações que ele estava tentando despertar. Ela era Cathryn de Greneforde e não se derreteria ante ele.

A boca de William, movendo-se constantemente, alcançou a sua, e a seguir ele ocupou a posição estratégica. Seu esforço valia a pena por sua persuasão e

perseverança, mas ela mantinha os lábios fechados, sem importar todas as coisas que William estivesse fazendo com sua língua e sua respiração para seduzi-la. Não pensava lhe dar de presente nenhuma vitória doce, unicamente o amargo fel que enchia sua própria boca.

Finalmente, William compreendeu que a vitória não ia ser possível, que ela não ia sucumbir a suas carícias nem entregar-se a ele com calidez e suavidade. William tinha a pequena satisfação de saber que a Cathryn que ele conhecia era assim, em realidade. Não haveria acordo, aquela noite não ficaria mais remédio que tomá-la a força. Ela seria dele tanto se queria como se não, apesar de sentir asco, porque ele não pensava ceder seu direito a ser lorde de Greneforde. Além disso, com a devida prática, possivelmente acabaria por lhe pegar gosto.

William pressionou seus lábios contra os dela e se abraçou a seu corpo. Ela arqueou as costas tão violentamente para separar-se dele que William se perguntou se não seria capaz de automachucar-se antes de submeter-se a suas carícias. Mas ela permanecia calada, igual a ele. Aquela batalha, porque não se podia denominar de nenhuma outra maneira, estava se levando a cabo em silêncio. Um silêncio desesperado.

Ele não podia fazer nada mais. Tinha chegado a hora de penetrá-la. Era melhor passar aquele mau momento o mais rápido possível. Já encontraria o prazer nas subsequentes vezes que se deitasse com ela.

Empurrando-a sobre a cama, William se tombou em cima dela, imobilizando-a com o peso de seu corpo. Novamente tentou despertar o prazer sensual nela beijando-a, lhe acariciando meigamente com as gemas dos dedos o pequeno buraco pelo que ia penetrá-la. Cathryn estava tão seca e rígida como um osso. E entretanto, seguia olhando-o com os olhos completamente abertos e infestados de pânico. William sentiu compaixão por ela.

Aquela compaixão que começava a alagá-lo e aqueles olhos olhando-o com tanto horror começaram a surtir efeito: irremediavelmente, ele notou que sua excitação se aplacava.

Resmungando uma maldição entre dentes, William lhe arrancou a regata de um puxão, e ficou um momento encantado pela delicada formosura de sua dourada

nudez, procurando não olhá-la aos olhos se por acaso ela conseguia novamente aplacar sua excitação.

Cathryn era uma verdadeira beleza com proporções perfeitas e uma atrativa magreza —bom, possivelmente um pouco excessiva — A ela convinha comer mais e beber menos vinho. Mas seus seios eram dois montículos de deliciosa redondez que acabavam em pico e que tinham um tamanho generoso e a cor do mel rosado. Seus mamilos eram grandes e ocupavam uma ampla extensão, apesar de sua aparente falta de estímulo. Devorando-a com o olhar, William notou como seu pênis voltava a ficar duro e o pressionou contra a suave pele do interior daquelas coxas femininas. Tinha chegado a hora.

—A primeira vez te doerá um pouco —disse ele brandamente, com uma voz pausada— Deixa que superemos a primeira vez.

Enquanto isso, ela lutava debaixo dele, lhe cravando as unhas e retorcendo-se como um animal ferido para que ele soubesse que estava disposta a derramar o sangue dele antes que William derramasse o seu. Tão desmesurada era a energia que lhe provocava o pânico que sentia que quase conseguiu jogá-lo da cama. Pouco a pouco, Cathryn ia perdendo as forças de tanto lutar. E William também estava se cansando, mas de aguentar. O matrimônio tinha que consumir-se. Greneforde era dele, e o mesmo aconteceria com Cathryn.

—Temos que consumir este matrimônio! —proferiu William irritado, abrindo espaço entre as pernas dela, apoiando todo o peso de seu corpo contra o dela para que Cathryn não pudesse mudar de posição. Quando ela o atacou dando-lhe um murro em pleno rosto, lhe imobilizou as mãos por cima da cabeça com uma só de suas gigantescas mãos, enquanto que com a outra a obrigava a abrir mais as pernas. Cathryn estava perdida.

Com uma investida a violou, e então rugiu como um leão. O retumbante rugido ressonou nas quatro paredes da quarto. Mas seu grito não foi de êxtase nem de vitória.

Cathryn de Greneforde não era virgem.

Ela permanecia imóvel debaixo dele, como um cadáver. Tinha os olhos muito abertos e fixos no teto, com o olhar perdido. Estava escancarada sobre a cama desfeita e tinha as mãos tensas e crispadas sob o punho implacável de William. Não sentia nada, e pensou que essa sensação era o que alguém devia sentir quando estava morto.

William, em troca, sentia-se transbordado pelos sentimentos. Seu pênis voltava a estar flácido, e desta vez não lhe importava, o matrimônio se consumou. Separou-se dela e se levantou da cama, apressando-se a vestir-se. Não a olhou. Pensou que se o fazia, possivelmente a mataria.

Ela já tinha estado com outro homem.

Uma sensação de fúria e de traição se apoderou dele. Tinha acertado ao suspeitar que ela o traía. Seus instintos jamais falhavam, mas como desejava — e não era a primeira vez — que seus instintos pudessem ser mais específicos.

Ela tinha se deitado com outro homem. Um como mínimo. Mas se o tinha feito com um, também podia haver-se deitado com mais. Como seria? Uma vez quebrado o hímen, com quantos tinha fornicado?

William se aproximou da lareira e fixou a vista no mortício resplendor das últimas brasas, com seu corpo tão gelado como seu coração. A que classe de mulher se uniu para o resto de seus dias? Embora não tinha que fazê-lo. Podia solicitar a nulidade de seu matrimônio. Sua esposa não era virgem a noite de bodas. O próprio Papa lhe daria razão se pedia a nulidade.

Mas então perderia seu direito sobre Greneforde. Henry tinha deixado claro que Greneforde e Cathryn iam unidos. Rechaçar Cathryn significava perder a propriedade. Importava-lhe tanto a traição de sua esposa para estragar tudo aquilo pelo que sempre tinha lutado?

Deu a volta para olhá-la. Ela não se moveu. Permanecia deitada sobre a cama com os braços e as pernas abertas, sem mostrar nem um ápice de vergonha. Seus olhos eram tão serenos e tão secos como os de qualquer meretriz de porto, e igualmente frios.

Não, não valia a pena perder nem um segundo mais pensando nela. Greneforde era agora dele e assim permaneceria.

William atravessou a habitação, passou por diante da cama e saiu para a porta coberta pela cortina. Não a olhou nem uma só vez. Possivelmente era melhor, já que a frieza de seus olhos a teria fulminado imediatamente.

Quando chegou à soleira se deteve e, sem dar a volta, notificou-lhe friamente:

—Não sentia desejo algum de te possuir esposa. Greneforde era o prêmio. Posto que Greneforde e você vão unidos, não te rechaçarei porque desejo seu castelo, sua gente e suas terras.

A seguir, abandonou a estadia.

Cathryn perdeu a conta de quanto tempo tinha passado desde que William tinha abandonado a estadia. A habitação estava fria e completamente às escuras, a única luz procedia agora da tocha pendurada na soleira da porta. Lentamente, se aconchegou formando um novelo no centro da cama, de costas à luz.

Abraçando-se com tristeza, começou a tremer. Eram uns tremores que nasciam do mais profundo de sua alma e que lhe provocavam um incontrolável bater dos dentes.

Ao recordar as amargas palavras de William, sussurrou na escuridão:

—Sabia. Sabia que só lhe importava Greneforde.

As lágrimas rodaram silenciosamente por suas bochechas, formando uma rota reta e inextinguível, até que foram absorvidas, também em silêncio, por seu cabelo despenteado.

CAPÍTULO 06

Ao ouvir o rugido de William, pai Godfrey se apressou a reatar suas preces, com as mãos fervorosamente entrelaçadas sobre o peito.

John, que tinha ficado no salão um momento depois que se acabou o jantar, também ouviu o grito do lorde de Greneforde. Com olhos solenes, saiu em silêncio do salão e foi para a cozinha.

Rowland, que se achava sentado frente à grande lareira no salão, deixou de brunir a espada uns instantes. Enquanto o grito de William se desvanecia, sorriu e reatou o meticuloso trabalho.

A porta da capela se abriu com uma alarmante quietude. Só quando as velas no altar titilaram levemente, Godfrey interrompeu suas rezas. Unicamente um homem era capaz de mover-se com tanto sigilo, e sempre o fazia quando seus instintos guerreiros estavam alerta. O padre elevou a vista e topou com o rosto irritado de William, o olhar em seus frios olhos cinzas conseguiu que ao Godfrey tremessem as mãos.

—Sabia —vaiou William com aversão. Suas palavras cortaram o ar frio como uma pequena nuvem de névoa.

Godfrey mal podia respirar. Ocultou suas mãos trementes debaixo da túnica e rezou para que Deus viesse em seu auxílio.

—E eu tinha direito de sabê-lo—prosseguiu William no mesmo tom.

Tragando ar com dificuldade, pai Godfrey respondeu:

—Eu não tinha direito a lhe dizer isso.

—Contou-lhe isso em confissão.

Godfrey não podia nem assentir nem negá-lo, fazê-lo suporia uma violação de seus votos.

—A confissão é um ato íntimo entre uma pessoa e Deus —tentou desculpar-se — Eu unicamente sou...

—Preciso sabê-lo! —bramou William. Seus olhos refulgiam como dois pontos de luz fria— Foi com um? Com dez? Com todos os homens que há dentro desta fortificação? —Sua mão esquerda se crispou sobre o punho da espada com uns nódulos que tinham perdido toda a cor, e foi então quando Godfrey se deu conta de que William ia armado — Foi por amor, ou se trata de uma metida a que nenhum homem nem nenhum padre pode controlar?

Godfrey viu a dor refletida no semblante de William. Saber só uma parte da verdade o estava consumindo vivo.

—Não posso responder —balbuciou — Terá que averiguá-lo por si mesmo. Pensa no que ela disse, no que eu te disse.

William mal podia refletir. Mas tentou. Tinha que achar a forma de decifrar aquela catástrofe. Se fosse capaz de anular a dor que sentia por causa da traição de Cathryn e concentrar-se em tudo o que tinha visto e ouvido desde que tinha pisado em Greneforde... Mas isso lhe resultava mais árduo que qualquer batalha em que tivesse intervindo. Ela, com seu rosto de Santa, deitou-se com outro homem. Cathryn, com um coração tão frio como o inverno polar, tinha achado calor na cama de outro homem. Não, ela não era fria. Só era fria com ele.

—Pensa, William! —exortou-o Godfrey.

William esticou o punho sobre o punho da espada e ordenou a seus pensamentos que seguissem o caminho que ele lhe ditava. As imagens emergiram em sua mente como pássaros elevando o voo atropeladamente ante o iminente ataque de um cão. Os servos estavam atemorizados, tinha comentado Rowland. A terra estava arrasada e baldia. Não havia cavaleiros, nem escudeiros. E Cathryn tinha uma rocha no lugar que devia ocupar seu coração.

—Ela disse que tinha sido um ano muito duro para Greneforde.

Godfrey se aferrou a aquelas palavras desesperadamente.

—E te disse a verdade.

—E você disseram —repetiu William, procurando conter a raiva— que devia tratá-la como parte de meu próprio corpo.

—É a palavra de Deus com respeito ao matrimônio...

—Ah, a palavra de Deus! —repetiu William com amargura — Acaso você não me ensinou: «Olho por olho e dente por dente»?

—Não, William! —repreendeu-o Godfrey, com uns olhos cheios de horror, sem estar seguro de até que ponto William pensava explorar aquela analogia — A mulher é sempre a parte mais frágil e foi...

—Inseminada com a semente de outro homem antes que a minha! —proferiu William sem poder se conter.

—... ofendida —o corrigiu Godfrey.

—E eu não? —espetou William, refletindo toda sua dor nos olhos — Me concederam umas terras malditas, em um estado de ruína absoluta, e uma mulher também maldita. —Com uma gargalhada irônica acrescentou — Sem dúvida, a recompensa pelos serviços prestados a um soberano foi um fruto verdadeiramente amargo e podre.

Godfrey alargou sua mão e a colocou em cima da mão crispada de William que parecia pega ao punho da espada.

—Ama-a, William —lhe suplicou o padre — Te converteste em uma só carne ante os olhos de Deus.

A dor nos olhos de William desapareceu tão rapidamente como um fogo sob uma gélida noite invernal. Então respondeu com uma premeditada insensibilidade:

—Não. Amarei as terras de Greneforde e lhes entregarei toda a força de meu corpo para que voltem a florescer. —Com uns olhos tão frios e inertes como uma barra de ferro, acrescentou — Só as terras de Greneforde.

Dando a volta rapidamente, partiu tão silenciosamente como tinha chegado.

John abriu a porta e entrou na cozinha. O fogo estava apagado e viu que a espaçosa estadia estava tão limpa como lady Cathryn gostava. John suspirou com pesadez. O dia tinha sido muito longo. Primeiro, o emissário do rei Henry, e depois a chegada do homem que ia tomar as rédeas tanto de Greneforde como de lady Cathryn. Tinham preparado o banquete de bodas no meio de uma frenética correria para limpar as principais estadias do castelo, e logo também tinham dedicado muito

tempo a estudar aos homens ao serviço de William enquanto atrasavam a apresentação do jantar. Realmente tinha sido um dia exaustivo. Entretanto, ninguém tinha fechado um olho ainda a essas horas da noite, embora todos eram conscientes de que já não faltava muito para que amanhecesse.

John não se surpreendeu ao não encontrá-los dormindo, apesar de que fosse tão tarde. A verdade era que se haveria sentido sinceramente decepcionado se alguém o tivesse recebido com um ronco. E agora que tinha abandonado o salão, todos se voltaram para ele com olhos curiosos, apesar de que sabiam por que tinha vindo.

—Sabe —foi tudo o que disse.

Um silêncio sepulcral alagou a cozinha, apesar de que a confirmação não pegou a ninguém de surpresa. Todos tinham temido aquele momento desde que William o Brouillard tinha atravessado a porta de Greneforde.

—E agora o que? —Eldon expressou com palavras o que todos pensavam.

—Agora veremos de que metal está realmente feito lorde William —respondeu John lentamente.

—O que acontecerá com lady Cathryn? —inquiriu Alys.

—Não lhe fez mal. —John assegurou a todos.

—Entretanto... —acrescentou Lan com uma visível tensão.

—Não acredito que tenha intenção de lhe fazer mal —expressou John elevando a voz.

—Nem eu tampouco —voltou a intervir Alys.

—Pois então nosso novo lorde é um homem excepcional.

—E se não o é? —insistiu Lan.

—Devemos permanecer unidos e defendê-la com todas nossas forças.

A assembleia assentiu mostrando sua conformidade. Apoiariam lady Cathryn, tal e como sempre tinham feito e seguiriam fazendo, mas Greneforde necessitava um lorde poderoso como guia e protetor. Todos tinham fé em Deus de que William o Brouillard era esse homem, mas não duvidariam em ficar da parte de sua senhora se era necessário. Não permitiriam que ninguém fizesse mal a Cathryn, já que tinham aprendido o custo da passividade, e sabiam que o preço era realmente alto.

No salão, Rowland se achava sentado em silêncio enquanto seguia brunindo a espada. Sentia-se satisfeito. William tinha sua terra e sua esposa, e se sentia contente por ele. Depois de tantos anos de luta e busca, William merecia aquele momento de absoluta vitória. O dia seguinte lhes proporcionaria novos problemas ante a falta de mantimentos e a necessidade de reconstruir a aldeia, por conseguinte, o melhor era desfrutar daquela noite tranquila.

Continuando, os pensamentos de Rowland se desviaram e ele se desviou com eles, sem preocupar-se para onde o levavam. A verdade era que não lhe importava. Seus pensamentos sempre o conduziam ao mesmo lugar ao final, e fazia tempo que tinha cessado em sua tentativa de brigar contra essa realidade.

William apareceu sigilosamente entre as sombras do salão e atravessou a espaçosa estadia até ficar a tão somente uns passos de seu amigo. Aquela noite precisava falar com um amigo mais que nunca.

Rowland não elevou a vista, nem interrompeu o trabalho que o ocupava, mas quando falou, sua voz não pode ocultar a nota de ironia:

—Que estranho que um homem abandone seu leito na noite de bodas!

William cravou o olhar no fogo, sem vontade de afastar a vista daquelas hipnóticas chamas dançarinas.

—O que tinha que fazer-se, foi feito —respondeu com uma brusca simplicidade.

Sem levantar os olhos, Rowland apontou:

—E agora que já cumpriste, certamente desejará empreender novos planos, verdade?

William ouviu as palavras de Rowland, mas não lhe prestou a devida atenção. O fogo envolvia e brincava com os troncos enquanto ia consumindo lentamente. Assim era a vida: um jogo com os sonhos de um homem até que ficavam reduzidos a cinzas, apesar de que uma hora antes não teria pensado daquele modo. William tinha albergado grande esperança, tinha planejado muitos objetivos, depois da infelicidade que tinha sentido em sua infância. Ao longo de todos aqueles anos tumultuosos, beligerantes e sangrentos, jamais tinha abandonado o sonho de possuir suas próprias terras, sua própria fortaleza contra a maldade de qualquer outro homem. Tinha lutado com firmeza para demonstrar sua valia a um grande

senhor que podia recompensá-lo com terras, já que Henry de Anjou possuía muitas. Tinha lutado e lutado sem parar, tanto contra sarracenos como contra cristãos, e agora tinha uma nova batalha ante seus olhos: contra sua própria esposa.

Sentia a enorme necessidade de estar com Rowland, de escutar a voz serena de seu amigo e de lhe expressar seus próprios sentimentos. Mas não pensava lhe falar de Cathryn nem do que acabava de averiguar no leito nupcial. Ela o tinha traído, mas ele não a trairia. Agora estavam unidos ante os olhos de Deus, e William honraria aquele vínculo, não por respeito a ela, mas sim por respeito a Deus. O que acontecesse entre eles dois era um assunto privado, e assim continuaria sendo-o.

Rowland seguiu brunindo a espada, procurando não olhar seu amigo aos olhos, procurando lhe dar tempo e a intimidade que necessitava para expressar em voz alta seus pensamentos. Sua espada reluzia e já não necessitava mais cuidados, mas Rowland não interrompeu o trabalho. Esperava William. Esperaria toda a noite e seguiria brunindo sua espada até reduzi-la a uma adaga se era necessário.

—A soma de meus planos está aqui —comentou William brandamente enquanto assinalava as cinzas ao redor do fogo amarelo.

Rowland escolheu suas palavras com esmero, recordando a noite em que compreendeu quão frágeis podem ser os planos de um homem quando ficam fulminados pela poderosa mão de Deus. Sim, podia recordar aquela noite vividamente.

—Os planos de um homem se queimam e racham com facilidade. É o intuito divino —apontou Rowland sem perder a serenidade.

—Estou seguro de que nem sempre é o intuito de Deus! —explodiu William, elevando a voz — E se o for, então seus intuitos colidem com os meus!

Rowland sorriu com tristeza e afastou os olhos de sua espada.

—Normalmente nunca coincidem.

William escrutinou os olhos de Rowland e não pode evitar sorrir com amargura.

—Na verdade é certo o que diz, meu amigo. —Quando se voltou novamente para o fogo, seu sorriso se desvaneceu — Entretanto, resulta terrivelmente doloroso afastar-se dos sonhos.

—Embora do único que te afaste seja de um punhado de cinzas?

William olhou outra vez Rowland diretamente a seus escuros olhos, mas desta vez não sorriu.

—Sim, inclusive se só se trata de um punhado de cinzas —respondeu com uma enorme tristeza.

—Então constrói um novo sonho, William, e sacuda as cinzas de suas mãos. Se Deus quiser, triunfará.

William sentou na banquetta situada diante de Rowland, tentando assimilar a sabedoria das palavras de seu amigo, umas palavras que sabia que Rowland aplicou a si mesmo.

—E se Deus não o quer?

Rowland sorriu placidamente.

—Dizem que sempre há um montão de sonhos por perseguir.

O conselho de Rowland era certo, embora o que os homens diziam e o que acreditavam frequentemente tinham muito pouco em comum. Ambos permaneceram calados, fazendo-se companhia solenemente, sós na vasta escuridão do salão, cada um perdido no mistério e na beleza das chamas dançarinas. Mas William não pode encontrar um novo sonho entre as cinzas a seus pés.

CAPÍTULO 07

Cathryn despertou justo uns minutos antes de que amanhecesse, só na cama. A chuva do dia anterior tinha cessado, mas a neblina e as nuvens baixas cobriam o sol nascente. A névoa ia dominar o dia.

Alguém tinha se preocupado em cobri-la com a colcha, abrigando-a com tanto esmero como se fosse uma menina pequena, e o fogo resplandecia na lareira e esquentava novamente o quarto. Marie. Não recordava quando adormeceu a noite anterior, mas sabia que o fogo se extinguiu quando William abandonou a habitação e que ela havia se encolhido em cima da colcha. Ao recordar William, sentiu-se invadida por uma pesada sensação de perda e de letargia. Seu matrimônio tinha começado tal e como ela tinha temido. Não obstante, deveria estar agradecida, pelo menos não tinha machucados que exibir em plena luz do dia. Poderia ter sido pior, muito pior. Mas quem se não Deus podia saber o que lhe proporcionaria o novo dia? Ao melhor William tinha decidido abandonar Greneforde e ir em busca de uma propriedade mais próspera. Possivelmente tinha decidido humilhá-la publicamente e nesse preciso momento a estava esperando no salão para insultá-la diante de todos seus homens. Possivelmente William se cansou de conter sua ira e a golpearia sem clemência a próxima vez que a visse. Ele e seus homens podiam matar a todos os habitantes de Greneforde por sua cumplicidade e sua traição...

Tais pensamentos só conseguiam sumi-la em um estado de depressão. Tinha que levantar-se e ocupar-se de seus afazeres diários, com marido ou sem ele. A silenciosa entrada de Marie lhe contribuiu os ânimos que precisava.

Tirando a colcha com mais energia da que realmente sentia, Cathryn se levantou da cama com um sorriso para Marie, apesar de não albergar nenhum desejo de sorrir.

—Ah, milady, despertaste! —exclamou Marie com cara de surpresa — Pensava que não quereria levantar tão cedo, hoje. —A pena em sua voz era inconfundível.

Cathryn não podia permiti-lo, já que se o fazia, sabia que sua fiel faxineira iria esconder-se em algum rincão e passaria o dia chorando.

—E por que teria que ficar na cama, Marie? —respondeu com determinação e fingida animosidade — O sol não espera por mim, e há muitas coisas por fazer, como todos os dias.

—Sim, milady —conveio Marie com cautela — Mas...

—Vamos —interrompeu Cathryn, desejosa de resolver o tema — Te deixo que escolha um vestido por mim, e date pressa, porque a pesar do quente fogo que acendeste e pelo que estou extremamente agradecida, não posso deixar de tremer. O sol não se atrasará, e eu tenho muitas coisas por fazer.

Marie não disse nada mais, e avançou para sua senhora com um vestido de cor verde descolorido. O efeito resultante com os objetos interiores de cor branca apagada de Cathryn não era anti-estético, mas se o verde tivesse retido seu tom original, o efeito teria sido realmente fresco e festivo, especialmente com o cinturão de âmbar que inicialmente ia com o objeto. Mas fazia tempo que já não possuía aquele cinturão.

Quando teve acabado de vestir-se e de assear-se, Cathryn saiu do quarto principal sem mostrar-se indecisa e baixou as escadas até o salão. Fez uma breve pausa ante a cortina que cobria a entrada ao salão, e ouviu o ruído de vozes e de suaves risadas que se filtravam por debaixo da desfiada cortina. Não acertou a distinguir a voz do Brouillard entre elas, mas isso não a surpreendeu, mau conhecia aquele homem, apesar de ser seu marido. Então Cathryn se sentiu novamente abatida, era certo, mau conhecia seu marido.

Esperou um momento mais, nervosa ante a perspectiva de ter que olhá-lo no rosto. Era absurdo. William era agora o senhor de Greneforde, por isso não teria mais remédio que olhá-lo no rosto, e quanto antes o fizesse melhor.

Afastando a cortina com ímpeto, Cathryn entrou no salão. Após dar uma rápida olhada, confirmou que William não estava presente, nem tampouco Rowland, seu companheiro inseparável. Os homens ali reunidos deram a volta para ver quem entrava, e ela se preparou para receber olhares de recriminação ou de crueldade ou

de escárnio ou qualquer outro tipo de olhar que um homem pudesse lhe lançar pelo fato de ter pisoteado a honra de seu senhor.

Aqueles homens não fizeram nada. Alguns a saudaram com uma educada inclinação de cabeça, mas esse foi o ato mais aberto que se atreveram a realizar. Cathryn soltou o ar retido em seus pulmões com dificuldade, apenas se tinha dado conta de que tinha retido o ar. Antes que pudesse voltar a aspirar, inclusive antes que pudesse dar um passo mais para entrar na estadia, Ulrich chegou com umas velozes pernadas e se colocou a seu lado com o semblante alegre, logo a saudou com grandes dose de bom humor.

—Bom dia, milady —começou a dizer com um sorriso, realizando uma exagerada reverência ante ela e conduzindo-a cortesmente até a mesa para que pudesse tomar o café da manhã — Milord saiu muito cedo para inspecionar os campos e determinar se estão preparados para iniciar a semeia. —Subitamente, Ulrich pensou que ela podia ofender-se por essa declaração, como se estivesse pondo em suspeita a destreza dela para governar aquelas terras — Bom, a questão é que você ainda não tinha despertado quando ele decidiu sair, e lorde William pensa ficar fora toda a manhã, inspecionando os campos. Rowland o acompanha — acrescentou Ulrich, como se pensasse que ela podia estar preocupada com a segurança de seu marido — e também planejam caçar algum gamo no bosque. Você gostaria de jantar carne fresca, lady Cathryn?

Ulrich tinha recitado os planos de William sem nem respirar enquanto a guiava e a convidava a sentar-se à mesa, cortava a carne e lhe servia uma porção em um prato. Acabava de lhe servir uma taça de vinho e agora parecia estar pendente de qualquer outra necessidade que ela pudesse ter. Possivelmente a raiva que William lhe tinha demonstrado a noite anterior tinha sido só momentânea. Possivelmente ele tinha ordenado a aquele moço, apenas um ou dois anos mais jovem que ela, que atendesse com ternura a sua mulher. O pensamento lhe deu esperanças.

—Sim, Ulrich —respondeu ela lhe dedicando um sorriso — nada melhor que uma boa parte de carne fresca. Seu senhor é bom caçador?

—OH, sim, milady, para meu senhor caçar e dirigir armas é costurar e cantar — presumiu Ulrich com alegria, cruzando os braços sobre o peito com absoluta confiança como se pretendesse infundir mais importância a suas palavras.

—Não me diga! —repos Cathryn com um sorriso zombador. Isso foi tudo o que necessitou para Ulrich soltar a língua.

—William o Brouillard é um grande guerreiro, milady, embora não me surpreende que não saiba, já que Greneforde não está em um caminho muito concorrido, que digamos. Sabia que salvou a vida de Rowland? E isso que Rowland não é um cavaleiro com pouca fama.

—Não, não sabia —respondeu Cathryn brandamente, dedicando um sorriso gentil ao escudeiro que estava sob as ordens de um cavaleiro ao que indubitavelmente o jovem idolatrava.

—É um grande gesto, lady Cathryn. Quer que lhe conte isso? —perguntou animado, com as palavras a ponto de escapar dos lábios.

—Sim, eu adoraria.

—Ah, senhora, era um dia muito caloroso, como costuma ser nas longínquas terras do Oriente —começou a recitar, com os olhos fixos no pálido raio de sol que se filtrava por uma das frestas — A batalha tinha durado vários dias, mas as altas muralhas de Damasco se mantinham ainda em pé, impenetráveis. Rowland, temido pelos sarracenos por seu valor e arrojo, atacava uma e outra vez, e apesar de não conseguir abrir nenhuma brecha na muralha, negava-se a admitir a derrota. Nem tão somente quando caiu exausto aos pés da muralha, totalmente desidratado. Porque, sabia milady que não há água na terra de Nosso Senhor e que os soldados de Deus consideram a água um bem mais prezado que a pedra preciosa mais cara imaginável? —Ulrich não esperou a que ela respondesse e prosseguiu — Mas William não duvidou em cavalgar até seu companheiro para auxiliá-lo, apesar das incontáveis flechas que lhe lançavam os sarracenos, umas flechas rápidas e gordas como moscas no... eixo... tão gordas como um... como um... grande floco de neve —retificou, ao recordar quem constituía sua audiência — William esporeou seu cavalo para que galopasse mais rápido e chegou sigilosamente até a base das muralhas da desafiante Damasco e ajudou Rowland a ficar em pé. Logo, com muito

cuidado, ajudou-o a montar no cavalo e depois ele montou atrás. Suas costas se converteram em um alvo fácil para os arqueiros na muralha, mas ele cavalgou tão silenciosamente como tinha chegado. Os sarracenos ficaram impressionados e juraram em voz alta que tanto seu Deus como o nosso protegiam a aquele homem, William o Brouillard.

Ulrich tinha recitado a história com ardor em seus olhos. Cathryn se sentiu impulsionada a perguntar:

—Serviu William em Damasco, Ulrich?

Os olhos de Ulrich perderam seu brilho e olharam com surpresa lady Cathryn.

—Não, senhora. Eu ainda era um menino naquela época. Mas a façanha é muito famosa e a repetem cavalheiros em qualquer parte.

—Entendo —suspirou ela, perguntando-se que porção de verdade havia naquela história.

Ulrich reconheceu sua dúvida claramente e trocou de tema para lhe referir façanhas mais recentes de seu senhor, com a firme determinação de que a esposa de William soubesse o valor do homem com o que acabava de se casar.

—Quer que conte outra batalha? Uma em que eu desempenhei um pequeno papel? —perguntou com um sorriso encantador.

Cathryn não lhe podia negar aquele desejo, já que os pensamentos do moço eram absolutamente transparentes. E ela também sentia curiosidade por saber tudo o que pudesse a respeito de William o Brouillard.

—Continua, por favor —o encorajou com um doce sorriso.

—Fui o escudeiro de lorde William durante três anos e o vi realizar os gestos mais impressionantes que possa imaginar. —Cathryn não pode evitar sorrir ante aquele exagero — Em uma ocasião, surpreendemos a um bando de cavalheiros mercenários saqueando uma aldeia muito pobre à borda de Rin.

Cathryn deixou de sorrir, já que aquela história ativou tristes lembranças e lhe encolheu o coração. A aldeia de Greneforde tinha sofrido as mesmas desventuras, e por causa daqueles cavalheiros malfeitores, agora já não existia.

—Excediam-nos em três a um —continuou Ulrich, e os olhos brilhavam ao recordar a façanha — e eu só era um escudeiro novato, quero dizer, que não tinha

a força que agora tenho, entretanto William e Rowland não se detiveram nem um só momento a expor-se se iam intervir ou se se manteriam à margem. Com meu senhor unicamente existe uma única possibilidade, que é a que ele decide sem duvidar —se gabou com orgulho — O bando não fugiu quando nos viu, é possível que pensassem que nós queríamos nos unir a seus atos de pilhagem, mas William acabou rapidamente com o mal-entendido quando desembainhou a espada e se preparou para atacar. Rowland estava a seu lado, como sempre, e ambos enfrentaram aos assaltantes que, apesar de serem malfeitores, demonstraram ser uns guerreiros ferozes e não fugiram apavorados. Não senhora, resistiram nosso ataque até que milord se afastou um instante para iniciar outra investida. Tinha um corte no braço milady, justo por cima da axila, mas em nenhum momento pensou em bater em retirada.

A voz do Ulrich se converteu em um sussurro e ele parecia hipnotizado pelas bolinhas de pó que flutuavam na cálida luz que se filtrava através da fresta. A verdade era que Cathryn também ficou fascinada pela narração.

—Os olhos de meu senhor se tornaram negros como a morte em meio da absoluta lividez de seu rosto. Não lançou nenhum rugido nem nenhum grito de guerra para assustar e amedrontar ao inimigo, não, permaneceu tão mudo como uma tumba, e os homens contra os que lutava começaram a murmurar que não era um ser humano a não ser um fantasma enviado do além para semear o terror em seus corações pecadores. Mas um deles viu o traço de sangue que corria livremente pelo braço daquele até formar um atoleiro no chão e gritou que William sim que era um homem igual a eles e que aquele mesmo dia encontraria sua morte. Meu senhor não respondeu. Olhando fixamente ao indivíduo que tinha anunciado sua morte, agarrou o escudo com o braço ensanguentado com forças renovadas, e com a viseira elevada, carregou contra ele. Os malfeitores gritaram ao ver que todas as chamas do inferno ardiam nos olhos de meu senhor, e voltaram a repetir que carecia de alma e que era um enviado do inferno para recuperar aquela parte sagrada em todo homem que ele tinha perdido. E milord continuou cavalcando, com a espada reluzindo sob o débil sol, cavalcando para acelerar a hora em que aqueles cavalheiros iam render contas ante Deus.

Os olhos de Cathryn permaneciam fixos em Ulrich, sem atrever-se a respirar, esperando que ele acabasse com aquele relato de coragem. E o escudeiro se preparou para narrar a parte final, com uma voz tão suave que a obrigou a inclinar-se para ele para não perder nenhum detalhe.

—Brigaram com firmeza, já que aqueles homens estavam lutando não só por suas vidas mas também por suas almas eternas. Nunca antes tinha visto uma batalha tão feia —disse brandamente enquanto rememorava as imagens — Rowland não se afastou nem um segundo de meu senhor, brandindo a espada com tanta presteza como um falcão equilibrando-se sobre sua presa em busca de sangue. E quando os malfeitores se deram conta de que não podiam vencer William, feriram seu cavalo com a intenção de deixar desprotegido a meu senhor. — Ulrich sorriu — Foi uma insensatez, já que uma estratégia tão simples é incapaz de deter milord. Ele não perdeu a moderação, nem por um momento, e seguiu lutando contra eles de pé, enquanto o sangue seguia fluindo pela ferida de seu braço, aumentando o atoleiro vermelho a seu redor, como se quisesse marcar o ponto em que ia fenecer.

Ulrich ficou calado por um instante tão prolongado que, se Cathryn não tivesse visto William com seus próprios olhos e se casado com ele no dia anterior, teria assegurado que havia falecido aquele dia no meio de um atoleiro de seu próprio sangue.

—E então o que aconteceu? —apressou-o.

Ulrich a olhou subitamente e sorriu como se quisesse lhe pedir perdão pela demora.

—Um dos inimigos conseguiu lhe derrubar o escudo com uma estocada. Entretanto, William permaneceu de pé e enfrentou a eles. Seu esperado grito de derrota foi tão silencioso como seu prévio grito de vitória. Foi então quando eu desempenhei meu pequeno papel —acrescentou quase vacilando, exausto depois de ter gasto tanta energia com o relato — William permaneceu firme, com Rowland a suas costas e sua própria armadura dentada e trincada pelo fio da espada inimiga, e então me olhou. Seus olhos eram frios e calculistas, milady, e entretanto

parecia que queriam captar minha atenção com respeito a algo que unicamente eu lhe podia dar.

Ulrich a olhou seriamente aos olhos como se lhe implorasse compreensão:

—Quão único podia fazer era obedecê-lo —disse simplesmente.

Houve uma pequena pausa, como se o escudeiro estivesse tentando ordenar os acontecimentos, e então prosseguiu:

—Com a pouca força que eu tinha a essa tenra idade, corri para ele e lhe lancei um segundo escudo com todo meu impulso. Certamente Deus me ajudou, já que meu senhor agarrou o escudo sem nenhum esforço e cobriu o braço ensanguentado com uma incrível rapidez. —Ulrich se encolheu de ombros, para dissipar o ambiente de tensão que ele mesmo tinha criado — Ao cabo de uns poucos minutos, todos os inimigos estavam mortos, milady. Os aldeões começaram a emergir de trás das rochas e das árvores, com os olhos desmesuradamente abertos por causa do medo, já que, como compreenderá, eles não sabiam se nós éramos do mesmo calibre que os homens que os tinham atacado primeiro. Afastamo-nos a galope, e ninguém se aproximou para nos agradecer. Para William, isso não era importante, já que tinha feito o devido. Mas milady, me pareceu que essa gente deveria nos haver expresso sua gratidão pela grande ajuda que lhes tínhamos prestado.

—Sim, Ulrich —apontou Cathryn com suavidade, sem afastar os olhos da luz que penetrava na escuridão do salão, embora sua mente ficou naquele lugar remoto banhado de sangue — Estou de acordo contigo.

John apareceu no salão, e aquela visão conseguiu romper o transe no que ambos tinham caído com a narração de Ulrich. O moço sorriu jovialmente e se encolheu de ombros antes de servir outra taça de vinho a sua senhora.

—Meu senhor me castigará duramente se se inteira do mau serviço que lhe prestei durante o café da manhã. —Com um gesto elegante, mostrou-lhe a bandeja com embutidos que ele tinha talhado finamente — Ao William preocupa muito que me forme para que seja um cavaleiro bom e considerado, acredita que, no que respeita à formação de cavaleiros, em geral se dispõe muito pouca atenção à parte mais sensível e humana, e em troca se dispõe muita atenção aos aspectos

marciais. —Ulrich esboçou um amplo sorriso ao ver o rosto de surpresa de Cathryn - são suas palavras, milady, não as minhas.

Mas Ulrich não a tinha compreendido bem. Ela tinha esperado, ainda sabendo que era desatinado, que seu marido tivesse pedido a seu escudeiro que tivesse um cuidado especial com sua senhora. Teria significado uma pequena amostra de moderação para ela. Mas se tratava só de uma parte do adestramento de Ulrich para que se convertesse em um nobre cavaleiro, e não tinha nada a ver com ela.

Com um rápido assentimento de sua cabeça dourada, Cathryn confirmou tanto sua pena por haver-se obstinado a uma esperança inútil como também sua conformidade ante a sabedoria que William mostrava na hora de adestrar a seu escudeiro. Em realidade, tinha muito do que estar agradecida: William poderia havê-la humilhado publicamente e em troca tinha eleito não fazê-lo. Ulrich a tinha tratado com atenção e respeito. Quão único desejava era receber o mesmo trato por parte de seu marido.

Não, não era um desejo desatinado. Inclusive agora, enquanto Ulrich seguia conversando animadamente, Cathryn refletia sobre o fato de que William tivesse decidido sair a fiscalizar as terras para determinar seu estado real. Tinha muitas coisas pelas que estar agradecida, Greneforde era o mais importante para ela, e pelo visto para ele também, apesar do que tinha acontecido entre eles. E se ele estava disposto a tomar as rédeas de Greneforde, ela devia apoiá-lo.

—Ulrich —o interrompeu com educação — eu gostaria de inspecionar as alforjas com as sementes que William mencionou.

Apesar de conhecer tão pouco Ulrich, Cathryn pode apreciar que o moço se pôs subitamente incômodo.

Ela tinha razão, apesar de que Ulrich sentia algo mais que um simples desconforto. O pobre moço estava mais perto de sofrer um ataque de pânico. Aquelas sementes eram a posse mais apreciada de seu senhor, muito mais apreciada que todo o ouro ou a prata juntos ou a bolsa de joias que ele também possuía.

—Vamos, Ulrich —insistiu Cathryn sem perder a calma — Segundo o contrato, são parte de meus bens, agora que estamos casados.

Era certo. E assim, apesar de sua vacilação, o escudeiro a levou até o abrigo que William tinha eleito para depositar a maior parte do tesouro com o que tinha contribuído a sua parte naquele matrimônio. Aquele abrigo tinha sido antigamente um celeiro cheio de sacos de farinha e partes de carne e peles para vender. Mas isso tinha sido antigamente, antes que seu pai houvesse vendido mal todas as coisas de valor que possuía para ir de peregrinação. Sentada em uma arca colocada contra a pequena parede do abrigo, Cathryn sustentou as apreciadas alforjas em seu colo e deslizou as mãos entre as sementes. Em suas mãos jazia a chave para acabar com a fome. Com uma ilusão incontida, examinou e experimentou o prazer de tocar tantas sementes de tantos tipos diferentes, cada uma delas guardada dentro de sua própria bolsinha dentro das alforjas.

O quarto estava escuro e mau iluminado —ela e Ulrich só levavam uma tocha— entretanto Cathryn lhe pediu que lhe explicasse tudo o que soubesse sobre aquelas sementes. Infelizmente, o moço não sabia muito. William tinha adquirido virtualmente a totalidade das sementes antes que Ulrich entrasse em seu serviço, todas eram de um valor tão prezado para seu senhor que ninguém tocava as alforjas exceto ele. Entretanto, Ulrich fez tudo o que pode por satisfazer a curiosidade de Cathryn, e assim estavam os dois, muito juntos e na parte mais isolada do antigo celeiro, quando William os pegou de surpresa.

Ulrich, acostumado às chegadas silenciosas de William, adivinhou a presença de seu senhor antes que Cathryn o elevou a cabeça com um gesto de culpabilidade. Fazia algo que ele sabia que estava proibido: abrir as alforjas das sementes.

A Cathryn invadiu repentinamente um intenso terror ao recordar o que tinha acontecido na noite anterior e o aspecto que ela tinha quando ele partiu do quarto, nua e escancarada sobre a cama, e também elevou os olhos como se a tivessem pego fazendo algo indevido. Seu desconforto ao ver William outra vez, antes de que tivesse tido tempo de preparar-se, era mais que óbvia.

William unicamente viu os dois com aquela atitude, como se se sentissem culpados de algo. Ao recordar o que tinha feito Cathryn, supôs que ela estava tentando seduzir ao moço.

E ela leu a suspeita de adultério em seus olhos.

Cathryn ficou de pé sem perder nem um segundo, e com as alforjas nas mãos encarou a seu senhor, com olhos orgulhosos e resolvidos, sem mostrar nem um ápice de arrependimento.

—Me alegro de que tenha vindo —começou a dizer ela sem vacilar — Tinha vontade de ver com meus próprios olhos as incríveis riquezas que sustento entre minhas mãos e eu gostaria de saber como se chama cada uma destas sementes. Ulrich se esforçou muito, mas ao final admitiu que só você possui este conhecimento que procuro.

Novamente, apesar de que William não deveria ter esperado menos dela, ficou impressionado por sua reação. Além disso, ela tinha conseguido o controle da situação, lhe arrebatando as rédeas da suspeita com tanta graça como uma verdadeira perita; entretanto, a suspeita ainda pendia no ar. Apesar disso, Kathryn o tinha impressionado. Chegaria a ver o momento em que Kathryn de Greneforde perdesse o controle? «Sim», recordou a si mesmo, ela tinha perdido o controle quando tinha lutado contra ele na noite anterior na cama. Aquela lembrança não lhe satisfazia absolutamente.

William inclinou rapidamente a cabeça para Kathryn para demonstrar que não estava zangado, e a seguir ordenou a Ulrich que partisse. O moço escapou encantado da carregada atmosfera do abrigo tão rápido como suas pernas o permitiram. William e Kathryn ficaram sozinhos na escuridão, marido e mulher, com dois gravetos meio consumidos entre eles. Kathryn se sentia orgulhosa porque tinha a sensação de que ele a observava com admiração. E era certo, William estava impressionado.

Cathryn era uma beleza, apesar do que lhe tinha feito. Provavelmente esse era o motivo de sua perdição, uma mulher tão adorável, sem pais que a protegessem, tinha o direito a escolher entre os homens, apesar de que demonstrava ter uma educação moral muito pobre, com tão pouco decoro com seu corpo, a morada de sua alma. Entretanto, observando-a ali, na penumbra, enquanto as sombras debaixo de suas bochechas matizavam mais seus traços com a tênue luz e ressaltavam a profundidade de seus olhos castanhos, e seu cabelo dourado brilhava e lançava quentes brilhos de luz, William a desejou mais que nunca.

—Seu cabelo indica que corre sangue viking por suas veias —disse ele brandamente, pegando-a despreparada.

—É por parte de meu avô materno —respondeu ela após uma longa pausa — Mas por parte de meu pai, meus antepassados são saxões —concluiu Cathryn com orgulho.

Observou como ele a olhava e notou que não estava contrariado, apesar de ser evidente que não confiava nela. Cathryn não podia culpá-lo. Que homem estaria satisfeito ao descobrir que sua mulher não era virgem na noite de bodas? William era um homem excepcional, como nunca antes tinha conhecido a nenhum: um homem duro que não era desalmado, um homem sem crueldade. Essa classe de homens não abundava, mas entretanto... seus pensamentos eram realmente transparentes, e estava voltando a seduzí-la com suas doces olhadas. Excessivamente doces, possivelmente. Acaso ela não temia que aquele homem a pudesse submeter sem o menor esforço e com a mesma facilidade com que respirava? Era melhor estar alerta com ele.

—Seu físico me fala de climas frios e de territórios em constante guerra —disse ela educadamente, embora sem mostrar muita calidez.

William flexionou o braço, e apesar do apertado tecido de lã que o cobria, Cathryn pode ver como se duplicava o tamanho de sua musculatura.

—Provenho da Normandia, e não somos um povo displicente —respondeu ele serenamente.

—Possivelmente seja o sangue nórdico —apontou Cathryn com suavidade, estabelecendo sutilmente um vínculo entre eles, já que os antepassados dela e os de William haviam partido de terras nórdicas em busca de outras paragens menos inóspitas.

—Possivelmente sim —respondeu William — mas o mundo é amplo e um homem precisa ganhar seu espaço nele.

E desse modo, rapidamente, William rompeu o vínculo que ela tinha tentado estabelecer.

—E você ganhaste seu lugar —concluiu ela.

—Sim —repôs ele com um tom solene e com os olhos iluminados — Greneforde é meu.

—E o que ganha não se pode perder?

—Até agora nunca perdi nenhuma batalha —respondeu William com frieza, deixando entrever um tom de aviso — O que ganho, mantenho-o.

Cathryn sentiu uma incontível gana de provocá-lo, e não pode conter-se:

—Sim, O Brouillard, algo ouvi de sua história, assim possivelmente tenha chegado o momento de que você saiba algo da minha.

O brilho gélido nos olhos cinzas de William resplandeceu perigosamente por um momento, e ele avançou um passo para ela, com a tocha titilando em sua mão.

—Escutarei-te encantado —respondeu ele com a mandíbula tensa — embora sua explicação chega um pouco tarde.

Cathryn se sentiu ofendida, mas tentou não afundar-se. Novamente, ele ficou impressionado por sua estrita compostura.

—Minha história não fala de vencedores, mas sim de perdedores, milord — espetou ela— Perdi tudo o que possuía.

—Incluído Greneforde?

—Não —se apressou a responder — Eu lhe entreguei Greneforde, posto que minha propriedade precisa de um cavaleiro e de suas habilidades na guerra que o proteja. Passamos muito tempo sem um homem capaz de defender Greneforde.

—Em troca, você não estiveste muito tempo sem um homem —murmurou ele, apertando os dentes.

Subitamente, a Cathryn que ele tinha percebido momentaneamente —obstinada e lutadora— desapareceu, e em seu lugar emergiu a Cathryn de Greneforde que conhecia. Ela se plantou fria e desafiante ante ele, com a expressão séria e olhos gélidos. Quando voltou a falar, sua voz era suave mas insensível:

—Aqui dentro o ambiente está rarefeito. Preciso tomar ar fresco.

Cathryn caminhou para a porta, mas ele lhe bloqueou o passo. William não tinha intenção de avivar a raiva e a desconfiança entre eles. Jamais tinha conhecido um homem ou uma mulher capaz de ferir seus sentimentos de uma forma tão

poderosa, era uma experiência nova, uma experiência que não gostava absolutamente. Quem era aquela mulher que se casou?

Tentando sossegá-la, disse:

—Tinha me perguntado pelas sementes, não é verdade?

—E você tinha perguntado por meus ancestrais e eu respondi —replicou ela friamente, cortando o ar com sua cortante resposta — Suponho que esteja satisfeito.

—Equivoca-te! Não estou satisfeito, absolutamente! —estalou William, zangado apesar de sua intenção de aplacar os ânimos.

—O que importa é que a partir de agora poderá compartilhar esta propriedade comigo. Passei muito tempo só e um consorte não irá nada mal —respondeu ela, retrocedendo um passo para olhá-lo aos olhos com resolução.

—Diria que estiveste muito bem acompanhada, e não uma vez, a não ser muitas vezes! —bramou William.

—É sua opinião, e não penso em te contradizer —replicou Cathryn com uma evidente tensão — Conforme tenho entendido, é o lorde de Greneforde.

—E de tudo o que há dentro de suas muralhas —acrescentou severamente, aumentando os olhos.

—Sei —conveio ela com educação.

E seu instinto, de que William confiava às cegas, disse-lhe que não estava mentindo. Não conseguia aprofundar mais naquela mulher, Cathryn parecia sentir um evidente rancor por ele, mas não pelo fato de que se convertesse no senhor de Greneforde e lhe tivesse arrebatado sua propriedade. Não conseguia entender sua atitude. Não podia ser que ela sentisse apreensão pelos homens em geral, não, tinha provas irrefutáveis de que isso não era certo. William ia abrir a boca de novo para continuar com aquele ataque verbal em que sumiram quando Ulrich apareceu expeditivamente na porta e gritou:

—Senhor! Rowland avistou um gamo nos limites do bosque e deseja sair para caçar imediatamente! Depressa, milord! Depressa! Já posso notar o gosto da carne em minha língua faminta e meu estômago grita de alegria!

William voltou para o lugar onde Cathryn tinha permanecido de pé. Mas ela já não estava ali, mas sim tinha retornado à arca e estava depositando as sementes novamente nas alforjas com muito cuidado. Com dedos firmes, apertou as cordas e fechou a bolsa.

Voltando-se para Ulrich, Cathryn disse com uma voz agradável:

—Não se preocupe, Ulrich. William, o Brouillard caçará o gamo e hoje todos comeremos carne fresca.

—Oh! Não mostra nenhuma dúvida com respeito a minhas habilidades. De onde provém essa confiança? —inquiriu William, surpreso.

Cathryn caminhou com calma para a porta. Quando deu a volta, a tocha iluminou seu rosto com um brilho desigual, ressaltando a cicatriz sobre sua sobrancelha subitamente com uma intensa cor rosa. Ela sorriu levemente e respondeu:

—De seus próprios lábios, milord. Não é você quem se gaba de não ter perdido nunca nenhuma batalha?

—Bom disparo, William! —gritou Kendall com júbilo.

—Sua senhora tinha razão! —Ulrich saltou dando palmadas de alegria — O conseguistes! Como sempre!

—A que te refere, moço? —interessou-se Kendall, sem perder o bom humor — O que é que lady Cathryn há dito com respeito a William? Exijo um relato completo e com todos os pormenores, Ulrich. Ah! E sem licença poética, por favor.

Ulrich tentou não ruborizar-se ante tal comentário e se apressou a responder:

—OH, só é que lady Cathryn me assegurou que hoje jantaríamos carne fresca se lorde William saía para caçar.

—Vamos, há algo mais que isso —o pressionou Rowland, olhando de soslaio William, que pretendia não prestar atenção a seus companheiros.

—Lady Cathryn me assegurou que lorde William não falharia, e quando ele perguntou por que confiava tanto em suas habilidades, ela respondeu que isso era o que tinha ouvido de seus próprios lábios, ou seja, que ele havia dito que nunca perdeu nenhuma batalha. Não é esse precisamente o trato diferente que uma esposa tem que mostrar sempre para seu marido? —continuou Ulrich entusiasmado

— Esta manhã contei a minha senhora uns quantos gestos de William, e ela se mostrou realmente impressionada com suas habilidades na guerra.

—Mas o que tem feito, moço? —interveio Kendall, com uma gargalhada — Aborrecer a sua senhora com contos sobre o arrojo cavalheiresco? Acaso não sabe que as mulheres preferem mil vezes escutar louvores sobre suas próprias habilidades para atrair e seduzir aos homens ao invés de ouvir histórias a respeito da habilidade de um homem para pulverizar ao inimigo?

Ulrich pareceu desorientado por um momento, mas então se recompôs e asseverou sem vacilar:

—Estou seguro de que estava impressionada! Se mal provou um bocado enquanto eu...

Kendall riu abertamente.

—E necessita mais provas?

Ulrich não podia controlar o abafado que sentia em suas bochechas e se voltou para William com o semblante aturdido.

—O que lhe contaste, moço, para que me veja tão indômito? —interrogou-o William com um sorriso malicioso.

—Não acredito que tenha feito nada mau, senhor —balbuciou — E, de verdade, ela estava hipnotizada com o relato... Contei-lhe a batalha na aldeia de Rin... —Ao Ulrich começavam a falhar as forças.

—Não tem feito nada mau —assegurou William, sem prestar atenção às gargalhadas de Kendall — Mas embora não teve nenhum reparo em lhe narrar uma luta de valor cavalheiresco, por que não escolheu uma história em que eu não aparecesse aniquilando as pessoas?

—Pensei que isso despertaria seu fogo feminino... —Ulrich não se atreveu a admitir que tinha eleito aquela historia pelo pequeno papel que ele tinha desempenhado na hora de obter a vitória.

Kendall riu ainda mais forte, se retorcendo e agarrando a barriga. Ulrich desejou que se afogasse por falta de ar.

Rowland se aproximou de William e, sem afastar seus escuros olhos de Kendall, comentou:

—Parece-me que as palavras de lady Cathryn foram mais enfocadas a te cravar que a te adular, equivoco-me?

—Não, não te equivoca. Eu também acredito que essa era sua intenção, embora ela não traiu a si mesma, nem sorrindo maliciosamente nem me olhando com olhos zombadores. À medida que vou conhecendo-a, dou-me conta de que nunca mostra seus sentimentos mais profundos mas sim unicamente lança indiretas verbais. Entretanto, tenho que admitir que parecia sincera. —William suspirou fundo — Não sei. O que quer que te diga! Admito que realmente me tem confundido.

Rowland sorriu lentamente e olhou para o chão.

—Eu acredito que Deus criou às mulheres para que desorientassem aos homens, porque se não forem assim, nos cansaríamos delas rapidamente.

Kendall tinha deixado de rir e comentou com William:

—Um dos serventes de Greneforde me disse que estes bosques estão cheios de gamos, mas que no castelo provaram poucas vezes carne de veado desde que o pai de Cathryn partiu, e que inclusive nos últimos meses não comeram carne nenhuma só vez. —Sorrindo abertamente, acrescentou — É o senhor de um bando de folgazões, William.

William respondeu automaticamente:

—Nenhum homem é folgazão quando se trata de encher seu próprio estômago. —William refletiu embora não compreendeu aquela informação a respeito da falta de caça em Greneforde. Não podia ser por uma questão de distância, já que os bosques se achavam a escassos passos da paliçada.

William não foi o único que se perguntou o motivo da falta de caça. Rowland franziu o cenho, sem afastar os olhos do chão, perdido em suas reflexões. William conhecia aquele olhar, sabia que indicava que Rowland sabia algo que ele desconhecia.

—O que acontece, Rowland?

Rowland elevou a vista e olhou William com seus castanhos olhos decididamente sérios.

—Não sei. Simplesmente é um pressentimento —lhe assegurou enquanto lhe dava uma palmada no ombro — Não se preocupe, tentarei obter mais informação. Vejamos se posso te contar algo mais substancial antes de que caia a noite.

William assentiu e afastou o tema de sua mente. Rowland sempre tinha sido tão bom quando se tratava de obter informação como na hora de dirigir a espada.

Os servos de Greneforde tinham acabado de carregar o gamo na mula de pai Godfrey. A peça tinha começado a ficar rígida sob o frio ar invernal. Para estripá-la e sangrá-la teriam que esperar até que atravessassem a paliçada de Greneforde, que não estava muito longe.

As notícias do êxito da caçada precederam à comitiva, já que todos os habitantes de Greneforde saíram a seu encontro para recebê-los quando os cavalheiros atravessaram a porta. Com grandes mostra de júbilo, baixaram a peça da mula e a depositaram no chão gelado. Realmente não podiam esperar muito tempo mais, porque se não a peça congelaria e seria impossível estripá-la. William observou às pessoas de Greneforde enquanto dirigiam o gamo, com muito mais atenção que a que lhes tinha prestado até esse momento.

Seus movimentos eram furtivos, especialmente quando se achavam perto de William e de seus cavalheiros, e pensou nas palavras de Rowland, de que tanto os homens como as mulheres de Greneforde estavam atemorizados, tinham medo de algo. E entretanto, quanto mais longe estavam dele e de seus homens, mais tranquilos pareciam, e quando estavam com John, o mordomo, mostravam-se totalmente relaxados. Sempre olhavam John antes de realizar algum movimento, e William viu que John podia dirigi-los só com uma leve indicação com os olhos.

E o que seguia sendo absolutamente evidente era que todos eles continuavam cheios de imundície.

William olhou Rowland, e Rowland deu a volta imediatamente para ele para lhe devolver o olhar. De soslaio, William assinalou para John e logo voltou a olhar para a peça de caça, não sem antes constatar que Rowland tinha compreendido suas intenções. Rowland assentiu com a cabeça: tinha que vigiar John de perto.

Cathryn apareceu entre as sombras da porta da torre e toda a atividade ficou mais lenta e o bate-papo cessou. William se fixou naquele detalhe, igual a Rowland,

e trocaram um olhar de guerreiros peritos, como quando enfrentavam um inimigo desconhecido. Ela era a âncora daquele lugar, o eixo da roda que movia toda a engrenagem, e ela tinha traído a confiança de William. Não podia confiar em Cathryn, e se todos estavam pendentes dela para que os guiasse, então tampouco podia confiar em nenhum dos serventes de Greneforde. William estava em uma encruzilhada. Como podia ser o senhor dessa propriedade naquele estado perpétuo de suspeita e de iminente traição? Não podia. Acabava de esclarecer tanto o problema como a solução: Cathryn era o eixo. Tinha que dominá-la, subjugá-la, porque certamente todos seguiriam o caminho que ela lhes marcasse.

O sol apareceu entre as nuvens justo naquele instante e iluminou o cabelo dourado de Cathryn, conferindo-lhe belos brilhos chapeados. William deixou instantaneamente de pensar em John ou em Rowland ou em uma estratégia, só podia pensar em sua esposa e no glorioso aspecto que tinha naquele preciso instante. Cathryn permaneceu um momento no portal e logo saiu ao encontro de todos os congregados com movimentos fluídos. Com uma elegância medida, olhou para o motivo daquela grande festa: a peça caçada. Entretanto, antes de que conseguisse ver seu objetivo, William se colocou a seu lado, apesar de não recordar que tivesse decidido acompanhá-la.

—A história se repete. Não há necessidade de reescrevê-la —disse Cathryn em voz baixa, ao ver a peça. Seus gestos eram agradáveis, igual sua expressão, entretanto não sorria.

—Acaso não era o que esperava? —perguntou-lhe ele impulsivamente.

A atitude aprazível de Cathryn se desvaneceu e ela voltou a elevar o guarda antes de responder à pergunta incômoda de seu marido.

—Acaso não gostaria a qualquer homem gozar da possibilidade de reescrever a história, embora só fosse uma pequena parte dela?

—E a qualquer mulher? —cravou ele.

—É obvio —respondeu ela, com uma leve inclinação da cabeça.

Sua resposta conseguiu aplacar William. Possivelmente ela se arrependia das eleições equivocadas que tinha adotado em sua juventude e que mudaria se pudesse. A rebeldia não era unicamente um traço do domínio dos homens mas

também das mulheres. Se ela se sentia culpada, se era capaz de arrepender-se... William escrutinou o rosto de sua esposa e franziu o cenho. Estava realmente perplexo, e de uma vez encantado, já que apesar de sua cálida beleza, ela atuava sempre com uma enorme frieza, e aquela contradição o desorientava, por mais que William tentasse compreendê-la. Então a evidência o golpeou novamente: Ele não era o primeiro homem que tinha caído em suas redes de sedução, e se não era o primeiro, possivelmente tampouco seria o último. Ela tinha falado que gostaria de reescrever a história, e ele tinha chegado à conclusão de que o que ela queria fazer era reescrever sua própria história, conhecendo-a como a conhecia, o mais provável era que ela desejasse reescrever a parte que incluía a ele.

Sem preocupar-se em falar com sutileza, William lhe perguntou decididamente:

—E que parte de sua história trocaria, se pudesse?

Cathryn cruzou os braços lentamente e evitou olhá-lo no rosto. Entretanto, quando respondeu, usou um tom extremamente educado:

—Não posso fazê-lo, por isso não vale a pena perder tempo pensando nisso.

E ante aquela radical mudança de humor, desconhecida para ele antes de sua chegada a Greneforde e que tanto o desconcertavam, William procurou blindar sua própria vulnerabilidade momentânea.

—É certo o que diz —concluiu com uma contida ferocidade — Na história ficará gravado meu passo por Greneforde como seu dono e senhor.

—Assim é —respondeu ela simplesmente, sem olhá-lo aos olhos.

—E meu domínio sobre Greneforde —seguir pressionando-a, inclinando-se levemente para ela.

—Você disse isso —conveio ela, tão fria como de costume.

—Não te ocorra questionar este ponto. —William não podia conter sua ira.

—Por que insiste tanto, se ambos chegamos à conclusão de que não se pode alterar a história?

William se sentia molesto com a isca que tinha jogado a Cathryn. Estava se preparando para uma nova briga, apesar de que o teria encantado limpar a tensão reinante e averiguar os pensamentos de sua esposa, por mais desagradáveis que

fossem. Mas ela se mostrava tão fria como a bruma matinal e igualmente dura de combater.

Entretanto, William fez um último esforço.

—Sim, é a conclusão que os dois chegamos —repetiu, com uma voz intensamente gutural, e lhe capturando o queixo entre o polegar e o dedo indicador acrescentou — Não podemos trocar o passado, do mesmo modo que não podemos encaixar com precisão todas as peças de uma vasilha quebrada.

Desta vez ela não pode ocultar a profunda ofensa que lhe tinha provocado aquela estocada. Cathryn empalideceu e teve a impressão de que se encolhia até mostrar um aspecto mais próprio de uma menina que de uma mulher. Mas William havia se sentido tão humilhado que não podia sentir pena por ela.

John, igual o resto dos moradores do castelo, tinham ouvido a troca de afrontas entre o senhor e a senhora de Greneforde. John avançou até colocar-se ao lado de sua senhora, com a intenção de protegê-la de seu marido como se fosse um escudo, se era preciso. Rowland tinha captado a atmosfera carregada e combatente entre o casal de recém casados. Não compreendia a causa, embora não precisava fazê-lo. Se William discutia com sua esposa, devia ser por uma causa justa, e posto que um casal era coisa de dois, não pensava permitir que ninguém se entromettesse. Rowland olhou John com olhos desafiantes enquanto colocava a mão no punho de sua espada. John ficou paralisado, pensando em alguma outra via para ajudar a sua senhora.

—Você disse isso. —Cathryn sussurrou como resposta, mantendo as costas completamente erguidas depois da estocada mortal — Também acontece o mesmo com os votos quebrados —prosseguiu, tentando recordar a seu marido o voto de amor e amparo que lhe tinha jurado recentemente.

—E com a confiança quebrada —adicionou ele com frieza. A luz da vitória titilava em seus olhos cinzas.

John avançou para sua senhora, sem temer as consequências, enquanto Rowland desabotoava a tira que mantinha sua espada segura ao cinto.

Pai Godfrey emergiu entre a neblina e se precipitou para eles, arrastando o hábito pelos chão.

—Tudo o que vi até agora aqui são campos queimados e lares quebrados, mas não votos quebrados nem confiança quebrada —proclamou olhando William fixamente uma vez que se colocava ao lado de Cathryn — Por que não te dedica a solucionar os problemas de Greneforde, William?

William escutou as palavras de pai Godfrey e compreendeu que o único que o padre tentava era colocá-lo em seu lugar e apaziguar as águas. Respondeu-lhe com absoluta sinceridade, embora não afastou os olhos de Cathryn de Greneforde nem um só momento:

—Posso solucionar os problemas de Greneforde, com homens e sementes e com a ajuda de Deus. Sim, ocuparei-me de Greneforde.

Cathryn lhe sustentou o olhar com seus escuros olhos castanhos, absorvendo o frio cinza metalizado dos de seu marido e respondendo com tanta brevidade como o pequeno sulco que uma espada deixa na terra ao cravar-se nela.

—Perfeito. É o que Greneforde precisa —disse com cortesia, mas elevando altivamente o queixo.

John se colocou ao outro lado de sua senhora e lhe acariciou carinhosamente o braço, sem prestar atenção nem a Rowland nem a William.

—Lady Cathryn —disse o mordomo com uma voz de profundo respeito — importaria-se de fiscalizar como esquartejamos o gamo?

—Não —atravessou William – essa é uma tarefa que quero fazer eu.

—Como queira, lorde William. —Cathryn aceitou apressadamente e com uma voz suave, sem afastar os olhos dele — Se trata de uma tarefa sangrenta, das que tanto você gosta.

—Assim é, senhora —respondeu ele ao tempo que ela dava meia volta para afastar-se, ainda protegida por Godfrey e John — Não se equivoca, absolutamente, e as tarefas sangrentas necessitam água. Esquente água, milady, e muita. Antes de que acabe o dia, todos os serventes de Greneforde se banharão.

Cathryn se deteve, mas não olhou para trás. Unicamente assentiu com a cabeça, firmemente, e continuou a marcha.

William estava ansioso por começar a esquartejar a peça. Se não podia escapar da raiva e frustração que sentia por sua esposa, pelo menos encontraria alívio

atacando contra a carcaça de um inimigo derrotado. Sem perder nem um segundo, tirou sua faca e abriu a peça do pescoço até a cauda. As vísceras se esparramaram pelo chão, formando uma massa vermelha e viscosa, e William se concentrou em arrancar o coração, os pulmões e o fígado antes de seccionar o pescoço para permitir que o sangue secasse.

Quando acabou, elevou a vista, com os braços, o peito e as pernas ensanguentadas, e viu que Cathryn se deteve na soleira da torre. Ele tinha intuído que ela o observava, e por isso seus olhos não mostraram nenhuma surpresa ao olhá-la.

O olhar que lhe dedicou foi frio, e Cathryn leu seus pensamentos facilmente. Aquela tinha sido precisamente a intenção de William: ele ficou de pé, manchado com o sangue do gamo, em troca, ele não se manchou com o sangue de sua esposa. E nunca se mancharia.

CAPÍTULO 03

Cathryn subiu as escadas calmamente, apesar de desejar subir correndo para perder-se o quanto antes na relativa intimidade de seu próprio quarto, do mesmo modo que a maré desejava chegar rapidamente à borda. Era certo que seu marido não se manchou com seu sangue virgem, mas entretanto tinha derramado o sangue de seu coração durante aquela última troca de afrontas. Realmente, William o Brouillard lançava palavras envenenadas com tanta maestria como quando dirigia a espada. Acaso sua reputação se estendia além das armas convencionais que se usavam na guerra até incluir a devastação que ele conseguia com sua língua? Ou era ela quão única tinha sofrido os efeitos de sua língua afiada? Infelizmente, não era uma pergunta que pudesse expor a Ulrich.

Tão absorta estava em seus pensamentos que quando Marie apareceu sigilosamente entre as sombras que emaranhavam o quarto, Cathryn deu um salto de susto. Realmente esteve a ponto de perder o equilíbrio, por isso sua repentina reação para Marie foi um pouco severa.

—Marie! Não deveria rondar por aqui a estas horas! A torre está cheia de homens!

—Sei, lady Cathryn, mas ouvi que lorde William degolou um gamo e queria saber se era certo. É verdade, senhora? Comeremos carne fresca esta noite? — perguntou animada, e seus olhos azuis se iluminaram com esperança.

A imagem de William, com as mãos ensanguentadas e os olhos frios como o aço cortante, emergiu em sua mente. Novamente notou que ia perder o equilíbrio, apesar de ter ambos os pés firmemente plantados no chão.

—Sim —respondeu simplesmente, sem poder separar de seu pensamento o gélido olhar de William.

—OH, milady! Então tinha razão quando disse que um cavalheiro traria vida a Greneforde!

As palavras de Marie quase conseguiram lhe arrancar uma gargalhada. De novo viu William como a última vez que o tinha visto, e a visão lhe provocou tanta tortura como se acabassem de lhe dar outra estocada. Quanto tempo demoraria para apagar de sua mente aquela imagem do Brouillard, de pé sobre a carcaça do animal, coberto pelo sangue fresco de sua presa?

Mas não teve tempo de responder. Nas escadas ressonaram uns passos rápidos e ligeiros, e de repente Ulrich apareceu no vestíbulo. Provavelmente William o tinha enviado para procurar alguma coisa. O escudeiro se precipitou para Cathryn, que tentou ocultar Marie, e a jovem faxineira soltou um grito de temor ou de surpresa. —Cathryn não acertou em identificar a causa — Marie tinha sido descoberta. E pelo escudeiro de William.

Após um frenético redemoinho de saias, Marie desapareceu, com muito mais sigilo que a chegada de Ulrich. Mas Ulrich, cuja vista tinha sido treinada para encontrar e perseguir donzelas, tinha-a visto, e tão claramente para ficar prendado de seus vivazes olhos azuis e seus seios generosos. Tinha o olfato de um cão de caça, e não pensava abandonar seu empenho tão facilmente, apesar de Cathryn tentar.

—Ulrich! —chamou-o severamente ao ver que o moço tinha intenção de passar diante dela e seguir o rastro de Marie — Se pode saber com que motivos se apresenta desta forma em meu quarto? —E quando sua pergunta não obteve o efeito desejado de captar sua atenção, continuou — Acaso te envia seu senhor com algum encargo urgente?

Ao mencionar William, Ulrich se deteve em seco e soprou pesadamente. Cathryn não pode determinar se era um sinal de frustração ou de ansiedade.

—Sim, lady Cathryn. Lorde William me pediu que suba para procurar um sabão especial que prepararam especificamente para ele em Flandes, tem um aroma delicioso, e deseja tirar o aroma de sangue de seu corpo.

Cathryn tentou resistir a necessidade de comentar o grau de chateio de William com sua obsessão pela higiene pessoal, mas não pode evitar arquear as sobrancelhas nem ocultar a surpresa em seus olhos. E posto que não tinha William diante a não ser seu escudeiro, não se esforçou por ocultar a expressão.

—Seu senhor parece bastante obcecado com a higiene pessoal, Ulrich. É isso um traço comum entre os cavaleiros franceses?

—Não, milady —soprou o moço com exasperação — Unicamente de meu senhor. De todos os cavaleiros que conheci, é o único que sempre precisa estar asseado, e também exige que os que o rodeiam estejam limpos.

—Sim, já me dei conta —comentou ela com secura.

—Ah, milady, sabia que exige que me banhe uma vez à semana? —explodiu sem poder se conter, desejoso de compartilhar aquela informação escandalosa com alguém que pudesse sentir pena por ele.

—Realmente, seu adestramento como cavaleiro é do mais rigoroso —murmurou Cathryn com um sorriso.

—Trata-se de um hábito que meu senhor adquiriu na terra de Nosso Senhor, e pelo visto gostou muito dessa prática —e, tenho que confessar que também agradou a muitos outros cavaleiros cristãos, apesar de que nenhum fosse tão religioso como meu senhor— que se banha virtualmente todos os dias.

—E hoje também, suponho —concluiu Cathryn, agora mais tranquila, ao pensar que Marie já tinha tido tempo de ocultar-se.

—Assim é, milady. Tenho que encontrar o sabão ou me retorcerá o cangote! Assim, se me perdoa...

E, com a velocidade de um raio, saiu disparado do quarto.

Cathryn, que suspeitava que Ulrich se dirigiu para o quarto do senhor, tomou a direção oposta e foi para a cozinha, evitando cuidadosamente o grupo de pessoas que se congregaram ao redor da peça de caça, agora irreconhecível. Mas era William a quem desejava evitar.

John estava ali, e Alys e Lan e meia dúzia de serventes. Era óbvio que a estavam esperando.

—Lorde de Greneforde exige água quente —informou com calma.

É óbvio, Cathryn não havia dito nada que eles não soubessem. A verdade era que estava começando a perguntar-se se existia alguma fortificação entre Londres e Damasco que não conhecesse a fascinação que William o Brouillard sentia pela água e o sabão. Mas o que a gente de Greneforde não sabia era como Cathryn

pensava atuar em relação ao reiterado pedido —ou melhor dizendo, exigência— de que todos se banhassem.

—Posto que ele é o senhor, devemos acatar suas ordens —prosseguiu Cathryn com o mesmo tom afável — John, por favor, assegure-se de que haja suficiente água quente para o senhor.

—E para o resto de nós, milady? —quis saber o mordomo.

Cathryn sorriu candidamente, saboreando com antecipação sua pequena vingança. Com um brilho zombador em seus olhos castanhos, respondeu:

—Lorde William demonstrou sua habilidade na caça e hoje nos trouxe um gamo. Não é lógico que dediquemos todo nosso tempo a preparar este esplêndido manjar para que possamos saciar nosso apetite no jantar?

John sorriu, igual aos outros.

—Sim, milady —afirmou John — Estaremos muito ocupados todo o dia.

—Assim é —replicou ela, e os deixou com o trabalho.

Ao passar pelo pátio, Cathryn constatou que o grupo de pessoas que se congregou previamente no pátio ao redor do gamo se dispersou, e William tampouco estava. O sangue secou e levaram as vísceras para preparar a base dos deliciosos pratos que saboreariam durante o jantar. Provavelmente seria um festim mais próprio de suas bodas que o que tinham degustado na noite anterior, mas sem a habilidade do Brouillard, não teriam tido a oportunidade de comer carne de veado, e sem as bodas, O Brouillard tampouco teria estado em Greneforde. Cathryn suspirou. Não podia negá-lo, William estava ganhando seu posto em Greneforde. E além de seu valor, estava demonstrando seu afã, sua vontade de oferecer aos habitantes de Greneforde aquilo que necessitavam. Cathryn tinha eleito cuidadosamente as palavras quando tinha comentado a Marie que um marido seria realmente benéfico para Greneforde. E Marie tinha razão quando tinha expressado seus temores sobre se um marido seria realmente benéfico para Cathryn.

Céu santo! Mas o que passava aquele dia a Cathryn? Era evidente que ela e o Brouillard não podiam ser amigos, embora não era recomendável que seguissem alimentando sua inimizade. Greneforde dispunha agora de um lorde poderoso. E apesar de que William tratasse Cathryn com tão pouca consideração, pelo menos

não a tinha humilhado nem repudiado, o qual era de admirar. Outros homens a teriam matado ao descobrir que não era virgem. William poderia ter anulado os votos e haver partido daquelas terras, e Greneforde teria ficado na mesma situação de desamparo como estava antes da chegada do novo lorde.

Em realidade, Cathryn tinha muitas coisas que agradecer, embora seu marido fosse tão arrumado que a sumisse naquele estado de desconforto permanente, embora fosse tão atrativo com seus olhos cinzas emoldurados por aquelas largas pestanas negras, embora tivesse lábios tão sensuais e bochechas deliciosamente perfiladas. Seu aspecto era tão diferente ao dos típicos cavalheiros ingleses, de pálidos olhos azuis... Um desagradável comichão no ventre pôs fim aquela linha de pensamentos enquanto Cathryn se apressava a atravessar a porta em direção ao celeiro da grande torre.

Tinha começado a chover de novo. A chuva começava a limpar o chão que estava manchado com o sangue do gamo. Em uma hora, ninguém saberia que ali se derramou sangue. De repente, Cathryn ouviu um leve ruído e se escondeu entre as sombras.

Muito mais sigiloso que seu escudeiro, William desceu as escadas velozmente. O sangue seco cobria suas mãos, seus braços e suas pernas, e seu cabelo encaracolado brilhava opacamente, com os cachos empapados em suor. Cathryn conteve a respiração quando o viu e pegou as costas à parede porque temeu perder o equilíbrio e cair por causa da tensão. Seu coração pulsava desbocadamente mas não tinha medo. William o Brouillard era um homem tão arrumado que era digno de admirar.

Sabendo quais eram suas intenções, apressou-se a falar antes dele:

—Já estão esquentando a água, milord. Quando estiver preparada, subirão-na a seu quarto para encher a banheira.

—Vejo que antecipa meus desejos, e tenho que admitir que neste caso acertaste.

—Não é tão difícil. —Cathryn esboçou um sorriso.

—Ah, não? —replicou ele, lhe devolvendo o sorriso — Então te agradecerei que compartilhe seu talento com o Ulrich. Enviei-o para procurar...

—Sabão —acabou ela a frase — Uma mescla especial que mandou preparar em Flandes, se não estou mal informada.

—Figurava-me isso. —William grunhiu — Ulrich teve tempo para falar do encargo mas em troca não para levá-lo a cabo. Disse-lhe que primeiro procurasse em minha arca. Se não o encontrou quando subia, inteirará-se do que é bom e ficará sem jantar, por mais que seu estômago proteste.

Cathryn sorriu mais abertamente. Começava a compreender a seu marido um pouco mais que no dia anterior. Sabia que não faria mal ao moço, por mais que Ulrich o provocasse. Quem ia sabe-lo melhor que ela?

William a observou, perdido no brilho de seu sorriso e tentando resistir desesperadamente. Parecia que ambos tinham esquecido as palavras afiadas que tinham trocado uns minutos antes. William não desejava passar os dias encetado em combates verbais com sua esposa, e pelo visto ela também se mostrava propensa a iniciar uma relação mais cordial. Aquele comportamento mais depravado por parte de Cathryn o surpreendeu, já que duvidava que ela pudesse albergar algo de ternura em seu interior. Foi uma surpresa realmente grata.

Movido pelo impulso, William perguntou:

—Eu adoraria que me ajudasse a me banhar, Cathryn. —Seus olhos cinzas adotaram um brilho estranho, como um escudo acabado de brunir exposto subitamente ao sol.

Mas apesar da imensa calidez em seu olhar, Cathryn ficou petrificada.

—Mas Ulrich vos espera —sussurrou ela, com os olhos fixos nos de seu marido.

—É meu escudeiro, Cathryn. Em troca, você é minha esposa.

Sua esposa. Os pensamentos de Cathryn se iluminaram como os olhos de William. Estariam sozinhos no quarto. Ela o despiria e veria seu corpo empapado de suor, e veria como se inchavam os músculos de seus braços quando ele se agarrasse à banheira para sentar-se em seu interior. Cathryn teria o pano em suas mãos e teria que tocar aquele corpo, esfregá-lo com sabão, e notar a suavidade de sua pele e a firme musculatura. O vapor, da mesma cor que os olhos de William, empanaria sua visão...

Sim, o vapor empanaria sua visão.

Embora parecesse impossível, os dois estavam pensando o mesmo, os dois estavam visualizando a mesma imagem. William podia lê-lo nos olhos de Cathryn. E ela podia vê-lo nos de seu marido.

—É um pequeno pedido —suplicou ele com voz rouca.

—Sei —sussurrou ela, sem poder afastar os olhos dos de seu marido. E a imagem não se desvaneceu, mas sim dado que agora a compartilhava com William, foi ampliando-se até que Cathryn sentiu um intenso calor. Não podia sucumbir aquela classe de atração, não podia. Em seu coração não havia espaço para dedicar-se a ele, já que William não era um homem com o que queria compartilhar seu coração, ele queria apoderar-se de todo seu ser, e isso era algo que Cathryn não podia permitir. Não, não pensava entregar-se a ele. A voz do outro cavaleiro —o dos pálidos olhos azuis— invadiu seus pensamentos, e seus tremores se incrementaram.

Lan passou por diante deles, e ao dispor-se a subir as escadas derramou uma parte da água que levava no balde. Aquele incidente rompeu a tensão e a pressão que William estava exercendo sobre ela.

—Rogo que me desculpe —se apressou a dizer Cathryn — Há assuntos que reclamam minha atenção.

Sem esperar nem um segundo, saiu disparada, e William viu seu cabelo dourado ondeando ao vento antes de perdê-la totalmente de vista. Lan perdeu o equilíbrio e derramou mais água sobre os pés de William. Desculpou-se rapidamente e continuou seu caminho, dando as costas a William para que o senhor não visse seu sorriso de satisfação.

William mal se deu conta daquela sacanagem. Seus olhos ficaram fixos no ponto onde Cathryn tinha permanecido de pé. À medida que passavam os minutos, seu aborrecimento foi aumentando. Tinha lido nos escuros olhos castanhos de sua esposa a imagem que ela tinha tido dele, nu e empapado de água, e tinha visto a semente do desejo que emanava do mais profundo de seu ser. Mas aquele desejo se mesclou subitamente com um intenso terror.

William deu meia volta e subiu as escadas, e a cada passo que dava se recriminava a pelo fato de ser tão néscio. Chegou a seu quarto antes de ter acabado de recitar toda sua lista pessoal de insultos.

Lan foi o primeiro de uma longa fileira de homens responsáveis em subir baldes de água à habitação que William tinha compartilhado a noite anterior com a lady de Greneforde, apesar de que Lan foi o único que se mostrou tão desajeitado derramando virtualmente todo o conteúdo de seu balde. Ulrich tinha encontrado o sabão de Flandes que estava procurando e aguardava seu senhor com uma enorme toalha de linho. William permaneceu de pé em um rincão do quarto, com os braços cruzados sobre o peito, contemplando a procissão de serventes que passava por sua habitação. Além de seu aspecto cheio de sujeira, todos tinham algo mais em comum: seu visível nervosismo. Nenhum deles era capaz de atuar com tranquilidade.

Ulrich se aproximou e o ajudou a tirar a camisa larga e as malhas, quando William elevou a vista de novo, encontrou-se com meia dúzia de homens imundos olhando-o fixamente, boquiabertos. Depois de verter o conteúdo do último balde, todos desapareceram com passo acelerado. «Que atitude mais peculiar», disse para si. Embora a verdade era que quase tudo era peculiar no castelo de Greneforde.

William se inundou na água quente com um suspiro, logo entreabriu os olhos e relaxou com o penetrante calor do banho.

—Ulrich, o que pode me contar dos habitantes de Greneforde? —perguntou-lhe quando seu escudeiro começou a lhe esfregar as costas.

Era uma pergunta lógica. A maioria dos habitantes reagia com tensão ante o novo lorde e inclusive ante Rowland porque eram cavaleiros. Em troca, Ulrich, que só era um escudeiro e além disso muito jovem, tinha visto com seus próprios olhos como se comportavam com John, o mordomo: de uma forma totalmente distinta.

—Vejo-os tão nervosos e assustados como um cavalo de batalha desbocado — respondeu Ulrich honestamente.

William olhou a seu escudeiro com perplexidade. Havia mais emoção naquela resposta que o que a pergunta requeria. Pelo visto, Ulrich estava sofrendo suas próprias derrotas em Greneforde.

—Já acabaste por hoje —anunciou William subitamente, o que supôs um grande alívio para o escudeiro — vá procurar a lady Cathryn rapidamente. Desejo conhecer todos os recantos do castelo de Greneforde antes do jantar, e quero que ela seja meu guia.

Ulrich esboçou uma careta de chateio. O pedido de William tinha sido completamente formal, mas entretanto era uma ordem. Quem melhor que ele para sabê-lo?

Quando se preparava para sair do quarto, William o reteve com outro «pedido».

—Quando a encontrar e lhe der minha mensagem, quero que fique umas horas rondando pela cozinha. Suponho que a maioria dos serventes de Greneforde estarão ali preparando o jantar. Junte-se com eles, converse com eles. Quero que relaxe para que eles se sintam cómodos contigo, e que tente averiguar toda informação que possa a respeito de como era a vida em Greneforde antes de nossa chegada.

Os calculadores olhos cinzas de William escrutinaram seu escudeiro, e Ulrich suportou o escrutínio sem mal piscar.

—É uma missão extremamente importante —continuou William com um tom sério.

—Fui seu escudeiro durante três anos —apontou Ulrich com orgulho — Estou encantado de servi-lo e não o decepcionarei.

Após assentir com a cabeça, o jovem escudeiro saiu do quarto rapidamente. Estava orgulhoso de poder demonstrar sua valia... e de encontrar à moça dos olhos azul safira.

Sua missão não teve um bom início. Ulrich não conseguia encontrar lady Cathryn, e naquela teoria devia ser a parte mais fácil de seu encargo.

Cathryn, que não sabia que a buscavam, estava conversando novamente com pai Godfrey. Ao William não teria gostado, se o tivesse sabido. Felizmente, não sabia.

—De acordo, a missa se celebrará ao entardecer —disse ela brandamente, com os olhos luminosos.

Godfrey escrutinou seus olhos com compaixão, compreendendo seu pesar.

—Sim —se limitou a responder — Assim será, mas posso lhe perguntar se contou a... —Fez uma pausa, visivelmente incômodo.

—Não, não tenho feito —respondeu ela, rompendo o silêncio incômodo — Não acredito que haja necessidade. —E deu a volta para que o padre não pudesse ver seu rosto.

—William precisa sabê-lo.

Cathryn fechou os punhos com dedos crispados.

—Pedi isso ele?

—Sim —respondeu Godfrey — Além disso, se souber o que aconteceu, poderá compreendê-la melhor e se compadecerá dos duros momentos que sofrestes — concluiu diplomaticamente.

Cathryn deu a volta novamente para olhá-lo no rosto. Sua saia de cor verde descolorida se inchou formando um redemoinho a seus pés.

—Não quero que se compadeça de mim —replicou bruscamente, marcando cada uma das sílabas — Eu não conhecia William, o Brouillard durante o terrível ano que tivemos que suportar em Greneforde, nem nos anos prévios. Não acredito que tenha o direito nem a necessidade de conhecer certos detalhes privados de minha vida antes do dia em que ele apareceu. É certo que tivemos que aguentar fome e pobreza e uma cruel guerra que eu preferiria esquecer.

Godfrey cruzou o espaço que o separava dela, um espaço que ela tinha criado deliberadamente, e lhe agarrou a mão com carinho. Estava repetindo o mesmo ato que no dia anterior, quando lhe tinha tomado a mão para depositá-la sobre a mão maior e muito mais forte de William, o Brouillard. A lembrança assaltou aos dois com a mesma força.

—Agora está unida a William. Sua vida está unida à sua.

—Minha vida tal e como começou ontem, e não uma hora antes desse momento —rebateu ela com firmeza.

Godfrey aspirou fundo antes de responder. Queria explicar a ela que a vida não estava dividida em segmentos mas sim era um fio contínuo que começava no útero materno e acabava na tumba, onde a alma ressuscitava para iniciar uma nova vida. Cathryn não lhe concedeu o tempo que necessitava para tal exposição. Deu a volta rapidamente e partiu, tão fria e com as costas tão erguida e com tanta pressa como Godfrey jamais a tinha visto. Realmente, a esposa de William não destacava por expressar abertamente seus sentimentos.

Pela terceira vez naquele dia, Cathryn esteve a ponto de perder o equilíbrio e cair de bruços, e pela segunda vez, Ulrich era a causa.

—Lady Cathryn! —chamou-a o escudeiro ofegando e com as bochechas acesas por causa do sufoco — Lorde William deseja que se prepare para mostrar-lhe Greneforde, todas as estadias, para que ele possa conhecer melhor o castelo, tanto suas partes mais essenciais como as mais recôndidas.

—Obrigado pelo recado —respondeu ela — Diga a lorde William que estarei esperando-o no salão. Mas Ulrich —acrescentou, com os olhos tão sérios como foi capaz— faz o favor de deixar de correr desse modo escada acima e abaixo como se te perseguisse um demônio. Algum dia derrubará alguém em sua obsessão por cumprir os encargos de seu senhor, e esse alguém posso ser eu.

—Tem razão, milady! —admitiu o escudeiro, mas a seguir saiu disparado como uma flecha, baixando as escadas de dois em dois enquanto o rápido sapateio de seus sapatos ressonava sobre as pedras.

Cathryn sacudiu a cabeça com o semblante divertido. Ulrich era um moço nervoso mas encantador, e se sentiu invadida por uma prazerosa sensação, um bem-estar que fazia meses que não sentia.

Ao chegar ao salão, que naquele momento estava vazio, Cathryn considerou as possíveis desculpas —as desculpas plausíveis— que ofereceria a William. Sim, tinha ouvido o recado de Ulrich, mas não tinha nenhuma intenção de satisfazer aquele pedido. Ou melhor dizendo, aquela ordem.

Podia alegar que tinha que fiscalizar a carne de veado que estava assando à churrasqueira, e também tinha que encarregar-se de organizar o delicioso jantar para marcar um ato tão memorável como era o fato de comer carne fresca. Entretanto, já tinha recorrido à desculpa de fiscalizar a comida e de não chegar tarde ao jantar em seus prévios esforços por esquivar a companhia de seu marido. William poderia pensar que a gente de Greneforde era ineficiente, e não lhe fizesse graça que sua esposa não pudesse delegar essa classe de trabalhos. Possivelmente desta vez poderia recorrer à desculpa de que queria vigiar os tesouros que ele tinha contribuído a seu matrimônio alegando que era imprescindível custodiar aquelas riquezas. Em realidade Cathryn sabia que ninguém em Greneforde se atreveria a tocar no dote, mas não estava tão segura em relação aos cavalheiros que acompanhavam seu marido. Não havia nenhuma enfermidade nem ferida cujo cuidado não pudesse confiar em seus criados, posto que com isso se arriscaria a receber uma forte reprimenda por parte do Brouillard por não saber delegar apropriadamente.

Ainda estava se perguntando que desculpa podia usar quando apareceu John. É obvio! John, sempre de sua parte e com uma prodigiosa agilidade mental, daria-lhe uma solução.

—John! —chamou-o reconfortada.

O mordomo tinha entrado no salão em busca de sua senhora, e se apressou a colocar-se rapidamente a seu lado.

—Sim, milady? No que posso servi-la?

—John, o senhor quer que eu lhe faça de guia pelo castelo, que lhe explique todos os pormenores e toda a história do lugar. Entretanto, eu preferiria passar o momento concentrada em outras tarefas.

John considerou o problema por um momento. O pedido de lorde William não era incomum, ao contrário, dizia muito a favor do homem que a partir de então se ocuparia de tudo o que acontecesse dentro dos muros de Greneforde. Além disso, tampouco era uma tarefa terrivelmente pesada para sua esposa, apesar de John saber que ela não o via do mesmo modo. Em qualquer outra circunstância, Cathryn, que amava a história de Greneforde tanto como a honra, teria se mostrado mais

que solícita de poder mostrar cada estadia de seu lar a um homem que estava disposto a preocupar-se com Greneforde tanto como ela. Não era o pedido em si, tratava-se do homem que realizava o pedido. E posto que John queria Cathryn como se fosse sua filha, pensava ajudá-la.

Antes que tivesse tempo de contar seu plano, William, o Brouillard apareceu de uma forma tão súbita como silenciosa junto a Cathryn, do mesmo modo como Jesus cristo se materializou ante seus discípulos.

—Obrigado por me esperar, minha senhora —agradeceu William com cordialidade. Seu cabelo ainda estava úmido e seus cachos ressaltavam com todo seu esplendor graças ao banho — Não teria pedido que suportasse minha companhia em meu estado anterior, e posto que minha intenção é conhecer todas as curvas deste castelo, acredito que estaremos ocupados o resto do dia.

Cathryn estremeceu ao escutar suas palavras, embora lhe aguentou o olhar com porte sereno. Quando William acabou, ela olhou para John com a esperança de que ele a tirasse daquele apuro.

—Rogo minhas desculpas, milord. —John fez uma reverência — A única égua que fica em Greneforde torceu uma pata, e Tybon solicitou a ajuda de lady Cathryn para acalmá-la enquanto lhe aplica um cataplasma.

Cathryn tinha começado a afirmar com a cabeça e a afastar-se de William, sorrindo para si ao pensar na genial ocorrência de John, quando notou os dedos do Brouillard em seu cotovelo.

—Lamento-o, John —respondeu William com rosto triste, mas Cathryn notou como os dedos dele a agarravam com uma crescente força, por isso não a enganou com sua falsa tristeza — Tybon requer ajuda para a vendagem de uma égua? Refere-se à velha égua que estava sozinha no estábulo quando eu cheguei ontem? E quantos anos tem esse tal Tybon, que requer ajuda para proteger a um animal velho e macilento?

John não respondeu. Simplesmente olhou a Cathryn com olhos resignados.

Cathryn não pensava dar o braço a torcer tão facilmente.

—Tybon não é um inepto, nem tampouco é incapaz de encarregar-se sozinho da égua. Mas sabe que o animal estará muito mais tranquilo se eu estiver presente. —

Cathryn se calou e olhou William com olhos decididos — O bem-estar do animal é mais importante que o orgulho de Tybon, não está de acordo? —concluiu com firmeza.

—Não, Cathryn, não acredito que uma égua precise de sua presença, e posto que as éguas são animais imprevisíveis e nervosos, prefiro que se mantenha afastada dela.

A seguir, William rodeou a sua esposa pela cintura com seu braço livre e a guiou para a escada da torre, mostrando-se acima de tudo um marido apaixonado apesar de ela e todo mundo em Greneforde saber que não estava.

—John —gritou William por cima do ombro — seguro que há alguém mais que possa substituir Cathryn em tão árduo trabalho, não te parece?

—Sim, lorde William —respondeu o mordomo pausadamente — Já me encarregarei de procurar alguém que substitua à senhora.

William sorriu e reatou a marcha com sua esposa, baixando as escadas lentamente, para iniciar o percurso pelo castelo da base para cima. Mas John não se sentiu contrariado ante aquele giro, apesar de saber que lady Cathryn devia estar extremamente nervosa. Sem dúvida, William o Brouillard era todo um cavalheiro —e um cavalheiro que sabia controlar qualquer situação com maestria — Não se tratava de controlar a Cathryn a um elevado preço e a custa da perda de qualquer outra emoção, o controle que o senhor exercia era mas bem o de um guerreiro acostumado a fazer-se valer por sua própria força e que se sentia confortável dando ordens. A qualquer preço, nem mais nem menos. E algo mais: William tinha o poder de seduzir a partir da gentileza.

John sorriu ao ficar sozinho no salão vazio. Já não via aquele indivíduo que tinha chegado no dia anterior, e que se converteu da noite para o dia no lorde de Greneforde, como a um desconhecido e um inimigo ao que temer. John estava convencido. Assim, já não pensava erigir-se como escudo protetor entre Cathryn e seu marido, tanto se lady Cathryn estava de acordo como se não.

Naquele momento, a senhora em questão se achava de pé com seu marido sob a gélida chuva invernal. Ele continuava agarrando-a pelo braço com tanta firmeza

como se sustentasse uma tocha de guerra. A Cathryn não fazia a menor graça aquela atitude controladora.

—E isto que vê é a chuva inglesa —pronunciou Cathryn com os dentes apertados.

Para sua surpresa e exasperação, William pôs-se a rir e lentamente lhe soltou o braço. A seguir, olhou-a fixamente, da cabeça aos pés, e logo voltou a repassá-la de baixo acima, até que fixou os olhos em seu rosto. Ela sustentou o seu olhar, embora adotou um semblante insondável para que ele não pudesse lhe ler os pensamentos.

—É fria como o gelo, minha querida esposa. —William riu agradado, e depois acrescentou com uma voz gutural — Entretanto, não tão fria como pensava ao princípio.

Naquele momento, Cathryn foi consciente de que, sem saber como, acabava de perder uma parte da batalha contra ele. Não podia permitir o luxo de seguir cortando a distância entre eles.

—Faz um dia espantoso para permanecer aqui fora, milord, e além disso, estou gelada —respondeu ela criticamente.

—De acordo, Cathryn. —Sorriu — Não penso discutir contigo. É verdade, faz um dia espantoso.

Cathryn o observou sem pestanejar, e ao ver seu semblante divertido deu meia volta e se afastou dele. William a seguiu de perto, e com somente um par de pernadas se colocou a seu lado.

Ela se sentia terrivelmente incômoda, e ele sabia que o estado de crispação de sua esposa se devia a algo mais que o mau tempo. Sentia-se terrivelmente incômoda porque estava com ele, e essa asseveração não agradava-o absolutamente. Por que não queria estar com ele? Não conseguia compreendê-lo. Sabia que era uma loucura tentar desfrutar da companhia de sua esposa, apesar de saber que outros sim tinham gozado de sua companhia antes que ele.

Não podia confiar em Cathryn, e em realidade não confiava, nem jamais o faria. Ela o tinha traído antes de casar-se com ele. Entregou-se a outro homem, aceitando seus braços ao redor de sua dourada esbeltez e acolhendo sua semente em seu

útero. Não, jamais confiaria nela, mas agora eram o senhor e a senhora de Greneforde, assim que o mais conveniente era que lhe desse respostas.

William teria que tentar mitigar o prazer que sentia quando estava com ela.

—Tenho entendido que o salão foi construído durante o reinado de Henry I — começou a comentar ele, mostrando interesse.

—Sim. Aproveitaram uma antiga edificação —respondeu ela, e se deteve um instante— Este castelo tem muita história —expôs com uma voz melancólica, sem afastar os olhos da linha da muralha.

—E além disso é um lugar muito estratégico —acrescentou ele, a modo complementar.

—Sim, e muito desejado... faz muitos anos. —Cathryn acabou a frase rapidamente, como se não desejasse que os pensamentos de William se desviassem para aquela direção.

—E também agora —adicionou ele galantemente.

Cathryn optou por não responder diretamente aquele comentário e prosseguiu:

—O pai de meu pai reconstruiu o castelo com pedra durante o reinado de Henry, e meu pai construiu a paliçada antes de iniciar a peregrinação.

Cathryn e William permaneceram no centro do pátio, e ele se mordeu a língua enquanto se dedicava a contemplar tudo o que o rodeava. Cathryn viu o que ele via. A horta era pequena, três árvores tinham morrido por causa de uma enfermidade nos últimos anos, e ela não estava segura se os criados tinham visto se a enfermidade não se estendeu ao resto das árvores. No estábulo, que tinha o teto meio caído, não havia cavalos puro sangue, a menos que a gente contasse os numerosos equinos que William havia trazido com ele como parte de seu dote. A torre era uma edificação sólida, mas a paliçada de madeira que rodeava o castelo não tinha sido eregida em pedra, tal como se usava naquele tempo. Greneforde não tinha satisfeito as expectativas iniciais, quando o avô de Cathryn tinha começado a construí-lo tanto tempo atrás. Como uma mãe orgulhosa, ela não duvidou em defender sua propriedade.

—Antes de que meu pai partisse, as edificações estavam em bom estado e nunca faltava comida. Meu pai inclusive tinha decidido envidraçar as frestas do salão.

William não a interrompeu. Deu a volta para olhá-la com atenção, visualizando a imagem daquela época gloriosa em que aquele castelo tinha sido poderoso e transbordante de vida, e viu o desejo daqueles dias nos olhos escuros de sua esposa. Não, não a interrompeu. Sabia o que significava perder um lar, de uma maneira ou outra.

—O quarto principal estava decorado com seis magníficas tapeçarias confeccionadas por um reputado artesão que resplandeciam com seus fios brilhantes —continuou ela com o semblante nostálgico — A cama de meu pai era macia porque estava coberta com colchas de pele e seda, e as cortinas eram de damasco, realmente, era uma cama muito acolhedora. Tinha contratado uns pintores para que pintassem as travessas do teto de cor vermelha e amarela quando... —Sua voz se quebrou, e cravou os olhos no chão enlodado a seus pés.

William não quis interromper aquele estado de ensimesmamento no que parecia ter caído sua esposa. Era a primeira vez que via a mulher que havia debaixo do gélido controle atrás do que ela se defendia, e não queria que essa súbita emoção desaparecesse. Sem saber por que, sabia que a sensação de desamparo se intensificaria quando ela saísse daquele estado hipnótico.

Cathryn elevou os olhos e com o olhar varreu lentamente a torre que seu pai tinha construído.

—A edificação estava virtualmente acabada quando minha mãe faleceu. Meu pai se assegurou de que acabassem as obras, embora seu coração já não estava aqui. Seu coração e sua alma estavam naquela peregrinação que tanto desejava realizar, e não pensava descansar até que pudesse tocar a terra que tinha pisado Nosso Senhor. E não retornou —sussurrou Kathryn — Tenho o pressentimento de que ele sabia que morreria ali. — Entrelaçando as mãos com firmeza, Kathryn disse quase sem força: —E uma peregrinação não sai barato, é uma viagem muito cara.

Após um longo silêncio, e só quando William teve a certeza de que ela não pensava acrescentar nada mais, perguntou-lhe:

—Quantos anos passaram desde que seu pai partiu?

Cathryn não o olhou, nem tampouco deu nenhum sinal de havê-lo ouvido até que finalmente respondeu:

—Seis anos.

William ficou paralisado. Ela tinha passado seis anos sozinha, assumindo a absoluta responsabilidade de Greneforde e de toda sua gente. Seis anos sumidos em uma intensa guerra civil, em um caos absoluto. Seis anos realmente cruéis. E ela era só uma menina de doze anos. Olhou-a com compaixão. Realmente, tinha carregado com um peso descomunal a uma idade tão tenra.

—Tem-no feito muito bem, Cathryn —a adadou com voz cálida.

Ela deu um pulo subitamente, como se acabasse de despertar de um sonho, e o olhou com os olhos imensamente abertos. Pelo visto, tinha esquecido que ele estava ali com ela, a seu lado.

—Não, não o tenho feito bem —se lamentou com amargura, e desviou a vista.

William não podia rebater aquele ponto com ela. Greneforde estava a beira da ruína. Os campos não produziam mantimentos. A aldeia tinha sido saqueada e queimada. Ela não era virgem quando se casou com ele. Não, evidentemente, Cathryn não tinha sabido levar as rédeas de Greneforde.

Mas seguia sentindo uma profunda compaixão por ela. Cathryn tinha preenchido sua sede de informação, e William sabia que Rowland e Ulrich completariam com mais detalhes aquela história que agora começava a conhecer. E John, o mordomo. Sim, muito em breve John receberia uma visita da parte de seu senhor. William desejava conhecer todos os pormenores da história de Greneforde, e pensava saber tudo antes de voltar a deitar-se com Cathryn.

—As sementes que trouxe de tão longe reclamam por terra —apontou ele com educação, tentando afastar qualquer pensamento funestro tanto de sua mente como da de sua esposa — É boa a terra de Greneforde?

—Sim, aqui crescerão e florescerão, se for capaz de manter a raia os cavalos de batalha, os ladrões e os cavalheiros malfeitores —respondeu ela.

William sorriu e lhe ofereceu seu braço.

—Mostre-me os campos férteis Cathryn, da parte superior da muralha, para que possamos determinar o lugar mais idôneo para plantar a colheita.

Cathryn apoiou sua mão sobre o braço de William mal roçando-o. Não desejava exasperá-lo novamente, agora que se mostrava tão cordial com ela, entretanto, não se sentia cômoda com o contato físico.

William diminuiu a marcha para poder seguir o passo de sua esposa, e a escoltou até uma das almeias, e dali contemplaram os campos de cultivo totalmente devastados.

—Foram ferozmente arrasados —informou ela, como se pretendesse desculpar-se.

—Como o resto dos campos na Inglaterra —matizou ele cortesmente.

—Greneforde necessita de você, William o Brouillard —proclamou Cathryn impulsivamente, mantendo a vista fixa no horizonte, procurando não revelar a profunda verdade daquelas palavras a seu novo marido, que seguia sendo um desconhecido ante seus olhos.

—Estou aqui —pronunciou ele solenemente, observando-a de perfil, entretendo-se com seus traços dourados e delicados em contraste com a fria umidade daquele dia cinza — E procurarei prover Greneforde de tudo aquilo que necessite.

Ela não soube o que responder aquela declaração. Não lhe ocorria nada, enquanto seu coração pulsava desbocadamente em seu peito e subitamente sentia uma imensa sensação de frio, como se suas mãos se convertessem de repente em neve. Tinham-lhe repetido um milhar de vezes que ela e Greneforde eram uma só unidade. Incluía-a ele em sua promessa? Pela primeira vez, Cathryn desejou que assim fosse. Em tal caso, sua identidade dual com Greneforde não seria uma carga tão pesada que aguentar, por mais que ela suportasse aquela carga com esperança e ilusão.

William rompeu a pesada imobilidade no ar entre eles quando disse brandamente:

—A verdade é que eu também necessito de Greneforde. As sementes que trago provêm de muito longe, e procuram um lar, igual a mim.

Apesar de ter pronunciado aquelas palavras com um tom risonho, a declaração continha uma grande verdade, e Cathryn notou, inclusive se não soubesse que de menino tinha perdido as terras de sua família.

Com a intenção de ajudar William a liberar a carga emocional entre eles, Cathryn também ficou falando das sementes que ele havia trazido. Não era um tema superficial, e ambos demonstravam um genuíno interesse nele.

—É um cavalheiro do mais incomum. Mostra um enorme interesse nas colheitas, entretanto a arte da guerra deveria ser tanto um passatempo como uma profissão para uma pessoa de sua posição —comentou com um leve sorriso.

—Não é tão incomum sentir fascinação pela produção de comida, quando a gente passou fome durante muitos anos —respondeu com um sorriso que fez que Cathryn se esquecesse da suave chuva que a empapava pouco a pouco.

Realmente William era muito sincero quando o propunha, e realmente, Cathryn podia sentir-se muito afortunada de ter um marido como ele.

—Sua experiência como cruzado pela Terra Santa o mudou muito, suponho —remarcou Cathryn.

—E como crê que me mudou se não sabe nada de mim? —provocou-a William com suavidade. Mas não com um tom suave gentil, a não ser com a calma espectadora antes da tormenta.

—Eu... eu... —gaguejou ela, confundida ante sua brusca mudança de humor —Quero dizer, que não parece um cavalheiro comum, milord.

Cathryn tinha a impressão de estar enredando a conversação, mas não sabia como sair daquele atoleiro.

A voz de William foi tão fria como a chuva, e seus olhos tão agudos e frios como o fio da espada:

—Minha senhora, pretende me adular com palavras fáceis, ou é que acaso tem muita experiência no que concerne a cavalheiros?

Cathryn fechou os olhos para ocultar sua dor. Pois bem, já tinha a resposta. Ele suspeitava que ela era uma grande pecadora, uma viciosa, e se apoiava em uma prova sólida e inexpugnável. O pior de tudo era que não podia desmentir tal

acusação, já que sua prova era irrefutável. Tinha-a pego despreparada naquele assalto. Isso era o que mais lhe doía. Entretanto, não voltaria a acontecer.

Sozinha, de pé, e totalmente gelada frente ao calor da raiva e suspeita que irradiava de seu marido, Cathryn tentou recuperar sua dignidade. Decidiu procurar abrigo em sua couraça interna, e lentamente erigiu o queixo com arrogância.

—Nenhuma coisa nem a outra, milord.

Não pensava oferecer nenhuma resposta mais, considerava que já lhe tinha proporcionado mais informação de si mesma que o que pretendia quando ele a tinha levado do salão. Com elegância e presteza, Cathryn desceu as escadas e cruzou o pátio para voltar a entrar na grande torre.

William não fez nenhum movimento para detê-la nem para acompanhá-la. Não desejava estar perto dela, agora que se sentia invadido por uma ira tão incontrolável.

E, apesar de odiar admiti-lo, entreteve-se contemplando os graciosos meneios de sua esposa.

Nunca conseguiria estar em paz com aquela mulher. Podiam alcançar um campo neutro e inclusive assinar a paz, mas não o conseguiriam, porque ele não podia esquecer que ela era uma mulher que tinha aceitado seu voto e suas carícias ainda sabendo que era impura. O fato de que tivesse gozado com as carícias íntimas de outro homem, ou possivelmente de vários homens, o qual devia constituir um laço sagrado que estava reservado a um homem e a uma mulher, carcomia-o sem remédio, e a intensidade de sua fúria se incrementava a cada hora que passava desde que a conhecia. Não obstante, William não pensava renunciar a Greneforde, apesar de o preço a pagar fosse elevado e realmente pesado, e mais à medida que ia conhecendo melhor a sua esposa.

Cathryn não queria compartilhar seu coração com ele, e isso era uma realidade que ia contra ele e a favor de outro homem. Passar o resto de seus dias com uma mulher assim... Entretanto, William tinha aprendido algo em sua última troca de acusações verbais: Cathryn não era tão fria nem tão insensível como aparentava. Começava a acreditar que a admirável compostura que guardava sua esposa era o resultado de um esforço conseguido à custa de muita prática.

Que néscio era! Como podia sentir-se atraído por uma mulher assim?

CAPÍTULO 09

Acabavam de servir o jantar, justo o primeiro prato, quando Rowland fez sua aparição no salão. Retornava de sua investigação a respeito da história de Greneforde... e de Cathryn. William sabia. Ulrich o tinha cercado previamente, antes de que servissem o jantar, para expressar seu desalento ante a impossibilidade de averiguar dados relevantes. A gente de Greneforde se mostrava cordial com ele, mais cômoda com ele que com os cavalheiros que rodeavam ao Brouillard, mas entretanto, ninguém lhe tinha revelado nada. Ulrich tinha tido a destreza de não pressioná-los, já que não pensava abandonar seu propósito tão facilmente, sua intenção era mostrar a William sua valia. Precisamente por sua destreza tinha sido sinceramente adulado. Não tiraria nada em positivo se a gente de Greneforde pensasse que seu lorde não jogava limpo. Mas Rowland tinha o dom de compreender além do que seus interlocutores lhe contavam. Rowland sim que lhe traria novas, seguro.

Cathryn e William, sentados em uma educada animosidade e juntos pela primeira vez desde que tinham mantido aquela tensa conversação entre as almeias, observaram-no enquanto Rowland se aproximava. Cathryn nunca o tinha visto tão circunspecto. Nem William tampouco.

Rowland se sentou junto a Cathryn, o lugar que lhe estava reservado por ser o melhor amigo de William, e começou a comer. Não parecia estar saboreando o jantar. A verdade é que tinha o semblante crispado, como se fosse engasgar-se de um momento a outro com qualquer bocado. Só enfocava seu olhar contrariado para William, em troca, não olhou a Cathryn nenhuma só vez. Era como se ela não existisse, como se carecesse de substância. Ou como se esse fosse o objetivo de Rowland: convertê-la em um ser invisível. Com o ar tão rarefeito entre eles, Cathryn perdeu o apetite. Instintivamente, procurou a taça cheia de vinho.

Cathryn suportou os dois primeiros pratos em silêncio. Quando Ulrich lhe tinha enchido a taça pela terceira vez e John trouxe a carne de veado, tentou recuperar as forças para falar.

—Rowland —disse — hoje, tanto meu senhor como seus cavalheiros ganharam a gratidão de todos os habitantes de Greneforde. Faz muito tempo que não provávamos carne fresca. Estou extremamente agradecida.

Rowland, tão hábil em temas de diplomacia como em cavalheirismo como William, reagiu de uma forma impensável: não disse nada. Parecia como se não tivesse ouvido suas palavras, seu agradecimento, como se não se desse conta de sua presença. Rowland olhou fixamente William, e seus olhos escuros refulgiram com um fogo interno.

O estado de ânimo de William não fez mais que piorar.

Cathryn voltou a agarrar sua taça.

William colocou a mão em cima da de sua esposa para evitar que ela seguisse bebendo. Com uma resignação que ele pôde notar, ela relaxou a mão sobre a toalha de linho, sem tocar a taça que estava a seu alcance. William não pensava permitir que ela recorresse ao mesmo estratagema para livrar-se dele. Aquela noite não. Não quando ele estava utilizando todas as suas habilidades, sua força e sua disciplina para lutar contra o desejo de deitar-se outra vez com ela imediatamente.

Atormentava-o que sua esposa queria embebedar-se outra vez. Não ficava mais remédio que admitir que Cathryn era realmente bela, mas era tão matreira e enganadora como uma serpente. Não podia confiar nela. Era impura. Indomável. William não podia apaixonar-se por uma mulher como ela, entretanto, a delicada linha de seu nariz, a esbelta curva de sua garganta, a fina suavidade dourada de seu cabelo lhe indicavam que Cathryn não era assim. Ao olhá-la, podia acreditar que era pura e digna e inocente. Ao olhá-la, desejava protegê-la e possuí-la naquele preciso instante. Quando estivesse convexo sobre ela, sobre seu corpo lascivo, entre suas pernas de pecadora, pediria a gritos a Deus que se vingasse daquela mulher perversa. Entretanto, sua agonia se devia ao feito de que ainda morria de vontade de deitar-se com ela.

Greneforde devia ser seu único objetivo, tal como tinha sido durante inumeráveis anos, tantos que William não podia contar, apesar de não ter conhecido o nome de seu futuro lar até justo dois dias antes. Greneforde era seu lar. Greneforde seria a propriedade de seus filhos, de forma legítima. «Mas para ter filhos tinha que fazer amor com Cathryn...»

Não! Greneforde era o objeto de seu desejo, só Greneforde. Não tinha desejado uma esposa, e muito menos uma esposa adúltera. Sim, adúltera, porque tinha jazido entre os braços de... quem?

William tomou um sorvo de vinho em silêncio. Cathryn, cujo braço estava agora imprensado pela força de sua inviolável mão, não o olhava, apesar de poder notar perfeitamente a ira de seu marido. Uma ira silenciosa, tão silenciosa como quando uma espada se afundava lentamente na pele, e igualmente funesta para seu coração.

Possivelmente a ira de William era a forma que ele tinha eleito para matá-la, porque estava segura de que não sofreria tanto se ele a degolasse com a espada. Pelo visto, entretanto, William preferia vê-la agonizar.

À medida que sua ira e sua tortura se acrescentavam, também se acrescentava a frieza no mais profundo do coração de Cathryn, até que William se deu conta de que ela se defendeu novamente atrás daquela fachada de gelo impossível de franquear. Se ele decidia aplicar sua ira contra ela, só conseguiria topar com um bloco de gelo, e ela estaria a salvo e não sofreria.

Sim, Cathryn estaria a salvo. Ela sabia, era uma via que resultava familiar.

Pai Godfrey, sentado ao outro lado de William, compreendeu a tensa situação. Posto que conhecia perfeitamente William, sabia que seu desconforto frente a seu matrimônio não tinha feito mais que aumentar da noite anterior, e que provavelmente tinha enviado Rowland para obter informação sobre sua esposa. Sempre faziam o mesmo. Sua amizade se remontava há muitos anos atrás, e era uma amizade que se apoiava em uma absoluta lealdade. Rowland teria arrasado a terra sem olhar, com tal de obter a informação que procurava para proteger William. Rowland sabia o que tinha passado em Greneforde. Levava esse conhecimento escrito no rosto, e se notava que estava ansioso por compartilhá-lo com William.

Godfrey suspirou e tomou um sorvo de vinho. O certo era que ele também tinha vontade que William soubesse as desventuras de Greneforde e da senhora de Greneforde durante os últimos anos. Resultaria duro escutar o relato, entretanto, acreditava que William seria capaz de assimilar a verdade. Do contrário, jamais se sentiria em paz com aquela suspeita que o consumia. E, apesar das objeções de Cathryn, Godfrey acreditava que se William descobria a verdade, ela não ficaria lastimosa por mais tempo. Ao contrário, seria benéfico para ela, se seu marido compreendia os anos de desespero que Greneforde tinha tido que suportar até chegar a borda da ruína.

—Rowland —interveio Godfrey para acabar com o opressivo silêncio que reinava na mesa principal — lorde William não poderá saborear o jantar, um jantar tão esperado, até que não escute as palavras que pugnam por escapar de seus lábios. O mais conveniente é que os dois saiam fora e falem. Eu ficarei com lady Cathryn e a entretereirei com histórias sobre combates até que retornem.

Rowland ficou de pé sem pronunciar nenhuma só palavra. A brutalidade de seus gestos denotava sua ânsia por falar, seus olhos escuros pareciam apressar William para que o seguisse até a porta do salão. William também ficou em pé, apesar de sua atitude não parecer tão urgente. Tinha enviado Rowland para averiguar tudo o que pudesse sobre Cathryn e Greneforde, mas havia uma parte dele que se esgotava ante as suspeitas do que ia ouvir. E entretanto, seguia sentindo-se atraído por sua esposa. De acordo, escutaria o que tivesse de escutar. Não havia outra saída.

Sem afastar a vista de Cathryn, disse:

—Espero que desfrute do jantar, Cathryn. —A seguir, acrescentou brandamente, sem afastar os olhos dela — Ulrich, por favor, não sirva mais vinho a minha esposa, temo que a deixe inapetente.

Ela não disse nada mas sim se limitou a olhá-los visivelmente angustiada, enquanto William e Rowland abandonavam o salão. William o Brouillard era um homem imprevisível, estava tão consumido pela ira como pelo desejo, e ambas as emoções giravam freneticamente em torno dele na mesma corrente. Definitivamente, era um homem imprevisível. Cathryn podia compreender sua ira,

em troca, não teria esperado ver aquele desejo carnal irrefreável por ela depois do que tinha acontecido na noite anterior. Não depois de lhe ter declarado abertamente seu mais absoluto desprezo enquanto ela jazia nua sobre a cama.

Pai Godfrey ocupou a cadeira de Rowland e desse modo ficou sentado ao lado de Cathryn. A expressão normalmente sossegada dela tinha sido substituída por um gesto de evidente confusão. Desejoso de reconfortá-la sem trair a confiança de William, Godfrey lhe disse:

—Rowland possui informação a respeito de Greneforde que é de suma importância para o bem-estar destas terras e também para o bem-estar de William. Logo retornarão à mesa.

Cathryn assentiu, com seus castanhos olhos fixos em seu prato, que continha o jantar virtualmente intacto.

—O vínculo entre eles é muito forte —comentou ela, ao dar-se conta de não lhe ocorrer nada mais relevante que dizer. O comentário de William a respeito de sua perda de apetite não a deixava concentrar-se.

Godfrey sorriu.

—Sim, um vínculo inquebrável.

Cathryn levantou a vista do prato, com uma evidente curiosidade nos olhos. O sorriso de Godfrey se ampliou. Tinha conseguido seu propósito: afastar à senhora de Greneforde dos pensamentos mais desgraçados.

—Necessita-se tempo para estabelecer essa classe de vínculo —comentou ela.

—Tempo e boa disposição —adicionou ele.

—Inclusive briga? —interessou-se Cathryn.

—Sim, compartilharam muitos golpes neste mundo —disse Godfrey — Mas isso unicamente fortaleceu mais sua amizade. Por isso dizem que não há mal que por bem não venha. Deus apura mas não afoga.

Cathryn voltou a cravar os olhos em seu prato, com uma expressão risonha.

—E é verdade que Deus não afoga? —perguntou brandamente.

—Sim, Cathryn, é verdade. Apesar de custar muito dar as graças a Nosso Senhor quando os obstáculos encharcam o caminho que escolheu para nós. Mesmo assim, deveríamos lhe estar agradecidos.

—E William —se arriscou a perguntar ela — deu graças a Deus quando perdeu as terras de sua família?

Os olhos de Godfrey não refletiram nem censura nem surpresa. Simplesmente respondeu:

—Assim sabe algo a respeito da longa luta de William por obter Greneforde? Pergunto-me se sabe toda a história.

Antes que Cathryn pudesse responder, ele indicou:

—Não, não é possível. Como pode alguém conhecer a história completa de outra pessoa? Cada homem percorre o caminho de sua vida sozinho, salvo pela constante companhia de Deus, que sabe todos os detalhes a respeito de todos nós.

Godfrey suspeitava que Cathryn compreenderia mais a seu marido se soubesse as penúrias que William tinha passado ao longo de sua vida, entretanto, não queria ser ele quem explicasse aquelas desventuras. Tinha que ser William que o contasse, e se ela queria sabê-lo, teria que perguntar a William.

—Rowland e William se conheceram em Damasco, sabia? —perguntou-lhe ele.

—Sim, Ulrich me contou uma bela história de valor sob o sol abrasador e à sombra das muralhas —respondeu ela com um sorriso.

—Efetivamente, uma bela história, e também certa —a informou Godfrey — Após, não houve obstáculo que os tenha separado, nem a grande tristeza de Rowland.

Godfrey deixou cair aquela informação como por acaso. Compreendia às mulheres melhor que muitos outros homens que dedicavam sua vida a Deus.

Quando Cathryn não pôde conter mais sua curiosidade, perguntou:

—E qual é a grande tristeza de Rowland?

Godfrey se acomodou na cadeira e brincou com as borlas da almofada antes de começar a relatar o que Cathryn já tinha previsto que se perfilava como uma história longa e triste.

—Se sabe da história de Damasco, provavelmente também saberá que Rowland d'Albret é de origem francesa, mas não provém da Normandia, como William. Rowland é de Aquitania. —Godfrey suspirou e tomou outro sorvo de vinho. Cathryn aguardou que ele retomasse o fio do relato. —Sua esposa se chamava Lubias.

Os olhos de Cathryn se abriram como um par de laranjas. Não tinha suspeitado que Rowland estivesse casado, ou que tivesse estado casado.

—Rowland sente falta da sua esposa —deduziu Cathryn.

—Não, sua esposa sempre está a seu lado —a contradisse Godfrey, com uma voz carregada de emoção — A viagem às terras de Nosso Senhor é muito longa, e Rowland não desejava ir, apesar de ser um valoroso e honrado soldado de Cristo, mas seu amor por Lubias o impossibilitava de empreender aquela viagem. Não obstante, Rowland não podia escapar de suas obrigações, já que não existe sobre a face da Terra nenhum homem que não deseje derramar o sangue do inimigo em nome de Deus. Lubias, que amava Rowland profundamente, compreendeu seu dilema e resolveu por ele. Lubias cavalgou ao lado de Rowland quando partiram de Aquitania.

Cathryn tinha ouvido casos similares. Pelo visto, algumas mulheres que amavam a Deus com tanto ardor como a seus próprios maridos, e por isso empreendiam também o caminho até a Terra Santa e aguentavam com orgulho todas as privações que comportava uma viagem tão dura como aquela. Muito poucos sobreviviam, inclusive entre os homens mais valorosos. Cathryn soube pelo tom de voz de pai Godfrey que a esposa de Rowland não tinha sobrevivido.

—Ela já não estava a seu lado quando ele abandonou Damasco —comentou ela com aflição.

Pai Godfrey a olhou desconsolado e respondeu com tristeza:

—Assim é. William tirou Rowland daquele inferno, só Rowland.

—Fazia tempo que Rowland e Lubias estavam casados?

—Rowland dirá que não, mas te asseguro que ela não era uma flor que acabava de sair do casulo. Lubias atravessou com Rowland toda a França até Verdún. Banhou-se nas águas do Rin e do Danúbio, e entraram em Viena juntos.

—Chegou a ver Damasco?

—Não —respondeu ele — Lubias chegou até Filipópolis, uma nobre cidade do Reino Latino. Ali, os germanos, afastando-se do caminho do Senhor, alvoroçaram as massas do mercado até criar um absoluto caos —Godfrey franziu o cenho — tal e como é sua prática habitual.

—E qual é o objetivo de uma prática tão desatinada?

—Nenhum, e certamente qualquer germano tampouco saberá te responder, já que atuam sem pensar, movidos pelo impulso e não pela razão. Naquela ocasião, originaram tal barulho no mercado que privaram os franceses de inspecionar e comprar as viandas que tanto necessitavam, sua única intenção era encher suas próprias necessidades sem pensar em outros que viajavam com eles. Como resultado, estalou um distúrbio entre os franceses e os germanos, que se enfrentaram duramente e se lançaram insultos mutuamente. Os franceses conseguiram sair do mercado com as viandas que tinham adquirido, e isso avivou aos germanos, que se elevaram em armas e perseguiram a seus aliados na causa de Cristo. Os franceses ofereceram uma dura resistência contra as hostes germanas enlouquecidas. A devastação só acabou quando Deus banhou a terra com as sombras da noite.

Godfrey olhou o conteúdo de sua taça, agora vazia, durante uns instantes.

—O que aconteceu com Lubias? —sussurrou Cathryn, ainda temendo saber já a resposta.

Godfrey elevou a vista, com olhos aquosos.

—Lubias —suspirou — Lubias estava com Rowland naquele funesto dia no mercado. Um cavaleiro germano enfrentou a ele e ambos se encetaram em uma sangrenta luta. Suas espadas chocavam produzindo um som metálico como o de um sino desafinado. Rowland escorregou e caiu sobre seus joelhos. Não era uma queda mortal, e estou seguro de que teria se levantado a tempo, mas Lubias não queria correr nenhum risco.

Cathryn ergueu as costas com tensão, com a desagradável sensação de conhecer o desenlace daquela história.

—Lubias se equilibrou sobre Rowland para ajudá-lo ao tempo que o propinava um golpe ao agressor de seu marido, atacando-o pelas costas.

Godfrey respirou fundo e depositou a taça sobre a mesa. A seguir, entreabriu os olhos, como se estivesse revivendo aquela cena.

—O germano deu a volta encolerizado e a derrubou. Ele não sabia que seu atacante era uma mulher. Tudo aconteceu muito rapidamente —terminou Godfrey com o semblante abatido — O corpo de Lubias ficou estendido no chão, sem vida.

—E o germano?

—Seu sangue se derramou ao lado do de Lubias quando Rowland lhe atirou uma estocada mortal. Depois, Rowland levou Lubias daquele lugar. Não queria que a enterrassem ao lado daqueles bárbaros.

Cathryn fechou os olhos e entrelaçou as mãos. Jamais teria suspeitado que Rowland carregasse com a tristeza e o peso de uma história tão espantosa. Então recordou as palavras do pai Godfrey.

—Sua esposa sempre está a seu lado —repetiu ela, abrindo os olhos para escrutinar o rosto do padre.

Godfrey olhou a Cathryn e sorriu com tristeza. Ela tinha compreendido suas palavras.

—Sim, sua esposa segue a seu lado, e apesar da intensa dor que isso supõe para Rowland, não a abandonará.

—Aconselhaste-o de que o faça?

Godfrey sorriu ironicamente.

—Rowland seria capaz de matar a qualquer homem que lhe aconselhasse que abandonasse a sua Lubias, tanto se se trata de um padre como se não.

Cathryn permaneceu sentada em silêncio, igual a Godfrey, sob o teto abobadado do salão, sem pensar em comida. Então se perguntou, do mais profundo de seu coração, se realmente era possível que um homem amasse tanto a uma mulher como Rowland amava Lubias.

Ambos permaneciam de pé no estábulo, rodeados pelo agradável aroma do feno e o calor que emitiam os cavalos que descansavam. Tinham decidido afastar-se da grande torre para poder manter sua conversação absolutamente em privado.

—O castelo de Greneforde tinha um vizinho —começou a relatar Rowland, com seus escuros olhos tão vazios como a morte — Lambert de Brent, que ocupava uma torre fortificada ao leste destas terras.

William esperou, consciente de que havia algo mais, seguro que Rowland tinha indagado a fundo até averiguar toda a informação. Não fez caso da opressão que notou na garganta ao ouvir o nome de Lambert, tão próximo a Greneforde, tão próximo a Cathryn.

—Sua propriedade não era grande coisa —continuou Rowland— e ficou destruída por uns cavalheiros mercenários faz tão somente um ano. Ele e seus homens —Rowland tragou saliva com dificuldade— se instalaram em Greneforde durante uns meses.

William o escutava em silêncio, esperando conhecer todos os detalhes, sabendo que não tinha ouvido o pior.

—Ele e seus homens partiram —continuou Rowland devagar— quando se inteiraram da coroação de Henry e Eleanor. Partiram precipitadamente depois de ter atrasado sua marcha tanto como lhes tinha sido possível.

William esperou, com os olhos da cor da névoa densa.

—Lambert sempre estava acompanhado de lady Cathryn.

Agora William já dispunha de um nome para o sujeito que ocupava o coração de sua esposa, um coração que ela mantinha blindado contra ele. Um nome para o indivíduo que lhe tinha usurpado o que o pertencia, o sangue virgem com o que ele deveria ter se manchado tinha manchado a outro homem. Lambert de Brent.

William o Brouillard deu as costas a Rowland e fixou a vista na torre, que se erigia solidamente no meio da escuridão e da chuva. Seus olhos eram insondáveis como a névoa que envolvia a capela na última planta. Com uns passos silenciosos e rápidos, William foi para a torre de Greneforde.

Rowland, apesar de sua lealdade por William, não pôde evitar sentir pena por Cathryn de Greneforde.

William não foi em busca de Cathryn, ainda não. Pensava dar a ela outra oportunidade, apesar de não poder imaginar como poderia salvá-la após o que acabava de escutar. Ela tinha sido a concubina de Lambert durante meses, e unicamente tinha quebrado aquela relação imoral quando Henry tinha subido ao

trono, o rei que tinha a intenção de restabelecer a ordem em uma terra onde reinava o caos e a indisciplina.

William procurou John, o mordomo que sabia o que tinha acontecido dentro dos muros de Greneforde. Sem dúvidas, ele poderia contribuir com mais detalhes para complementar a informação de Rowland. Se existia alguma justificação que pudesse salvar Cathryn, John não duvidaria em expô-la. William não pensava cessar até obter toda a verdade, tanto se servia para salvar sua esposa como para condená-la. Pensava averiguar tudo antes de voltar a olhar Cathryn no rosto. William encontrou John de caminho à cozinha.

John ficou paralisado quando o lorde de Greneforde depositou todo o peso de sua mão sobre seu ombro. Deu a volta devagar, adivinhando quem se aproximou tão sigilosamente a ele, simplesmente pela tenacidade daquela garra sobre seu ombro, e encarou a um William solene escoltado por Rowland, que o olhava com porte severo. Um tremor intenso se apoderou dele, até o mais profundo de seu ser. Tratava-se de uma confrontação, disso não lhe cabia a menor dúvida.

—John, foste o mordomo de Greneforde durante muito tempo —começou a dizer William, mantendo a calma, sem mostrar nenhuma amostra de agressividade — Há muitas coisas que desejo saber a respeito da história de Greneforde. Espero que me ajude a limpar minhas dúvidas.

Tratava-se de uma ordem e nada mais. John respondeu do único modo que pôde:

—Sim, milord.

William assentiu levemente com a cabeça ao ver a submissão de John e perguntou:

—Greneforde tinha um vizinho, Lambert de Brent.

William só precisou ver os olhos desmesuradamente abertos de John e ouvir como agitava a respiração ao pobre mordomo para confirmar suas suspeitas.

—A propriedade de Lambert foi destruída.

—Sim —admitiu John.

—Ele veio a Greneforde. Instalou-se aqui, em companhia de minha esposa, durante muitos meses —prosseguiu William, com olhos ameaçadores.

—Sim, veio... —começou a dizer John.

—Cathryn lhe deu alojamento —o cortou William, com uma voz tremendamente monótona e uma atitude tão fria como a de um verdugo.

John se deu conta de que os fatos pareciam adotar forma contra sua senhora. Apesar do terror que lhe infundia a atitude de William, John não podia permitir esse julgamento errôneo contra Cathryn.

—Milord —se apressou a dizer — Lambert não foi convidado a residir em Greneforde.

—Entretanto ficou durante muitos meses —o contradisse William recuperando a calma.

—Sim, ficou —conveio John, e todos seus pensamentos de cautela se evaporaram rapidamente para iniciar uma crispada defesa de sua senhora — Porque não havia ninguém que pudesse jogá-lo fora!

—Lady Cathryn poderia... —começou a dizer William.

—Não! Impossível! —interrompeu-o John, com a voz entrecortada por causa da indignação — Não! Ela não podia lutar contra ele, apesar de que o tentou!

As escuras sobrelhas de William se franziram, e seus olhos cinzas pareceram mais inclementes que nunca.

—Ela não o jogou de suas terras.

—Lorde, me escute, por favor, e acredite no que vou dizer, apesar de que com isso rompa a confiança que minha senhora depositou em mim e por cuja honra seria capaz de dar minha vida! —suplicou-lhe John — Lorde Lambert apareceu diante da muralha com lorde Philip, o irmão de lady Cathryn, prisioneiro.

—Não sabia que Cathryn tinha um irmão —espetou William, visivelmente desconcertado.

—Não, ninguém sabia, exceto minha senhora. Quando morreu a mãe de lady Cathryn, Philip adoeceu e esteve às portas da morte. O menino demorou muito em recuperar as forças. Foi nessa mesma época quando lorde Walter, lorde de Greneforde, partiu para a Terra Santa. Minha senhora sabia que sua situação era terrivelmente perigosa: uma moça e um herdeiro ainda mais jovem, abandonados a sua sorte com um prêmio que muitos cobiçavam. Lady Cathryn enviou Philip à torre

Blythe no mais estrito segredo, já que sua sobrevivência dependia de que todos o dessem por morto. Assim se separaram para salvar suas vidas, e quase ninguém sabia o verdadeiro paradeiro de lorde Philip.

—E Lambert descobriu —apontou William, sem estar completamente convencido com respeito da veracidade daquela história.

—Sim, o padre de Greneforde traiu lady Cathryn e desvelou o segredo a Lambert —soltou John.

—Meu deus —murmurou Rowland horrorizado.

—Lambert apareceu com todos seus cavalheiros e com Philip feito prisioneiro, e exigiu que lhe abrissem as portas de Greneforde. E que todos os habitantes do castelo se rendessem. Não oferecemos resistência, apesar de que lhe asseguro que os poucos cavalheiros que ficavam em Greneforde teriam desejado combater. Mas Cathryn não pensava pôr em perigo a vida de seu irmão. Quando portas se abriram e Lambert entrou. Aquela mesma noite, os cavalheiros de Greneforde estavam todos mortos —declarou John com um tom tenso e o rosto aceso sob a tênue luz.

—Segue —ordenou William.

—Lambert não se comportou como um lorde honorável —continuou John, desfeito.

—Alguns cavalheiros não o são —comentou William — Greneforde não é o primeiro castelo que foi tomado a traição.

—Não! —John não pôde evitar elevar a voz — Os cavalheiros que defendem o caminho sagrado do Senhor não atuam desse modo! —Com os olhos desproporcionalmente abertos, confessou — Lambert violou minha senhora! Com uma brutalidade selvagem! Não o entende? Violou-a e a golpeou sem clemência quando ela resistiu. Não reparou em sua cicatriz em cima da sobrancelha? Lambert o fez! A primeira vez!

—Não pode ser —sussurrou William com os dentes apertados, enquanto um amontoado de imagens horripilantes começavam a povoar seus pensamentos, envenenando seu coração.

John não fez conta, e com os olhos cheios de lágrimas, prosseguiu:

—Quando Philip ouviu os gritos de sua irmã, correu em sua ajuda. Ante os olhos de Cathryn, Lambert o matou.

—Não. —William mal podia respirar. Não podia acreditar. Era um conto inventado para aplacar a ira que sentia por sua esposa, e o estava contando um de seus serventes que tinha confessado abertamente sua absoluta lealdade para sua senhora. Não podia ser. Parecia-se muito a...

John viu como a sombra da dúvida no semblante de William se endurecia até mostrar sua plena incredulidade. John tinha se excedido, tinha quebrado um voto sagrado para dar a William uma informação que agora possuía. Amaldiçoando-se por sua temeridade, o mordomo fez outro novo voto: não descansaria até ter a segurança de que sua indiscrição para sua senhora não tinha sido em vão.

Fazendo gestos para as sombras do muro da cozinha, John sussurrou a alguém:

—Aproxime-se!

Com uns passos indecisos, uma menina —não, uma mulher— emergiu entre as sombras que a ocultavam até a relativa luz do pátio alagado de chuva e barro. Era Marie.

William e Rowland a olharam com surpresa. Era de Greneforde, seu aspecto e sujeira a delatavam, entretanto não a tinham visto antes, e isso que ambos tinham escrutinado a todos os habitantes de Greneforde com grande interesse.

—Ouviste o que acabo de contar? —perguntou-lhe John diretamente.

—Sim —respondeu ela, atemorizada.

—Eles acreditam que lady Cathryn convidou Lambert a instalar-se em Greneforde. —John fez uma pausa, como se duvidasse se devia continuar. Quando voltou a falar, seu tom era educado apesar de suas palavras não serem — Eles acreditam que nossa senhora se entregou a Lambert.

—Não! —gritou Marie com horror, e seus adoráveis olhos se encheram de lágrimas.

—Deve contar a eles o que viu e ouviu, Marie. Ele é seu marido e deve saber a verdade sobre sua esposa.

Quando ela seguiu mostrando-se insegura, com uma visível máscara de terror cobrindo seus belos traços, John a apressou:

—Não causará nenhum mau a sua senhora se contar a verdade.

Marie observou o rosto de John e tragou saliva com dificuldade, secando as lágrimas com suas mãos avermelhadas.

—Ela queria muito a seu irmão —começou a dizer Marie, esforçando-se por encontrar as palavras para expressar aquelas lembranças tão dolorosas — Lambert usou Philip para entrar no castelo. Uma vez dentro, soltou ao moço e foi em busca de minha senhora. Ela não se escondeu, ele a encontrou rapidamente.

Elevando a vista para olhar fixamente William, Marie começou a gaguejar:

—Eu... eu estava com ela, no quarto. Ouvimos como subia pelas escadas. Minha senhora me empurrou para que me escondesse na arca e me fez gestos para que não dissesse nada nem fizesse ruído. Lambert a encontrou, arrastou-a até a cama agarrando-a por... por... pelo cabelo. —Marie não pôde remediá-lo e gemeu angustiada, logo tragou saliva e continuou — Eu não podia vê-los, mas podia ouvi-los. Ouvei como ela resistia, os ruídos da resistência, e então ele a golpeou duramente com o anel de seu dedo e lhe abriu uma ferida na sobrancelha da que não deixava de emanar sangue. Isto sei porque fui eu quem lhe curou a ferida quando ele partiu —asseverou entre soluços — Mas entretanto ela não... ela não se submeteu a ele, e lhe disse... disse-lhe... que violariam a todas as mulheres de Greneforde se ela resistia, e que logo as matariam, que nos matariam... matariam-nos... a todos se ela não se submetia a ele.

Seus ombros convulsionavam por causa dos gemidos, e Marie abraçou a si mesma pela cintura para acalmar a agitação que sentia no estômago. Não teria continuado se John não tivesse ordenado:

—Acaba.

—Philip quis defendê-la, mas... mas... não pôde. Lambert o matou. Matou-o com sua adaga ou sua espada, não sei. Lambert tirou o corpo sem vida de Philip do quarto a chutes. —Marie levou as mãos até os olhos e os cobriu com seus dedos crispados, como se tentasse não ver aquelas imagens horripilantes. —A seguir ouvi... ele disse que... que tinha perdido suas terras e que pensava instalar-se em Greneforde e que... que ela... ela... —Marie chorava agora desconsoladamente — ela era parte de Greneforde, e que portanto, era seu por direito de conquista.

Os soluços de Marie se sufocaram entre a ligeira névoa que pouco a pouco ia estendendo-se por Greneforde. A moça mal tinha forças para seguir de pé, derrubada pela profunda dor que nascia do mais profundo de seu ser ao pensar na tortura de Cathryn. Não ofereceu resistência quando John a abraçou paternalmente. O mordomo deixou que ela afundasse a testa em seu peito e repousasse, havia dito tudo o que sabia. Já não ficava nada mais que dizer a respeito de Lambert e sua ocupação de Greneforde.

William permaneceu parado no corredor alagado de chuva e barro, com o rosto tão branco como uma nuvem de verão. Tinha ouvido um relato extremamente doloroso, e a dor tinha impregnado seu coração até tal ponto que agora se perguntava como seria capaz de superá-lo. Seus pensamentos estavam infestados de visões de sua querida Margret, com seu cabelo cor azeviche, e logo depois de Cathryn, até que as duas se fundiram em uma só imagem e a dor se multiplicou por dois.

Agora começava a compreender muitas coisas que tinha observado em Greneforde, a atitude esquiva dos serventes, a desconfiança, a falta de comida. E de Cathryn. Ela recorria aquela estrita compostura a modo de armadura, para proteger-se. Não era uma mulher insensível, era uma mulher que lutava por não desmoronar ante a dor, uma dor tanto física como mental, que tinha acabado com a vida de muitas mulheres com menos força. Margret...

Cathryn, tomada como recompensa de guerra. E acaso ele não tinha realizado uma atitude similar? Ontem. O dia de suas bodas.

A raiva, a sensação de culpa e de arrependimento se mesclaram em seu peito até virtualmente afogá-lo. Não podia respirar. Ante ele só via um enorme vazio que era mais pesado que qualquer noite escura. Em seus ouvidos ressonava um monótono assobio.

Teve uma visão de Margret, manchada com o sangue que emanava com uma rítmica precisão entre suas pernas até empapar seu traje favorito de cor amarela. Tinham-lhe arrebatado sua virgindade à força sem que ele tivesse podido evitá-lo, até que a vida lhe escapou no meio daquele atoleiro de sangue. Ele não tinha podido fazer nada para ajudá-la, tinha chegado muito tarde. Tinha fracassado em

sua tentativa de protegê-la, de salvá-la, quando tinha jurado fazer precisamente isso: protegê-la. Tinha encontrado ao indivíduo, um cavaleiro que tinha caído tão baixo para aproveitar-se de uma moça contra sua vontade, e o tinha matado com uma estocada certa, mas Margret tinha morrido sangrando, tinha perdido a vida lentamente, agonizando, até que sua pele ficou completamente branca e fria. Sua irmã. Morta aos quinze anos.

Uma imagem de Cathryn durante a noite anterior emergiu subitamente em seus pensamentos. De novo viu como o terror em seus olhos ante a ideia de ter que copular com ele destruía sua compostura e seu impressionante controle. Viu com um novo enfoque sua silenciosa resistência e a tremenda tensão em seu rosto, e logo seu olhar perdido que lhe tinha feito perder a excitação. Ele a tinha imobilizado com os braços por cima de sua cabeça para que ela não pudesse arranhá-lo, enquanto a penetrava contra sua vontade... Ela não estava preparada, do mesmo modo que Margret tampouco estava, e apesar de ele ter o direito legal de copular com sua esposa, unicamente podia recordar que Cathryn lhe tinha resistido todo o tempo e que não tinha acessado voluntariamente. Ele a tinha manchado.

Rowland o agarrava pelos ombros e o sacudia, mas uma profunda paralisia se apoderou dele e não conseguia reagir nem ouvir nada. Pouco a pouco foi recuperando os sentidos. Rowland estava gritando seu nome, gritando...

—William!

—Sim? —balbuciou ele, em voz baixa.

Rowland o soltou lentamente. John e Marie o olhavam com um patente medo. Não lhe importava.

Equivocou-se com ela. Pura e simplesmente. Assim simples? Simplesmente tinha se equivocado com ela! Acaso não era mais que um simples equívoco, abusar de uma jovem esposa que não desejava entregar-se e humilhá-la em um ponto tão vulnerável? Sim, isso era mais que um simples equívoco. Tinha-a submetido e tinha pisado em sua dignidade até o mais profundo de seu coração, e o Senhor não lia o coração dos homens e os julgava segundo seus atos? Além disso, questionou-se por que ela era tão fria e com tanto autocontrole. Se William houvesse possuído um

pouco mais desses dois atributos, não teria pronunciado as palavras que a Cathryn deviam ter parecido grilhões com a mesma força opressora que um ataúde.

De novo voltou a pensar em Margret. Se ela tivesse sobrevivido, teria aceito seu marido o presente de sua vida unida a dele ou lhe haveria propinado uma surra pela perda de sua virgindade nas brutais mãos de outro cavaleiro?

E o que tinha tido que enfrentar e suportar Cathryn de Greneforde na noite anterior no leito nupcial? Ela tinha ocultado sua dor, sua perda, tanto como tinha podido, mas qual tinha sido o presente de bodas que tinha recebido de parte do único homem com o que podia compartilhar aquele doloroso segredo? O homem que justo umas horas antes tinha jurado amá-la e honorá-la ao longo de toda sua vida?

Margret e Cathryn. Tão similares. Entretanto, Cathryn tinha sobrevivido, sim, tinha sobrevivido para ser novamente violada por seu marido e senhor. William não pensava lhe contar a triste história de Margret porque era consciente de que a dor que sentia Cathryn era muito profunda, muito intensa, uma dor que ele tinha ajudado a incrementar com seu estúpido orgulho.

Seus olhos cinzas pareciam afiados cristais de gelo. William olhou fixamente Rowland aos olhos antes de dar meia volta, lhe comunicando sua angústia e sentido de culpabilidade e arrependimento de uma forma que não era capaz de articular com palavras, nem na tortuosa escuridão de sua alma. Andou para a torre, com movimentos silenciosos, igual tinha permanecido em silêncio do início da horrenda confissão de Marie.

Eles o observaram enquanto se afastava. William oferecia um aspecto deplorável, menos substancial que a sombra de um espectro em uma noite chuvosa. Marie tremeu por causa do frio e procurou proteção entre os paternais braços de John.

William o Brouillard subiu as escadas para o salão tão silenciosamente como a névoa flutuante, em busca de sua esposa.

CAPÍTULO 10

Kendall tinha sentado ao outro lado de lady Cathryn, e entre ele o pai Godfrey tinham procurado ocupar o vazio da cadeira de William. Fazia tempo que todos tinham acabado de jantar. Os homens seguiam sentados, dispersos por toda a estadia em grupos, alguns estavam jogando xadrez e cartas enquanto outros conversavam animadamente. Era uma cena caseira, entretanto, a tensão que reinava era perceptível. William ia escoltado por Rowland, que seguia a seu amigo com um semblante tão abatido como ao princípio.

Realmente, Rowland parecia um espectro vivente a primeira vez que tinha entrado no salão e tomado assento para jantar. Todos os serventes se deram conta de que Rowland tinha informação relevante para William. Como isso ia afetá-los? Que grande dúvida! E só o averiguariam quando William retornasse, já que não era próprio de William ocultar suas intenções do mesmo modo que não era próprio de Rowland expressar suas emoções.

—Lady Cathryn —começou a dizer uma voz desconhecida. Kendall elevou a vista e viu um dos serventes de Greneforde que acariciava as orelhas caídas de um enorme cão de cor parda — Lady Cathryn —voltou a insistir o indivíduo, conseguindo captar a atenção de todos os que ocupavam a mesa principal — Se importaria de cantar para nós?

Kendall afogou a vontade de rir. Que Cathryn cantasse? E como soaria um verso com belas notas cantado por uma mulher tão insensível e fria de coração como lady Cathryn? Aquele indivíduo devia estar realmente desesperado, para expressar tal pedido a uma mulher como lady Cathryn, por mais formosa que fosse.

À esposa de William faltava a sensibilidade para ruborizar-se e desviar a vista. Não se estranharia absolutamente que William mandasse contratar a alguma reputada instrutora francesa para que ensinasse maneiras a sua senhora e também as pautas mais essenciais do amor cortesão. E isso unicamente o faria se estivesse

apaixonado, porque se não for assim, a quem importaria se ela desmerecia a si mesma com sua falta de educação?

—Não, Tybon. —Cathryn rechaçou o convite — Embora agradeço sua atenção.

Kendall sorriu ante aquela resposta tão acertada. Pelo menos ela conhecia suas próprias debilidades. Kendall encontrou sua reação muito acertada. Lady Cathryn era modesta, e isso era de admirar.

—Faz tanto tempo que não nos entretêm com uma canção —insistiu Tybon educadamente — Por isso espero que não se ofenda com minha insistência: por favor, senhora, com uma só canção bastará para nos alegrar a noite. Que conste que eu faço de porta-voz, mas são muitos os que me rogaram que lhe peça isso.

Kendall ficou brincando com sua taça. Os servos eram mais diplomáticos que sua senhora. Que estranho.

Cathryn baixou a vista até suas mãos entrelaçadas compactamente sobre seu colo, seu anel reluzia baixo sob a luz. Não pôde evitar pensar que o vestido de cor verde descolorido não sentava bem com seu tom de pele, provocando que as finas veias em suas mãos adotassem uma tonalidade esverdeada e mascarando o azul desejado. Aquele pensamento a importunou. Nunca antes tinha mostrado tanto interesse em seu físico. Estava atuando de uma forma que não era própria dela, ao prestar tanta atenção à cor de seu vestido e ao tom dourado de sua pele que já não estava de moda. Cathryn deixou no ar o pedido de Tybon como uma nuvem, só após transcorrer uns minutos, decidiu responder:

—Não quero te desalentar, nem tampouco a todos os que lhe rogaram que me peça —respondeu com um sorriso incerto — Cantarei.

Kendall a observou enquanto ela ficava de pé. Lady Cathryn não pediu nem uma harpa nem um alaúde, ele suspirou sutilmente. Provavelmente resultaria uma atuação muito aborrecida sem acompanhamento de instrumentos, entretanto, aqueles que conheciam os dotes artísticos de lady Cathryn se aproximaram em um respeitoso silêncio. «Mas claro, esta gente está longe da França e de sua sofisticação», pensou Kendall ao tempo que lançava outro suspiro. Tratava-se de ignorância, nada mais.

Com uma voz cálida e suave, Cathryn entoou:

«Lembro quando os campos floresciam sob meu tato...

Lembro aquelas flores, sedentas de meus suspiros...

Lembro aqueles pássaros, pendentes de minha mão...

Uma vez estive tocada pela graça de Deus. Somente uma vez.»

Kendall se esqueceu de sua sofisticação urbana e se sentiu inexplicavelmente atraído por aquelas palavras, como se exercessem um influxo sobre ele. A melodia era simples, e estava cheia de melancolia. As palavras da canção foram ressonando devagar, como se cada verso fosse arrebatado ao vento de uma forma estremecedora. A canção estava se convertendo em parte dele.

Naquele momento Kendall não sabia, mas não esqueceria aquela melodia até o dia de sua morte.

« Quando chegará a alvorada desta noite inacabável?

Quando renascerá a terra erma?

Quando poderei aliviar o peso de meu coração?

Quando acharei perdão... Só uma vez.

Somente uma vez?»

William permaneceu imóvel na soleira. No absorvente silêncio que reinava no salão, ninguém tinha se fixado nele. Todos estavam sumidos em um estado de transe, escutando a doce melodia da canção de sua esposa. William a tinha escutado inteira, do momento em que Tybon tinha rogado a Cathryn que cantasse até a última sílaba. Agora que conhecia um pouco mais a sua esposa, sabia que não haveria nenhum verso final com uma mensagem esperançosa. Dois de seus cavalheiros ficaram paralisados frente ao tabuleiro de xadrez, esquecendo por completo sua estratégia. Ninguém movia nem um só dedo, nem mudava de postura, inclusive temiam respirar para não romper o feitiço na estadia.

Ela os tinha enfeitiçado. Tinha-os enfeitiçado com o eloquente desespero e perda que expressava sua canção. Todos os presentes naquela estadia tinham

experimentado uma perda similar, Cathryn tinha expressado a dor com palavras, tinha materializado aquele sentimento tangível para que todos o recordassem para sempre. Mas para ela não se tratava de uma lembrança. Para ela se tratava da constante dor que suportava seu coração. Em sua canção, William escutou a emoção e a dor que Cathryn guardava embaixo daquela fria aparência, o lento e suave traço de seu coração, e sentiu uma possante necessidade de ajudá-la, como se alguém o empurrasse a fazê-lo. Ela era sua esposa, uma parte dele agora, e ele tinha jurado honrá-la ante Deus, tinha pronunciado um voto tão sagrado como sincero. E pensava cumpri-lo. A ajudaria porque assim o tinha jurado, e se agora lhe resultava mais fácil encarar aquele voto porque conhecia o passado de Cathryn, só podia dar graças a Deus por sua misericórdia ao lhe ter concedido aquela paz interior. Agora já não tinha dúvidas a respeito de Cathryn. Ela era sua esposa e continuaria sendo sua esposa. Sentia-se feliz pelo fato de ter uma mulher como Cathryn a seu lado. Agora o único que ficava para resolver aquele pesadelo era ajudá-la a sarar as feridas de seu coração, e William tinha a plena confiança de que obteria seu objetivo com a completa aceitação por parte dela. Nunca mais a provocaria com palavras cruéis, nem duvidaria, nem desconfiaria dela, e Cathryn veria a diferença em sua atitude e se sentiria em paz consigo mesma. Pensava ajudá-la a fechar aquelas profundas feridas amando-a com todo seu coração.

William afastou a cortina e entrou no salão. Todos os olhos se posaram nele, apesar de ninguém dizer nada. Ele não se deu conta do que acontecia a seu redor, só tinha olhos para Cathryn, como sempre acontecia quando a via, e teve a certeza de que sempre ocorreria.

Cruzou a espaçosa estadia em silêncio e se aproximou dela com tanto sigilo como a emergente névoa que chega à borda desde o mar. Cathryn não podia afastar a vista daqueles belos olhos cinzas, embora tampouco tentou. Viu-o aproximar-se e soube que ele estava orgulhoso de tê-la por esposa, apesar de não poder compreender o porquê. Algo tinha mudado.

Ele se aproximava, e ela não podia pensar em ninguém mais que nele. William ocupava todo o espaço, como uma impetuosa tormenta.

Cada vez estava mais perto. Os brilhos de seus cachos negros contrastavam ferozmente com a palidez de seu rosto... seus lábios tão carnudos, seus olhos tão luminosos.

Agora estava virtualmente a seu lado. O ar se agitou entre eles. Em todo aquele espaço, só estavam eles dois, ou pelo menos aquela era a impressão de Cathryn.

E também era a impressão de todos os presentes. Havia um vínculo mágico entre o lorde de Greneforde e sua senhora, algo virtualmente invisível que fazia o ar vibrar entre eles. Algo tinha mudado.

William se aproximou, tão perto e de uma vez não o bastante perto. Cathryn suspirou com dificuldade e se perguntou por que se sentia tão tensa.

Só podia pensar que ele era realmente bonito, e esse pensamento girava vertiginosamente em sua mente como um falcão em busca da mão de seu senhor. Ele era tão bonito e a olhava de uma forma estranha, como não o tinha feito antes. Estava-lhe... acariciando com os olhos. Sim, acariciava-a profundamente. O que a assustou não foi unicamente a intensidade daquele olhar, mas sim que ela permitisse se aprofundar no mais profundo de seu ser.

E a fria imobilidade, aquela inquebrável imobilidade, emergiu subitamente para proteger seu coração como um escudo. Tinha que manter-se a salvo. Por isso devia atuar de forma distante. E isso era precisamente o que pensava fazer.

Pai Godfrey compreendeu que William sabia a verdade a respeito de sua esposa e pensou que a partir desse momento a relação entre eles seria mais favorável. A verdade, tal e como Jesus Cristo tinha prometido, libertaria Cathryn, do mesmo modo que a verdade tinha libertado William.

Acariciando-lhe a mão com gentileza, o padre murmurou a Cathryn:

—Hoje começa seu matrimônio de verdade.

Aquelas palavras, combinadas com a intensidade do olhar de William, transmitiram a Cathryn uma única mensagem: William tinha a intenção de voltar a deitar com ela.

Cathryn cruzou os braços sobre o peito para tentar controlar seu tremor e ficou de pé para receber seu marido.

E então se esqueceu de pai Godfrey. William parou frente a ela e o mundo a seu redor se apagou entre sombras.

—Tenho que admitir que canta maravilhosamente, embora com uma evidente tristeza —comentou William, inclinando-se para ela.

—Com tristeza, não —o contradisse ela, elevando o queixo com altivez — Não canto para partir os corações daqueles que me escutam. Só tento expressar...

—Um sentimento de perda —a interrompeu William — Uma perda inconsolável, irrecuperável.

—Sim —admitiu ela após uma pausa — Assim é.

—Eu adoraria cantar contigo quando pretender cantar outra vez.

—A canção é minha —se opôs ela. Não tinha nenhuma intenção de compartilhar nada tão íntimo com aquele homem — A letra é minha. Não pode cantá-la comigo.

—Sim que posso. —William sorriu e se inclinou mais para ela até que seu peito quase roçou o de Cathryn — Porque meu coração também conheceu essa classe de melancolia. Mas de todos os modos, se te opuser, suponho que poderia compor minha própria letra, e então poderíamos unir nossas letras, nossas vozes, para obter uma nova canção, possivelmente uma composição única, diferente — sussurrou com uma voz gutural.

O Brouillard a estava fazendo perder o controle. Sua forma de comportar-se agora com ela era totalmente distinta. Tratava-a com muita ternura, e Cathryn notou uma mensagem implícita em suas palavras, apesar de não conseguir compreendê-lo claramente.

—Duas vozes unidas são capazes de criar uma harmonia que uma só voz não pode alcançar —a alentou William — Gostaria que nos uníssemos e criemos uma bela canção que consiga que todos os aqui presentes suspirem e chorem sem que possam conter-se?

Subitamente, Cathryn recordou que estavam diante de toda aquela gente e se sentiu como se estivesse exposta nua frente a eles.

Com a esperança de finalizar aquela conversa, apressou-se a responder:

—Possivelmente sim.

—Então será melhor que vamos a um lugar mais privado que nos permita estar tranquilos e compor uma canção que declare a união de nossos corações. —Ao ver o semblante alarmado de Cathryn, adicionou com um sorriso risonho — Através de uma canção.

Era evidente que William nunca cessava em suas tentativas. Cathryn franziu os lábios com crispação. Não podia acreditar que estivessem a ponto de encetar-se em outra nova briga quando ele acabava de ganhar uma batalha com uma evidente eficiência e agora a escoltava galantemente até a porta do salão. Esse O Brouillard era imbatível! A tinha encurralado e a tinha derrotado rapidamente, sem prévio aviso, como a sigilosa névoa que subitamente envolve os bosques. Não tinha escapatória. Estava capturada pela mão de seu marido sobre seu braço, enquanto ele a separava dos rostos familiares que via no salão, rostos que a contemplavam sorridentes e que lhe expressavam seus melhores desejos. Inclusive John sorria abertamente!

William subiu as escadas com agilidade, apesar de virtualmente ter que arrastar sua esposa. Quando começou a guiá-la para o quarto principal, a névoa começou a dissipar-se.

—Este é o lugar privado?

—Acaso há algum lugar mais privado para a união de...? —começou a dizer ele, enquanto seus olhos cinzas adotavam a cor da fumaça.

—Canções! Havia dito canções! —estalou ela, com um crescente alarme.

—Sim —aceitou ele, com um sorriso complacente nos lábios — E também mencionei pensamentos e corações. Entretanto, sigo pensando que temos que ir a um lugar privado para conseguir essa união.

William era terrivelmente teimoso. Ela não tinha visto com tanta claridade no dia anterior.

—Sinto-me totalmente exausta —se desculpou Cathryn — Acredito que me convém tomar ar.

—Há muitas coisas de minha vida que quero compartilhar contigo. E não posso esperar —cortou ele — Embora se quer tomar ar, adiante. Não obstante, sigo com o empenho de unir nossos corações.

A Cathryn, aquela declaração soou a ameaça. O sorriso de seu marido não conseguiu dissipar seus temores e suas conclusões.

—Quanto tempo crê que demoraremos para compor uma canção singela para a gente de Greneforde? —perguntou-lhe com receio.

—Não estava pensando em uma canção singela, a não ser em uma canção com diversas variações conectada por um simples tema. Em realidade é um trabalho que pode nos levar anos, até que a aperfeiçoemos. —William sorriu, e seus olhos se obscureceram.

—Então, posto que pode nos levar anos, não há pressa —o desafiou Cathryn — E agora, se não se importar, retirarei-me.

—Não, minha senhora, posto que pode nos levar anos, o melhor será que não percamos nem um segundo e comecemos agora mesmo, antes de que percamos a inspiração.

—Eu não me sinto inspirada —soltou ela.

—Pois eu sim —rebateu ele, obrigando-se a ser cortês, não tinha pensado que ela pudesse mostrar-se tão teimosa.

—Então o mais conveniente será que você trabalhe quando estiver inspirado e que eu faça o mesmo quando estiver inspirada.

—A inspiração deve ser compartilhada, e posto que sou seu marido, desejo compartilhá-la contigo.

—Como sua esposa, prefiro seguir meu próprio ritmo.

—Como minha esposa, devo te pedir que siga meu ritmo. —William sorriu galantemente.

E assim chegaram a um empate. A Cathryn não ocorria nenhuma ideia para rebater aquela amostra de superioridade apoiadas no fato de que ele era seu dono e senhor. De novo ele ganhava a partida. William a tinha manipulado novamente, com uma indiscutível efetividade. Durante aquele duelo verbal, ele a tinha encurralado até não lhe deixar nenhuma outra escapatória que entrar no quarto principal, e agora ela estava capturada entre seu marido e a porta. A estadia estava coberta de sombras, a única luz procedia do fogo que ardia na lareira, mas Cathryn

podia ver o sorriso triunfal de William quando ele se inclinou para a pesada porta e a fechou.

Não ficava a menor dúvida do que aconteceria a seguir, apesar de não poder acreditar. Havia dito claramente vinte e quatro horas antes que o único que lhe importava era Greneforde. Entretanto, tinham passado a maior parte do dia juntos, encetados em diversos enfrentamentos verbais. Esse não era o comportamento de um homem que não queria saber nada de sua esposa, e por isso se sentia incômoda.

E a sensação de desconforto ia aumentando por causa do modo em que ele estava se comportando com ela.

William se separou da porta, e Cathryn retrocedeu um passo e outro e outro mais até que finalmente topou com os pés da cama. A lógica lhe dizia que não deveria permanecer tão perto da cama, que o melhor seria mover-se para o rincão mais afastado. A lógica também lhe dizia que qualquer movimento defensivo que fizesse não serviria nada. A lógica era uma má aliada.

—Seus movimentos são tão fluídos como os de uma delicada cascata, Cathryn — a adalou William com doçura — Cheguei à conclusão de que poderia te observar durante muitas horas sem me cansar.

Ela permaneceu imóvel, sem mover um dedo, aos pés da cama. Qualquer desejo de mover-se sumiu ao ouvir aquelas palavras.

William sorriu.

—E agora não se move, mas sim me espera no lugar onde jazeremos juntos. É uma esposa muito complacente.

—Não temos que nos deitar para compor uma canção. Não é uma postura cômoda —o desafiou Cathryn.

—Certas composições não podem alcançar a perfeição em outras posturas, asseguro-lhe isso. —E quando ela o olhou com seus olhos castanhos cheios de receio e hostilidade, ele adicionou — Já o verá. Demonstrarei-lhe isso.

Com uma graça impensável em um corpo tão musculoso, William se deslocou sigilosamente para ela no meio da escuridão. Cathryn podia vê-lo, embora foi mais a sensação de notar como ele se aproximava o que lhe fez dar um pulo

instintivamente. Ele tinha mudado sua atitude com ela, Cathryn podia notá-lo, apesar de não compreender o porquê.

Com uma carícia tão suave como uma pluma, William roçou uma de suas tranças entrelaçadas com uma fita, e começou a desabotoar a fita com uma incrível suavidade, enquanto murmurava:

—Tem um cabelo precioso, Cathryn. Nem o sol nem a lua conseguem lhe fazer sombra. Fixo-me em seu ondulado movimento enquanto observo como se move, e parece que tem vida própria, como se pretendesse entregar sua impressionante beleza para superar generosamente a adorável fragilidade de sua esbelta perfeição.

Tinha-lhe soltado o cabelo, que agora caía livremente por suas costas até chegar a seus joelhos em uma esplendorosa cascata.

—Este cabelo, igual a tudo o que criou Deus, pode mudar de um dia para outro —respondeu ela com um tom cortês.

William sorriu e deslizou as mãos pelo cabelo para sentir todo seu peso e para obrigá-la a olhá-lo nos olhos.

—Deus foi extremamente generoso contigo minha senhora, e por isso lhe estou agradecido e aprecio sua generosidade.

Os olhos de William tinham adotado um brilho intenso. Cathryn pensava confessar ao pai Godfrey que os olhos de seu marido lhe abrasavam a pele e lhe provocavam uma incômoda e desconhecida queimação. Como não podia explicar o repentino calor de sua pele e os tremores que a possuíam da garganta até o estômago? Algo não funcionava bem em seu interior, disso não lhe cabia a menor dúvida. Tinha que escapar daquela habitação e daquele indivíduo, embora só fosse um momento, para recuperar a compostura. Cathryn disse o primeiro que lhe veio à cabeça, aliviada pelo fato de que fosse certo.

—O pai Godfrey está preparado para rezar a missa em lembrança dos mortos. Após de um esmerada planejamento, tudo está preparado. Não posso perdê-la.

William soltou lentamente seu cabelo, escrutinando os delicados traços de sua esposa. O que ela dizia era verdade, e agora que ele sabia por quem ia se officiar aquela missa, não era um tema corriqueiro para deixá-lo de lado. A dor que Cathryn sentia pela morte de seu irmão era muito profunda —ele compreendia

perfeitamente— mas também compreendia algo que não tinha entendido uma hora antes. Quando sua esposa se sentia muito vulnerável, adotava aquela postura rígida e falta de sensibilidade, que em realidade não eram mais que suas últimas barreiras defensivas.

Cathryn não era tão fria como aparentava. Mantinha as costas erguida, o queixo altivo, as mãos cruzadas e os olhos inexpressivos. E com aquela falta de expressão, deu-lhe as costas, mas William teve a certeza de ter detectado uma faísca de paixão. E disse a si mesmo que não descansaria até acender aquela faísca por completo.

—A missa pode officiar-se amanhã —disse William com suavidade, e quando ela quis protestar, ele acrescentou — Os mortos dispõem de toda a eternidade, assim para eles mil anos é quão mesmo um dia.

Cathryn compreendeu que não podia alegar nada mais. Seu marido era um homem acostumado a não dar o braço a torcer, e ninguém sabia melhor que ela que era impossível raciocinar com um homem que estava excitado, posto que não atendia nem a cortesia nem a compaixão. Assim, Kathryn se preparou para o assalto que previa próximo.

William voltou a acariciá-la e ela ficou perplexa ao não sentir a necessidade de afastá-lo. Suas mãos viris a tocavam com suavidade, e Kathryn não pôde dominar o delicioso calafrio que sentiu nas costas.

—Vêm, Kathryn, está gelada. Deixa que te dê calor.

Apesar de suas palavras, ela não esperava sua reação a seguir: ele a atraiu para si e desabotoando as fitas que seguravam o descolorido vestido pelas costas. Com um simples puxão, ficou unicamente coberta por sua curta regata de linho. O manto que constituía seu longo cabelo a cobria mais que aquele pequeno pedaço de tecido.

As enormes mãos de seu marido lhe esfregaram as costas, cuja pele estava quente e fria de uma vez, e lentamente foram deslizando-se para a parte mais baixa das costas. William começou a lhe esfregar os glúteos, e subitamente, enquanto ela seguia com o rosto afundado naquele peito musculoso, William suspirou e pronunciou suas palavras de sedução:

—Sua pele é como a seda mais exótica do Oriente, seu tato é tão suave, e a cor tão deliciosa e mais luminosa que o ouro que qualquer homem possa desejar. É como a erva dourada no fim de agosto, que rebola sem esforço sob o sol carente de vigor, que a ilumina brandamente enquanto a acaricia com seus quentes raios.

Com as mãos riscou a curva de seu quadril e sua cintura até que se detiveram momentaneamente sob o leve peso de seu seio. William a beijou fugazmente no cabelo e logo começou a lhe dar beijos na orelha, na têmpora e na sobrancelha com suavidade. Cathryn permanecia imóvel e insondável.

—A primeira vez que te vi de pé no pátio de Greneforde — sussurrou ele, desdobrando por seu rosto beijos tão diminutos como a chuva de maio que molha a terra — pensei que era tão bela como uma escultura dourada capaz de embelezar a igreja mais esplendorosa em qualquer lugar da Terra. Pensei que era a mulher mais formosa, Cathryn.

A boca de William roçou a comissura de sua boca, e ela tremeu sem poder conter-se.

—É formosa, Cathryn. —E sua boca se apropriou da sua.

Ele a tinha ido seduzindo de uma forma suave e lenta, entretanto ela seguia sem reagir. William pensou que possivelmente se equivocou com a paixão que tinha parecido advertir no mais profundo de seu ser, já que não conseguia despertar nem um ápice de paixão a não ser unicamente seu pânico reprimido. Seguiu beijando-a, enquanto que com suas mãos lhe esfregava brandamente os seios, tentando lhe excitar os mamilos, mas a Cathryn essas carícias unicamente estavam provocando um pânico incontido.

Sem poder se conter, Cathryn escapou dele e lhe deu as costas, com a vista fixa no fogo.

—Os homens unicamente procuram uma esposa que seja fisicamente atrativa — espetou ela com acidez — Que sejam tão fácil de agradar me gera um sentimento de agradecimento para Deus, já que um homem que não se sente atraído por sua esposa é um homem ao que custa agradar virtualmente em tudo.

Não era a reação que ele tinha esperado, e William não era tão parvo para seguir uma estratégia que o conduziria indevidamente a uma desastrosa derrota. Pelo

visto, não bastava que ele a aceitasse e a desejasse para despertar a chama do calor em seu coração. William não queria perder a esperança. Sabia que Cathryn tinha um coração que pulsava dentro de seu peito, embora também sabia que ela pretendia transmitir aquela aparência de insensibilidade, tanto a ele como a outros.

William aproximou um tamborete ao fogo, sem mostrar nenhuma intenção de responder. Continuaram naquela posição rígida e incômoda durante uns minutos. Cathryn seguia com a vista fixa e perdida no fogo, seus escuros olhos castanhos resplandeciam emoldurados por seu cabelo luminoso. William permaneceu sentado a seu lado, enquanto a luz acariciava seus cachos negros e matizava o brilho reprimido de seus olhos cinzas. Ao cabo de um momento, colocou a mão ao redor da cintura de sua esposa e a animou a sentar-se em seu colo. Ela o fez, embora sem mostrar ilusão alguma. Mas o tinha feito. William lhe massageou as costas com lentas carícias. Cathryn foi se acalmando com cada nova carícia, apesar de seguir sem afastar a vista do fogo.

A mão de William estava cada vez mais quente por causa da fricção e ele o agradeceu, já que estava se recordando da primeira vez que tinha estado com ela na noite anterior, e a fricção que aquela lembrança lhe provocava em sua alma não era precisamente agradável. O que tinha feito, casado ou não, só tinha um nome: violação. Sabia que não podia esperar que Cathryn se sentisse cômoda com ele, tendo em consideração que ela já tinha um histórico de violações noturnas que certamente deviam ter afogado o desejo natural que Deus a tinha concedido como mulher. Aquele pensamento renovou as esperanças, posto que Deus tinha feito Cathryn para receber prazer ante as carícias de seu marido, e com Deus, todas as coisas eram possíveis. A noite ainda não se acabou.

—Foi um dia muito longo e agora somos uma só carne ante os olhos de Deus — comentou William com serenidade.

Cathryn tinha inclinado a cabeça com cautela até apoiá-la levemente no peito de William. Encontrava esse ligeiro tato estranhamente reconfortante, entretanto, suas palavras conseguiram pô-la em guarda outra vez.

William fez caso omissso de sua reação física e continuou lhe esfregando as costas.

—Convertemo-nos em uma só carne no momento em que confirmamos nossa união ante Deus e ante pai Godfrey —esclareceu ele — Não podemos negar nossas palavras, nossa união corporal só corrobora o testemunho do que prometemos com nossas palavras.

Ela permanecia sentada em silêncio, sem saber o que ele esperava dela, sem saber para onde pretendia levá-la, tal e como sempre lhe passava com O Brouillard.

—Deve ter fé em mim esposa minha, e me deixar te guiar —brincou ele — Já que o pai Godfrey opina que a palavra inspirada em Deus é útil em qualquer conversação, não só na missa, e digo isso por experiência, já que percorri incontáveis territórios com ele. É um tipo falador —concluiu com um suspiro teatral.

Cathryn decidiu morder a língua de novo, mas não pôde reprimir o sorriso que se desenhava nas comissuras de sua boca. Felizmente estava dando as costas a William, assim ele não poderia ver seu estado cada vez mais depravado.

—Pedimos a Deus que possamos viver nossas vidas como um só corpo, e Deus toma nossas preces muito a sério, milady. Prometi te amar e te honrar como amo a meu próprio corpo, e isso é o que penso fazer. Somos uma só carne, Cathryn.

Subitamente, ela compreendeu os motivos do Brouillard.

—Sabe —disse ela, contendo seu horror.

William debateu entre mentir ou não, mas sabia que não podia fazê-lo, especialmente depois de ter pronunciado aquelas palavras sobre ser uma só carne.

—Inteirei-me de uma parte da história de Greneforde —matizou ele delicadamente.

Uma asfixiante sensação de humilhação, pior que a noite anterior, quando ele tinha descoberto que não era virgem, apoderou-se dela, e Cathryn lutou para afastar-se dele. Até esse momento, sentia-se cômoda com o fato de ele não conhecer seu abominável segredo. Ele sabia que ela não era virgem, mas pelo menos desconhecia os detalhes execráveis que infestavam sua mente quando ela relaxava sua vigilância mental. Cathryn tinha aprendido a conviver em silêncio com aquela desonra, mas saber que ele sabia era... era... insuportável. Embora parecesse estranho, aquele conhecimento violava sua alma do mesmo modo que Lambert tinha violado seu corpo. William parecia disposto a não soltá-la, a mantinha

capturada sobre seu colo, tentando imobilizá-la com os braços, até que ela abandonou seu empenho de ficar de pé e permaneceu quieta, disposta a tentar de novo quando surgisse a oportunidade de escapar de suas garras. Ao notar sua intenção, William não relaxou os braços ao redor dela, mas sim os manteve firmemente rígidos. Nenhum dos dois disse nenhuma só palavra, enquanto permaneciam sentados, olhando o espetáculo das chamas dançarinas na lareira.

William tinha deixado de lhe esfregar as costas quando ela se pôs em guarda, e agora brincava com uma de suas luminosas mechas. Ela não ofereceu resistência. Ainda estava imobilizada. Era uma pequena vitória, mas ele se sentia animado.

—Deus e o rei a entregaram a mim, Cathryn —proclamou William com um tom solene— Aceito o presente, e de bom grado.

Ela não acreditava.

Ele sabia perfeitamente que ela não acreditava.

—É formosa —declarou William com honestidade.

—Não —respondeu ela — Sou... —a palavra «impura» quase lhe escapou dos lábios.

—Inocente. —William terminou a frase por ela.

E apesar do ar rarefeito entre eles naquele momento, ou possivelmente por isso, Cathryn notou certa liberação, quando até fazia pouco tinha acreditado que nunca conseguiria sentir-se em paz consigo mesma.

—Pode-se ser formoso e inocente de uma vez? —inquiriu ela, com um sorriso duvidoso.

—Só há uma pessoa que possa sê-lo, e essa pessoa é você —respondeu ele com uma tenra solenidade, e a seguir a beijou na ponta do nariz.

Era um tipo estranho, e Cathryn não pôde evitar sorrir novamente, apesar de fazer um efusivo movimento de negação com a cabeça. William não se ofendeu ante tal negativa, mas sim se limitou a capturar aquela bela cabecinha entre seu peito e seu queixo enquanto brincava com seu cabelo. Com aquele silêncio natural, pouco a pouco Cathryn foi se impregnando de um sentimento de bem-estar e de segurança. E de algo que nunca tinha acreditado que poderia experimentar de novo: do sentimento de sentir-se amada.

O que William sentia era uma incontida excitação.

Cathryn era como uma pluma leve sobre seu colo, e sentia como o suave peso dela exercia uma deliciosa pressão contra ele. Com aqueles glúteos firmes e arredondados sobre suas coxas, William notou como seu pênis ficava ereto sem remédio. Lentamente, deslizou sua mão do quadril de sua esposa até um de seus seios, tentando encontrar seu lânguido mamilo.

Cathryn ficou tensa imediatamente.

—É minha esposa — disse Willian através de seu cabelo — Desejo gozar de uma noite de bodas como Deus manda.

A calidez que ela tinha notado que ia se apropriando de seu corpo lentamente, a sensação de paz, desapareceu para dar lugar ao intenso frio que novamente se apoderava de seu coração.

—Importa-te se seguirmos assim, como estamos agora? —pediu-lhe ela, falando com uma absoluta sinceridade — É... é uma sensação muito agradável.

A outra mão de William deslizou até o outro seio, e seus mamilos reagiram ficando eretos, como se tivessem decidido amotinar-se contra a vontade de sua proprietária, deleitando-se na agradável sensação daquelas carícias.

—Eu desejo algo mais que uma sensação muito agradável, Cathryn. Desejo-a.

Ela arqueou as costas para separar-se dele, mas seus mamilos seguiam ao alcance daqueles dedos brincalhões.

—William, por favor —implorou ela.

—Não me peça que não te faça o amor de verdade, ofenderia meu orgulho — brincou ele, respondendo à chamada silenciosa de seus mamilos excitados e esfregando-os inclementemente entre o polegar e o índice — Acaso não ouviste falar da perícia e experiência dos franceses em assuntos amorosos? Temos fama de ser bons amantes.

—Não. —Sorriu ela, apesar de não querer fazê-lo — Só ouvi que são bons guerreiros.

—Depois do dia sempre chega a noite —matizou ele, com o semblante depravado — E um homem tem que saciar suas necessidades.

William estava saboreando o prelúdio de sua vitória. Cathryn estava aceitando suas carícias e seu corpo começava a excitar-se, embora ele duvidava que ela se desse conta. Acariciou-lhe o cabelo e ela se inclinou brandamente sobre sua mão. Às vezes, sua mão se mostrava descarada e baixava até lhe tocar o abdômen ou o interior das coxas ou a redondez dos seios. Os mamilos de Cathryn, sob o tecido de linho que os cobria, aumentavam de tamanho cada vez mais. William recordou que não devia precipitar-se.

Ela seguia agora os movimentos daquela mão com seu corpo, antecipando onde a tocaria a seguir e arqueando as costas para aproximar-se mais. Seus olhos escuros seguiam fixos no fogo, mas já não mostravam nenhuma sombra de suspeita nem de hostilidade.

William lhe acariciou o joelho brandamente e começou a lhe levantar a regata de linho. Ela não protestou. Notava o frescor agradável do ar em sua pele quente, mas também notava um estranho desconforto em seu interior que se misturava naquela agradável sensação que sentia. Não deveria comportar-se daquele modo. Não deveria entreter-se com as carícias de William, por mais que ele fosse seu marido. Seu controle, que até então tinha sido seu aliado mais fiel, lhe escorria das mãos e ela não podia permiti-lo. Mas... mas... tampouco queria que aquela loucura tocasse a seu fim.

Quando os dedos de William roçaram novamente a parte mais íntima de suas coxas, ela suspirou e se abriu a ele, então entreabriu os olhos contra a luz das chamas. Com uma mão lhe esfregava um mamilo com uma brutalidade controlada, e com a outra se dedicava a riscar uma linha até o buraco que logo o admitiria. Ela se entregava a cada carícia, ofegando brandamente e desejando mais.

Os dedos de William estavam pegajosos com o fluxo vaginal que indicava que ela estava preparada. Ele tinha elevado a regata por cima dos seios, expondo todo seu corpo ante seus olhos e suas carícias. A mão sobre um de seus seios se tornou tão ligeira como a névoa, e Cathryn ofegou lentamente e arqueou as costas em sua busca. Ele pôs a outra mão sobre seu seio e ela suspirou com satisfação enquanto um calafrio de prazer lhe percorria as costas. William ampliou o ângulo de suas fornidas coxas, e as coxas de sua esposa, que descansavam sobre eles, seguiram

aquele movimento sem opor resistência. Ela tinha aberto as pernas para ele, como as portas de um castelo sem dono. William rodeou a diminuta ereção de Cathryn com a ponta de seu dedo e ela ofegou. Quando lhe acariciou o púbis com a ligeireza com que um falcão empreende voo, ela se aferrou a suas coxas com os dedos tão tensos que qualquer guerreiro teria se sentido orgulhoso ante aquele lucro.

William notava seu pênis a ponto de estalar, desejoso de afundar-se em uma calidez mais úmida que a que lhe ofereciam aqueles glúteos.

Sem poder aguentar mais, elevou-a e a levou até a cama, continuando, depositou-a com suavidade sobre a colcha. Os olhos escuros de Cathryn se abriram ao notar o movimento, olhando com confusão a mudança de posição, mas sem fechar as pernas ante o peso de seu marido.

—É como uma gatinha em zelo —disse William com um grunhido sedutor enquanto a penetrava.

Cathryn ficou paralisada.

William não pôde conter-se e investiu rapidamente, mas isso aconteceu um momento antes de que ele se desse conta de que ela não compartilhava aquele prazer com ele. Depois de umas poucas investidas mais, deteve-se, descansando entre as pernas totalmente abertas de Cathryn.

—Acredito que necessitamos de um pouco de prática —alegou ele.

—Eu pratiquei muito.

Pela segunda vez naquela cama, William se sentiu invadido por uma ira descomunal e uma profunda dor. Desta vez se controlou. Separou-se de Cathryn e imediatamente lhe deu as costas.

—Mas não comigo —pronunciou ele brandamente.

—É diferente? —quis saber ela, enrolada a seu lado.

—Seriamente não o sou?

Cathryn refletiu ante aquela resposta incerta. Acaso não se deu conta de que ele não se comportava como todos esperavam?

—É diferente —admitiu finalmente.

—No que sou diferente?

A pergunta requeria mais reflexão e muito tato. Como podia se expressar em palavras por que William o Brouillard era diferente? Ela não pensava que a paixão que seu marido professava pelo banho fosse o que gostaria de ouvir naquele momento. Seu caráter? Sim, em certo modo, seu caráter o fazia distinto dos outros. William conseguia fazê-la rir nos momentos mais inesperados e não se mostrava satisfeito se não conseguia seu objetivo. Mas o que realmente a seduzia era sua gentileza, que tinha demonstrado de uma forma tão inquestionável no leito nupcial, inclusive agora, quando ela tinha ferido seu orgulho com palavras de despeito, William a tratava com amabilidade.

—É todo um cavalheiro —declarou finalmente — e se preocupa por mim.

—Sou seu marido, e é o intuito de Deus que te ame como amo a mim mesmo. E isso é o que faço.

Cathryn deu a volta para olhá-lo nos olhos, os dois únicos pontos de luz que brilhavam na escuridão.

—Assim simples?

—É o que prometi na cerimônia de nossas bodas —respondeu ele — E não sou um homem que dê minha palavra à levemente.

—Nem eu tampouco —confessou ela.

—Alegra-me ouvi-lo —respondeu William, e seus dentes brancos resplandeceram enquanto sorria.

E de novo, ela não pôde evitar rir com ele.

—Prometi ser sua esposa, William o Brouillard, e o serei —afirmou ela, com um tom indiscutivelmente seguro em sua voz.

William refletiu um momento e então perguntou:

—Em todos os sentidos?

Cathryn vacilou um breve instante, menos do que ela teria esperado, antes de responder a sua provocação:

—Em todos os sentidos.

—Sem duvidar?

—Sim.

—Com todo seu empenho? —acrescentou ele, com um tom zombador.

—Parece-me que pede muito, O Brouillard —soltou ela.

—Não mais do que exijo a mim mesmo —rebateu ele, com um tom de voz novamente sério — Acaso não é osso de meus ossos e carne de minha carne?

—De onde tiraste essa metáfora?

—Não é uma metáfora, a não ser um fato. Mas se por acaso te interessa, estava recitando as palavras de Adão quando Deus lhe apresentou Eva, sua inesperada companheira.

—Eva, a culpada de todos os pecados da Humanidade, segundo nosso padre — comentou Cathryn com secura.

—Eva, a que foi criada de e para Adão pela própria mão de Deus —a retificou William — Deveríamos pensar que Deus errou a mão quando a criou?

—Pequena blasfêmia! —exclamou ela, consternada, e de uma vez divertida. Era pecaminoso o modo em que ele a tinha feito rir com uma questão que requeria ser tratada com solenidade e absoluta seriedade.

—Não —rebateu ele — Eva não deveria ter sido criticada pelos disparates que cometeu Adão.

—A que desatino se refere? —perguntou ela, movida por uma grande curiosidade.

—Parece-me que Adão prestava muita atenção aos conselhos de sua esposa — respondeu William com uma seriedade teatral.

A risada, que durante tanto tempo ela tinha contido em seu peito e que tanto sentia falta, estalou com estrondosa sonoridade até retumbar nas paredes do quarto de William. Cathryn não recordava a última vez que tinha rido com tanta vontade. Que seu marido pudesse lhe contagiar aquele estado de bem-estar e relaxação a deixou realmente perplexa. E ainda por cima soltando brincadeiras sobre questões espirituais!

William a havia novamente enfeitiçado com sua magia silenciosa. Cathryn tinha se esquecido por completo de que estavam deitados nus um junto ao outro na mesma cama. Sentia-se relaxada. Não existiam muros entre eles, pelo menos não naquele preciso momento.

William lhe acariciou brandamente a bochecha quando ela acabou de rir e a rodeou com seu corpo quente, colocando a mão sobre a curva de seu quadril.

—Agora dorme, esposa minha —ordenou cortesmente.

E apesar de ela não acreditar que pudesse, dormiu.

CAPÍTULO 11

A luz da alvorada irrompeu em silêncio e com dificuldade entre as nuvens portadoras de chuva. Muito devagar, a mortiça luz foi invadindo todas as curvas do quarto, e os traços de Cathryn foram se perfilando com mais nitidez ante o atento olhar de William.

Ela tinha a mão debaixo da bochecha e o cabelo alvoroçado ao redor de sua garganta. Inclusive na penumbra, seu cabelo glorioso brilhava com brilhos dourados e chapeados como o nimbo de um anjo. Com um pouco mais de luz, ele poderia ver a fina linha delicada de seu nariz e o ângulo definido de seu queixo. E então se fixou na cicatriz em cima de sua sobrancelha, que destacava sobre sua pele dourada: o testemunho de sua violação.

Cathryn permanecia dormindo, a seu lado. William não podia conter a fúria que sentia por Lambert de Brent, por mais que tentasse. Cathryn jamais teria que suportar sua própria fúria por nenhuma causa. William não a deixaria ver a raiva cega e incontida que lhe nublava a mente quando pensava no que aquele desgraçado tinha feito a sua esposa.

Ela era uma vasilha quebrada —não seu corpo, como previamente tinha acreditado, a não ser em espírito— e essa classe de gretas eram as piores de todas. William não poderia conhecer a cândida Cathryn que tinha sido antes, a menos que pudesse fechar quão feridas ainda supuravam nela, e isso era precisamente o que se propunha fazer. Cathryn era sua segunda oportunidade, o que não tinha obtido com Margret, sua irmã, tentaria obter com ela. Deus nem sempre concedia uma segunda oportunidade. Se conseguia fechar as feridas de sua esposa —e em silêncio jurou a Deus que o faria— possivelmente a dor e o sentimento de culpa que não o tinham abandonado desde a morte de Margret também se amorteceriam. Possivelmente... se Deus era misericordioso.

Cathryn não confiava nele. Ela tinha erguido aquele muro para proteger-se dele, contra ele, e apesar de William ter ganho um pouco de terreno a noite anterior, comprovando que ela não era inalcançável, ainda ficava um longo caminho por percorrer naquela campanha até conseguir que lhe mostrasse seu lado mais vulnerável. Porque assim devia ser entre um homem e sua esposa. Não deviam existir barreiras entre aqueles que eram uma só carne, porque isso significaria que não eram uma só carne e que seu matrimônio era uma farsa ante os olhos de Deus.

William pensava ganhar a confiança de Cathryn e converter aquele temor e ódio com respeito a sua união física em um desejo mútuo que Deus em sua sabedoria tinha planejado. Necessitaria tempo e paciência —não queria enganar-se— mas venceria. William jamais tinha perdido nenhuma batalha.

Cathryn despertou lentamente, preguiçosa. Ele sabia que ela já estava acordada muito antes de que finalmente abrisse os olhos. William tinha a sensação de que era sua forma normal de despertar pelas manhãs: lenta e sossegada, sem pressa.

Estava segura de que William a tinha estado observando enquanto dormia, e aquele pressentimento fez que os nervos se apoderassem de novo de seu estômago. Quando estava dormindo, era completamente vulnerável. Tinha falado em sonhos? Às vezes sabia que falava em voz alta enquanto dormia profundamente. Dormiu com a boca aberta? Aquele pensamento a fez sorrir. Era o preço que alguém devia pagar quando compartilhava a cama com alguém.

Com um rápido e incômodo sorriso, levantou-se precipitadamente da cama, notando o chão frio na planta dos pés. Sem perder nem um segundo, ficou de cócoras com agilidade para cobrir seu corpo nu com os joelhos enquanto procurava seu traje. Encontrou-o atirado pelo chão junto ao fogo extinto na lareira e com uma rápida sucessão de imagens, recordou a noite anterior enquanto se achava sentada no colo de seu marido, desfrutando plenamente do momento, e não só do calor que envolvia o quarto.

—Bom dia, Cathryn —disse William com amostra de bom humor, procurando não pensar na celeridade com que sua esposa tinha abandonado a cama.

—Bom dia —murmurou ela, vestindo o enrugado vestido.

—Vejo que está pronta para suas preces matinais —brincou ele, sem mover-se da cama que ainda mantinha o calor.

Cathrin lhe deu as costas, como se desejasse acreditar que ele não estava naquela habitação enquanto trabalhava em excesso por atar as fitas.

—Cathryn? —William tentou captar sua atenção.

—Sim, estou pronta para confrontar os trabalhos do dia.

—Mas é muito cedo.

—Já amanheceu!

William não desejava discutir com ela, assim que ficou olhando, com as costas apoiada na cabeceira de madeira da cama, enquanto ela atava as fitas, ou pelo menos aquelas que estavam a seu alcance.

—Tem outro vestido? —perguntou-lhe ele finalmente.

—Sim —soprou ela.

—E onde está?

Pelo visto, O Brouillard tinha vontade de cercar conversação, e em troca Cathryn não gostaria de falar. Dando a volta para ele, respondeu:

—Em meu quarto.

—Mas este é seu quarto agora —asseverou ele, com uma voz afável e firme de uma vez — Ordena que tragam todos os seus pertences.

E quando ela não respondeu e se limitou a olhá-lo com rosto zangado, ele adicionou:

—Hoje mesmo.

William não pensava dar mais voltas ao assunto, já que para ele o tema estava resolvido. Levantou-se da cama, tão nu como o dia em que sua mãe o apresentou ao mundo. Cathryn deu a volta rapidamente e voltou a lhe dar as costas.

Seu marido era um adônis.

Cathryn não poderia sobreviver a aquela gloriosa imagem.

Enquanto ela dava a volta, William agarrou no ar uma de suas mechas e a manteve presa em seu punho com suavidade.

—Envergonha-se de mim? —perguntou-lhe, com uma voz tão suave como uma andorinha voando — Sou tal e como me fez Deus.

Ela sabia perfeitamente, e morria de vergonha de admitir que gostava do que Deus tinha criado, sim, gostava e muito. Ele era magnífico, com seus olhos cinzas e seu cabelo resplandecente, seu nariz tão reto, apontando em linha direta para seus lábios, firmes e perfeitamente moldados, as sobrancelhas negras, que se arqueavam com a graça de um cisne e agasalhavam a beleza daqueles olhos cinzas que nunca pareciam perder o brilho.

Seus braços musculosos, seus ombros fornidos, seus quadris estreitos... Sem dúvida, William era uma escultura perfeita.

—Em troca, não fica mais remédio que admitir que eu adoro como Deus te moldou o dia que foi concebida —comentou ele, ao tempo que brincava com sua mecha. E ao ver que ela não respondia, cravou-a — Que pena que não te agrade o trabalho de Deus com meu corpo.

Cathryn conhecia William bastante bem para saber que ele a estava cravando porque não estava seguro do que ela pensava. Embora parecesse estranho, aquela constatação lhe provocou um comichão de prazer.

Dando a volta lentamente, Cathryn sorriu.

—É outro dos atributos do que se orgulham os franceses?

William se encolheu de ombros e lhe devolveu o sorriso.

—Temos fama de ser uma raça de homens arrumados.

Cathryn o olhava agora sem pestanejar, com os olhos brilhantes. Lentamente, elevou os dedos como se se dispusesse a enumerar uma lista.

—Vejam se lembro todas as virtudes dos franceses: obstinados, guerreiros, bons amantes, vaidosos. Noto que a humildade não está presente.

—Deus atribui sempre uma imperfeição a todos os ilustres, porque se não pensaríamos que somos iguais. E com minha raça, a falta de humildade frente a tais atributos tão superiores é certamente compreensível. —William cruzou os braços sobre seu imenso peito e sorriu vitoriosamente — Deus nos deu uma imperfeição, e considero que é algo absolutamente lógico.

—Crê que sabe o que pensa Deus? —perguntou ela, contendo a respiração.

—Não. —Ele sacudiu a cabeça enquanto relaxava os braços — Em troca, eu adoraria saber o que você pensa. De verdade te atrai tão pouco meu físico? — voltou a perguntar, com um tom de voz mais sério que o que realmente pretendia.

Cathryn deu a volta novamente para a lareira, oferecendo a ele uma esplendorosa vista de suas costas antes de responder:

—Não me atrai tão pouco.

Posto que lhe dava as costas, ela não pôde ver a careta de chateio no rosto de William por causa de sua ambígua resposta. Era possível que não se sentisse atraída por ele? Se for assim, seria a primeira mulher, mas os ingleses não eram como as outras nações, e isso era algo que todo mundo sabia. Entretanto, suas palavras tão esmeradamente imprecisas, não implicavam que sim que se sentia atraída por ele, e não precisamente pouco? Poderia ser. E então sorriu, já que era óbvio que Cathryn se sentia cômoda burlando-se dele, e uma mulher paralisada pelo terror não atuaria desse modo.

O barulho matutino no castelo se fez mais audível: Kendall chamava aos gritos seu escudeiro, alguém estava aplanando uma peça de ferro a golpes de martelo, Ulrich trotava escada acima como um cavalo desbocado.

William cobriu sua nudez com sua capa, o que ajudou Cathryn se relaxar, certamente não se tampou por Ulrich, que o havia visto nu inúmeras vezes. Tinha-o feito justo quando Ulrich tinha entrado abobalhadamente no quarto e sem deter-se nem um instante, pôs-se a falar de forma atropelada:

—Faz um dia esplêndido para sair caçar com o falcão, senhor! OH! bom dia, minha senhora! Posto que não há sol que possa nos deslumbrar, pensei que poderíamos sair para caçar e retornar com uma boa peça para oferecê-la às pessoas de Greneforde, milord.

William mau prestava atenção a Ulrich. Ficou olhando Cathryn, que tinha aproveitado a intervenção do escudeiro para atravessar rapidamente a habitação, usando seu cabelo solta para cobrir o vestido desabotoado, e escapar sigilosamente. Quando esteve na soleira, simplesmente lhe disse:

—Hoje.

Cathryn fez uma breve pausa para assentir com a cabeça, embora se mostrasse desconcertada, como se não soubesse do que lhe estava falando.

—Cathryn.

Desta vez ela se deteve completamente, mas não deu a volta para olhá-lo.

—Há outra coisa que quero que organize hoje: banhos para todos os habitantes de Greneforde. Hoje. Minha querida esposa - ordenou apesar de ela seguir lhe dando as costas.

Ante tal ordem, Cathryn não pôde reprimir-se e deu a volta um pouco até oferecer a William uma clara vista de seu perfil. Ele podia vê-la sorrir, e a seguir ela assentiu e empreendeu a marcha, não sem antes ouvir Ulrich que se lamentava:

—Mas meu senhor, se me banhei faz uma semana!

CAPÍTULO 12

Quando William entrou no salão, Rowland o estava esperando junto à lareira com uma jarra de cerveja nas mãos. Sem perder nem um segundo, passou a jarra a William.

—Quando partirá em busca de Lambert? —perguntou-lhe.

William já esperava aquela pergunta. Não tinha deixado de pensar na imperiosa necessidade de castigar Lambert desde a primeira vez que tinha ouvido falar da existência desse tipo e da relação que tinha mantido com sua esposa.

—Não sei —respondeu William com a mesma serenidade — Certamente Cathryn terá uma resposta mais concreta, já que eu não penso abandonar Greneforde até que se fechem as feridas de sua alma. Seu bem-estar é o primeiro para mim, por cima de minha sede de vingança. - William tentou relaxar tomando um bom sorvo de cerveja antes de continuar —Se fará justiça, é obvio, embora possivelmente chegue mais devagar do que realmente eu teria querido.

Seus olhos cinzas toparam com os olhos mais escuros de seu amigo, que lhe mostraram sua absoluta compreensão e apoio. William e Rowland sempre estavam de acordo nos assuntos mais difíceis.

—Considero que é uma eleição certamente sensata William, e é possível que Lambert encontre seu castigo muito mais severo quando lhe chegar a hora, porque provavelmente por então terá a segurança de que escapou ileso.

Os dois olharam o fogo em silêncio, cada um imerso em seus pensamentos, imaginando qual podia ser o castigo mais apropriado para Lambert.

—Há algo que quero que faça por mim —começou a dizer William.

—O que queira —prometeu Rowland, convocando a mão sobre o punho de sua espada.

—Que siga Lambert para que eu saiba onde encontrá-lo quando estiver preparado para me enfrentar a ele.

—Está feito.

—Possivelmente deveria ir com Kendall, e será melhor que primeiro vá ver o rei, já que quero que saiba que o matrimônio que ele benzeu se consumou e que Greneforde já é um lugar seguro. Vá com muito cuidado —acrescentou William, depositando a mão sobre o braço de Rowland — Atua com sigilo, não quero que Lambert saiba que o seguimos. É possível que ainda ronde aqui por perto, maquinando algum plano para recuperar Greneforde.

Mas William já não estava olhando Rowland, tinha desviado a vista para Cathryn, que tinha entrado no salão e tinha iniciado uma distendida conversação com John.

—Não penso abandonar esta magnífica recompensa tão facilmente —concluiu William.

—Seus desejos são ordens, William. Kendall e eu partiremos amanhã ao amanhecer.

A seguir, os dois abandonaram o salão para seguir conversando tranquilamente em outro lugar onde ninguém pudesse ouvir seus planos. No salão só ficaram Cathryn e John.

—A água já está fervendo, milady, embora alguns dos nossos já se banharam.

Por um momento, ela ficou estupefata e sem fala. Não era o que tinha esperado ouvir. Sua intenção ao ir em busca de John tinha sido achar uma saída digna a aquela ordem tantas vezes reiterada por seu marido para não ter que cumpri-la, e não o contrário: que seus serventes a acatassem sem protestar.

John viu sua consternação e a compreendeu, mas também compreendia algo mais, e isso foi precisamente o que expressou a sua senhora:

—William não é Lambert.

—Sei —respondeu ela — Entretanto...

—Neste momentos Marie está levando seus pertences ao quarto principal —a interrompeu John.

Não era uma notícia satisfatória.

—John, parece que perdi sua lealdade, que pelo visto agora professa de forma tão aberta para o novo senhor de Greneforde —o acusou Cathryn, abrindo desmesuradamente os olhos em seu rosto delicado.

—Isso é totalmente impossível, minha senhora. —O mordomo sorriu mansamente, e seus olhos castanhos a olharam com afeto — Agora está casada com William. Por conseguinte, os dois são uma só pessoa.

E ele a deixou ali plantada, em um rincão do salão, com o semblante totalmente perplexo.

Mas só por uns minutos. Com uma renovada determinação, Cathryn empreendeu marcha para seu antigo quarto, que tinha compartilhado com seu irmão. Quando seu pai partiu para iniciar a peregrinação, ela se instalou no quarto principal. Era uma decisão óbvia, que todos esperavam que tomasse. Mas quando Lambert apareceu, Cathryn voltou a instalar-se em seu antigo quarto. Agora, com a chegada de William, não tinha exposto nenhuma mudança a respeito.

Ao entrar viu que já não ficava nenhum de seus pertences em seu antigo quarto. Quão único havia era a arca, vazia. Tudo o que tinha contido, seus vestidos velhos e seu pente, tinham desaparecido. Temia saber seu paradeiro. Mas inclusive temia mais que Marie se colocasse contra ela, igual John.

Acelerou o passo para o quarto de William, segura de que não encontraria seu marido ali, já que o tinha visto abandonar o salão depois de uma conversa muito séria com Rowland. Durante esse bate-papo, os olhos de William se desviaram uma e outra vez para ela, e sua intensidade chapeada a tinha acossado inclusive a distância. Ela tinha tentado não olhá-lo. Por isso levou uma enorme surpresa quando viu que o quarto principal estava ocupado. Embora não por William, mas sim por Ulrich e Marie.

—É que há alguém mais que ocupe seu coração, minha bela Marie? Por isso não quer me dar esperanças?

Marie não disse nada, mas tampouco se mostrou intimidada. De fato, sorriu e ocultou parte do rosto atrás de uma bonita parte de tecido e retrocedeu um passo.

—Seja quem for, seguro que te haverá dito que tem uns olhos feiticeiros —a adulou Ulrich — Mas o que não te disse que são da mesma cor que o céu de

Damasco, azul claro e infinito como a abóbada celeste? Lhe disse que brilham como as safiras da coroa de um rei, e que a mulher mais formosa, a rainha Eleanor, daria seu trono por ter uns olhos como os teus?

Cathryn esperou a que Marie saísse correndo ou que pelo menos negasse que estava comprometida com outro moço. Esperou em vão, já que Marie não fez nem uma coisa nem outra.

—Não —respondeu, sorrindo — Não me disse nada disso.

—Então deve ser um bobo, um homem que não é digno de ti, Marie. Será melhor que rompa com ele e me tome por amante —declarou Ulrich.

—Ah, sim? —Marie riu divertida e retrocedeu outro passo, vigiando com muita atenção Ulrich, que se mostrava decidido a não lhe dar trégua.

—Sim, do contrário, terei que lutar com ele para ganhar seu favor, e Deus decidirá quem dos dois deve ganhar seu amor.

—Possivelmente sim que Deus decidirá ao final, mas eu decidirei ao princípio —flertou Marie. Parecia estar divertindo-se imensamente.

Ulrich avançou para ela impulsivamente, lhe cortando toda via de escape, que já não podia retroceder mais. Ela permaneceu tranquila, sem dar nenhum sinal de alarme.

—Então será melhor que decidas, embora te acautelo de que não aceitarei outra resposta que não seja que me escolhe, e se o cortejo tem que durar cem anos, estou preparado para suportá-lo —declarou Ulrich com uma grande mostra de teatralidade.

Cathryn os observava, e sua irritação se incrementava com cada momento que passava. Se as coisas não davam um giro —e rapidamente— William e sua horda acabariam por romper as defesas de todos os habitantes de Greneforde, já que até podiam convencer a Marie... Tampouco era que Ulrich lhe caísse mal —de fato, parecia-lhe um moço encantador que tinha sabido lhe arrancar mais de um sorriso incluso a ela— mas Marie era diferente. Marie tinha chegado a Greneforde como uma pobre menina que necessitava ajuda, uma menina órfã em um mundo cruel que se rachava por culpa da guerra, e Cathryn se fez cargo dela. Marie tinha sido recebida em Greneforde, um reduto a salvo em um mundo escuro cheio de

incertezas, inclusive quando Lambert tinha chegado, Cathryn a tinha mantido a salvo. Marie a necessitava.

Cathryn pigarreou e os dois tontos deram a volta velozes para olhá-la, alarmados ao ter sido pegos no quarto de seu senhor.

—Parece-me que seu senhor estava procurando você, Ulrich —anunciou Cathryn.

Ulrich assentiu com a cabeça e partiu, mas não sem antes olhar com insistência a Marie, que ruborizou e baixou a vista. Cathryn pensou que nunca tinha visto Ulrich abandonar uma estadia tão lentamente.

Quando teve abandonado o quarto, trotando escada abaixo como um cavalo desbocado, Cathryn olhou a Marie, que naquele instante estava conseguindo dominar seu rubor.

—Estou preocupada com você, Marie —disse Cathryn com suavidade, acabando de entrar na habitação — Ulrich...

—Não se preocupe comigo, milady —a interrompeu Marie com um amplo sorriso, e seu acanhamento se desvaneceu como a névoa ao amanhecer — É impossível tomar Ulrich a sério, com todo esse palavrório e seus amplos ombros, asseguro-lhe isso. —Fixou os olhos em um ponto no espaço entre elas e adotou um semblante risonho — Mas senhora... —Riu divertida, como se de repente acabasse de recordar de novo de que Cathryn estava com ela — Me passo tão bem lavando o cabelo!

E sem dizer nada mais, saiu disparada da habitação.

Em toda sua vida, Cathryn jamais havia se sentido tão, tão... inútil. Era uma sensação realmente estranha.

Descendo as escadas até o salão, sem estar absolutamente segura do que ia fazer durante o resto do dia, Cathryn quase se chocou com William.

—Cathryn. —Sorriu William, visivelmente encantado de vê-la. Ela sorriu fracamente, sentindo que inclusive com aquele gesto tão insignificante, ela estava perdendo um pouco mais de terreno frente a ele — Rowland e eu estamos preparados para sair a caça. Se tudo for bem, hoje teremos carne fresca para jantar.

—E quem te acompanhará, além de Rowland?

William franziu o cenho um momento e respondeu:

—Ninguém mais. Acabo de dizer isso, só iremos Rowland e eu. Acaso duvida de minhas habilidades para caçar? —brincou ele.

—Não, absolutamente —suspirou — Sei que não retornará com as mãos vazias.

Cathryn estava tentando procurar uma desculpa para que Ulrich partisse com William e permanecesse afastado de Marie, mas não o podia dizer abertamente a William.

William também tinha ocultado algumas coisas a Cathryn. Rowland e ele não tinham a intenção de dirigir-se para o bosque de Greneforde seguindo a borda do rio Brent, a não ser para a antiga propriedade de Lambert.

As nuvens do amanhecer tinham cumprido sua promessa. Não parou de chover todo o dia. A chuva caía com suavidade mas sem parar, empapando a terra já molhada e incrementando o caudal dos riachos, que iam desembocar no rio. Entretanto, eles cruzaram o Brent sem nenhuma dificuldade, possivelmente porque não tinham sopesado a ideia de sucumbir em seu empenho simplesmente por um pouco de água, e agora permaneciam sentados em seus cavalos trementes, examinando o legado de Lambert.

Era uma antiga fortificação —ou tinha sido— rodeada por uma paliçada de madeira. Parte do cercado tinha ficado reduzido a cinzas. A metade do teto desmoronou, as vigas de madeira estavam quebradas, negras e chamuscadas, e conferiam ao lugar um aspecto desolador sob o céu cinza.

Tudo estava em ruínas. Rowland e William estavam pensando o mesmo, apesar de não o expressarem com palavras.

Com Greneforde e sua torre de pedra a um tiro de pedra, Lambert não reclamaria aquela propriedade destruída.

Uns súbitos ruídos e um forte grunhido no que antes tinha sido um campo cultivado fez que os dois guerreiros girassem a cabeça para o som e empunhassem a espada. Não se tratava de uma pessoa, mas sim de um javali de impressionante dimensão que estava rastreando comida naquele lugar deserto. William sorriu com

uma fria satisfação. Ali diante tinha o jantar para Cathryn, e não tinha tido que ir em sua busca, lhe tinha apresentado de uma forma apropriada.

Agarrando a lança com mão firme, elevou-a com maestria e a lançou para a besta, atingindo-a no ombro. Acuado, o javali atacou contra seu atacante, com os olhos vermelhos enquanto seu sangue emanava pela ferida até manchar a terra empapada de chuva sob seu gigantesco corpo. A imagem teria infundido pavor a qualquer ser humano, já que só os mais valentes se atreviam a caçar um javali. Era um assassino selvagem e temível, que atacava com suas presas afiadas qualquer presa que cruzasse seu caminho, e podia despedaçar a um homem em tão somente uns minutos.

William, o Brouillard, encarou seu atacante com sangue-frio. Se Deus tivesse dotado aquela besta com um pouco de sentido comum, teria detido seu ataque mortal e teria reconsiderado seu adversário. Mas o javali carecia de sentido comum. Só era uma besta selvagem, nada mais.

Com um livre movimento, William desmontou do cavalo e desembainhou a espada. O fio metálico cintilou sob o céu plúmbeo. William permaneceu no chão, imóvel, enquanto a terra estremecia com o enlouquecido trote daquele animal que pesava mais de duzentos quilogramas. Os olhos de William brilhavam, com a mesma ferocidade que o fio de sua espada letal, esperando o atacante.

A besta se equilibrou sobre ele, e com um golpe certo William lhe fatiou o pescoço. O javali caiu desabado a seus pés, morto imediatamente.

William elevou a espada outra vez para o céu. A chuva se mesclava com o sangue, que escorria pelo fio formando fios de cor vermelha. Com uma poderosa estocada, separou a cabeça do corpo e a afastou com um chute. A cabeça rodou até deter-se no meio dos escombros que eram o único vestígio que ficava do castelo de Lambert.

Rowland observou a cena em silêncio, recreando-se em silêncio.

—Não falhou.

—Não —concordou William.

—Poderia tê-lo matado mais limpamente se tivesse apontado ao pulmão.

—É certo.

Rowland observou como William se apressava em cortar a carcaça e a sangrar o animal, manchando o chão a seus pés alagado de barro com uma tonalidade mais acobreada.

—A cabeça de javali é um manjar —remarcou Rowland com um tom desenvolto — jogou fora a melhor parte.

—Não, era muito feio para ser comido —rebateu William, limpando o sangue de sua espada na erva molhada a uns poucos passos de distância do lugar onde tinha tido lugar a matança — Teremos que nos arrumar só com o corpo.

—Está coberto de sangue —comentou Rowland enquanto William se encarapitava de novo em suas montaria — Provavelmente irá querer se banhar quando retornarmos a Greneforde.

Uma visão de Cathryn inclinando-se sobre seu corpo, o calor da água empapando seu belo cabelo que emoldurava seu rosto, emergiu ante ele. Ele e sua esposa tinham compartilhado a imagem de uma cena similar previamente, e Cathryn tinha perdido a compostura por causa daquela imagem. Como seria realmente a realidade, quando ela o tocasse por todo o corpo? Melhor, muito melhor.

William sorriu e esporeou seu cavalo para ir a galope.

—Não te caiba a menor duvida.

CAPÍTULO 13

Cathryn se achava de novo no antigo celeiro do abrigo, como no dia anterior. Entretanto, naquela ocasião não dedicou muita atenção às valiosas sementes que William tinha contribuído como parte de seu dote. Nesta ocasião se dedicou a estudar os tecidos. Não podiam permanecer muitos dias em um ambiente tão úmido, pois apodreceriam. Por conseguinte, o mais sensato era inspecionar e valorar aqueles tecidos que formavam parte de seu presente de bodas e determinar onde deviam guardá-las de forma permanente.

Apesar de Greneforde ter sido próspero uns anos antes, ela não podia recordar nenhuma etapa em que houvessem possuído tecidos como aqueles. Eram realmente admiráveis. Estavam enrolados e amontoados em uma grande arca, e reluziam ricamente sob a tênue luz que se infiltrava no abrigo. Cathryn não se atrevia a elevar a tocha perto delas por medo de queimá-las com alguma desafortunada faísca. Depositou a tocha em um suporte da parede e se aproximou com cautela à arca aberta, sentindo-se invadida por uma rude sensação de temor ao pensar no tato que deviam ter aqueles esplendorosos tecidos, mas sem poder resistir tocá-las com a ponta dos dedos. Havia sedas, linho e organzas, e todas elas eram de um tato extremamente agradável.

Unindo forças, elevou um cilindro de tecido de cor azul intenso da pilha. Nem o céu no verão oferecia aquela incrível tonalidade. O tecido estava justo em cima de outro de cor mogno, que rivalizava com o esplendoroso marrom dos bosques no outono, e depois havia outro tecido de uma cor dourada resplandecente. Colocou esta última em cima da primeira e a deixou cair em cascata contra o azul, o resultado foi espetacular: nada mais nada menos que o sol em um céu espaçoso, sem uma só nuvem. Debaixo da cor dourada havia outro tecido cor ébano, e Cathryn pensou que essa cor sentaria divinamente ao tom de cabelo de seu marido.

Poderia mandar que lhe confeccionassem uma túnica elegante, apesar de ser uma cor incomum para essa classe de objeto. Depois tirou outro cilindro de seda cor café, seguido por outro cor avelã e outro vermelho borgonha, todas as tonalidades do marrom, do amarelo ao vermelho. Todas muito belas. E então viu no fundo da pilha, uma impressionante seda cor escarlate com fio dourado. Sem poder se conter, pegou-a com cuidado e a levou a bochecha.

—É uma seda muito particular que provém da cidade de Acre, em Israel — explicou pai Godfrey.

—Como diz? —Cathryn deu um pulo e soltou o tecido.

—É um tecido de seda tecida com fio de ouro, e provém da cidade de Acre — repetiu ele, interpretando mal sua reação.

—É muito elegante —alegrou ela agora mais calma — Seria uma capa senhorial para o William, não parece?

—Assim é —conveio o padre com satisfação.

—Peço-lhe perdão, pai, pelo atraso da missa.

—Não tem que te desculpar, Cathryn. Podemos officiar a missa qualquer outro dia depois do jantar. —Godfrey sorriu ante o rosto solene de Cathryn — Acaso os mortos não dispõem de toda a eternidade, por isso para eles mil anos é quão mesmo um dia?

—Que estranho —murmurou ela, franzindo o cenho, enquanto brincava com o tecido escarlate tão próximo a sua mão — William disse exatamente o mesmo.

Godfrey sorriu amplamente e se aproximou da arca, apalpando os tecidos com sua mão.

—Eu gosto de saber que algumas das palavras sagradas de Deus penetraram na cabeça de William após tanto esforço.

—Quanto tempo leva com ele? —perguntou-lhe apocadamente.

—Muitos anos, embora isso foi depois de William partir de Damasco. Conheço Rowland há muito mais tempo.

—Então não o conheceu de menino —comentou ela, com uma visível decepção.

—Não, mas sei a história de sua infância, apesar de ser muito curta.

A expressão no rosto de Cathryn era tão esperançosa e risonha enquanto permanecia de pé acariciando o tecido escarlate, que Godfrey decidiu lhe contar o que sabia a respeito de William o Brouillard sem trair sua confiança. Parecia-lhe magnífico que ela mostrasse tanta curiosidade, e além disso, se ela conhecia melhor seu marido, possivelmente relaxaria mais quando estivesse com ele.

—Os homens de Matilda arrebataram as terras de seu pai, que era descendente da casa de Anjou, e seu pai morreu na luta —começou a narrar Godfrey — William, que só era um menino de doze anos, iniciou sua formação como escudeiro enquanto sua mãe e sua irmã vagavam de um lugar a outro. Viviam na casa de algum familiar até esgotar a obrigada hospitalidade e então se mudavam a casa de outro parente.

—Não sabia que tinha uma irmã —murmurou Cathryn.

—Sim, e a queria muito, apesar de não vê-la frequentemente, já que ele tinha obrigações a cumprir. Com o passar do tempo, o fato de ir de casa em casa debilitou sua mãe até o ponto que a pobre senhora não aguentou mais e faleceu. — Após uma pausa, acrescentou — Sua mãe morreu antes que William pudesse retornar.

—Que pena! —pronunciou Cathryn com melancolia.

—Sim, uma verdadeira pena, já que então William se sentiu obrigado a ganhar suas esporas a uma tenra idade para poder manter sua irmã com suas façanhas cavaleirescas.

—E conseguiu?

—Sim, é obvio que sim. Ganhou suas esporas antes de cumprir os dezoito anos, em parte porque o cavaleiro ao que servia era um tipo muito duro e adestrava seus escudeiros com uma férrea disciplina.

—Continue, por favor —lhe pediu Cathryn depois que pai Godfrey ficasse calado uns minutos, perdido em seus pensamentos.

—William cavalgou tão ligeiro como os anjos quando se dispõem a cumprir um mandato divino para estar ao lado de sua irmã, mas chegou tarde.

—Por que chegou tarde?

Pai Godfrey piscou incômodo e tragou saliva antes de responder, com grande abatimento:

—Ela morreu justo umas horas depois que ele chegou. Quando William atravessou a porta, encontrou-a agonizando. Morreu em seus braços.

Cathryn assimilou aquela notícia. Realmente seu marido tinha conhecido as tristezas deste mundo. Mas apesar de ter sofrido tanto, seu espírito não se dobrou.

—Como se chamava?

Godfrey escrutinou os olhos de Cathryn, e se sentiu animado ao ver a compaixão que emanava deles.

—Margret.

Cathryn assentiu. Incluiriam Margret na missa pelos mortos.

—Depois de enterrá-la, William partiu para Damasco.

Onde poderia ter morrido facilmente. Depois de tudo, que motivos tinha para seguir vivo? Pelo menos, tinha vivido para encontrar um lar. Tinha vivido por e para Greneforde.

Pai Godfrey notou que Cathryn não tinha deixado de brincar com a seda escarlate inconscientemente.

—Este tecido te favoreceria, Cathryn —comentou sinceramente.

Cathryn se sobressaltou novamente e soltou o tecido.

—Parece-me um comentário estranho, vindo de um padre —expressou ela, um pouco incômoda.

Godfrey sorriu e guardou um cilindro de tecido de vivas cores na arca.

—Deus não considerou oportuno me tirar a vista quando fiz meus votos livre e deliberadamente, e te asseguro que lhe estou extremamente agradecido.

—É um padre verdadeiramente incomum —assinalou Cathryn, ajudando-o a ordenar os cilindros de tecido.

—E você não é a primeira que me diz —respondeu ele — A cor escarlate te cai bem, Cathryn. William ficaria encantado de ver como o exhibe.

Tinham guardado todos os tecidos na arca, todas exceto a seda de cor escarlate. Ela a soltou como se lhe queimasse as mãos.

Pai Godfrey sorriu de novo e saiu do abrigo tão silenciosamente como tinha chegado. Quando teve partido, Cathryn voltou a agarrar a seda escarlate. Era como se lhe faltasse valor para afastar-se daquela preciosidade, e para saber se o pai Godfrey tinha razão, só tinha que prová-la.

Tocou justo uma ponta e logo deslizou a mão lentamente até que todo seu braço ficou coberto pelo magnífico tecido. Em um abrir e fechar de olhos, tinha a seda enrolada por cima dos ombros. Cathryn baixou a vista e ficou encantada com aquela cor tão intensa e a calidez que dele emanava, e deu várias voltas tentando ver como ficava pelas costas.

William gostaria de vê-la com essa cor? Sem dúvida, estaria muito mais atrativa que com aquele vestido cinza que agora tinha posto. Com aquele tom escarlate, sentia-se... sentia-se...

Cathryn voltou a guardar o tecido na arca e a fechou antes de sair apressadamente do abrigo a procura de Marie. Provavelmente a encontraria em companhia de Ulrich. Com uma visão de si mesma luzindo aquele maravilhoso tecido vermelho, Cathryn acelerou o passo. De todos os modos, necessitava uma desculpa para manter Marie afastada de Ulrich.

Foi o som de umas risadas que a alertou, provenientes do rincão onde o muro da cozinha confluía com os troncos de madeira da paliçada. Era um bom esconderijo, que inclusive em pleno dia ficava totalmente às escuras. A chuva tinha cessado, mas o céu ameaçava voltar a descarregar antes do entardecer. Tinha sido um dia cinza, muito cinza para que alguém tivesse vontade de permanecer sobre o chão alagado de barro, e com tanta vontade de rir.

Rodeando a esquina, Cathryn ficou consternada ante o que viram seus olhos.

Uma moça de peitos generosos, vivazes olhos azuis e com um esplendoroso cabelo castanho se achava apanhada —embora parecia estar encantada com a situação— entre os braços estendidos de Ulrich. Marie! Ele a tinha encurralado em um rincão, ela tinha as costas pega a parede e ele os braços apoiados a ambos os lados, de forma que ela ficava capturada no meio de seus braços sem poder escapar. E ainda por cima ria! Marie, recém banhada e usando roupa limpa,

transformou-se em uma atrativa moça. E pelo visto, sob o atento olhar e a loquacidade de Ulrich, também tinha alterado seu comportamento. A moça tímida tinha sido suplantada por uma jovem coquete.

—Ulrich! —exclamou Cathryn, e teve a satisfação de ver como ele baixava os braços e dava a volta para olhá-la, enquanto o rubor se estendia por toda seu rosto — Pelo visto tem muito tempo livre, já que é a segunda vez que te pego hoje em uma atitude ociosa. Se seu senhor não tiver muitas tarefas para te manter ocupado, então certamente não lhe importará se eu lhe peço que me dê uma mão. Já o verás, a partir de agora estará tão atarefado que o dia passará rapidamente, e unicamente terá vontade de que chegue a noite para poder descansar.

—Peço-lhe mil desculpas, senhora —respondeu Ulrich — mas não considero que passar o momento com Marie seja perder o tempo. Asseguro-lhe que é a única razão pela que acordo sorridente todas as manhãs, e não sabe como detesto quando chega a hora de ir dormir, porque isso significa que terei que estar separado dela até que de novo apareça o sol...

—Bom, Ulrich, compreendo-o —o interrompeu Cathryn — Você gosta de Marie.

—Ah, minha senhora! —suspirou ele, desviando a vista para a sorridente pessoa que constituía o centro de seu discurso — Eu gosto de respirar? A um falcão gosta de caçar? A um cavaleiro gosta de batalhar? Não, ela é a razão de minha existência, e sem seu sorriso, meu dia é tão negro como se o céu ficasse sem sol para iluminar nosso caminho.

—Não se preocupe pela falta de sol —aduziu Cathryn, contendo-se para não rir — já que é evidente que Marie sorri frequentemente quando você está perto. Mas agora vá. Tenho um trabalho para Marie —ordenou.

—Sim, lady Cathryn —acatou ele, separando-se de Marie sem deixar de olhar tão insistentemente para ela que Cathryn teve medo de que tropeçasse e desse de bruços contra o chão alagado de barro. Tão apaixonado estava que provavelmente nem se daria se caía em funchos.

—Vejam, Marie —disse quando o escudeiro se partiu — Decidi usar uma das peças de tecido que o senhor contribuiu como presente de nossas bodas. Preciso que me ajude.

—Sim, milady, ajudarei-lhe encantada —respondeu Marie mostrando um grande regozijo.

Com passos ligeiros, não demoraram para plantar-se diante da arca no abrigo. Quando Cathryn levantou a pesada tampa e Marie vislumbrou o reluzente tecido escarlate sob a luz lhe titilante da tocha, lançou um suspiro de admiração.

—OH, senhora! Com esta cor brilhará como as chamas do fogo!

—Não te parece muito descarado para mim? —inquiriu Cathryn, subitamente insegura de sua decisão. Em toda sua vida jamais tinha levado uma cor mais brilhante que não fosse o amarelo limão.

—Não, não! —negou Marie — Agora está na moda luzir tons vivos e brilhantes entre as mulheres de alta fila!

Cathryn sorriu surpreendida.

—E desde quando sabe mais de moda que eu? Se faz anos que não sai dos muros de Greneforde!

Marie ruborizou levemente e respondeu:

—Me disse Ulrich.

—Se crê em tudo que esse moço te diz, acabará com o coração partido.

—Não acredito em tudo que me diz, mas por que teria que mentir com respeito a moda feminina?

Cathryn se conteve para não rir e começou a tirar o tecido.

—Não sei seus motivos, mas te direi que o mais sensato que pode fazer é te questionar as razões que ele possa ter quando te sussurrar algo ao ouvido.

—Ou o proclame abertamente a minha senhora?

Cathryn ficou surpreendida. Marie? Debatendo com ela? Que transformação! E simplesmente graças a umas poucas palavras lisonjeadoras por parte de um escudeiro romântico!

—Vejo que já não é necessário que te dê conselhos, Marie. —Cathryn riu brandamente enquanto Marie fechava a arca — Possivelmente deveria ser você a que me desse conselhos a partir de agora. Vejamos, voltando para o tema da moda, como se levam os vestidos agora?

—Ulrich me disse que agora as damas da nobreza francesa têm vestidos longos e justos —apontou Marie, sentada em um tamborete na estadia iluminada enquanto deslizava seus finos dedos pela seda escarlate — Perfeito para você, lady Cathryn.

—Como levam as mangas? Ou é que Ulrich se esqueceu de comentar este detalhe? —brincou Cathryn, desfrutando imensamente apesar dos nervos que notava no ventre.

—Sim, milady, sim que me disse, pelo visto é uma manga muito distinta à manga inglesa. É tão larga que as pontas têm que atar-se para evitar que se arraste pelo chão, e também é muito mais larga.

—E é melhor?

Marie ruborizou.

—Segundo ele, sim.

—A confecção do vestido tem que ser excelente para tirar o máximo proveito deste tecido tão refinado, mas eu sou inglesa e conseqüentemente luzirei a manga inglesa —declarou Cathryn, resolvendo a questão das mangas.

—O que usará como capa, lady Cathryn?

—Não tinha pensado nisso —admitiu — Começemos pela seda e logo pensaremos na capa, quando o vestido esteja pronto.

Cathryn acabava de depositar o tecido sobre uma superfície lisa para determinar a linha pela que tinha que cortá-la quando Kendall solicitou permissão para entrar, fazendo ornamento de sua boa educação. Um homem não podia entrar no salão se não dispunha do convite expresso das damas presentes. Cathryn se colocou rapidamente diante do flamejante tecido e o convidou a entrar. Embora não sabia realmente o porquê, não queria que todos os habitantes de Greneforde se inteirassem de que planejava confeccionar um vestido, e ainda por cima com o tecido de William.

—Lady Cathryn! Já estão aqui! Já retornaram! E trazem um enorme javali!

Todo mundo sabia que um javali era um animal extremamente perigoso, e por conseguinte, virtualmente nunca ninguém se atrevia a caçá-lo. Os três abandonaram rapidamente a estadia e baixaram as escadas correndo para ver a espetacular presa.

William estava desmontando do cavalo quando os três saíram disparados da torre. Ia coberto de sangue, e sorria vitoriosamente.

—Nosso lorde retornou com muito mais peso que quando partiu! —brincou Tybon elevando a voz no meio do murmúrio geral.

—Teria preferido que retornasse com menos peso? —riu Alys.

—Não! Já que então todos nós perderíamos peso! E nossas barrigas rugiriam! —interveio Lan, e seu comentário engenhoso conseguiu que muitos rissem muito.

—Entretanto, tampouco é que William tenha perdido muito peso, que digamos, tal e como caberia esperar depois de um esforço tão descomunal —apontou Rowland a viva voz para que todos o ouvissem, ao tempo que esboçava um sorriso, o qual não era próprio nele — já que lhes asseguro que não suou muito para derrubar a este animal, que pastava tranquilamente no campo.

—Que suei pouco, diz? Acaso não veem que é um pedaço de animal monstruoso e que vou coberto de sangue? —contra-atacou William de bom humor.

—De acordo, admito-o, mas que conste que o trabalho mais árduo que tem feito hoje foi transportar este inseto até Greneforde, e nisso eu te ajudei.

—Que desfaçatez! E ainda por cima tenho que ouvi-la dos lábios da pessoa que não moveu nem um dedo para matar ao javali e que se esforçou tão pouco na hora de transportá-lo até o castelo! —William riu a gargalhadas, apontando com um dedo acusador para Rowland.

—Como se gabam, quando em realidade o trabalho mais duro está ainda por fazer! —gritou Lan com um sorriso para mostrar sua verdadeira intenção.

—O trabalho mais duro? —William riu — Parece pouco minha façanha? Matar um javali enfurecido, porque te asseguro que não lhe fez graça a lança que o feriu inicialmente, e por conseguinte nosso encontro posterior não teve falta de tensão.

—Não me convence. Você ia protegido por sua armadura e uma lança e a espada e um cavalo de batalha contra uma das bestas mais lerdas que criou Nosso Senhor na face da Terra. Não, é mais que evidente que tinha muita vantagem.

Os espectadores giraram para lorde William para ver se estava molesto com aquela brincadeira. Mas não estava. Ele era um cavaleiro e eles não, a brecha entre eles era abismal, e entretanto viviam todos juntos dentro dos estreitos muros

da paliçada de Greneforde. A sensação de que formavam uma família unida os tranquilizava. Lorde Walter, o pai de Cathryn, tinha sido um homem muito afável, ao que todos apreciavam. Era difícil mudar o esquema de toda uma vida, e o certo era que não gostava de muito fazê-lo. Lady Cathryn, só em sua liderança desde que todos seus parentes tinham morrido, tinha mostrado uma boa disposição ante as brincadeiras que lhe gastavam seus serventes, apesar de eles não estarem a sua mesma altura social. Com Lambert, em troca, todos o tinham evitado e em seguida haviam sentido uma sincera aversão por ele. William, tão novo em Greneforde, estava demonstrando sua valia, e todos lhe estavam extremamente agradecidos por sua presença, mas seria essa brecha que separava ao lorde dos servos infranqueável? Só lorde William podia decidir essa questão, e agora o escrutinavam com curiosidade.

William olhou Rowland com rosto de surpresa. Seu amigo se achava sentado, tentando conter a risada até que não pôde mais e estalou em uma sonora gargalhada.

—Muito bem, meu querido novo adversário, vejamos, qual é o trabalho mais pesado que fica por fazer com o javali? —William desafiou Lan.

—Acaso não é evidente? Estripá-lo e esfolá-lo milord, tal como qualquer de nós lhe assegurará!

Cathryn os observava com um sorriso relaxado nos lábios. Quando tinham aceito William? Não sabia, mas era evidente que o tinham feito.

—Milady. —William girou para ela — É de mesma opinião?

Cathryn se encolheu de ombros refinadamente.

—Sei que é um trabalho cansativo, disso estou segura, mas qual é a tarefa mais pesada, matar ou estripar um javali? A verdade é que não sei, posto que não levei a cabo nenhuma das duas.

—E deste modo ela demonstra sua alta linhagem, adotando uma atitude tão diplomática para não tomar partido pelos que estão contra seu marido —proclamou Ulrich, acrescentando seu grão de areia à brincadeira.

William não girou para realizar nenhum comentário a respeito da versão de Ulrich, não podia afastar os olhos do rosto sorridente de Cathryn, um sorriso que se refletia abertamente em seu próprio rosto.

—John! —chamou William, sem afastar a vista de sua esposa — Água quente! Ulrich, te encarregue de meu cavalo! —E enfeitando a Cathryn com o poderoso olhar de seus penetrantes olhos, William anunciou sua última ordem — Minha esposa me assistirá no banheiro.

Ante tais palavras, as mariposas que Cathryn sentia revoando em seu ventre caíram mortas a seus pés.

O último balde com água quente acabou de encher a banheira salpicando o chão, e então o servente desapareceu. Cathryn tinha a impressão de que todos os criados tinham levado a cabo o trabalho de encher a banheira e logo abandonar a quarto do senhor com uma incrível celeridade. O som dos passos descendo pelas escadas se desvaneceu no ar rapidamente, muito rapidamente, e então ficaram os dois sozinhos. A extrema quietude na grande torre era incomum, ou pelo menos assim parecia a ela. Os batimentos de seu coração eram o único som que ouvia. Não, não era normal.

Cathryn elevou a vista. William estava plantado frente a ela, manchado gloriosamente de sangue da cabeça aos pés, mantendo seu brilhante sorriso, esperando que ela o despisse. E isso era o que ela devia fazer, sim, sabia que isso era o que devia fazer, mas... se pelo menos pudesse inalar ar, possivelmente seria capaz de mover-se.

Ele não desejava obrigá-la. Ela não ia sentir-se pressionada por ele. Faria-o ou não, livremente, por vontade própria. William tinha decidido que era a melhor atitude a seguir com sua esposa: lhe dar tempo. Cathryn era uma mulher que preferia levar as rédeas de suas própria montaria, e lhe permitiria fazê-lo e a esperaria sem perder a paciência. Com o tempo, ela chegaria a confiar nele. Seguro.

Cathryn se aproximou, devagar, muito devagar. Nunca antes lhe tinha parecido tão longo aquele quarto. Era uma insensata. Tocar peças de roupa empapadas em sangue, despir um corpo que desejava um bom banho quente... Não eram umas

tarefas tão difíceis para que tremesse de medo e duvidasse tanto, e se sentisse empurrada a rezar com um ardor delirante para que o Senhor obrasse o milagre de abrir os céus e levar seu espírito angustiado com ele para que fizesse companhia às almas que moravam no paraíso. Mas se simplesmente se tratava de um banho! E para banhar-se era necessário que alguém tirasse a roupa.

Uf! Que covarde ela era! E por que motivo? Já tinha visto antes seu marido nu.

«Sim, claro, esse é precisamente o motivo de minha covardia», murmurou para si.

William não dizia nada. Esperava pacientemente. E quando ela finalmente o tocou para lhe tirar a túnica, ele não piscou nem se moveu. E fingiu não dar-se conta do tremor da mão de Cathryn.

Não era tão difícil preparar seu marido para o banho. O mais sensato seria ir se acostumando a dita tarefa, já que ele sempre estava disposto a tomar um banho, e Cathryn suspeitava que ele sempre requeria sua atenção. E ela o atenderia, sem dúvida. Silenciosamente se recordou que já enfrentou a situações mais amedrontadoras.

William oferecia pouca ajuda, só baixava um pouco um ombro, ou inclinava levemente a cabeça. Não suspirou quando o cabelo dourado de sua esposa lhe roçou a coxa. Não soprou quando sua mão lhe roçou levemente as nádegas. Estava concentrando-se para ter paciência, mas acreditava que merecia outra classe de cuidados pela batalha que estava lutando com seu desejo.

Ao final esteve preparado para o banho. Por fim. Cathryn jamais teria acreditado que pudesse demorar tanto despindo alguém. Entretanto, pensou que provavelmente se devia a que seu marido tinha um corpo enorme... E então cometeu o engano de elevar os olhos e viu o que ela mesma acabava de despir.

Nenhum homem deveria ter um corpo tão esbelto. Deus deveria lhe haver dado alguma imperfeição, alguma tara, para que nenhum mortal ousasse venerar William o Brouillard por ser divino, com um rosto e um corpo tão perfeitos.

E enquanto o olhava sem pestanejar, William notou como crescia sua ereção, apesar de ter tentado aplacar a desfaçatez daquele traidor com todos os métodos que conhecia. Mas não existia nenhum método infalível para combater a forma em

que Cathryn o estava olhando nesse momento. William deu a volta com cautela e se meteu na banheira. A água temperada acalmou ao traidor.

«Tem que banhar-se», raciocinou ela em silêncio. Sim, William tinha que banhar-se. Esse pensamento não podia lhe desatar nenhum sentimento de terror, porque não tinha motivo. Nenhum motivo!

Cathryn pegou o sabão, que desprendia um adorável aroma, e ensaboou as mãos. O melhor era não olhá-lo diretamente aos olhos, sim, isso tinha sentido. Começou pelas costas, lhe esfregando os ombros com uma falsa eficiência e movendo as mãos bruscamente por todas suas costas. Mas essa brutalidade não durou muito, e o que tinha começado como um mero ensaboado acabou como um amontoado de carícias.

« Não, não, não!» Não se tratava de acariciá-lo mas sim de ensaboá-lo! E nada mais. Que classe de esposa era que não sabia levar a cabo um dever que todas as esposas compartilhavam? Seguro que não existia outra esposa tão tola como ela!

Agora tocava ensaboá-lo por diante. Cathryn se inclinou para diante e depositou suas mãos cheias de espuma sobre os músculos cobertos pelo suave pêlo negro. Aquele tato a intrigou, a suavidade e a dureza que notava não se assemelhavam à natureza do homem que Deus lhe tinha atribuído como companheiro. De todos os modos, tinha que tirar o sangue que o cobria, até que ficasse totalmente limpo. A ampla linha de seu musculoso ombro recebeu seus cuidados femininos. A curva de suas costas, tão larga para uma banheira tão pequena, e tão suave quando a comparava com o pêlo que cobria aquele peito varonil, requeria sua atenção. E o ângulo de seu queixo era particularmente formoso. Acaso tinha detectado algum ponto sujo em seu queixo que resistia ao poder do sabão? Devia ser assim, porque parecia como se a mão de Cathryn não pudesse afastar-se daquele ponto.

Lentamente, deteve o movimento de sua mão e contemplou a bela simetria daquele rosto. William tinha os olhos um pouco entreabertos, como se estivessem estudando os desenhos que o sabão tinha realizado sobre a superfície da água. Sim, tinha os olhos um pouco entreabertos, mas Cathryn ainda podia ver o brilho prateado que emanava por debaixo da longa franja de suas pestanas negras.

William podia notar o crescente desejo em sua esposa, mas decidiu não fazer nada e permaneceu tão passivo como um recém-nascido. Teria se deixado açoitara antes, que admitir seu próprio desejo irreprimível. Quando ela o tocava com aqueles dedos, lhe acariciando a pele, descontrolava-o por completo.

William o Brouillard elevou a vista para olhá-la, com uns olhos tão ardentes de desejo e tão trêmulos como o aço fundido, e Cathryn deu um pulo ante o puro desejo que viu refletido neles.

—É um javali espetacular, lorde William! —exclamou Ulrich enquanto entrava no quarto, sem chamar — Teremos um jantar esplendoroso, se esse inseto enorme não tiver a carne muito dura, claro! —E a seguir, estalou em uma gargalhada ante sua própria ocorrência. Mas riu sozinho.

Cathryn, desesperada por escapar, voltou para a porta, encantada por uma vez de que Ulrich fosse tão impulsivo em suas idas e vindas.

—Fez muitíssimo esforço matar a esse javali, milord! —Ulrich voltou a rir — Já que é a primeira vez que vejo que dedica tanto tempo ao banho.

—Seu senhor está limpo e preparado para ser vestido —anunciou Cathryn em um tom comedido, e sem perder nem um segundo mais, saiu apressadamente do quarto.

William não a deteve. Tinha decidido ter paciência com ela, não? Até que Cathryn fosse capaz de lhe expressar que ela também o desejava. Mas Ulrich era outro tema, e não era uma criatura tão frágil como sua esposa.

Enfocando seus frios olhos cinzas em seu escudeiro, William o repreendeu secamente:

—Devo prestar mais atenção em seu adestramento moço, já que vejo que carece por completo do sentido de cortesia cavalheiresca.

—Eu? —perguntou Ulrich com uma exagerada atitude ofendida — Eu? Falta de cortesia? Não, lorde William, meu maior desejo é chegar a me converter em um cavalheiro reputado por sua galanteria, e dediquei muito esforço em...

—Em entrar abobalhadamente por uma porta que estava fechada para confirmar a intimidade no quarto enquanto seu senhor e sua esposa estavam sozinhos e quando sabia que seu senhor estava nu?

—Milord, eu... eu... peço-lhe perdão —balbuciou Ulrich, com o rosto vermelho como um tomate.

William não fez nada que indicasse que aceitava ou rechaçava as desculpas de seu escudeiro. Limitou-se a grunhir e se elevou da banheira, em que a água ficou fria. Ulrich podia sofrer a pena por sua indiscrição um momento mais, do mesmo modo que William estava sofrendo porque Cathryn partiu do quarto.

Quando William entrou no salão, deteve-se na soleira, totalmente surpreso. Os serventes estavam dispendo a mesa principal com uma bela toalha e com talheres e taças, entretanto mau conseguiu reconhecê-los. Os homens ofereciam um aspecto entrocado e caminhavam com as costas absolutamente erguida, além disso, levavam o cabelo curto e limpo. As mulheres tinham um aspecto mais jovem e mais afável. Todos sem exceção luziam sorrisos joviais e afáveis em seus rostos.

E definitivamente cheiravam melhor.

Pai Godfrey se aproximou dele, e William acabou de entrar no salão para falar com ele.

—Agora entende por que não tinham pressa por lavar-se, verdade? —disse Godfrey a modo de saudação.

William refletiu sobre aquela questão. Os habitantes de Greneforde que tinha conhecido quando tinha chegado pareciam um bando de mendigos, velhos e débeis e empesteados e desleixados. Agora se mostravam tal e como eram em realidade: sãos e fortes.

—Ela os tinha pedido que não se banhassem, para protegê-los —concluiu William.

—Exatamente —admitiu Godfrey — e foi um plano muito efetivo. Lambert viu o que você viu e não voltou a olhá-los nem se aproximou. —Godfrey desviou os olhos para Cathryn, que estava encetada em uma conversação com John — Ela se erigiu como um escudo brilhantemente brunido entre a gentinha de Lambert e os habitantes de Greneforde. Por isso todos os serventes a querem e a respeitam tanto.

—É totalmente compreensível —admitiu William sem poder conter a emoção no tom de sua voz.

Contemplou-a sem piscar. Seu cabelo dourado brilhava como fios de ouro enquanto fiscalizava o jantar com o mordomo. Ela tinha utilizado a astúcia para que seus serventes não tivessem que carregar com o horroroso peso da absoluta derrota. Ela tinha suportado o lastro do desumano aspecto de Lambert e ainda por cima tinha recebido várias surras. Cathryn era uma esposa da que se poderiam escrever inumeráveis histórias e canções.

E então Ulrich cruzou sua linha de visão, atrás de uma juvenzinha de seios generosos. De onde tinha saído aquela moça mais jovem que Cathryn? Mal podia reconhecer naquela jovem sorridente à mesma menina que, entre soluços incontidos, tinha lhe narrado a violação de Cathryn. William se conteve para não rir. Só Ulrich era capaz de encontrar uma juvenzinha solteira entre um grupo de mendigos.

—Há mais moças como essa? —inquiriu William a Godfrey com um leve sinal com a cabeça.

Godfrey olhou a Marie e pôs-se a rir.

—Só Marie. É a criada pessoal de Cathryn.

William contemplou a perseguição e sacudiu a cabeça, divertido.

—Melhor assim, quero dizer, melhor que só haja uma. É evidente que Ulrich com muita dificuldade pode dirigi-la.

—A jovem Marie certamente te rebateria esse ponto, se se atrevesse, tem medo dos homens —informou Godfrey.

—Pois possivelmente alguém deveria lhe advertir de que Ulrich sempre está disposto a mostrar seu lado mais viril.

Godfrey sorriu.

—Com Ulrich, Marie faria uma exceção.

William viu que era verdade, já que Ulrich tinha aprisionado a mão da moça e agora a beijava apaixonadamente. Marie não o esbofeteou nem reagiu incômoda ante tal amostra de galanteria. Se ele pudesse fazer o mesmo com sua esposa...

E então lhe ocorreu um plano.

Fez gestos a John com a mão para chamar sua atenção, e quando o mordomo se aproximou, deu-lhe as seguintes ordens:

—Quero que prepare um banho quente para minha esposa. Chama Ulrich e lhe diga que lhe traga a bolsa que tem uma rosa bordada. Joga os pós que contém na água até que o aroma de verão impregne todos os seus sentidos. Entendeste, John?

—Sim, senhor. —John sorriu — O entendo. A água estará quente quando milady se meter na banheira, asseguro-lhe isso.

—Obrigado, John. Assegure-se de que tudo está preparado para quando terminar a missa.

Enquanto o mordomo retornava à supervisão das mesas, Godfrey se dirigiu a William e brincou:

—Não posso acreditar que tenha recordado da missa que tenho que officiar esta noite!

—Pois sim —respondeu William com uma careta divertida — E não me martirize mais com isso. Hei-me queimado os miolos tentando encontrar uma razão plausível com a que possamos perder a missa sem ter que fazer penitência.

Godfrey não respondeu, mas unicamente se limitou a assentir com a cabeça enquanto tentava ocultar seu sorriso, um gesto que ao William não escapou.

—Ela tinha contado a você—proclamou William com uma absoluta certeza.

—Sim —admitiu Godfrey — E eu também contei a ela certas coisas.

—Sobre mim.

—Sim, porque pensava que Cathryn tinha que conhecer o homem com que se casou —explicou Godfrey, notando uma mudança na atitude de William.

—Do mesmo modo que eu tenho que conhecer a mulher com que me casei. Mas a partir de agora, não quero mais conselheiros nem intermediários. A partir de agora, o que aprendamos um do outro, aprenderemos de primeira mão.

—É uma sábia decisão —admitiu Godfrey — Só te oferecerei um último conselho: recorda que a missa é para seu irmão, e que ele morreu em sua defesa.

—Asseguro que não esqueci.

—Aconselho de que esta noite trate sua esposa com muita ternura, sua tristeza será imensa.

—Pai —disse William, com um tom solene — sua preocupação por minha esposa está desconjurada, apesar de lhe agradecer sua sinceridade. Acaso crê que não me comporto sempre com ternura com ela?

—Não, mas...

—Pois não precisa alegar nada mais —concluiu William — Confie em mim. Acredito que conheço Cathryn melhor que você. E além disso, tenho a convicção de que Deus me utilizará para curar suas feridas.

Godfrey sabia que tinha enchido a paciência de William, possivelmente tinha insistido muito. Conteve-se e não questionou a convicção de William, mas não pôde evitar pensar que Deus, em seu intrincado plano eterno e com sua magnífica eficiência, também usaria Cathryn para afugentar os espectros que perseguiram William.

O jantar já estava servido. Tudo estava preparado. O pai Godfrey e William avançaram até a mesa, mas William não se sentou. Ficou de pé, igual ao primeiro dia, esperando Cathryn.

De novo, como naquela primeira ocasião, ela estava encetada em uma conversação com John, fiscalizando os últimos preparativos do jantar. Cathryn sentiu de novo a intensidade dos olhos de William. Sempre seria igual? Sempre teria que realizar apressadamente suas obrigações para atendê-lo quando ele o desejasse?

Quando deixaria ele de dominá-la com seu olhar?

Dando a volta lentamente, Cathryn avançou para o estrado onde se achava seu marido de pé. Apesar de caminhar por vontade própria, com uma serena dignidade e graça, Cathryn não podia escapar da sensação de que ele tinha dirigido seus movimentos, e que seus passos sempre a levariam para ele. O salão ficou sumido em um absoluto silêncio quando ela se aproximou. Os olhos frios de William brilharam com todo o esplendor do sol refletido sobre a água.

Sem perder a compostura, ela permitiu que William se mostrasse cavalheiresco convidando-a a sentar-se antes dele. Uma vez sentados, o murmúrio do salão voltou a incrementar-se até que alcançou seu volume normal.

—Não tem que me esperar todos os dias —expressou Cathryn com um tom educado, procurando afogar sua frustração, embora não olhasse nos olhos enquanto pronunciava as palavras.

—Minha senhora —disse ele, observando seu perfil — um cavaleiro sempre espera sua dama.

Dedicou um sorriso ao John quando o mordomo colocou a bandeja com a carne entre eles, e a seguir tomou um pequeno sorvo de vinho antes de voltar a falar:

—Satisfaz-me ver que assimilaste perfeitamente as lições sobre cavalheirismo, mas eu tenho obrigações a cumprir e eu não gostaria de ouvir os rugidos de fome de seu estômago por minha culpa.

—Eu controlo meu corpo, não deixo que meu corpo me controle —declarou ele — Te esperarei.

«Malditos sejam os homens cavalheirescos!» Cathryn poderia viver sua vida mais relaxadamente se ele não se ofusasse daquela maneira em levar sempre a voz cantante.

—Sua reação me faz sentir pressionada e nervosa —expôs Cathryn com absoluta sinceridade. Tinha esgotado todos seus recursos de cortesia — Preferiria que não me agoniasse.

—Minha intenção não é lhe agoniar —a alentou com um amplo sorriso — Por conseguinte, esperarei-te até que te agrade. —E deslizou os nódulos pela pele sensível da parte interior do pulso de Cathryn — Meu desejo é que goze tanto como gozo eu.

Novamente Cathryn tinha a impressão de que o tema que estavam discutindo tinha sido sutilmente trocado, igual o vento fazia mudar a direção da névoa, embora ela não conseguia adivinhar em que direção soprava o vento.

—Outro atributo de sua raça? —perguntou ela sem poder ocultar certa raiva — Realmente, você se afastou muito da cultura de suas raízes vikings.

William a observou enquanto ela apurava o vinho de sua taça, observou os movimentos rítmicos de sua garganta enquanto ingeria a bebida, observou o bater de suas escuras pestanas contra o tom dourado pálido de sua pele, observou os brilhos de seu anel de ouro que indicava que ela era dele.

—Não me afastei tanto —murmurou com uma voz gutural, ao tempo que seus olhos cinzas resplandeciam ferozmente.

Cathryn notou de novo uma forte tensão no ventre, como se as mariposas que revoavam em seu interior tivessem recuperado a vida. Era o vinho, sem dúvida, tinha bebido muito rápido, ou possivelmente era um novo vinho mais forte que o que estava acostumada a tomar. Não era William quem despertava aquelas emoções atravessando a couraça de ferro com a que ela protegia seu coração. Não, não podia ser.

A serenidade e solenidade do gélido controle ao que tão acostumada estava emergiram de repente como um velho aliado, e ela se sentiu mais segura, entretanto, sua consciência lhe pedia que reconsiderasse aquela via. Havia algo na voz de William, em seu olhar, na forma em que a acariciava... Não era tão fácil dar as costas ao que lhe oferecia, apesar de Cathryn não souber descrevê-lo.

—E como vai a canção que está compondo? —perguntou-lhe Kendall animadamente e, sem prestar atenção à cotovelada que Rowland lhe acabava de propinar nas costelas, continuou — Ainda teremos que esperar para escutar o doce canto de suas vozes?

—Sim —respondeu William pelos dois, com olhos risonhos — Ainda terá que esperar. Minha senhora e eu estamos praticando para unir nossas vozes harmoniosamente.

—E teremos que esperar muito? —insistiu Kendall, afastando o braço de Rowland e escapando de sua mão, que pretendia agarrá-lo pelo ombro.

William olhou a Cathryn antes de responder. Foi um olhar efêmero, mas cheio de significado.

—Não, asseguro-te que não terá que esperar muito.

—Quem te ensinou música, William? —quis saber Cathryn, com a intenção de desviar a conversação para um campo que lhe resultasse mais familiar.

—OH, a mesma pessoa que me ensinou todas as coisas de valor, ou pelo menos isso é o que te diria ele: pai Godfrey.

—Seria um professor medíocre se não acreditasse que te instruí em assuntos relevantes, não? —brincou Godfrey.

—É obvio. Sua lógica é esmagante —respondeu William.

—Outro dia fiquei fascinado com sua canção, Cathryn —disse Godfrey, dando as costas a William — Quem te ensinou a compor?

—O padre de Greneforde, mas me ensinou a cantar sozinha, por isso me sinto confusa com a sugestão de unir muitas vozes.

—Um dueto não quer dizer muitas vozes —se entrometeu William.

—William, por favor, cale-se —lhe ordenou Godfrey — Cathryn está falando de música monofônica, quer dizer, de uma melodia cantada a uma só voz, que é o que lhe ensinou seu padre. E te asseguro que são umas belas melodias —disse a Cathryn — mas existe outra forma musical em que o *cantus firmus* vai acompanhado por outra melodia.

—E como se faz? As duas melodias vão em paralelo? —interessou-se Cathryn genuinamente.

—Não —respondeu William, captando novamente a atenção de sua esposa — Assim se fazia ao princípio —admitiu ele — mas agora cada voz pode seguir sua própria linha, e quando as duas se fundem formam uma combinação realmente espiritual.

Cathryn notou que o chão se movia sob seus pés por causa de um leve enjoo momentâneo que fez que novamente cambaleasse e quase perdesse o equilíbrio. Não compreendia o sentido profundo que se ocultava sob as palavras de William, apesar de estar segura de que havia algo mais, a julgar pelo penetrante olhar desses olhos emoldurados por aquelas pestanas negras.

—Vamos —disse Godfrey subitamente, ficando de pé e acabando com a sensação de mal-estar que afogava Cathryn — É a hora da missa.

Cathryn se sentiu aliviada de poder abandonar a mesa e trocar aquela arrevesada conversação pela paz da capela e a missa pelos mortos, durante tanto tempo esperada.

Durante a missa, a lembrança de Philip emergiu inevitavelmente. Era um moço tão loiro e tão alegre de espírito... Os anos passados em seu exílio forçado na afastada torre Blythe não tinham conseguido diminuir sua calidez, nem tampouco o fato de ter sido feito prisioneiro por um cavaleiro sem escrúpulos. Philip supunha que Lambert assaltaria Greneforde, e Cathryn suspeitava que em certo modo seu irmão havia se sentido aliviado de que finalmente fosse descoberta a farsa de sua morte, porque isso significava que já não teria que estar mais tempo separado de sua irmã.

Ela sempre o tinha querido, e ele a ela. Separar-se dele tinha sido a decisão mais dura de sua vida, mas Cathryn sabia que era o mais conveniente. Philip não tinha por que saber que classe de homem era Lambert. Mas ela sim sabia. Quando o viu pela primeira vez do alto da muralha, enquanto Lambert segurava Philip como refém, soube. Os olhos azuis daquele cavaleiro não continham nem um ápice de calidez, e a tinham olhado de uma forma que ela tinha compreendido. Tinha aprendido o que significava aquele olhar. Ele tinha sido um bom instrutor, e ela não o tinha esquecido. A verdade era que não havia nada que pudesse deter um homem quando estava excitado.

Todos os homens eram iguais? Até pouco tempo, isso era o que Cathryn tinha acreditado. Mas William o Brouillard não era como os outros. Não podia negar aquela realidade. Sim, tratava-se de um homem forte e orgulhoso, como era de se esperar em qualquer homem. Mas... não abusava de sua força, e seu orgulho era possivelmente justificado, apesar de jamais lhe ocorreria expressar esses pensamentos em voz alta. Se William se inteirava, sua vaidade francesa se elevaria até cotas inimagináveis.

John tinha razão: William não era Lambert.

A emoção, tanto tempo reprimida, tanto tempo impugnada, emergiu em seu interior com uma poderosa força e se expandiu por todo seu corpo. Cathryn recordou aquela noite quando William, imobilizando-a pelos braços com uma mão, exigiu-lhe que se deitasse com ele, mas ela não pôde. Não se atreveu. Tinha oprimido suas emoções tantas vezes... Semanas, meses inteiros sem sentir nada, e

essas novas sensações lhe resultavam incômodas. Sentia-se como quando o gelo se derrete na época do degelo. Muito incômoda com aquela mudança brutal.

E ela, que tinha enfrentado Lambert, tinha medo de relaxar e deixar que aquelas emoções tão fortes a invadissem, porque se o fazia, seu poder intrínseco a transbordaria. Estava segura. Não lhe custava admitir seu medo, e por isso procurava por todos os meios conter seus sentimentos.

A missa terminou, e perdida na névoa de seus próprios devaneios, Cathryn permitiu que William a escoltasse até o quarto principal —que agora era a habitação dos dois, já que acaso não continha agora todas seus pertences? — A estadia não era tão ampla para não fixar-se na banheira cheia de água perfumada frente ao fogo. A água desprendia um aroma muito doce para um homem, mas dado que William era francês...

—Pensa se banhar duas vezes hoje? Que eu saiba, não se sujou muito enquanto comia.

William sorriu ante sua brincadeira e respondeu:

—Isso é porque de pequeno me ensinaram a levar a comida diretamente à boca e não para outras partes. Não, minha querida esposa —sorriu sensualmente — O banho é para ti. Agora me toca te cuidar.

—Nem pensar! —protestou ela elevando a voz — Não faz tanto que me banhei!

—E se nega a te banhar outra vez porque sabe que para mim é tão importante?

Cathryn engoliu saliva com nervosismo. Não era próprio de William falar de uma forma tão direta. Isso a irritava, especialmente porque o que ele acabava de dizer era certo.

—Seus desejos são ordens, milord —repôs ela sem perder a calma, mudando de tática inteiramente — Se disser que estou suja, então avisarei a Marie para que me ajude a me banhar, tal e como fez a última vez que me banhei faz uns dias — adicionou enfaticamente.

—Não disse que está suja —cortou William educadamente ao tempo que ia para a banheira, convidando-a a segui-lo— apesar de vincular essa palavra com todos os que vivem em Greneforde. São um grupo mais numeroso que o que tinha pensado ao princípio. Onde os tinha escondido?

Ela não respondeu. Não podia fazê-lo. Preferiu fingir que não tinha ouvido a pergunta.

—Suja ou não, posso me banhar sozinha —alegou tranquilamente, procurando erguer as costas para seguir demonstrando sua dignidade.

—Não, Cathryn, não te banhará sozinha —a contradisse William — Simplesmente quero fazer por ti quão mesmo você fez por mim.

E isso era precisamente o que Cathryn tanto temia. As mãos de William acariciando sua pele escorregadia... Aquelas enormes e agradáveis mãos sobre seu corpo nu, acariciando-a... Sentiu um terrível sufoco. Não, não podia permiti-lo.

—Foi um dia muito emotivo —tentou desculpar-se, esperando que ele sentisse um pouco de pena por ela — A missa... Preferiria me banhar sozinha, para me tranquilizar.

O pretexto de Cathryn unicamente conseguiu que William reafirmasse sua intenção de ficar.

—Seria um mau marido se permitisse que minha esposa cuidasse de mim e em troca eu não fizesse o mesmo por ela —replicou com um sorriso carinhoso.

—Disse «permitir»? —estalou ela, abandonando sua intenção de lhe motivar pena — Me obrigaste a cuidar de você!

—E você obedeceste contra sua vontade?

Cathryn acabava de cair na armadilha. Não podia admitir que o tinha feito contra sua vontade, não depois de ter prometido que seria uma esposa complacente com ele em todos os aspectos. Ficaria como uma menina tola e mimada, e apesar de naquele preciso instante assim era como se sentia, não desejava comportar-se como tal.

—Vamos, Cathryn —a animou ele — Não é nada mais que o que Jesus Cristo fez quando lavou os pés de seus discípulos.

—Compara este banho com o ato de Jesus Cristo? —Cathryn estava se pondo realmente nervosa — Olhe! Este banho tem muito mais a ver com você me seduzindo, que com o fato de limpar um corpo sujo!

—Não me diga! —Ele sorriu maliciosamente.

Agora sim tinha caído completamente na armadilha. Tinha admitido que tinha medo de excitar-se se ele a acariciava, tal e como lhe tinha acontecido enquanto o ensaboava.

Procurando recuperar a compostura, Cathryn se ordenou abandonar aquele jogo de averiguar quem era o mais preparado e tentar negociar com O Brouillard. Era impossível vencê-lo. Ele não dava seu braço a torcer até que conseguia seu objetivo. Tinha que sair graciosa daquele retiro sem sucumbir à vontade de seu marido. Não permitiria que ele a despirse. Não, não permitiria aquela humilhação, e o comunicou com um olhar contundente enquanto levava a mão à forquilha que sustentava seu manto fechado sobre os ombros. Era uma pequena vitória, e lhe permitiu que gozasse desse momento de glória. Ao cabo de uns segundos, Cathryn ficou nua diante dele, sem cobrir-se e sem mostrar rubor algum. Com toda a dignidade de uma rainha encarapitando-se a uma carruagem, meteu-se na banheira.

William começava a conhecer sua esposa. Por isso compreendeu que sua impressionante serenidade e suprema compostura eram amostras evidentes de que suas emoções estavam ao limite, e que logo emergiriam sobre aquela fria fachada. Pensava atuar com cuidado, seduzindo-a passo a passo para pegá-la despreparada. O fato de estar totalmente excitado pela visão de sua fascinante nudez, seu manto dourado de cabelo que ocultava e revelava de uma vez distintas partes de seu corpo, era um inconveniente, mas o membro traidor entre suas pernas o obedeceria, e ele manteria a expressão de seu rosto absolutamente impassível. Faria-o, porque ele era o Brouillard, e jamais perdia o controle na metade da batalha. E aquilo era uma batalha.

Ela se negava a olhá-lo no rosto. Mantinha os olhos fixos nas vivas chamas do fogo quando ele se aproximou —uma postura defensiva— William tinha bastante experiência em ataques para não dar-se conta de que isso supunha um bom sinal, Cathryn tinha se posto à defensiva porque sentia a necessidade de proteger-se. Não era imune a ele. Isso era bom. Mais que bom.

William afundou as mãos na água quente e as elevou por cima da pele de sua esposa, permitindo que o calor a impregnasse. Só a água a tocava ao princípio.

A sensação da água salpicando a pele de seus aeios foi realmente surpreendente. Cathryn tinha esperado que ele a acariciasse com suas mãos. Estava preparada para suas mãos, em troca, não estava preparada para resistir a aquela sensação tão relaxante. sentia-se irritada, particularmente porque pelo visto ele não queria tocá-la. Que pensamento tão estúpido!

Simplesmente se tratava de outra forma de desfrutar da hora do banho. Não estranhava que O Brouillard sempre estivesse disposto a banhar-se, se aquele era o método que utilizava para lavar-se.

Novamente William elevou as mãos por cima dela, e novamente deixou que a água deslizesse entre seus dedos para acariciar a pele de Cathryn. A água estava muito quente, ou ao menos assim a notava ela. Sua pele estava insuportavelmente sensível ao tato da água. Possivelmente era o sabão o que lhe provocava aquela extrema sensibilidade, isso explicaria o comichão que notava na parte inferior de seu ventre.

Ele elevou as mãos para provocar uma nova cascata. Quanto tempo pensava passar assim, banhando-a desse modo? Resultava-lhe absolutamente irritante. Provavelmente se tratava de um hábito francês, que o encantava. Se se queixava, ele começaria outra vez a elogiar as virtudes de sua gente e a lhe pedir que cantassem a coro. Tirava-a do sério! Não era a classe de banho ao que estava acostumada, e apesar de ele defender a higiene pessoal como um hábito muito saudável, Cathryn estava acostumada a banhar-se várias vezes ao mês.

«Maldição!» Se voltava a notar só água, por mais que estivesse quente e perfumada, saíria voando da banheira e do quarto. E o mais provável era que toparia com Ulrich, o jovem cavalo desbocado, pelas escadas da torre.

William contemplou como seus mamilos ficavam duros e como lhe acelerava a respiração, mas ainda não queria tocá-la com nada mais que não fosse água. Quando lhe pedisse mais, então ele satisfaria seus desejos.

—Que forma mais estranha de tomar banho! —espetou ela finalmente — A este passo, sairei daqui com toda a pele enrugada antes de decidir me lavar como é devido.

William não disse nada, limitou-se a sorrir e acrescentou mais perfume à água. Brincou com os dedos de sua mão para que se pulverizassem pela água, mas nenhum de seus dedos se aproximou dela.

—Isto que está acrescentando é sabão? Limpará minha pele somente mesclando-a com a água?

O chiado de um tronco na lareira foi a única resposta que obteve, e as faíscas que formaram pareciam refletir a ligeira sensação abrasiva que Cathryn notava na pele.

—Não estarei completamente limpa se te nega a me ensaboar! —explodiu ela, enquanto seus escuros olhos lançavam faíscas tão acesas como as chamas.

William não sorriu quando a olhou aos olhos, apesar de sentir uma profunda vontade de fazê-lo.

—Pede-me que te toque?

—Para me lavar, é obvio! —apressou-se a responder. Estava a ponto de perder completamente a compostura.

—Minhas mãos lhe desencardirão, Cathryn —afirmou William brandamente.

Tal e como o havia dito, Cathryn pareceu entender dois significados distintos — que provavelmente era o que William pretendia — e ela amaldiçoou o comportamento dos cavalheiros franceses. Decididamente, tirava-a do sério.

Para surpresa de Cathryn, William afundou a mão na água perfumada e elevou um de seus pés como se pretendesse estudá-lo atentamente. O sabão fazia que a mão varonil estivesse escorregadia, e se seu tato não tivesse sido tão firme, ela não teria resistido a sensação e teria começado a rir por causa das cócegas. Mas seu tato era firme enquanto lhe esfregava as curvas e os relevos do pé. Cathryn jamais teria imaginado que o pé humano pudesse ser tão sensível, tão acostumada como estava a caminhar sobre os frios ladrilhos ou sobre a madeira rugosa. Sem poder evitar, soltou um suspiro, depois se relaxou na água enquanto ele elevava mais seu pé. Nunca teria pensado que a sensação que podia provocar um homem lhe tocando o pé pudesse ser tão... tão agradável.

A palavra «erótica» lhe tinha vindo à mente, mas a tinha descartado. Tratava-se simplesmente de um banho, e o tato de William lhe resultava agradável. Mas não

havia nada sensual em seu pé! Assim relaxou, apoiada na parede de madeira da banheira enquanto seu cabelo caía como uma cortina até repousar no chão.

William não a tinha olhado diretamente. Concentrou-se em lhe lavar os pés e não permitiu que seus pensamentos abrangessem além do que estava ao alcance de sua mão justo debaixo da água. Não a olhou, mas sentiu o músculo da perna de Cathryn relaxado e todo o peso de seu pé na mão, e soube que tinha conseguido erodir outra barreira de suas defesas.

Incapaz de aplacar sua excitação por mais tempo, William se permitiu olhá-la no rosto, com seus olhos brilhantes como o aço recém brunido, mas só um instante. A expressão de Cathryn era arrebatadora, completamente relaxada e com os olhos entreabertos. Seu plano estava funcionando. William baixou rapidamente a vista outra vez, não queria que ela se desse conta de seu estado de excitação, e não se atrevia a seguir contemplando-a por mais tempo por temor de impacientar-se, porque sabia que o que unicamente conseguiria seria um estrepitoso fracasso.

William lhe soltou o pé, sem ter se aventurado a lhe lavar além do tornozelo. Continuando, com ambas as mãos lhe agarrou uma mão e com os polegares começou a esfregar a linha de seu pulso e a curva que unia o polegar com o dedo indicador.

Podia uma simples carícia com as mãos transmitir um ato tão íntimo? Cathryn jamais o teria imaginado, mas agora albergava sérias dúvidas. Ele tinha declarado que sua intenção era banhá-la, e ela tinha imaginado suas enormes mãos varonis posando-se sobre seus seios e seus quadris, e possivelmente a boca sensual... mas naquela experiência sensorial não intervinha nenhum daqueles componentes. Ele se limitava a fazer o que havia dito: lavá-la tal e como Jesus Cristo fez com seus discípulos, entretanto, os discípulos estavam vestidos, e apesar de William só ter tirado a capa, ela estava completamente nua, unicamente coberta pela água escura. E por que essa asseveração, de que ele estava vestido e ela estava nua, provocou-lhe que o coração lhe pulsasse desbocadamente, de tal modo que Cathryn abriu subitamente os olhos assustada? Não podia seguir negando aquela palavra. A sensação era absolutamente «erótica».

Lentamente, muito lentamente, William deslizou a mão até a parte interior de seu cotovelo e acariciou a tenra pele naquele ponto. Estava perigosamente perto de seu seio, entretanto, sua mão não se moveu e ela se perguntou por que, aliviada e confundida de uma vez.

Ele avançou até seus ombros, colocando uma mão sobre cada um deles e massageando-os brandamente. Cathryn relaxou a cabeça para trás para lhe deixar mais espaço, e a cascata de cachos dourados varreu o chão.

—Tem um pouco de sujeira em cima do seio —lhe sussurrou ele na orelha — Me permite que o limpe?

—Sim. —Cathryn respondeu também em um sussurro, com os olhos entreabertos e gozando da sensação de proximidade de seu marido. Seu coração voltava a pulsar desbocadamente.

Ela sabia que ele ia tocá-la. Esperava suas carícias no seio. Mas William tomou seu tempo, movendo-se devagar do ombro, baixando lentamente até seu seio, e então lhe aplicou uma suave massagem. Terminou rapidamente e afastou a mão. Que estranho. Cathryn se sentiu decepcionada.

—Sua perna tem uma mancha de cinza —disse ele.

—Sei, minhas pernas estão sujas —admitiu ela, esperando suas carícias.

Uma suave carícia, seguida de outra, ao longo de uma perna, e depois William afastou a mão. Suas extremidades começaram a tremer e romperam a quietude da água.

—Está tremendo — disse ele em um sussurro gutural.

Era certo. Cathryn estava presa de um tremor que nascia no centro de seu ser e se dispersava por todo seu corpo, mas se negava a admitir que a causa fossem suas carícias.

—É que estou gelada, faz tempo que se esfriou a água.

William não pensava aceitar aquela desculpa.

—Entretanto você não se esfriou. —E com sua mão a segurou com gentileza pelo queixo para que não pudesse escapar de seu penetrante olhar — Sua pele está tão quente como uma espada exposta ao sol.

Sem nenhuma palavra de aviso de suas intenções, William a tirou da banheira e a depositou no chão rugoso. As gotas de água escorregavam pelo corpo de Cathryn e molhavam as tábuas de madeira. Com movimentos enérgicos, começou a secá-la, e a toalha ficou rapidamente empapada.

Cathryn se sentia embriagada pela água morna, a proximidade ao fogo, a deliciosa sensação daquele banho relaxante... Ou possivelmente era pelas mãos mornas de William, a proximidade a ele, a deliciosa sensação que notava quando lhe esfregava os mamilos eretos? Não estava segura, mas não se sentia com forças para permanecer de pé.

William a sustentou um momento entre seus braços, com seu corpo pego ao dela, e logo se afastou um pouco para estreitá-la pela cintura e escrutinar seus belos olhos escuros.

—Está limpa, minha senhora? —perguntou-lhe. Seus olhos também tinham adotado um escuro matiz.

De novo lhe falava com duplo sentido, mas desta vez ela compreendeu o que lhe perguntava. William desejava que ela se sentisse limpa, sem impurezas de Lambert, limpa de culpa.

Vacilando, ela respondeu:

—Não sei. —E era verdade, e então pôs-se a rir, separando de sua mente o sentido mais profundo da pergunta — Suponho que deveria estar.

William não piscou nem um segundo quando respondeu:

—É evidente que está limpa.

Ele deslizou a mão até um dos cachos de seu cabelo e ela não se incomodou. Ao contrário, inclinou-se para ele, procurando suas carícias. William enredou outra mecha de cabelo entre seus dedos, e logo outro, e outro, e Cathryn aceitou aquela amostra de intimidade. Ela queria sentir sua mão no cabelo. Queria que ele a acariciasse e que afundasse suas mãos na frondosidade de seu cabelo, e quando finalmente o fez, Cathryn elevou o rosto para aceitar seu beijo, e suas bocas se fundiram em um beijo que não tinha nada de acanhamento nem de indecisão. Era um beijo apaixonado, com dentes e línguas brincalhonas, enquanto as mãos de

William seguiam enredando-se em seu cabelo, abraçando-a igual ela abraçava a ele.

Cathryn o tinha rodeado com seus braços pelo pescoço, elevando-se para chegar melhor a seu objetivo. Esfregou seu corpo contra o corpo musculoso de William, e seus mamilos ficaram eretos e aumentaram com a fricção. Ela ofegou dentro de sua boca e sacudiu violentamente a cabeça.

William seguia com as mãos enredadas em seu cabelo.

Ao cabo de um momento, William ficou rígido e se separou dela.

—O que é que quer, Cathryn? —perguntou-lhe com uma voz sussurrante e com os olhos acesos como os de um dragão.

—Não... não sei —soprou ela, pendurando-se novamente de seu pescoço em busca de apoio.

William sorriu maliciosamente.

—Pois será melhor que esclareça suas ideias minha senhora, se não quer que meu orgulho francês sofra um golpe virtualmente mortal.

E então ela sorriu, compreendendo seu senso de humor.

—De acordo. Então acredito que primeiro quero inspecionar se você está completamente limpo, lorde O Brouillard.

—Parece-me uma ideia genial, minha senhora —respondeu William, despindo-se enquanto falava. Quando ficou completamente nu, como ela, atraiu-a para si e a beijou apaixonadamente.

Mas os efeitos do banho se evaporaram e o corpo de Cathryn já não estava tão quente como uns minutos antes. Teria que avivar o fogo que ardia em seu interior.

—Toque-me, Cathryn —a apressou ele — Me conheça.

Obedecendo-o, ela o tocou. Suas mãos deslizaram por todo seu peito com uns ligeiros toques que não podiam chegar a descrever-se como carícias, entreteendo-se com o tato de sua pele, com a força daqueles músculos. Cathryn desfrutava do controle de tocá-lo e de não ser tocada, já que ele não a tocava, apesar de morrer de vontade de que a tocasse.

William a deixou explorar toda sua pele, mas em troca ele resistiu para não explorar a de sua esposa. Ela precisava familiarizar-se com seu corpo para sentir-

se plenamente no controle de sua própria implicação naquele jogo de sedução. Não pensava pressioná-la. Esperaria até que ela não pudesse esperar mais.

Cathryn começava a se sentir cada vez mais confortável, e começou a explorar as costas de William com largas carícias, observando como se expandiam os músculos sob sua pele. A seguir, Cathryn desviou a mão até depositá-la brandamente sobre sua bochecha, com as pontas de seus dedos descansando perto de suas largas pestanas onduladas. O ardor e o brilho dos olhos de William virtualmente a abrasavam. Mas ela não afastou a mão.

Com uma mão em sua bochecha, Cathryn deslizou a outra em linha reta, atravessando seu peito e sua cintura até chegar a seu quadril nu, e se deteve. Surpreendente! Sua pele quase não tinha pêlo ali, e o acariciou lentamente, permitindo que seus dedos explorassem livremente a zona até chegar a sua nádega, musculosa e endurecida.

William afogou um leve suspiro na garganta e ela deu um pulo, perplexa. Estava tão fascinada com a perfeição daquelas formas que quase se esqueceu que ele estava vivo. Olhando-o diretamente aos olhos, tão cinzas como o metal, recordou imediatamente que ele era um homem totalmente vivo.

Cathryn retrocedeu tão depressa ante o sobressalto que sem querer tropeçou e caiu sobre a cama, deitada de costas.

William sorriu com deleite como só um homem pode sorrir quando uma mulher nua aparece em sua cama, e disse indolentemente:

—Só tinha que me pedir isso Cathryn. É óbvio que estarei encantado de me deitar contigo. Hoje me toca cuidar de ti, e acatarei todos seus desejos.

Com essas palavras, o nervosismo que Cathryn sentia pelo fato de encontrar-se exposta naquela postura se permutou em uma imperiosa necessidade de rir. Realmente, aquele homem era capaz de arrancar uma gargalhada inclusive de um morto.

A necessidade de rir permutou rapidamente em outra necessidade que lhe resultava menos familiar. O beijo de William, tão delicado, separou de sua mente todos seus pensamentos exceto um: queria sentir de novo aquela boca sobre a sua. Com a ponta da língua, William explorou sua boca, detendo-se de vez em quando

para lhe morder o lábio inferior. Era um beijo extremamente sensual. Cathryn tinha a sensação de que lhe abrasava a pele, e arqueou as costas. Seus movimentos eram incrivelmente sensuais, apesar de ela não ser consciente.

William não a tocou até que ela iniciou novamente o jogo esfregando seu corpo contra o seu, seus seios procuravam as mãos de William, procuravam carícias sem necessidade de expressar nada com palavras, e quando ele finalmente os tocou, e seus dedos brincaram com gentileza com seus mamilos, ela arqueou ainda mais as costas para pegar-se mais a sua mão.

—Está tão cálida... É como uma gata em zelo —disse ele com extrema delicadeza.

Cathryn reagiu como um gato ao que acabassem de jogar um balde de água gelada em cima.

—Não me chame de gata! —gritou irritada.

Cada vez passava o mesmo, e justo nesse preciso momento. William tinha acreditado que se devia à proximidade física, o que provocava que ela ficasse tão tensa entre seus braços. Mas possivelmente havia algo mais que isso.

Ele não se moveu. Ficou tão quieto como ela. O chiado do fogo e a agitada respiração de Cathryn eram os únicos sons, entretanto, William acreditava que Lambert os espreitava oculto de algum rincão do quarto.

Tomando Cathryn entre seus braços, deitou-se a seu lado e a olhou, agasalhando-a com seu corpo e lhe acariciando as costas.

—O que acontece, Cathryn? —perguntou-lhe com doçura, tentando romper o silêncio entristecedor que tinha caído como uma espada entre eles.

Mas Cathryn, que era muito hábil quando se tratava de recuperar a compostura e encerrar-se em sua carapaça, não respondeu. Afastou-o dando-lhe um suave empurrão com as palmas das mãos.

—Simplesmente é que não suporto que me chamem de gata —se limitou a responder, esperando resolver o tema.

William compreendeu. Compreendeu que ela se afastou novamente dele, fechando todas as vias de acesso que os uniam. Compreendeu que, para que sua esposa se derretesse novamente com ele, precisaria provocar um incêndio para

avivar as chamas que ardiam em seu interior. Mas desta vez não pensava avivar o fogo da paixão. Desta vez ia avivar o fogo da ira.

Brincando com uma mecha de seu cabelo, levou-o com indiferença até seus mamilos.

—Que estranho! —comentou impassivelmente — Pois eu acho que o nome «gata» te faz justiça. Pelo modo tão gracioso em que arqueia as costas e esfrega seu corpo contra o meu. Sim —disse ele, olhando fixamente seus mamilos eretos — É uma gata do mais sensual.

William afastou o cabelo para seus ombros para que seus seios ficassem descobertos sem nenhuma capa defensiva. Cobriu um deles com sua mão e esfregou o sensível mamilo com a palma calejada.

—Gata —sussurrou-lhe ao ouvido — É suave. Aconchega-se junto a mim, gata. Ronrona de prazer, gata, e eu te acariciarei.

—Não me chame de gata! —voltou a gritar ela, encrespada, lhe afastando a mão com um tapa, lutando por escapar de suas carícias, tremendo violentamente.

—Por que, Cathryn? —voltou a perguntar William, com uma voz tão dura como o cascalho sob pés descalços.

Os braços de Cathryn seguiam lutando contra ele, mas ele não se alterava. Ela não podia suportar por mais tempo a dor que sentia em suas vísceras, como se em seu interior morasse um lobo que queria destruir as escuras profundidades de sua alma.

Uns soluços sinceros, durante tanto tempo contidos, subiram pela garganta de Cathryn até virtualmente afogá-la. Abraçando a si mesma, tentando salvar-se de ser enrolada pelo poder devastador daqueles soluços, embalou-se como se fosse um bebê.

—Cathryn —murmurou William.

—Ele me chamava de gata —conseguiu dizer entre soluços, mal tendo força.

Cathryn lhe deu as costas e continuou embalando-se em silêncio. William elevou sua mão cálida e lhe acariciou as costas, perfilando as protuberâncias de sua coluna.

—Chamava-me de gata —repetiu, e seu pranto fazia que suas palavras fossem quase irreconhecíveis — Me chamava gata e ria quando dizia. Chamava-me gatinha cada vez que... cada vez que...

E quando seu marido a tocava e a chamava de gata, ela via Lambert, sentia as mãos de Lambert sobre sua pele. William compreendeu. Olhou-a enquanto ela se embalava e sentiu seu desconsolado pranto como se fosse dele. Cathryn era tão magra, e tinha suportado tantas humilhações em nome de Greneforde.

Queria ajudá-la.

Queria matar Lambert.

—Chamava-me gata —repetiu ela — diante de todos. E quando estávamos sozinhos. —As palavras afloravam agora como um fluxo.

Nenhum homem se dirigia a uma dama de uma forma tão vulgar em público. Quão único pretendia com isso era desbancá-la de sua fila e humilhá-la. Lambert era um miserável.

—E quando eu caminhava pela esplanada, ouvia seus homens miar. Faziam-no tão forte que os miados ressonavam nas paredes.

Sim, William podia imaginar aqueles homens, seguindo o sórdido exemplo de seu senhor, e Cathryn só contra todos eles. E soube como ela tinha reagido ante a insuportável crueldade: com a cabeça erguida e procurando não perder a dignidade. Era tal sua coragem e seu orgulho que, no mais profundo daquela degradante derrota —a derrota de ter perdido suas terras, seu lar, seus criados, e seu corpo— ela se encerrou em si mesma e tinha obtido a vitória. Não tinha permitido que ninguém fosse testemunha de sua vergonha e de seu fracasso. Até agora.

Com muita doçura, William a obrigou a dar a volta para ele e a embalou entre seus braços, com tanto amor como um pai faria com uma garotinha desconsolada, porque isso era o que ela era. Cathryn não elevou o rosto, mas tampouco rechaçou seu abraço. Ao cabo de um momento, suas lágrimas cessaram. Entretanto, seguia embalando a si mesma, e ele também a embalava, estreitando-a com força e lhe transmitindo calor, desejando que ela se impregnasse de seu amor.

Finalmente ficou quieta.

—Voltarei a perguntar —começou a dizer ele com uma firmeza gentil, sem deixar de abraçá-la — Está limpa, minha senhora?

Cathryn se moveu inquieta até que pôde lhe ver o rosto. Com uns olhos tão apagados e desesperançados como os de um cadáver, respondeu-lhe:

—Não. Nunca estarei limpa.

—Equivoca-se, Cathryn.

De novo ele tinha conseguido despertar sua ira, embora desta vez não o tinha feito intencionalmente.

—Já sei que é um perito na matéria, mas neste aspecto te asseguro que não o é tanto como eu! Não estou limpa! —espetou furiosa — Sua semente me mancha por dentro e por fora! Sou um trapo velho, unicamente apto para que o joguem ao fogo!

—Digo que equivoca-se —repetiu William, com uma voz profunda e vibrante — Acaso Jesus Cristo não se sacrificou por nós para nos liberar do pecado? Existe algum pecado que Deus não possa perdoar? Esqueceste que Deus te redimiou de seus pecados com o sangue do sacrifício de seu próprio filho?

Os olhos de William eram dardos que ela teria evitado se pudesse, mas ele a mantinha firmemente imobilizada e a obrigava a olhá-lo no rosto enquanto pronunciava aquelas palavras.

—Acaso não sabe que a relação que Lambert manteve contigo é como a água no sangue? —continuou agora mais calmo — Eu uni minha vida, meu sangue, à tua, Cathryn, do momento em que nos casamos. Tudo o que aconteceu antes não pode diluir nem romper o vínculo de sangue que compartilhamos.

Suas palavras eram doces, e ela desejava acreditar nele, mas não podia. A mancha de seu pecado era colossal, mais colossal que inclusive a poderosa força de William o Brouillard.

William leu o rechaço de suas palavras na escuridão de seus olhos.

—É minha esposa, Cathryn, e nos unimos em matrimônio até que a morte nos separe. Compartilha meu sangue, que te asseguro que verteria encantado em sua defesa —declarou — O que passou antes não forma parte de nosso presente, de verdade, é algo tão irrisório como uma vela comparada com uma fogueira. É minha esposa —repetiu com ardor — Te respeito e te amo. Confie em mim — implorou —

Penso te ensinar o poder de uma fogueira para que compreenda que o que iluminou seu mundo no passado não foi mais que uma vela meio apagada.

Suas palavras a martirizavam, já que pretendiam afastá-la daquela solidão interior que ela tinha ereto como uma couraça para proteger-se.

—Eu te amo, Cathryn —lhe sussurrou outra vez pegando a boca em seu cabelo, e então suas mãos deslizaram até lhe acariciar o rosto. Aquelas mãos varonis se moviam agora tal como ela teria desejado um momento antes, mas agora Cathryn não se sentia inspirada, embora William não pensava deter-se.

Com as duas mãos, William lhe acariciou os seios até que seus mamilos voltaram a ficar eretos. Jogou tanto tempo com seus mamilos que Cathryn teve a impressão de que sempre tinham sido assim.

Com beijos imensamente profundos, William anulou qualquer comentário que ela pudesse pronunciar para detê-lo, e, realmente, ela não podia pensar em nada que dizer para frear aquela situação. A língua de William se afundou em sua boca, e Cathryn não ofereceu resistência. Suas armas de sedução eram tão eficazes e tão apaixonadas que não lhe deu tempo nem para titubear. Ele a arrastava para seu campo de jogo, e ela não podia pensar em nenhum detalhe que lhe desagradasse. Em questão de segundos, sua mente ficou totalmente em branco. Tal e como William tinha planejado.

Cathryn esfregou seus quadris contra os dele enquanto se arqueava em suas mãos, procurando, desejando, necessitando... Nunca antes tinha experimentado uma sensação tão intensa.

William se deu conta.

—Fecha os olhos, Cathryn —lhe ordenou com suavidade — Agora não pense nem reflita. Deixe se levar pelos sentidos.

Ela obedeceu, e na escuridão as sensações se voltaram tão intensas que inclusive lhe pareceu ver como as cores explodiam e giravam vertiginosamente ao redor do olho de sua mente.

Willian esfregou os mamilos inchados com seus polegares e brincou com sua língua, enquanto ela gemia dentro de sua boca.

Os fortes gemidos que estalaram de seu interior de uma forma tão inesperada a deixaram consternada até o ponto de ficar imóvel. Sentia-se um pouco envergonhada.

—Não se detenha —a estimulou com um suspiro, com a boca pega a sua garganta — Relaxe e não tente controlar seu corpo.

Cathryn cobriu as mãos de seu marido com as suas, desejando pôr um ponto final a essa tortura erótica.

—E quem controlará meu corpo?

—Eu, é obvio. —Sorriu William como um menino travesso antes de semear uma fila de beijos por seu pescoço até seu mamilo.

Ante a graciosa expressão do rosto de William, Cathryn não pôde conter uma risada e relaxou sobre o colchão. Mas a risada se permutou rapidamente em um ofego quando ele começou a lhe lambe os mamilos sem piedade, movendo a boca de um peito ao outro até que ela se retorceu e ofegou com um absoluto abandono.

Uma visão de Lambert imóvel sobre ela emergiu em sua mente, e Cathryn abriu os olhos de repente.

Ao ver o cabelo negro de William sobre seu peito, acalmou-se.

—Fale comigo—Ordenou ela. Precisava ouvir o som de sua voz, uma voz muito distinta a qualquer outra que tinha conhecido. Uma voz que não se assemelhava absolutamente a de Lambert.

E ele obedeceu.

—Penso te falar o resto de meus dias sobre coisas importantes e coisas banais. É minha esposa. Nosso sangue, nossos corpos, nossa carne, são uma só — começou a dizer. Suas palavras ressonavam calidamente sobre seu sio — É sublime, minha querida esposa. Sua pele é mais fina que a seda mais apreciada que jamais se possa comprar... e eu adoro te lavar.

Ela voltou a sorrir, e o espasmo da risada plantou um mamilo firmemente em sua boca. Ele o sugou como um bebê, e logo elevou a boca para lhe lambe o lóbulo da orelha.

—De que mais quer que eu fale? —murmurou ele, lhe transmitindo um agradável calafrio em todas as costas.

—Do que queira —respondeu ela também em um murmúrio, perdendo-se na sensação de seu tato outra vez — Fale do que quiser, quão único desejo é ouvir sua voz.

—E assim será —prometeu ele — Sempre e quando me deixar gozar do tato de sua pele sedosa.

William deslizou a mão com a autoridade que lhe correspondia por ser seu marido por cima de seus seios, até a curva da cintura e depois para seu abdômen até que alcançou a curva de seu quadril.

—Tem umas curvas muito belas, tal e como qualquer marido desejaria em uma esposa.

Com a ponta de um dedo, explorou as dobras de seu púbis enquanto que com a outra mão esfregava um mamilo. As pernas de Cathryn começaram a tremer quando ele inseriu a coxa entre seus joelhos.

—Treme de prazer ou de temor? —perguntou-lhe brandamente antes de lhe cobrir a boca com um beijo profundo e rápido. Enquanto isso, seus dedos seguiam explorando a parte mais secreta e vulnerável dela, e o calor que Cathryn sentia no peito era tão intenso que temia morrer abrasada. O triplo ataque de William a tinha deixado com a mente em branco, unicamente sentia uma extrema sensibilidade na pele, e suas convulsões se incrementaram.

Tal e como ele tinha previsto.

—E seus olhos —continuou William, afastando-se de sua boca e desenhando uma linha de beijos efêmeros por seu ventre — são tão escuros e insondáveis como os poços de Nicea, rodeados como estão pelas areias douradas do deserto, um deserto absolutamente sufocante por causa do intenso calor. Assim está você, esposa minha, intensamente quente.

E era certo, Cathryn notava que a temperatura de seu corpo era sufocante. William podia notar o calor que emanava dela como se estivesse sobre as areias do deserto ao meio dia, e ele se abrasava com ela. Por ela.

Cathryn tremia sob sua mão e não podia deixar de ofegar. William lhe separou mais as pernas, colocando os joelhos dobrados entre suas coxas. Com uma mão lhe esfregava e brincava com aquela protuberância de desejo que agora se inchava

entre as suaves dobras de seu púbis. Com a outra mão seguia martirizando seu mamilo avermelhado, e com a boca devorava o outro peito, lambendo-o e sugando-o com ardor.

Não pensava deixar nenhuma parte do corpo de sua esposa sem atender. Ela se convulsionava sob suas mãos, ofegando continuamente, e aferrando-se a seu cabelo negro.

William abandonou seus seios. Cathryn abriu os olhos lentamente. William, sem deter o movimento de sua mão, convidou-a a dar a volta e ela ficou deitada sobre seu abdômen.

A postura era nova para ela, e de repente a invadiu uma fugaz sensação de temor. Roçando-a com uma extrema suavidade com os lábios e com os dedos, William lhe beijou as nádegas.

Cathryn ofegou brandamente e elevou os quadris em direção à boca de seu marido, abrindo-se totalmente a ele. O dedo travesso de William não perdeu a oportunidade e se inseriu dentro dela por completo. O profundo ofego de prazer e de desejo que escapou de Cathryn fez que ele tremesse de excitação.

Com ímpeto, William lhe deu a volta para que ficasse novamente deitada sobre suas costas e lhe abriu tanto as pernas como pôde, sustentando-a pelos tornozelos. Cathryn, desesperada por não perder de vista o mundo real, elevou os braços procurando a cabeceira com as mãos e se aferrou a ela firmemente.

William a observava, com as pernas abertas e ofegando sob suas carícias, com os mamilos acesos, o cabelo dourado emaranhado debaixo de seu peso.

—Volta-me louco, esposa minha —disse com uma voz gutural.

—Por que... por que... espera tanto? —conseguiu lhe perguntar, mal movendo os lábios.

Os olhos cinzas como a névoa e afiados como uma espada a atravessaram sem piedade.

—Espero a ti —respondeu com um áspero sussurro.

E, sem afastar as mãos de suas pernas para as manter bem abertas, William se inclinou para prová-la com sua boca.

Cathryn perdeu o controle subitamente. Não sabia exatamente o que era o que lhe tinha feito —nem tampouco desejava sabê-lo— mas o poder do ato a deixou sem fôlego.

Nunca antes havia sentido tanto medo.

—Não! Para! William, por favor! —gritou, tentando empurrá-lo para trás para separá-lo de seu púbis.

William liberou seus tornozelos e ela pensou por um momento que ele ia lhe obedecer, mas não era assim. Com seus amplos ombros continuou lhe separando as pernas, e com suas mãos a empurrou para trás e não lhe permitiu voltar a se incorporar. Ela não podia combater contra sua força descomunal.

—Me deixe te provar! —ordenou-lhe ele — Solta as rédeas de seu cavalo e voa!

Sua boca se fechou de novo sobre seu púbis e ela gritou seu nome entre gemidos, convulsionando-se debaixo daquele corpo hercúleo.

Pouco a pouco seus gemidos deram passo a um longo e inacabável ofego que não expressava temor absolutamente, a não ser unicamente paixão, uma paixão incontrolável, deliciosa.

Cathryn se aferrou a seu cabelo, e não o soltou, incapaz de suportar nem um segundo a mais daquela deliciosa tortura e desejando de uma vez a nova investida de sua boca, desejando que acabasse e desejando que continuasse até o ponto que pensou que se fragmentaria em dois com seus desejos contraditórios.

Uma sensação muito estranha começava a tomar forma dentro dela, esmagando-a, e de novo procurou a segurança da madeira sob suas mãos.

Seus ofegos se voltaram mais agudos. Suas pernas se esticaram mais. Sentia uma intensa pressão em seu interior, uma pressão como se estivesse caindo por um precipício sem fim, um precipício abismal em meio de um céu negro e estrelado.

E William não cessava. Incrementou o ritmo de sua língua e levou as mãos a seus seios, com um ritmo frenético, começou a manuseá-los sem piedade.

Com um guincho, Cathryn sentiu que caía pelo precipício, e caía... e caía... e caía... com um grito interminável. Seu ventre e suas coxas se esticaram ao limite, com uma força mais poderosa e mais exigente que os batimentos de seu coração.

Estava segura de que o que experimentava era algo próximo à morte, uma morte provocada por um delicioso prazer.

William se incorporou e a penetrou com seu pênis, e o grito de prazer de Cathryn, que tinha se aplacado, voltou a ressonar no quarto, mas daquela vez ela não caiu pelo precipício sozinha. Desta vez caiu com os braços ao redor das robustas costas de seu marido.

Quando a loucura que acabavam de experimentar juntos se aquietou, William caiu em cima dela, e o peso físico de seu corpo devolveu Cathryn ao mundo real. Cathryn se aferrou a seus ombros para que ele não se afastasse.

Com os olhos desmesuradamente abertos e sem pestanejar, Cathryn só conseguia sussurrar, ml tendo fôlego:

—OH, Meu deus! OH, Meu deus! OH, Meu deus!

William sorriu entre a suavidade de seu cabelo e comentou docemente:

—Que forma de pôr travas a minha vaidade! Deveria dizer: «OH, William! OH, William! OH, William! »

Abraçando-o com força, Cathryn riu tão forte e durante tanto tempo como passou ofegando de prazer.

O eco dos gemidos e as risadas de Cathryn penetrava pelas frestas do salão situado na planta inferior com tanta suavidade e intensidade como o aroma de um luxuoso perfume. Kendall elevou a vista do tabuleiro de xadrez para comentar com seu adversário:

—Pelo visto, a parte que Cathryn interpreta na canção é bastante delirante. William é um bom instrutor, não te parece?

Rowland se inclinou por cima do tabuleiro para dar um suave murro em seu companheiro.

CAPÍTULO 14

Ao amanhecer Kendall e Rowland estavam preparados para partir. Seu primeiro objetivo era ir ver o rei. Não ia ser nada fácil encontrá-lo, já que o rei viajava constantemente com sua corte com a intenção de ser conhecido por todas as terras de seu domínio. Era uma estratégia inteligente, que Stephen deveria ter posto em prática mais frequentemente. Rowland não estava desanimado ao pensar que sua viagem discorreria indevidamente em um circuito, já que aquele era seu principal objetivo. Pensava estar atento a qualquer sinal de Lambert, apesar de Kendall não saber nada a respeito daquela segunda missão. Kendall pensava que unicamente procuravam o rei Henry.

—Temo que William não se despedirá de nós com um íntimo adeus, com abraço incluído —remarcou Kendall com um sorriso zombador — Não é típico dele. O que crê que o retém ainda na cama esta manhã?

—Que parvo é, Kendall! —exclamou Rowland tranquilamente.

—E estranha? Com todos os cascudos que me dá com sua mão roliça, tenho a cabeça embrutecida —riu Kendall.

—Possivelmente tenha que mitigar essas cabeçadas, apesar de que sigo opinando que se a gente quer obter o suco mais doce de alguém, antes terá que espremê-lo bem.

—Ah, vejo que já voltamos a falar dos motivos pelos que William ainda está na cama —sorriu Kendall — Deve estar espremendo a sua esposa para que ela solte seu suco mais doce.

Os olhos escuros de Rowland tentaram mascarar sua risada ante a ocorrência de Kendall, e para dissimular, atçou seu companheiro um empurrão que o derrubou de costas.

Quando Kendall se levantou do chão, ainda seguia rindo.

—Será melhor que partamos antes de que tenha muitos hematomas e não possa te acompanhar.

—Sim —conveio Rowland— e não cavalgue ao meu lado ou não poderei conter a tentação de tentar te derrubar de novo.

Kendall riu enquanto montava e esporeou seu cavalo para que iniciasse a corrida a galope e se afastasse de seu companheiro de viagem. Deixaram para trás os muros de Greneforde e cruzaram o rio Brent velozmente. O dia se apresentava extraordinariamente caloroso, e Kendall estava de um excelente humor. Era pouco provável que encontrassem ao rei nesse mesmo dia, e gostaria de passar o dia sem fazer nada, cavalgando entre bosques e arroios.

Rowland, em troca, não tinha pensado no rei Henry nem um só instante, só estava concentrado na ideia de encontrar Lambert, e mantinha os olhos fixos no caminho se por acaso descobria rastros de cascos de cavalos. Se ele fosse Lambert, não se afastaria muito de Cathryn nem do que lhe oferecia, por isso não descartava encontrar sinais de Lambert pelos arredores de Greneforde.

Mas Rowland não era Lambert, e tampouco raciocinava como Lambert.

Lambert não ficou perto de Greneforde quando se inteirou da coroação do rei Henry. Do que lhe teria servido? Tinha decidido ir ao encontro do rei, e precisamente naquele instante o rei o estava recebendo em audiência.

—E assim foi como perdi minhas terras, e não por negligência nem por rebelião contra meu rei —expôs Lambert com emoção, olhando ao rei e a seus conselheiros — Então me dirigi a Greneforde, uma propriedade que me resultava familiar posto que pertencia a meus vizinhos mais próximos. Instalei-me ali como senhor, com a intenção de ficar até que os tempos de anarquia tocassem a seu fim.

—E não teria sido mais adequado desfrutar da hospitalidade do castelo de Greneforde, posto que seu castelo tinha sido destruído? —inquiriu um dos conselheiros de Henry.

Lambert dedicou a Edgar de Lisborne um frio olhar antes de responder:

—Posto que a lady de Greneforde estava sozinha, pensei que era adequado assumir o papel de senhor, assumindo a parte de responsabilidade que Deus concedeu aos homens.

Edgar lançou ao rei um olhar incômodo, não gostava da forma em que Lambert estava expondo seu relato. E viu que o rei Henry tampouco parecia satisfeito.

—Eles o aceitaram como senhor sem nenhum questionamento? —perguntou-lhe o rei.

—Cathryn de Greneforde me abriu as portas quando eu o pedi —respondeu Lambert com uma verdade mascarada.

—Quanto tempo ficaram no castelo? —interrogou-o Edgar desconfiadamente.

Lambert não olhou Edgar quando respondeu, mas sim olhou diretamente ao rei.

—Vivi e atuei como lorde de Greneforde durante três meses, sem provocar a guerra a meu soberano, nem ir contra sua vontade. Quando chegaram as novas de que o rei Stephen já não era rei da Inglaterra e que o rei Henry tinha ocupado o trono, decidi vir para lhes expor minha conexão com Greneforde e lhes solicitar a concessão de ditas terras pelo bem de todos. Por você, já que necessitam homens leais a seu estandarte, por lady Cathryn, que necessita um marido, e por mim, porque perdi minha propriedade e a sorte quis que tenha encontrado outro castelo em bom estado ao que poderia anexar as terras de minha antiga propriedade, sob um único lorde.

Edgar pensou que era estranho que esse Lambert se colocasse em última posição em seu discurso, quando era evidente que só pensava em si mesmo, embora queria disfarçar a verdade falando de lealdade ao Henry. Que pena que Lambert de Brent não ficou em Greneforde, já que teria se encontrado cara a cara com o novo lorde de Greneforde e provavelmente os dois teriam mantido uma conversa extremamente interessante. William o Brouillard não teria tido que tratar a aquele indivíduo com diplomacia, tal e como Henry se via obrigado a fazer.

Edgar estava seguro de que aquele sujeito não estava contando toda a verdade, mas não conseguia separar o grão da palha no relato dada a distância que separava Lambert de Brent de Greneforde nesse instante. O que era evidente era que Lambert desconhecia o papel que jogava William, a situação não pintava bem.

—Há outras propriedades abandonadas que requerem homens leais ao rei para que as defendam —atravessou Edgar, esperando desviar Lambert de seu claro objetivo.

—Sei, mas muitas dessas propriedades têm que ser derrubadas, já que se edificaram sem licença do rei. Greneforde é um castelo legal —replicou Lambert.

—Parecem extremamente interessado nesse castelo, coisa estranha, tendo em conta que residistes em Greneforde durante tão pouco tempo —comentou o rei, acariciando-se brandamente a barba.

Lambert deu o passo final, o passo que, ou lhe outorgaria Greneforde ou conseguiria que o perdesse definitivamente, com a possibilidade de pôr também em perigo sua própria vida.

—Assim é, milord. Estou extremamente interessado em Greneforde porque estou extremamente interessado na dama que ali reside e que é a herdeira legal de Greneforde.

O rei arqueou as sobrancelhas com surpresa, mas não disse nada. Edgar compreendeu que aquele gesto não favorecia Lambert, já que o próprio rei tinha ordenado o matrimônio de lady Cathryn com William o Brouillard. Entretanto, Edgar tampouco disse nada. Para que ia intervir, se Lambert estava cavando sozinho sua própria tumba?

—Muito interessado —repetiu Lambert, ao mesmo tempo que uma linha de suor lhe brilhava na testa enquanto enfrentava aos frios olhos do rei e de seus conselheiros — Milord, falarei-lhes com franqueza: mantive relações carnavais com Cathryn de Greneforde, e por conseguinte lhes peço sua mão em matrimônio e que me concedam a propriedade de Greneforde.

Ante tal confissão, o rei ficou tenso, mas não por Lambert. Pensou em William, que tinha se casado com uma esposa impura. William merecia algo melhor em pagamento a seus serviços. Henry ruminou freneticamente tentando lembrar-se de outras propriedades que pudessem ser mais convenientes para seu homem de confiança. Não era que pensasse entregar Greneforde a Lambert, mas pelo menos daria a William algo mais. Quanto a Lambert, não receberia Greneforde como prêmio, já que esse tipo não tinha nada que contribuir a aquele matrimônio, por lei,

sua porção devia ser equitativa a de lady Cathryn, e Henry não pensava trocar a lei por um tipo como Lambert.

—Edgar —disse Henry — quero ver William o Brouillard antes de decidir o destino de Greneforde e da lady de Greneforde. Envia um arauto para convocá-lo a uma audiência na corte.

—De acordo, milord. —Edgar realizou uma reverência antes de abandonar a sala para ir em busca de um emissário.

Com a marcha de Edgar, o tema de Greneforde ficou resolvido. O rei se centrou em outras questões com outros súditos. Ao Lambert não passou inadvertido que o rei tinha dado por concluída a audiência. Seu pedido de Greneforde ficava pendente, apesar de ele ter jogado suas cartas com as fichas que ficavam, usando a desenvoltura insolente de quem não tinha nada que perder.

Ficava outra via entretanto, uma via que tinha aberto o próprio rei. Era evidente que não se decidiria quem obteria Greneforde até que William não se encontrasse com o rei. Pelo visto, outro homem tinha reclamado Greneforde. Lambert podia interceptar a esse tal William ao que o rei tinha convocado e matá-lo antes de que chegasse a corte. O rei Henry estaria então mais disposto a lhe ceder a propriedade que tinha ficado livre de qualquer outro pretendente. Em tal caso, o rei não teria nenhuma desculpa para não lhe ceder a propriedade. O rei não pensava lhe entregar diretamente umas terras que tinha entregue a outro cavaleiro, mas cabia a possibilidade de que não se sentisse tão comprometido se William não estava presente para defender seu direito. Era uma possibilidade, a única, possivelmente, e Lambert queria aproveitá-la, sem preocupar-se com sua consciência. Por que ia se preocupar, se carecia de consciência?

CAPÍTULO 15

—Ontem de noite ouviu algum ruído no quarto do senhor? —perguntou Marie a John, com o semblante nervoso.

—Não —repôs o mordomo, esboçando um sorriso — Não ouvi nada que me infundisse temor.

—Seguro? —Ela franziu o cenho — Possivelmente estava sonhando, mas... bom, se disse que não ouviu...

—O que é o que te pareceu ouvir, Marie? Conta-me para ver se posso te ajudar.

—Bom, quando estava na cama, com os olhos fechados, pareceu-me ouvir um... grito —concluiu, com os olhos desmesuradamente abertos.

—Ah! —exclamou John com um sorriso — Ouviu um grito e se preocupou por sua senhora.

—Mas se você não...

—Sim, sim ouvi um grito, minha pequena. E é verdade que parecia ser a voz de lady Cathryn.

Os adoráveis olhos azuis de Marie se encheram de terror enquanto imaginava o que lorde William tinha feito para arrancar um grito a sua esposa, lady Cathryn, que não só tinha gritado quando Lambert a tinha maltratado e matado a seu irmão.

—Não te alarme —a tranquilizou John — O senhor não lhe fez mal, e poderá ver com seus próprios olhos quando ela baixar para tomar o café da manhã.

—Mas se ainda não baixou! —sussurrou Marie — E já amanheceu!

—Tranquila, baixará —repetiu John — Não lhe acontece nada. —E baixaria com William, se John não se equivocava ao imaginar o que tinha acontecido na cama do senhor — E aqui vem alguém que parece que anda te buscando.

Ulrich entrou atropeladamente na cozinha e se deteve abruptamente quando viu Marie. Uma luz incandescente iluminou seus olhos enquanto se dirigia para ela. Marie deixou de lado suas preocupações por Cathryn e o olhou com um sorriso, a

classe de sorriso que tinha praticado até a perfeição na água parada da bacia de lavar.

—Que sorte que a noite interminável haja tocado a seu fim, porque agora já posso me nutrir de sua beleza, e apesar de saber que poderei me nutrir durante todo o dia, nunca me sinto satisfeito, nunca me sinto satisfeito! Temo que necessitarei mil vistas para ficar farto de ti, minha adorável Marie! —Ulrich soltou aquele monólogo com uma exagerada teatralidade.

—Temo que sou um alimento que jamais conseguirá formar músculo ao redor de seus ossos —respondeu ela com acanhamento, oferecendo a Ulrich a oportunidade de negá-lo.

—Equivoca-te —a contradisse ele galantemente — É todo o alimento que necessito, embora a verdade é que você raciona tanto que tenho que admitir que é possível que acabe por me consumir. Mas que conste que estou encantado! — acrescentou ao ver que ela ficava em movimento para afastar-se dele, com atitude ofendida.

—Acredito que se acessasse a lhe alimentar, devoraria-me até me destruir — atravessou ela, sem permitir que Ulrich visse seu rosto.

—Não é certo —prometeu Ulrich — já que eu também te nutriria, enquanto você me nutre. Seria um banquete que os dois compartilharíamos.

—Entretanto ainda encontra motivos em seu coração para se lamentar dos obséquios que já lhe dei.

—Isso é porque só é o primeiro prato, e um homem necessita comida consistente que o sustente, Marie.

—Me comportar do modo que me pede significaria... pecar de... gulodice, e a gula é um pecado mortal —replicou ela, desfrutando enormemente daquele debate e do jogo de indiretas — Você gostaria se engordasse?

—Minha querida Marie... —Ulrich sorriu melosamente — Não é possível que engorde no delicioso banquete do que te falo.

—Isso é o que dizem todos os homens, até que a dama de seus coração realmente... engorda.

John os observava enquanto o casal de pombinhos iam para a porta. Ulrich seguia em sua constante posição de perseguição, e Marie se mostrava tímida e sedutora de uma vez. Se essa garotinha não ia com cuidado, John não descartava que Ulrich também conseguisse lhe arrancar algum grito de prazer.

—E diria que lady Cathryn está gorda? —contra-atacou Ulrich, lhe bloqueando o passo— Ela e meu senhor jantam juntos diariamente na mesa do banquete do amor, e entretanto não vi nenhuma mudança na aparência de minha senhora.

Ao mencionar Cathryn, todas a vontade de jogar a ver quem demonstrava mais engenho se esfumaram da mente de Marie, que subitamente deu a volta para olhar Ulrich com um visível temor nos olhos.

—Acaba de mencionar a minha senhora, e tenho que confessar que temo por seu bem-estar. Me diga a verdade, tem-lhe feito mal lorde William?

Ulrich retrocedeu um passo com surpresa, e a seguir a olhou com indignação, Marie cometia um grave engano se desconfiava de William, e tinha que dizer-lhe rapidamente.

—William o Brouillard é o cavalheiro mais considerado e galante de todos! Tanto na França como nesta ilha onde nunca deixa de chover! Jamais faria mal a uma dama, e muito menos a sua esposa! É um cavalheiro cristão da cabeça aos pés, Marie! Mas de onde parte sua preocupação? Não me diga que o viu levantar um dedo —nem que seja o dedo mindinho— a lady Cathryn, porque, por muito apaixonado que esteja de ti —e apesar de sempre o estar — não acreditarei.

—Não —admitiu ela — Não o vi atuar incorretamente com minha senhora, entretanto... —Marie vacilou um instante antes de ocultar-se em um rincão escuro da paliçada — Entretanto me pareceu ouvir um grito proveniente do quarto do senhor que agora compartilham. Ouviu-o?

Ulrich soprou e sorriu luzindo todo seu orgulho viril enquanto respondia:

—Sim, parece-me que ouvi algo similar a um grito.

—E minha senhora não saiu ainda do quarto, apesar de fazer já tempo que o sol brilha no céu. Não é normal em minha senhora —murmurou preocupada enquanto reiniciava a marcha pelo pátio.

—Não se preocupe, Marie. Tudo vai bem.

—Claro! É fácil dizê-lo! Mas a viu?

—Não —admitiu ele — Lorde William me ordenou claramente que ninguém o interrompa enquanto ele e sua dama estejam sozinhos no quarto.

Aquela informação não conseguiu aplacar os temores de Marie. Quão único Ulrich tinha conseguido era incrementá-los, já que por que um homem pediria que ninguém os interrompesse enquanto estava com sua esposa se não era porque pretendia lhe fazer mal e não queria que ninguém visse?

—Não conheço bem seu lorde, mas meus temores não se acalmaram — confessou ela.

Ulrich sorriu, compreendendo seus temores embora sentindo-se incapaz de não tirar vantagem daquele mal-entendido.

—Para acalmar seus temores, sugiro-te que procuremos um lugar tranquilo onde eu possa te reconfortar. Prometo que seus temores por lady Cathryn se desvanecerão de sua mente quando me permitir que me ocupe de ti com ternura.

Em um terreno tanto novo como desconhecido, Marie estalou em uma gargalhada e se afastou do ensolarado centro da esplanada, desfrutando ao ver que Ulrich a seguia sem lhe dar trégua do mesmo modo que a lua seguia ao sol. E isso era precisamente o que o escudeiro fazia, com um amplo e brilhante sorriso em seus lábios que prometia tantas alegrias como o sorriso de Marie.

Cathryn despertou ao notar uns dedos que lhe acariciavam o cabelo que lhe emoldurava o rosto. Não era um despertar rude. Sabia perfeitamente em que cama se achava assim como com quem a compartilhava, e com quem tinha passado a noite: recordava-o vividamente, apesar de ainda não ter aberto os olhos para saudar o novo dia. Nem para dar bom dia a William.

Com muita dificuldade podia acreditar que um homem fosse capaz de lhe provocar aquele intenso prazer com as mãos, tampouco podia acreditar que o corpo feminino pudesse experimentar um sentimento tão profundo. Cathryn tinha acreditado que o prazer da união sexual pertencia exclusivamente ao homem e a dor de dar a luz à mulher, como condenação a toda mulher pelo pecado original que o homem tinha cometido com Deus. Que equivocada estava! Morria de vontade de

sentir as mãos de William sobre seu corpo de novo, de sentir suas carícias nos seios, e sua língua lhe lambendo...

Com um preguiçoso sorriso, esticou as pernas por completo e os braços por cima da cabeça, arqueando os seios para o teto. Parecia uma gata, embora William sabia que não devia expressar aquele comentário em voz alta. Cathryn parecia uma mulher satisfeita, e William não pôde evitar lhe dedicar um sorriso.

Enquanto lhe sorria, procurando apagar qualquer amostra de arrogância em seu rosto, Cathryn deu meia volta e se colocou em cima dele, enredando os braços ao redor do pescoço de William.

—Despertaste-me com suas carícias, milord, e eu decidi te responder com um beijo, e outro, e outro... —Cathryn riu como uma menina travessa enquanto lhe estampava beijos efêmeros pelo rosto, garganta, peito, e todas as partes do corpo de William que alcançava sem dificuldade.

Ele estava perplexo. Cathryn não se assemelhava a aquela dama controlada de todas as situações com olhos inexpressivos e com uma atitude fria. A noite anterior Cathryn tinha renascido como uma mulher apaixonada, com um sorriso provocador e que, com cada olhar de seus resplandecentes olhos escuros, expelia faíscas de sensualidade. Quando ele se propôs erodir suas defesas, uma a uma, sua única intenção tinha sido apaziguá-la. Não tinha imaginado que debaixo daquele bloco de gelo pudesse haver tanta calidez e alegria.

Cathryn não só se liberou de seus fantasmas mentais, mas também de suas cadeias físicas.

—E aqui tem um beijo de desculpa por pisotear seu orgulho francês. — Beijou a orelha de Willian, lhe provocando um calafrio de prazer — E outro por ter burlado de ti por seus hábitos alimentares. —Beijou-lhe o pescoço — E por rir por sua falta de humildade. —Beijou-lhe o peito peludo — E por ser tão lenta na hora de te atender no banho. Temo que tenho tantas coisas pelas que me desculpar... Estou segura de que em mais de uma ocasião ofendi seus tenros sentimentos franceses, não é certo? —Para terminar, Cathryn beijou seu marido rapidamente na boca antes de incorporar-se para acomodar-se sobre seu imponente torso.

William lhe acariciava as costas, de cima abaixo, desfrutando da sedosa suavidade de sua pele sob suas mãos. Ela era outra mulher, e ele era o responsável por aquela transformação, nunca antes tinha se sentido tão encantado, tanto com seu esforço como com o resultado. Cathryn era mais do que ele teria esperado de uma esposa. Não tinha albergado a esperança de achar tanta calidez na mulher que lhe tinha aberto as portas de Greneforde.

—Que forma tão estranha têm os ingleses de se desculpar por suas falhas e comentários desconsiderados —comentou William, enquanto seus olhos cinzas resplandeciam com o reflexo dos raios do sol que se filtravam pela fresta — Na França expressamos nossas desculpas com solenidade e elegância, tomando todo o tempo necessário para curar a ferida.

Cathryn riu e se separou dele para deitar-se de lado na cama. Cruzando os braços por cima de sua graciosa cabecinha, cravou a vista no teto e declarou:

—Com brevidade e doçura. É a única forma que conheço de me desculpar por meus enganos —e então acrescentou — Quando me dou conta de meus enganos, claro.

Desta vez foi William quem se incorporou para colocar-se em cima dela. Cathryn riu, porque seu peito peludo lhe provocava deliciosas cócegas nos mamilos.

—O que temia —declarou ele ao ver a falta de arrependimento no rosto de sua esposa— Os ingleses se comportam de uma forma excessivamente insolente, e você, minha querida esposa, é a prova mais evidente. Sua cultura é realmente estranha, e necessitam que lhes eduquemos para que não voltem a se afundar na barbárie. Em troca, nós, os franceses, temos fama de ser tão eloquentes em nosso diálogo que nossos interlocutores ficam genuinamente fascinados e sem fala.

—Não será, milord, que em vez de nos deixar sem fala nos deixam aturdidos? — Cathryn sorriu abertamente.

William colocou cada um de seus musculosos braços a ambos os lados dos ombros de Cathryn e contemplou seus cintilantes olhos castanhos com uma temperada severidade.

—E por esta última desfaçatez e insolência, deve-me outra desculpa, e penso cobrá-la ao estilo francês. Pode estar segura disso —disse enquanto sua boca se fechava sobre a sua — não cabe a menor dúvida.

Já era virtualmente meio-dia quando Cathryn se sentou no tamborete para pentear o cabelo. A verdade era que não estava absolutamente preocupada com a hora. Tinha passado uma manhã tão maravilhosa com William que não lhe importava ter que recuperar as horas de trabalho perdidas durante o resto do dia. Poderia viver submetida ao prazer e ao poder daquelas mãos varonis o resto de seus dias, e se sentia encantada com a oportunidade de ter passado tão bem, mas não esquecia as obrigações que ambos tinham. Quando Marie chamou timidamente à porta, Cathryn respondeu com rapidez e a convidou a passar.

—OH, Marie, me alegro que tenha vindo. Meu cabelo está tão emaranhado que necessito suas mãos peritas para me ajudar com ele —disse Cathryn, sorrindo.

—A ajudarei encantada, milady —respondeu Marie lentamente, tanto aliviada como confundida, feliz e surpreendida, ao ver que Cathryn estava de tão bom humor e sem nenhum arranhão. Seus temores tinham sido em vão.

Enquanto Marie lhe escovava o enredado e longo cabelo com o pente, comentou:

—Estou muito aliviada. Ao ver que não tinha se levantado a alvorada, tinha-me posto realmente nervosa.

Cathryn sorriu e afundou a cabeça no peito.

—Ontem a noite perdi o sono e esta manhã me sentia muito fatigada. Meu senhor... animou-me para que fique na cama toda a manhã. Não pensei que estaria preocupada, mas não havia nenhum motivo, asseguro-lhe isso.

—Bem, isso é o que me disse John quando comentei —começou a dizer Marie, enquanto pouco a pouco ia desenredando o cabelo de sua senhora — Mas quando Ulrich me disse que lorde William o tinha proibido entrar no quarto enquanto estava com você, me preocupei ainda mais, porque suspeitava que ele... que ele... — Marie ruborizou e não pôde terminar a frase.

Cathryn elevou a cabeça e fixou a vista no fogo, com os olhos desmesuradamente abertos.

—O que é o que te provocou tal mal-estar? —interrogou-a.

—Bom, é que ontem de noite me pareceu ouvir gritos, e juraria que era sua voz, milady —respondeu Marie — Quando comentei com John e Ulrich, ambos admitiram que também tinham ouvido os gritos, mas quando perguntei a Lam, disse-me que não tinha ouvido nada, e Alys disse que lhe parecia ter ouvido uns gemidos mas que não os descreveria como gritos. É estranho —continuou — Apesar de eu ter muito medo de o senhor lhe ter feito mal, ninguém que tinha ouvido os gritos compartilhava meus temores. Alegra-me ver que todos tinham razão e que eu estava equivocada.

Cathryn tinha ficado boquiaberta. Todos a tinham ouvido! Tinham ouvido seus gemidos quando William a tinha matado de prazer com suas mãos e língua, manuseando-a e lambendo-a grosseiramente... Todos sabiam! Todos exceto Marie, que em sua ignorância e sua preocupação tinha difundido a história por todo o castelo, incluindo a aqueles que não a tinham ouvido.

Não pensava sair daquele quarto até o resto de seus dias.

Jamais.

Mas isso unicamente pioraria as coisas, já que então sim, todos teriam razões para preocupar-se com ela e seus gritos de prazer... porque isso tinha sido realmente: gritos de puro prazer, e não de dor. Tinha notado como caía por um precipício, e em tais circunstâncias, gritar estava mais que justificado. Era totalmente razoável, agora que pensava atentamente, embora nesse momento nada lhe tinha parecido razoável.

Marie tinha terminado de penteá-la e lhe estava trançando o cabelo. Já era hora de começar a trabalhar. Não tinha mais remédio. Não podia esconder-se durante o resto de seus dias naquela fria estadia, apesar de isso ser precisamente o que desejava fazer. Não, seria uma criancice, e ela já não era uma menina.

E menos depois da intensidade da noite anterior.

Cathryn colocou seu escudo de controle para recuperar a compostura, e para a ocasião escolheu uma aparência fria e distante. Resultava-lhe excessivamente

difícil colocar aquela máscara, mas era necessário. Não se atrevia a olhar aos habitantes de Greneforde no rosto sem aquela máscara. Mas era uma pena, depois da calidez e a alegria que William lhe tinha mostrado.

Cathryn saiu do quarto e desceu as escadas lentamente, sem saber com quem ia se encontrar, esperando o pior... preparada para o pior.

O salão estava cheio a transbordar, já que virtualmente era a hora do almoço. Realmente tinha ficado até muito tarde na cama. John foi o primeiro em vê-la e lhe dedicou um cáldo sorriso. Não se aproximou com passo acelerado nem a olhou com olhos escandalizados. Cathryn exalou fundo e lhe devolveu o sorriso.

Ulrich lhe fez uma reverência de cortesia e disse:

—Bom dia, lady Cathryn. Hoje voltaremos a comer javali, já que era um animal muito grande, mas Lan não quer dizer a ninguém de que forma o preparou. É um cozinheiro muito orgulhoso, e se nega a revelar os segredos de sua arte.

Ulrich se comportava como de costume, sem mostrar-se estranho. Só tinha olhos para Marie, que continuava perseguindo sem trégua, o qual também era ultimamente um comportamento normal.

E então viu Alys e Tybon e Christine e ao resto dos que via todos os dias. Comportaram-se da forma mais correta e normal possível, e Cathryn começou a abrandar a couraça com a que tinha protegido seu coração.

Tudo ia bem. Ninguém pensava rir nem mofar-se dela. Possivelmente consideravam que não havia nada do que envergonhar-se, mas quando Cathryn voltou a pensar nos gemidos, nos ofegos tão sensuais e tão profundos... O melhor era não pensar nisso. Agradeceu-lhes em silêncio, de todo coração, aliviada ao vê-los tão concentrados em suas tarefas para fingir que não se lembravam de seus ofegos, consciente de que eles compreendiam seu silêncio e que sabiam que lhes estava extremamente agradecida pelo respeito que lhe mostravam.

—Senhora —disse John, lhe beliscando brandamente o cotovelo com carinho — Lorde William me encomendou que lhe diga que está reunido com os homens de Greneforde para discutir um plano de ataque.

—Um plano de ataque? Com quem? Contra quem? —perguntou Cathryn alarmada. Certamente William dispunha de suficientes cavaleiros e não precisaria

recorrer aos homens de Greneforde, que não estavam treinados para combater como guerreiros.

—Refere-se a um ataque para paliar nossa pobreza, e lorde William é um adversário realmente agressivo. Pediu-me que lhe diga que virá vê-la logo que possa, mas que agora tem que centrar-se em sua missão, porque já passaram muitos dias desde sua chegada.

Cathryn sentiu um tombo no coração ao ouvir que William viria vê-la, e tão rapidamente como pudesse. Ele tinha desatado uma cálida esperança que ela mal podia conter sem queimar-se.

—Obrigado, John —sorriu Cathryn — Estarei no salão, se me buscar. Não —retificou, mudando de ideia —, por favor, me avise quando lorde William entrar no salão.

Raptando Marie e deixando um escudeiro entristecido, Cathryn foi apressadamente para o salão. A seda de cor escarlata a chamava, e morria de vontade de envolver-se naquela luminosa cor. Tinha vontade de ver o rosto de William quando a contemplasse com o novo vestido. Tinha vontade de sentir como suas mãos varonis acariciavam o luminoso tecido e sentir como seus experimentados dedos lhe desatavam as fitas das costas. Sim, tinha vontade dele.

—De pressa, Marie! Já que quero luzir este tecido antes de ser muito velha e gorda, antes de parecer um escaravelho brincando de correr de uma esquina a outra, antes de meu cabelo se voltar cinza para fazer jogo com os olhos de meu senhor —a apressou Cathryn, entre brincadeira e ansiedade.

—Antes que se ponha o sol —acrescentou Marie, compreendendo a impaciência de sua senhora.

—Sim. —Cathryn pôs-se a rir — Assim é, já que estou farta destes trajes descoloridos que ele tem que... que eu tenho que levar. —Não queria revelar tantos detalhes a Marie, mas o que realmente queria era que William a visse deslumbrante. Queria estar tão bela para ele como ele era para ela.

Mas Marie já sabia.

Trabalharam duro, já que ambas eram mãos desttras com o fio e a agulha. Já tinham terminado de costurar o sutiã do traje e agora estavam concentradas nas

mangas. Quando as mangas, umas bonitas mangas inglesas, estivessem terminadas, uniriam-nas ao sutiã. Se Cathryn podia, luziria a seda escarlate no dia seguinte, mas claro, se realmente tivesse podido, a teria usado no dia de suas bodas. Tinha tido tão poucas oportunidades na vida que estava decidida a sair-se com a sua naquela ocasião, por isso insistia que Marie costurasse tão rápido como ela.

Tinha terminado sua manga e a estava costurando o sutiã quando John a chamou da entrada do salão.

—O senhor retornou, e a está procurando, milady!

Cathryn elevou a vista sobressaltada, combateu o rubor que se apoderava de suas bochechas, lançou o traje meio acabado nas mãos de Marie e saiu correndo do salão.

Quase trombou contra William.

O delicioso aroma familiar de seu marido alagou seus sentidos, e quando ele a estreitou entre seus braços se sentiu segura. Permaneceu assim, abraçada um momento, sentindo-se feliz.

—Milord, eu gostaria que me instrísse —começou a dizer Cathryn, apoiando-se nos braços dele para elevar a vista e olhá-lo nos olhos — Na França é correto que uma esposa receba seu marido deste modo, precipitando-se em seus braços?

William sorriu e se inclinou para beijá-la na testa.

—Se não for, logo será. Tem que saber que sou eu quem marca as tendências, em lugar de me deixar levar pela moda.

—Isso já suspeitava —respondeu ela — embora Ulrich não demonstrou sua boa predisposição a seguir suas diretrizes ao que se refere ao saudável hábito do banho.

—O que realmente me preocupa é o hábito que mostre minha esposa com respeito ao banho.

—Ah! —Cathryn sorriu — Agora entendo.

—Me alegro de que entenda —repôs William, rindo como um menino travesso.

—Vamos! —exclamou Cathryn rindo, ansiosa por se afastar do salão. Não queria que William soubesse nada do traje escarlate até que o visse posto — Me conte seus planos para Greneforde e sua gente faminta!

—Não passarão fome por muito mais tempo —anunciou William, permitindo que Cathryn o puxasse pelo braço e o guiasse escada abaixo até o salão — Já escolhemos as sementes e hoje mesmo começarão às plantar, se o tempo seguir assim benévolo, já que algumas destas sementes se pode semear no fim do ano, inclusive o preferem. Quando tivermos acabado, construiremos cabanas fora da muralha de Greneforde. Isso nos ocupará virtualmente todo o inverno, mas todos estão ansiosos para começar.

—Um trabalho tão duro em pleno inverno... —comentou Cathryn.

—Sim, é certo, mas terão a pança cheia. Sairemos para caçar todos os dias e distribuiremos a carne em partes iguais até que germine a colheita e Greneforde volte a gozar de estabilidade e prosperidade.

Cathryn o olhava fixamente nos olhos enquanto ele falava, consciente de que William recordava suas palavras a respeito de como tinha sido Greneforde antigamente, sabendo que ele a tinha escutado aquele dia e que estava tentando lhe devolver o que ela tinha perdido. Outra vez.

Era absolutamente incomum que um lorde compartilhasse a recompensa de caça com todos, mas apesar disso não estava surpreendida, William o Brouillard era diferente de todos os homens que tinha conhecido até então. Era realmente generoso e bonito, sim, realmente bonito, por isso não podia afastar os olhos dele.

—Fala de sair para caçar —disse ela enquanto entravam no salão — mas não vejo seus companheiros favoritos de caça. Onde estão Rowland e Kendall? Fazendo corpo mole na esplanada?

—Não, e espero que não façam pelos caminhos que têm que percorrer. Foram ver o rei para notificar o nosso matrimônio.

—E para lhe contar o estado de Greneforde —acrescentou ela.

—Sim —admitiu William — Quero que o rei Henry saiba que Greneforde já é uma praça segura sob minhas rédeas. —E ao pronunciar tais palavras, perguntou-

se se sua orgulhosa esposa sentiria certa raiva em seu interior ao lhe ouvir dizer que sua casa era agora a de William.

Mas até então Cathryn nunca tinha mostrado aversão por ele ser o senhor de Greneforde, e tampouco o fez agora.

—Sim, o rei tem que saber tudo a respeito de sua propriedade. —E quando a mão de William deslizou lentamente por suas costas para lhe acariciar os contornos das nádegas, ela riu — Pensando melhor, não é necessário que o rei saiba tudo sobre sua propriedade.

E, já que começavam a conhecer-se, William decidiu não mencionar Lambert de Brent.

E Cathryn não perguntou.

Mas Lambert sempre estava presente nos pensamentos dos dois.

Cathryn conhecia Lambert e sabia que não abandonaria Greneforde tão facilmente, já que aquele indivíduo se considerava o senhor de Greneforde, sem ter lutado nenhuma batalha, de forma ilegal, e por isso ela não tinha estado segura ao ver que partia. Por isso Cathryn tinha observado diariamente o horizonte, procurando o fogo de seu acampamento, e agradecida quando não o tinha visto. Mas agora William era legalmente o lorde de Greneforde, e William tinha declarado uma e outra vez que não renunciaria a sua propriedade. Aquelas palavras eram profundamente reconfortantes. Greneforde o necessitava, e agora ela também.

William, sem conhecer pessoalmente Lambert, mas conhecendo os homens, sabia que esse tipo não renunciaria a Greneforde sem uma batalha. E pelo que tinha averiguado dele, sabia que não seria uma briga entre cavalheiros a não ser uma luta a traição. Aquele pensamento não lhe tirava o sono. William estava preparado, mais que preparado, para enfrentar ao homem que tinha maltratado e violado Cathryn.

Sim, com muito gosto se veria as caras com esse tipo.

CAPÍTULO 16

Lambert não teve que viajar muito longe para reunir-se com seus sequazes quando concluiu a audiência com o rei. Esperavam-no perto da torre de Montfichet, onde o rio Tâmesis confluía com o rio Fleet. Não tinham aceso uma fogueira para esquentar-se, já que não desejavam que ninguém descobrisse seu paradeiro naquele lugar escondido.

Com a rapidez de um raio, dois de seus homens ficaram em pé. Já se dispunham a desembainhar as espadas quando viram o rosto de Lambert e relaxaram.

—O que disse o rei? —quis saber Guichardet, conhecido com o apelido de Ébano por seu longo cabelo negro.

—Nada relevante —replicou Lambert, tirando as manoplas e atando o cavalo ao tronco de uma árvore.

—Mas te recebeu —insistiu Guichardet.

—Sim, recebeu-me e falei com ele, e lhe solicitei que me conceda Greneforde assim como as terras limitantes. Mas não pensa atuar nem decidir nada até que não fale com o Brouillard. Pelo visto lhe outorgou Greneforde pelos serviços prestados, mas temo que o Brouillard terá que buscar outra propriedade.

—Mencionou a gatinha? —perguntou Beuves de Girone com um sorriso matreiro.

—Sim —respondeu Lambert — e me parece que o rei não gostou do que lhe contei, apesar de não protestar nem censurar os fatos.

—Então não tomou nenhuma decisão —concluiu Guichardet.

Lambert assentiu, e a seguir acrescentou:

—E não fará até que fale diretamente com o Brouillard.

—E vamos permitir que se leve a cabo essa audiência?

—Isso mesmo pensava eu —disse Lambert. Seus olhos azuis eram tão frios como um céu invernal.

—Existem duas formas de frustrar seus planos —indicou Beuves, sem deixar de sorrir— O mensageiro do rei poderia sofrer um acidente mortal e desse modo não conseguiria transmitir a mensagem, já se sabe, estas coisas acontecem às vezes, especialmente quando a gente viaja veloz e sem tomar as devidas precauções. O...

—Ou poderíamos esperar a que o Brouillard saia de sua fortaleza e lhe fatiar o pescoço antes que chegue até Henry —sugeriu Lambert — Em meu caso, inclino-me pela segunda opção.

—Fui testemunha da impressionante destreza do Brouillard no campo de batalha —apontou Guichardet— e tenho que admitir que é um tipo duro de roer, um guerreiro nato. Não estranha que Henry lhe tenha concedido Greneforde por seus méritos.

—Greneforde é meu! —espetou Lambert, iracundo — E tudo o que há dentro de suas muralhas me pertence!

Lambert estava pensando na gatinha e todos sabiam. Beuves sorriu e sentou em cima de um tronco.

—Tem vontade de enfrentar ao Brouillard.

—É obvio. Farei qualquer coisa para recuperar Greneforde —admitiu Lambert.

—Já tinha Greneforde. Mas partiu —matizou Guichardet.

—Não podia seguir ali sem o consentimento do rei —se desculpou Lambert — Henry não é Stephen.

—Não, não é, e William não é um cão assustado que foge ao ver um homem armado com um pau — recordou Guichardet.

—Crê que tenho medo de lutar contra ele em um combate entre cavaleiros? — exortou-o Lambert, ficando de pé ao tempo que convocava a mão no punho da espada.

Guichardet não disse nada. Lambert jamais se atreveria a enfrentar um homem que não houvesse desembainhado a espada em público, já que sabia que a pena por dita traição era a morte. Isso seria faltar a sua honra de cavaleiro.

Beuves também ficou de pé e se colocou ao lado de Lambert.

—Guichardet não fala de medo mas sim de atuar de forma inteligente. Será melhor que reflitamos a respeito da opção que vamos tomar.

—Eu já escolhi —anunciou Lambert, soltando lentamente a espada — Se matarmos um emissário do rei, quão único conseguiremos será que todas as suspeitas recaiam sobre mim. Henry sabe que desejo Greneforde, e sabe que estou à corrente de que enviou um emissário ao Brouillard.

—E por isso suspeitaria de você se seu mensageiro não retornar a corte — deduziu Guichardet.

—Efetivamente, mas quando o Brouillard abandonar seu ninho, voará diretamente para o fio de minha espada. Um cavaleiro como ele tem que ter numerosos inimigos que desejem vê-lo morto.

—É fácil dizê-lo —disse Guichardet, com porte taciturno.

—E plausível —asseverou Lambert.

—Algumas mortes são mais caras que outras —remarcou Guichardet.

—Mas eu estou a sua altura, assim lutarei encantado. Matar o Brouillard me proporcionará uma enorme satisfação.

Beuves viu o perigoso brilho nos olhos de Lambert e soube que estava pensando na gata que ele tinha adestrado para aceitar sua mão, e se perguntou se Lambert se sentiria tão atraído por Greneforde se a gata não residisse ali.

—E quando estiver morto, como recuperará Greneforde? —Agora já não tinham Philip para obrigar os habitantes do castelo a deixá-los entrar, e a maioria dos cavaleiros desalmados que tinham seguido Lambert se converteram em um bando de ociosos. Era certo o que diziam: Henry não era Stephen, e a Inglaterra já não era tão fácil de conquistar como tinha sido antigamente.

—Por ordem do rei —declarou Lambert — Se o Brouillard não estiver presente para reclamar seu direito sobre Greneforde, o rei Henry me olhará com olhos mais benévolos, já que tenho vínculos estabelecidos com essa propriedade. Além disso, não seria esbanjar o dinheiro se concedesse uma segunda doação ao antigo padre de Greneforde que tão bons serviços me prestou no passado, para voltar a contar com seu inestimável apoio.

—Então esperaremos e observaremos —concluiu Beuves — E quando o mensageiro retorne, estaremos alerta.

—Sim —conveio Lambert — Esperaremos o Brouillard.

E uma vez morto, a gata estaria sozinha e vulnerável... de novo.

Por mais que Rowland procurasse com todo seu empenho, não detectou nenhum rastro de Lambert no caminho entre Greneforde e o rei, que ao contrário do que tinha esperado, ainda se achava em Londres. Kendall comentou que estavam cobrindo quatro vezes o caminho que precisavam percorrer para ir ao encontro do rei, mas Rowland não pensava cessar em sua tentativa, nem tampouco comentar suas intenções com seu companheiro de viagem. Kendall conhecia perfeitamente Rowland, por isso não se ofendeu por seu silêncio, apesar de se lamentar em voz alta porque, se soubesse que pensava percorrer a Inglaterra de cabo a rabo, teria levado seu escudeiro consigo.

Não esperavam ser recebidos por Henry imediatamente. Depois de tudo, não levavam nenhuma mensagem urgente. Kendall agradeceu enormemente as amostras de hospitalidade que receberam. Rowland, entretanto, não abandonou seu porte taciturno.

O grande salão estava abarrotado de gente quando entraram, e o jogo das luzes refletida nas esplendorosas tapeçarias de seda e lã conseguia que os ricos tecidos resplandescessem sob a tênue luz invernal. Kendall se sentiu extremamente confortável ao reencontrar-se com alguns camaradas que não via desde sua partida para Greneforde com William. Desfrutou da companhia e da intriga, que nunca estava longe de um soberano com tanta riqueza como Henry de Anjou. Os espantosos trajes e as joias reluzentes eram um presente para a vista, tendo em conta que Kendall ultimamente só se acotovelava com cavalheiros armados e com os esfarrapados habitantes de Greneforde.

Rowland, em troca, via o concorrido salão com outros olhos, os cortesões, em seu afã por destacar e procurar uma posição mais favorável e mais próxima ao rei, pareciam-lhe um bando de vermes concentrados em um festim de carne putrefata.

Não queria esbanjar energias com eles. Rowland unicamente tinha olhos para Henry, mas se perguntou por que havia tanta agitação ao redor de sua chegada.

Edgar de Lisborne, o homem com uma grande experiência que ganhou a confiança tão árdua de ganhar de Rowland, chamou sua atenção com um gesto e lhe comunicou sem necessitar palavras que se preparasse para falar com o rei. Rowland captou o aviso e se aproximou do rei Henry com cautela. A diferença de Kendall.

—Os esperávamos —começou a dizer o rei Henry.

Rowland pensou que isso se devia a que o rei já esperava que William enviasse algum emissário para lhe comunicar o tema de Greneforde. Entretanto, precaveu-se que o rei tinha feito o comentário com ardor.

—Não vejo William —concluiu Henry.

—Não, milord, posto que não se atreveria a deixar Greneforde vulnerável nesta época de transição —respondeu Rowland, medindo as palavras.

—Assim é, meu senhor —acrescentou Kendall com desembaraço — Não é fácil separar um homem de uma mulher quando estão recém casados.

Todos no salão ficaram cochichando descaradamente, inclinando-se para os que tinham mais perto para tagarelar entre sussurros. Algo não ia bem. O rosto de Edgar parecia querer avisá-los de algo, apesar de o comportamento tão estranho na corte já tinha posto Rowland em guarda. Rowland ergueu sua tez morena e apoiou a mão no punho da espada.

—Rei Henry —começou a dizer — William o Brouillard afiançou a praça de Greneforde. A torre está a salva e protegida por cavaleiros que lhes são completamente leais.

—E se casou com Cathryn de Greneforde? —perguntou um dos conselheiros que Rowland não conhecia.

Novamente, os olhos de Edgar o acautelaram, apesar de não ser necessário. Havia algo realmente estranho naquela conversação. O peso de cada palavra caía como uma laje no ar, por isso o ambiente se ia rarefazendo pouco a pouco.

—Sim —disse lentamente e com muito tato — O pai Godfrey os casou no mesmo dia que chegamos a Greneforde.

—Não perdeu o tempo —remarcou Henry, com as mãos entrelaçadas e apoiando nelas o queixo.

—Milord —disse Kendall com um sorriso forçado, já que a esmagante atmosfera finalmente começava a exercer pressão sobre seu espírito jovial — qualquer homem não perderia nem um segundo em reclamar a uma beleza como Cathryn de Greneforde.

—Acredito em você —declarou Henry, erguendo as costas no impressionante trono de madeira de carvalho — Outro homem reclamou Greneforde em sua ausência e tem feito declarações que o convertem em um forte pretendente para ficar com dita propriedade.

Rowland deu uns passos para aproximar-se mais ao rei, sem prestar atenção ao crescente murmúrio dominante em todos os limites do salão.

—William se apropriou legalmente de Greneforde, milord —anunciou sem que lhe tremesse a voz.

—Sei —admitiu Henry com um leve sorriso — entretanto, o outro cavaleiro também alega ser o proprietário lícito.

—Como se chama? —perguntou Rowland com uma firmeza monótona.

—Lambert de Brent —se apressou a declarar Edgar, enormemente satisfeito de ter podido revelar o nome do indivíduo que tinha ameaçado arrebataram a propriedade de William com artimanhas e deslealdade.

Rowland permaneceu imóvel e sem mostrar-se inquieto ante tais novas. Kendall não entendia nada, mas era bastante inteligente para saber que o melhor era manter o bico fechado.

—Pelo visto Lambert está muito interessado em dita propriedade —continuou o conselheiro desconhecido — assim como em lady Cathryn.

As risadas que se ouviram nos rincões da sala foram tudo o que Kendall necessitou para que ao atar cabos, lhe desencaixasse a mandíbula com consternação e incredulidade. Rowland não se moveu mais que para dar meia volta e fulminar o conselheiro com a poderosa opacidade de seus olhos. O homem se amedrontou tanto que se ocultou atrás de um de seus companheiros e já não voltou a falar.

—Não preferiria William outra propriedade? —inquiriu Henry, sem descortesia mas diretamente ao ponto.

—Não —respondeu Rowland resolutamente. Inclusive os serventes que permaneciam imóveis ao lado das portas ouviram a resposta com clareza — William não abandonará Greneforde. Sente-se absolutamente satisfeito com o presente que lhe concedeu o rei.

—Poderia-se declarar nulo o matrimônio. Dado a alegação expressa por Lambert... —interveio Edgar, dando a Rowland outra oportunidade para defender William e sossegar de uma vez as fofocas que desataram na corte da chegada de Lambert. Rowland compreendeu o motivo que tinha levado Edgar a expor a pergunta em voz alta. Era evidente que Lambert tinha expresso sua alegação em público, de nada serviria expor a posição de William em privado. Com isso unicamente geraria mais confusão e avivaria as fofocas e as intrigas. Não, posto que a declaração tinha sido em público, a condenação também devia realizar-se em público.

Kendall se colocou ao lado de Rowland, com o semblante desconcertado. Por todos os Santos, não tinha esperado uma história tão sórdida sobre a fria esposa de William. Não estaria William melhor em outra propriedade, em um lugar que gotejasse vitalidade e alegria, e com uma esposa pura? William merecia algo melhor que o que lhe tinham concedido, e o rei demonstrava uma grande gentileza ao tentar emendar aquele desatino. O que acontecia com Rowland que teimava em manter William atado como um cão a Cathryn de Greneforde?

—William estabeleceu um vínculo inquebrável com Greneforde —declarou Rowland com uma força tão elementar que inclusive os que se achavam mais afastados no grande salão ficaram calados. Não ia permitir que ninguém manchasse o nome de Cathryn naquela estadia. O mais sensato era falar de Greneforde e unicamente de Greneforde — William não abandonará sua propriedade.

O rei Henry, em vez de mostrar-se decepcionado, sorriu encantado ao ouvir a resposta de Rowland. William era um homem de verdade, e um homem não entregava aquilo pelo que tinha lutado e ganho só porque resultasse difícil obtê-lo.

Rowland falava em nome de William, isso sabia, todos os ali presentes sabiam, mas de todos os modos queria ver William e escutar a asseveração de seus próprios lábios. Seria a melhor maneira de sossegar as especulações e as fofocas.

—Não o obrigaremos a abandoná-la —disse Henry — mas enviamos um mensageiro para convocá-lo imediatamente a corte, posto que desejo escutar de seus próprios lábios que está completamente satisfeito com Greneforde.

O tema ficava resolvido, de momento.

Rowland e Kendall, que já tinham completado sua missão, deram meia volta e abandonaram a atmosfera rarefeita da estadia sem perder mais tempo. Justo ao outro lado da porta os estava aguardando um homem de meia idade chamado Eustace, com o rosto sulcado por mil e uma rugas de preocupação por causa dos inumeráveis especulações que se originavam na corte. Eustace era uma boa pessoa. Rowland, que o conhecia um pouco, seguiu-o, com Kendall pego a suas costas. Já quase não sabiam quem era amigo e quem era inimigo agora, assim que o melhor que podiam fazer era não separar-se até que retornassem a Greneforde. Tinham que chegar a Greneforde o quanto antes, William tinha que saber o que tinha acontecido na corte. Estava se questionando se albergava o direito a ficar em Greneforde, e o mais seguro era que não tomaria aquela ameaça levemente.

—Rowland, sei que é uma das pessoas de máxima confiança de William, assim escuta meu conselho —murmurou Eustace sem nenhum preâmbulo, com os olhos brilhantes de preocupação — Esse Lambert não é um tipo de confiar. Apresentou seu caso ante ouvidos hostis, e é bastante preparado para sabê-lo. Também sabe que enviaram um mensageiro a Greneforde e que William partirá sem demora para a corte, abandonando a segurança de seu castelo.

—O que pretende nos dizer, senhor? —interveio Kendall, com olhos ferozes — Existe um plano para fazer mau a William?

—Não sei —admitiu Eustace — entretanto conheço Lambert. William o Brouillard cavalgará diretamente para o perigo quando abandonar o castelo de Greneforde.

Rowland agarrou Eustace pelo braço com suavidade e disse:

—Agradeço-lhe muito seu aviso, e advertiremos William para que tome cuidado, embora de todos os modos me sinto obrigado a lhe dizer que, posto que conheço William, é Lambert a quem deveriam acautelar.

E se afastou sorrindo com uma fria satisfação.

CAPÍTULO 17

—Mais devagar, Marie! Quero que o vestido fique impecável!

—Sim senhora, mas não havia dito faz uns minutos que me apressasse?

Cathryn sorriu como se quisesse pedir desculpas e ergueu as costas no tamborete para relaxar a tensão acumulada. Era certo. Estava pesadíssima com o tema da seda escarlata. Queria que o vestido fosse perfeito. Queria vê-lo já acabado. Queria que William a encontrasse irresistível. Muitas exigências para um simples tecido. Marie a tinha convencido de usar o sarcenete de cor âmbar como capa, e já ficava muito pouco para forrá-lo com arminho. Cathryn era plenamente consciente de que seu elegante traje, a ponto de estar acabado, coincidia com as cores de seu anel de casada. Tinha-o eleito assim intencionalmente. Queria estar estonteante. Queria que William se derretesse de desejo ao vê-la. E de amor.

Ele era muito tenro com ela, adorável e gentil e divertido, mas lhe havia dito repetidas vezes que era um homem de palavra, e tinha prometido a Deus que a protegeria e a amaria, o qual a reconfortava, é obvio, mas... Cathryn não estava segura de até que ponto lhe tinha entregue verdadeiramente seu coração.

William era um homem que atuava corretamente, sem importar o preço ou a recompensa, disso estava completamente segura, igual a todo aquele que conhecia-o. William fez um trato com Henry a respeito de Greneforde que se sentia obrigado a manter. Também tinha jurado amor e amparo a ela ante Deus, eram promessas que não se podiam desdenhar ou tomar levemente. Cathryn deveria estar plenamente satisfeita, melhor dizendo, deveria estar encantada com o homem que Deus e o rei lhe tinham enviado, e estava. Estava.

Mas William, amava-a por vontade e inclinação própria? Jamais estaria totalmente segura, já que ele sempre se mostrava disposto a protegê-la ante qualquer percalço, tanto passado como presente, fazendo brincadeiras até fazê-la rir a gargalhadas, acariciando-a e mimando-a até conseguir que se derretesse de prazer. Ele jamais lhe confessaria se não a amava realmente, porque isso a

destróçaria, e ele jamais faria nada que a fizesse sofrer. Entretanto, aquela incerteza lhe gerava um sofrimento perpétuo.

Assim tinha decidido ganhar seu coração, ganhar aquele marido que segundo os indícios, sim que aparentava estar realmente apaixonado por ela. De todos os modos, queria estar plenamente segura.

Marie não se atrevia a elevar a vista nem um segundo dos tecidos por temor que lady Cathryn lhe bronqueasse por perder tempo. Cathryn parecia totalmente mudada. Seguia sem queixar-se muito nem exceder-se em loquacidade —nisso não tinha mudado— mas se mostrava mais expressiva. Atrás ficava a mulher de compostura fria e distante, que tinha sido suplantada por uma mulher vivaz e de fácil sorriso. E William o Brouillard tinha sido o impulsor daquela mudança.

OH, Marie reconhecia perfeitamente os sinais, Cathryn estava apaixonada por seu marido. Isso era realmente positivo, entretanto... sua senhora tinha perdido o equilíbrio comedido pelo que se regeu antes de o senhor aparecer. Marie nunca a tinha visto assim, estava totalmente mudada. John recordava perfeitamente a época antes da morte de sua mãe e a marcha de seu pai e tinha assegurado a Marie que aquela nova Cathryn se assemelhava mais à mulher que Deus havia modelado que à mulher dos últimos anos. Não obstante... não acreditava que sua senhora fosse realmente feliz, completamente feliz, com o amor que sentia.

Quão equivocada estava! Acaso não conhecia, e por experiência própria, tanto o prazer como a dor que provocava o amor? Ulrich sempre se apressava a realizar suas tarefas tão rapidamente como podia para roubar um pouco mais de tempo ao dia e dedicar-se a cortejá-la —um cortejo suave, sim, mas fascinante — Marie inclinou a cabeça para aproximar-se mais ao tecido. Se pudesse ultimar aquela costura, o traje estaria totalmente acabado, e Cathryn sairia disparada para seu aposento para provar-lhe e então ela poderia desaparecer sigilosamente e passear com Ulrich e logo...

—Marie, parece sufocada —comentou Cathryn com uma patente preocupação.

—Não, milady —negou Marie — de todos os modos já acabei. —Elevou o vestido escarlata de seu colo e o mostrou, com os braços estendidos.

O vestido brilhava e resplandecia vivamente sob a cálida luz do salão. Cathryn estendeu as mãos com avidez para pegá-lo. Era tal a atração que lhe provocava aquela seda que parecia incapaz de afastar as mãos dela. Com a ajuda de Deus, o tecido exerceria o mesmo influxo sobre William quando ela a luzisse.

—Crê que fica tempo para prová-lo antes de que retorne o senhor? —perguntou Cathryn com seus escuros olhos resplandecentes.

—Se se apressar, com certeza que sim, lady Cathryn —a animou Marie.

Foi todo estímulo que necessitava. William já havia trazido uma lebre e quatro faisões da caçada matinal, que Lan tinha aceitado com seu habitual regozijo. Depois, William tinha se reunido com os homens de Greneforde para começar a arrancar as ervas daninhas que foram se estendendo implacavelmente pelos campos mais afastados. Estaria faminto e fatigado quando chegasse a hora do jantar, após um dia tão atarefado. Merecia de sobra um agrado visual por todos seus esforços. A Cathryn o coração pulsava desbocadamente, e o nervosismo lhe provocava um intenso calor no ventre. Levantou-se do tamborete, com o elegante traje dobrado cuidadosamente entre os braços, e correu para seu quarto.

Sentada e tão quieta e calada como uma estátua em seu tamborete, Marie observou com seus intensos olhos azuis umedecidos como partia sua senhora, até que ficou sozinha no salão. Então, ela também foi para a porta e baixou correndo as escadas a um ritmo tão veloz que certamente teria deixado aniquilado Ulrich. A essa hora do dia, normalmente o encontraria no pátio, exercitando-se com a espada...

Cathryn estava desatando atropeladamente as fitas do vestido que tinha posto, sem afastar os olhos dos objetos estendidos sobre a cama —o vestido de seda escarlate e a capa de cor âmbar e forrada de arminho— quando subitamente se deteve em seco. Ela não era mais que uma pobre infeliz que só olhava seu próprio interesse, até sabendo que os homens, incluído seu marido, estavam lavrando penosamente a terra gelada e logo retornariam com vontade de saciar seu apetite. A seda podia esperar. O jantar, não.

Rapidamente voltou a atar as fitas, lamentando-se entre dentes que Marie não estivesse perto para ajudá-la. Cathryn colocou seu velho manto de lã marrom para

cobrir o vestido branco e baixou apressadamente as escadas. A verdade era que se estava voltando tão destra como Ulrich na hora de brincar de correr acima e abaixo pelas escadas da torre. Onde estava o passo comedido que tinha marcado sua forma de andar de apenas uma semana? «Tinha desaparecido», disse-se entre risadas, e William era o ladrão.

Como uma flecha, atravessou o pátio e entrou precipitadamente na cozinha. O calor e os aromas da estadia a revitalizaram depois de sofrer o embate do ar frio no exterior. Todas as cabeças se voltaram para ela quando entrou. Era evidente que não a esperavam.

—John, recordou de acrescentar mel a...?

—Sim, milady. —Sorriu ele, interrompendo-a - mel, o bolo de verduras, a carne de veado, o molho picante de pimenta, o faisão, as lebres que Ulrich trouxe esta manhã... Tudo está pronto e tudo foi preparado com grande esmero.

Ao ver a aparência tão desalinhada de sua senhora, John acrescentou:

—Todos temos nossas obrigações, lady Cathryn, e estamos capacitados para as levar a cabo. Você se encantará com a comida... e também lorde William — acrescentou com um sorriso afável.

—Milady —interrompeu Lan enquanto se encarregava de vultear o gamo no assador — se o que procura é uma ocupação, cederei-lhe meu posto junto ao fogo encantado.

—E então o que fará você? —perguntou-lhe Alys, removendo o molho de pimenta.

—Dedicarei todos os meus esforços a acomodar meu traseiro no tamborete, até que esteja cômodo. Não se preocupe, lhe asseguro que não me aborrecerei.

—Já vejo suas intenções —o bronqueou Alys com porte sério — E quero acrescentar que meus braços estão cansados de remover o molho e que eu adoraria fazer outro trabalho. Como por exemplo, sacudir com brio um cabeção que engordou muito porque ultimamente come muita carne!

Christine pôs-se a rir, igual John e Cathryn, ao ver que Alys se encaminhava com passo firme e enérgico para o fogo e para Lan, com a concha de sopa elevada de forma ameaçadora.

—Vejo que não me necessitam, John —comentou Cathryn serenamente.

—Sim que lhes necessitam, milady —respondeu o mordomo com amabilidade — mas não de uma forma tão urgente ou desesperada. Se de verdade não tiver no que ocupar suas horas até o jantar, sugiro-lhe que relaxe tomando um banho em seu quarto. Acabam de dispor a banheira para lorde William, mas se se apressar, terá a sorte de poder usar a primeira água.

—Obrigado, John. —Cathryn sorriu com uma tenra naturalidade e partiu da cozinha com passo veloz, tão rápido como tinha chegado.

—Que boa ideia lhe sugerir que se tome um banho! —comentou Christine — Provavelmente irá querer estar impecável quando luzir o traje escarlate no que ocupou virtualmente todas suas horas durante estes últimos dias.

Todos assentiram concordando. Não havia ninguém —exceto seu marido— que não soubesse o entusiasmo que Cathryn sentia pelo tecido escarlate e sua pressa por confeccionar um traje que fosse digno de sua beleza.

Os cavalheiros no pátio relaxaram em suas práticas com a espada quando viram Cathryn atravessando o pátio apressadamente. Sempre se detinham quando a viam passar. Era uma mulher bela. E se notava que estava tão apaixonada por William... Por ambas as razões, era um verdadeiro prazer contemplá-la. Segundo Ulrich, essa mesma noite finalmente luziria o vestido escarlate. Tinham esperado quase uma semana para vê-la com o traje e ver a reação de William quando a contemplasse. Esse dia todos desejavam que chegasse a hora do jantar, inclusive mais do que já era habitual.

Cathryn atravessou o pátio e subiu as escadas da torre tão veloz que provavelmente teria ganhado de Ulrich se se tivesse tratado de uma corrida. Só tinha que tirar o vestido, e posto que um momento antes atou as fitas sem muito esmero, não lhe custou nada desfazer-se dele. O traje escarlate resplandecia sobre a cama, e novamente deslizou uma mão por cima do tecido antes de escondê-lo em sua arca e inundar-se na água.

Por sorte deu pressa em escondê-lo, já que, mau tinha tido tempo de ensaboar-se com o aroma que William preferia quando ele começou a subir as escadas da torre. Não fez ruído nem gritou, mas ela soube que se aproximava. Não podia

explicar sua intuição sobre a proximidade física de seu marido, ao melhor sempre tinha sido assim mas ela o tinha negado do mesmo modo que negou tantas coisas a si mesma. Além disso, havia outra coisa que sabia: sabia que ele a buscava. Ele sempre a buscava quando retornava. E sempre a encontrava.

A cortina da porta tremeu sutilmente quando William entrou no quarto que compartilhavam. Não parecia contrariado pelo fato de que lhe tivesse arrebatado o banho, que ele desfrutava todos os dias antes do jantar. Não parecia zangado minimamente. William atravessou a estadia tão silenciosamente como tinha subido as escadas, tirando a roupa que cobria seu corpo à medida que se aproximava da banheira. Cathryn o esperava, com seus olhos escuros desmesuradamente abertos no meio de seu rosto.

A capa foi a primeira que William tirou. Deixou-a cair no chão —algo impróprio nele — Enquanto tirava a túnica por cima da cabeça, Cathryn se fixou em suas mãos sujas com a terra escura de Greneforde. Por um momento a túnica pareceu uma bandeira que ele ondeava em sua mão, antes de deixá-la cair também no chão.

Cathryn se sentou com as costas mais erguidas na banheira, deixando que seus seios emergissem por cima da água. O sabão se separou lentamente de seus seios, quase com deferência, acumulando-se a seu redor e em seu estreito seio até formar claramente uma mesa em que se exibia uma deliciosa fruta para ele: seus dois seios coroados por seus mamilos eretos.

William, com seus olhos cinzas tão escuros como as nuvens de tormenta, propinou um chute para escapar de suas botas, que saíram disparadas até um rincão da habitação, e tirou os calções com certa dificuldade, enquanto a espada de sua paixão, totalmente ereta, entorpecia o trabalho.

Plantou-se ante ela. Cathryn se sentiu pequena ante sua estatura. Um tremor de paixão a fez estremecer ao ver o intenso olhar nos escuros olhos de seu marido, e se entreteve com a agradável sensação, antes de que William murmurasse com uma voz gutural:

—«Que acha esposa? Acha o bem, e alcança a benevolência de Deus?».

Assim que ele estava disposto a recitar a palavra de Deus, ham? Pois desta vez não a tinha pego despreparada. Com um sorriso zombador, Cathryn respondeu:

—«Eu sou de meu amado, e comigo tem seu contentamento».

A surpresa de William ficou refletida em seu rosto. Foi um momento extremamente doce, e ela tinha que agradecer ao pai Godfrey e a sua paciente tutela. Se ia viver com um homem que recitava as Sagradas Escrituras, o melhor que podia fazer era preparar-se para o dia em que ele se sentisse tentado a usar seu saber frente à falta de ilustração dela para seu próprio benefício. Cathryn não acreditava que ele fosse capaz de fazê-lo premeditadamente, mas, depois de tudo, William era um homem. E ainda por cima francês.

—O pai Godfrey? —interrogou-a William enquanto ia em busca da fruta que lhe oferecia de uma forma tão tentadora.

—O pai Godfrey —respondeu Cathryn, arqueando-se para sua mão.

Acariciando o rosto de Cathryn com a mão, William perguntou:

—«Quem pode encontrar uma esposa excelente? Mulher virtuosa, quem a achará? Porque sua estima ultrapassa longamente a das pedras preciosas. O coração de seu marido está nela crédulo, e não carecerá de lucros».

Ele confiava nela. Umas palavras doces, extremamente doces, provindo de um homem que a tinha humilhado tratando-a de esposa impura. Quanta sede de vingança tinha tido que tragar William para chegar a aceitá-la. Cathryn nunca deixaria de lhe estar agradecida por sua piedosa compaixão para com ela. Jamais deixaria de querê-lo.

Atraindo-o para ela, lhe beijando o pescoço e a mandíbula até que notou como ele estremecia com um tremor de paixão, Cathryn seguiu recitando:

—«Seu paladar, muito doce: e todo ele cobiçável. Tal é meu amado».

—Cathryn, espera —disse William com um rouco sussurro. Ela o estava excitando com suas palavras e com suas carícias.

Mas ela não cessou. Aproximando-se do lóbulo de sua orelha, Cathryn murmurou enquanto fazia cócegas com seu cabelo negro no rosto:

—«Que me beije com os beijos de sua boca! Porque melhores são seus amores que o vinho».

Cathryn deslizou a mão por seu torso até chegar à evidência física de sua ereção. Com cuidado, esfregou a ponta de seu pênis com os dedos, do mesmo modo que ele estava esfregando seus excitados mamilos.

Com uma força quase selvagem, William afundou a língua em sua boca com uma poderosa investida, desejando devorar o resto de seu corpo. Ela não pensava cessar no ataque a seus sentidos, deslizou os dedos por seu pênis até chegar à parte inferior e então deslizou ambas as mãos pela parte interior de uma perna, obrigando-o a pegar-se a seu corpo com uma força impetuosa e com impaciência.

—Cathryn —sussurrou ele, com os olhos acesos como o fogo sagrado.

—William —respondeu ela com um sorriso e um tom de voz sedutoramente baixo — Te desejo.

Com uma gargalhada, ele respondeu:

—Eu também te desejo.

William elevou a sua esposa. Não a levou até a cama. Sentou-se na banheira e a convidou a sentar-se em cima dele, com os joelhos encolhidos e pegos a seu peito, enquanto a água transbordava pelas bordas da pequena banheira. Era uma posição realmente estranha. Mas funcionou.

Cathryn deveria ter sabido que William o Brouillard não renunciaria a seu banho diário.

William adorou ver Cathryn envolta na seda escarlate. Adorou tanto que ela teve dificuldade para conservar o traje posto.

Cathryn se sentia eufórica.

Tinha sido necessário que os que se achavam no salão comessem a queixar-se a viva voz porque morriam de fome —ou pelo menos isso era o que alegavam— para obrigá-los a sair de seu aposento e baixar ao salão. Os homens de William e os serventes de Greneforde detiveram suas atividades para vê-los entrar. Tinham esperado muito tempo para admirar Cathryn com a seda escarlate, e nenhum homem, nem nenhuma mulher dos ali presentes pensou que a espera tinha sido em vão.

Cathryn brilhava nos tons escarlate e âmbar tão intensamente como uma tocha que alguém levasse em uma mão, a mão do homem que a segurava pelo cotovelo brandamente enquanto a guiava até a mesa principal. Formavam um casal invejável, o novo senhor de Greneforde e sua senhora, pareciam estar feitos um para o outro. Ninguém se atreveria a elevar uma faca para separar aquela união tão perfeita e harmoniosa.

William luzia seu elegante traje de bodas de cor branca e cinza para complementar o esplendor de Cathryn, com o rubi no ombro brilhando intensamente baixo sob a luz das velas do salão. Ambos estavam impecáveis, como deveriam ter estado no dia de suas bodas, embelezados com tecidos ricos e cheios de satisfação em sua propriedade. William representava uma imagem de atrativo poderio junto à profunda calidez que irradiava Cathryn enquanto abriam passo pelo salão. De uma forma comum unicamente nos recém casados, parecia que os dois trocaram os papéis.

William sempre se mostrava cortês, nisso não tinha mudado, mas havia algo mais debaixo da superfície, como se os muros de suas defesas pessoais se elevaram até uma altura inalcançável. Seus olhos cinzas se mostravam agradados enquanto examinava o salão sem afastar a mão que apoiava brandamente sobre o braço de Cathryn, mas seu porte demonstrava uma enorme tensão, como se estivesse preparado para a batalha.

Cathryn não parecia consciente de nenhuma mudança em seu marido, já que a transformação que ela tinha experimentado a transbordava. Atrás tinha ficado a mulher de olhar insondável e fria serenidade. Contemplava aos que a rodeavam com um sorriso natural, e seus olhos escuros brilhavam de felicidade, parecia divertida ante a cena, ao ver as caras de curiosidade de seus serventes. Parecia divertida e confiada e segura de tudo. William se mostrava afetuoso com ela, muito afetuoso. Era evidente que adorava vê-la embelezada com o traje escarlate, e o mundo se converteu novamente em um lugar seguro, tal e como o tinha sido antes da morte de sua mãe e a partida de seu pai. E se alguém ouvia gritos provenientes do quarto do senhor durante a noite, ela não esconderia a cabeça envergonhada ao dia seguinte, a não ser justamente o contrário: teria que realizar um enorme esforço

por conter a expressão de absoluta satisfação. Sim, William se mostrava encantado com os esforços que ela realizava com tal de agradá-lo. O fato de que tivessem atrasado o jantar quase uma hora era a amostra mais evidente de quão encantado estava com ela.

Foi um jantar feliz, com sorrisos em qualquer parte, e todos se alegraram mais quando Rowland e Kendall fizeram sua entrada no salão.

—Bom! Por fim retornaram os viajantes! —exclamou William a modo de saudação, fazendo um sinal com a mão para convidá-los a unir-se a ele na mesa principal — Sentem-se e comam e me relatem o êxito de sua viagem.

Rowland sabia que William unicamente se referia à visita ao rei, as novas, ou a falta delas, sobre o paradeiro de Lambert podiam esperar até que o salão ficasse vazio. Mas tinha mais informação sobre o direito de William a seguir sendo o proprietário de Greneforde do que William supunha.

—Nós o agradecemos —respondeu Rowland simplesmente.

William esperou que Rowland, ou pelo menos Kendall —quem podia fechar o bico de Kendall?— relatassem-lhe que tinham chegado até o rei e tinham anunciado que ele já tinha tomado posse de Greneforde. Os olhos negros de Rowland por cima da borda de sua taça o desconcertaram. Mas o silêncio de Kendall lhe indicou o resto. Unicamente as notícias mais atrozes eram capazes de silenciar Kendall.

William desviou os olhos para Cathryn, sabendo que ela tinha notado a desarmonia e desejando que não se desse conta. Em vão. Ela era consciente da mudança na atmosfera igual uma ave pressente a tormenta que se aproxima. William lhe agarrou carinhosamente uma das mãos que ela mantinha crispada sobre a saia, elevou-a por cima da mesa e a acariciou, diante de todos. Enfrentariam juntos a qualquer adversidade, fosse o que fosse. Nunca mais permitiria que sua esposa se isolasse na carapaça no que se cobriu durante tanto tempo, por mais que isso fosse o que ela desejasse. Havia-lhe custado tanto ganhar o carinho de Cathryn que não pensava retroceder nem um só passo, e apesar de temer o efeito que as palavras de Rowland pudessem provocar a Cathryn, não pensava fugir delas. E tampouco permitiria que ela as evitasse.

—Encontrastes Henry? —perguntou William sem rodeios, já que não desejava atrasar o inevitável com um falatório irrelevante.

—Sim —respondeu Rowland — Encontramos Henry.

«Mas não tinham encontrado Lambert», deduziu William, acariciando com uma grande ternura a mão suave de Cathryn.

—Demoraste muito —comentou William, ao tempo que agarrava sua taça — Acaso o rei se afastou de Londres?

—Não, ainda estava em Londres, contra todas as expectativas, já que rastreamos todos os caminhos entre Greneforde e Londres tal e como faria um lobo em busca de sua presa. Inclusive percorremos várias vezes alguns caminhos! — explicou Kendall, com uma evidente irritação em sua voz.

Rowland mantinha seus escuros olhos cravados firmemente no prato que havia diante dele, não havia necessidade de explicar seu método de viagem a William. Seu propósito era patentemente compreensível. Mas não o que tinha descoberto, e William não saberia até que seu amigo o confessasse, embora, pelo visto, Rowland não desejava falar na presença da senhora de William. Nem tampouco de Kendall.

Kendall não tinha afastado virtualmente os olhos de Cathryn desde que tinha entrado no salão. A via diferente. Não sabia se em realidade estava mudada ou só o parecia porque a olhava com olhos distintos. Cathryn de Greneforde irradiava sensualidade por todos os lados, sua beleza era como um fogo incandescente que se alimentava das lustrosas vestimentas que a envolviam. Olhando-a naquele momento, Kendall sim que podia acreditar que aquela mulher se deitou com outro homem que não fosse seu marido.

Ela não era digna de William o Brouillard.

—O rei nos convidou a passar para vê-lo logo que chegamos a corte —disse Kendall.

—Quer dizer, que lhes deu uma cálida bem-vinda —apontou William.

Kendall sorriu com apatia.

—Não, não cálida, simplesmente rápida.

Rowland fulminou Kendall com um olhar ameaçador e logo desviou a vista para William, com olhos suplicantes. William lhe respondeu com uma leve piscada e a

seguir elevou os dedos de Cathryn e os levou a boca para beijá-los cavalheirescamente. Ela tremeu perceptivelmente e com sua mão livre procurou a taça de vinho. William não a deteve.

Apesar de toda a calidez que William dedicava a sua esposa, Rowland jamais o tinha visto atuar com gestos tão frios. William estava preparado para bater-se a morte, e se Kendall não media suas palavras, indevidamente se converteria na vítima da arrebatadora força de William ante um ultraje tão descomunal.

Kendall, que estava muito imerso em seu próprio ultraje, não se dava conta do estado de William.

—Bebe Kendall, a viagem foi muito longa—ordenou William — Já haverá tempo para que me relatem sua audiência com o rei Henry. Agora me deixem saborear o jantar, só tive a oportunidade de provar o primeiro prato.

Kendall obedeceu a contra gosto, e enquanto tinha a boca cheia, Rowland aproveitou para falar.

—O rei se alegra de saber que já tomaste posse de Greneforde.

—Está realmente satisfeito? —perguntou-lhe William com uma aparente falta de interesse.

Kendall apurou o conteúdo de sua taça de um só gole, derramando algumas gotas de vinho sobre a toalha.

—Não, porque...

—Bebe, Kendall! —ordenou-lhe Rowland em um tom de voz que não era nada próprio dele.

Estupefato, Kendall ficou em silêncio. Mas não bebeu.

—Notificaste ao Henry que Greneforde já é meu? —quis saber William, com os olhos brilhando com brilhos chapeados.

—Sim —respondeu Rowland simplesmente, desejando que William dirigisse a conversação e desejando que Kendall se mantivesse à margem.

—Também sabe que Cathryn é minha?

O tremor de Cathryn diminuiu ante aquelas poderosas palavras. Acaso alguém poderia lhe fazer mal se ela pertencia a William? Não, já que ele a tinha perdoado

de seu execrável pecado com sua tenra devoção. Não, ninguém poderia lhe fazer mal, e Cathryn sabia que ninguém poderia afastá-la dele. A menos que fosse o rei.

—Lhe comunicamos seu matrimônio —respondeu Rowland medindo as palavras. As medindo excessivamente.

—E qual foi sua reação ao saber que acatei suas ordens ao pé da letra? — insistiu William.

—Outro cavalheiro reclamou a posse de Greneforde —explodiu Kendall, fulminando Cathryn com o olhar — e da senhora de Greneforde.

William beijou novamente a mão de Cathryn com toda a ternura e intimidade que tinham compartilhado no quarto, lhe esquentando toda a pele com seu quente fôlego. Olhou-a como se pretendesse lhe infundir confiança, ao tempo que perguntava:

—Quem reclamou a minha senhora?

—Lambert de Brent —espetou Kendall com uma visível satisfação, olhando Cathryn fixamente para ver como reagia ela.

Ficou decepcionado, já que o único que viu foi a Cathryn que já conhecia: uma mulher fria, de gestos hostis, absolutamente distante. As portas de sua calidez se fecharam de repente ante a menção de Lambert. Já não era a esposa de William, voltava a ser Cathryn de Greneforde, e tanto a posse de Greneforde como a dela se disputavam em um tabuleiro de jogo.

Os concorrentes perderam o interesse no segundo prato e fixaram a vista nas expressões dos rostos dos que ocupavam a mesa principal. Cathryn tinha adotado seu gélido esplendor de antigamente, que todos conheciam tão bem, incluindo Marie, e todos se entristeceram ao ver que sua senhora se encerrava de novo naquela casca de ovo. Rowland, absolutamente imóvel, olhava William com uns olhos tão imensos como a escuridão que pareciam albergar. E William. Nunca tinham visto William daquele modo. Estava tão silencioso como a névoa. De seus lábios não escapou nenhum rugido, nem de raiva nem de negação, nem tampouco se preocupou com articular nenhuma dúvida nem nenhuma reivindicação. Estava tão frio como o rocio no inverno, tão quieto como um lago gelado, era um guerreiro. E estava pensando em seu adversário.

—Greneforde é meu —declarou com um perigoso sussurro — Cathryn é minha. Ninguém poderá me afastar deles.

Kendall, finalmente, deu-se conta de que tinha metido a pata e ficou mudo.

—O rei deseja ouvi-lo de seus próprios lábios, apesar de eu ter declarado o mesmo em seu nome frente a toda a corte —apontou Rowland brandamente — O rei quer te ver.

—Então me verá e lhe repetirei o que você já expressou em meu nome. Não abandonarei minha propriedade —anunciou William sossegadamente, espremendo a mão gelada de Cathryn enquanto examinava a concorrência que ocupava o salão. Era um voto, uma promessa que dedicava a todos. Não abandonaria Cathryn nem tampouco abandonaria a eles. Retornaria quando tivesse conseguido resolver aquela terrível ameaça contra sua propriedade.

—O rei te espera em Londres. O melhor será que parta imediatamente —sugeriu Rowland.

—Sim, partirei ao amanhecer —conveio William — Desejo resolver este tema o antes possível.

—Quem mais virá conosco? —perguntou Rowland.

William deteve as compassadas carícias na mão de Cathryn para dedicar sua absoluta atenção a Rowland. Tinha captado o aviso. William não necessitava uma comitiva para ir ver o rei, a menos que existisse perigo de traição. Lambert...

A crescente tensão na mesa era tão poderosa agora, que Cathryn pensou que ia desmaiar por falta de ar. Do momento em que Kendall tinha pronunciado o nome de Lambert, um frio invernal se apropriou de todo seu ser, lhe impregnando os ossos até alcançar seu coração, de tal modo que Cathryn se perguntou se alguma vez seria capaz de escapar daquela abominável garra de gelo. Lambert. Ainda podia notar suas sebosas mãos sobre ela, seu peso sobre ela, podia notar a rude atmosfera que se apropriou do salão ante a simples menção daquele nome. Ele estava novamente ali, presente, apesar de William o ter banido.

Ele estava ali.

Cathryn ficou de pé abruptamente e se dispôs a afastar-se da mesa. Baixou o olhar e ficou perplexa ao ver que a mão de William ainda segurava a sua, como se William se negasse a romper o laço físico que os unia.

—Vou ver o que estão fazendo na cozinha —informou Cathryn sossegadamente — Continue, milord.

Ele a soltou com um enorme pesar, mas sabia que Rowland tinha muitas coisas que lhe contar e era óbvio que não o faria enquanto Cathryn se achasse presente. Quando ela o olhou aos olhos, William só viu um imperturbável vazio. Cathryn havia tornado a se encerrar em sua carapaça, como quando a tinha conhecido. Lambert era a porta que a encarcerava em si mesma e a afastava dele.

Lambert pagaria muito caro aquela intromissão.

Todos os olhos se posaram nela enquanto Cathryn atravessava o salão. A brilhante seda escarlate se aderiu às curvas de seu corpo até formar redemoinhos ao redor de seus pés. Todos os olhos a contemplavam, e ela se sentiu marcada pela cor vermelha, como se a delatasse de uma forma indesejada, de uma forma difamadora. Sim, estava marcada. Desejava tirar aquele vestido antes o possível.

O pai Godfrey a teria podido ajudar em sua angustiante tortura, ele teria encontrado as palavras precisas para aquietar seu espírito, mas o pai Godfrey não estava, partiu com dois dos homens de William para rastrear as imediações do castelo em busca de camponeses que ainda não se inteiraram da chegada de William e que necessitassem um padre, já que o padre de Greneforde partiu fazia uns meses e tinham sido tempos muito difíceis para todos. Da marcha do antigo padre, não se tinha oficiado nenhuma missa, nem ninguém tinha tido a oportunidade de confessar-se, e se alguém havia falecido tinha ido ao encontro de Deus sem receber a extrema-unção nem ter se confessado. Como o pobre Philip.

O pai Godfrey não estava, de nada serviria ir correndo à capela, já que unicamente acharia uma habitação fria e vazia. Mas Lambert estava ali, em todos os rincões de Greneforde, na escada da torre, no pátio enquanto ela o atravessava correndo em busca do calor da cozinha —uma cozinha que não lhe brindaria calor porque Lambert também estaria ali, espreitando-a — Com Lambert, não tinha escapatória.

Os homens na mesa principal observaram em silêncio como Cathryn se afastava. Quando ela se perdeu na escada da torre, Kendall falou, com a firme intenção de salvar William daquele matrimônio maldito.

—Lambert se apresentou na corte William, e expôs de uma forma clara e concisa o motivo pelo que reclamava Greneforde.

William olhou Kendall fixamente pela primeira vez desde que este tinha entrado no salão, e Kendall se tornou instintivamente para trás em sua cadeira ao ver a agressiva expressão nos chapeados olhos de William.

—Está me dizendo que Lambert falou de minha esposa diante de toda a corte?

Kendall tragou saliva com dificuldade, a situação não pintava nada bem. Ele só queria que William obtivesse o que merecia, e nenhum homem merecia uma esposa que tinha estado nos braços de outro homem. Era possível que William não soubesse a relação pecaminosa que tinha existido entre Cathryn e Lambert? Porque certamente, se soubesse, afastaria-se daquela mulher.

—Assim é. Esteve na corte antes de nós e não teve nenhum reparo em expor abertamente seu interesse por ela. Sua alegação era sólida. Ninguém se atreveu a questioná-lo —concluiu Kendall.

—Quando partiu daqui foi diretamente a corte, William —interveio Rowland sem perder a calma — com a intenção de expor ao rei seu pedido. Suponho que não sabia que Henry já tinha decidido te entregar Greneforde.

—Mas agora sabe. —William sorriu com avidez depredadora.

—Sim, agora sabe —admitiu Rowland.

—William! —estalou Kendall, inclinando-se para diante — O rei sugeriu a nulidade de seu matrimônio... Ninguém te criticaria por abandonar a uma... a uma...

—Era evidente que tinha dificuldade para achar uma palavra que expressasse sua repulsão, e finalmente optou por suavizar seu discurso — por abandonar sua propriedade.

Rowland, sacudindo a cabeça efusivamente ante a cega insistência de Kendall para que William adotasse um caminho que seu amigo não tomaria nem morto, tornou-se para trás, visivelmente abatido.

—A nulidade de meu matrimônio? —murmurou William com um rugido, voltando-se lentamente para Kendall.

—Sim —se apressou a responder Kendall, inclinando-se ainda mais para seu interlocutor — Então ficará livre para procurar outra propriedade mais próspera e uma esposa mais pura. William, o rei está disposto a te conceder sua graça!

—Sua graça —repetiu William pesadamente, e então, com uma força contida, enfocou toda a raiva de seus olhos fulminantes em seu companheiro. Kendall ficou paralisado ao ver a arroladora força que emanava daqueles olhos — O rei Henry me oferece a possibilidade de me sangrar lentamente.

Kendall olhava a William sem piscar e sem compreender nada. Tinha perdido a capacidade de falar.

—É que não entende? —exortou-o William — O sangue de Cathryn e o meu se uniram até que a morte nos separe, e só Deus pode decidir a hora de nossa separação!

William se inclinou para Kendall de uma forma tão ameaçadora, que se Kendall tivesse tido a possibilidade de escapar teria feito, mas os olhos de William o paralisavam.

—Nossas vidas são uma só! —declarou, elevando a voz — Nossos corpos são um só. Ela é o sangue que corre por minhas veias, e todos os dias rezo para que eu chegue a ser o mesmo para ela.

Tornando-se para trás em sua cadeira, William afastou a vista de Kendall, e Kendall aproveitou a oportunidade para respirar, a primeira vez em mais de um minuto. Sua respiração era entrecortada, mas William não tinha acabado. Voltou a carga com um tom mais cometido:

—Os germanos têm um dito: «O sangue é mais espesso que a água». — Voltando a cravar a vista em Kendall, com olhos tão escuros como o carvão, rematou nitidamente — Lambert é a água. Eu sou o sangue.

Kendall, aturdido, caiu de joelhos aos pés de William. Estava realmente arrependido. Não sabia que a devoção que William sentia por sua esposa caprichosa fosse tão profunda.

—Peço-te perdão, William, e permanecerei de joelhos até que me perdoe.

William, que tinha a mente em outro lugar, com assuntos mais urgentes, deu-lhe umas palmadas no ombro.

—Então te levante posto que já está perdoado, mas não me volte a falar de minha esposa.

—Quem viajará conosco, William? —voltou a insistir Rowland.

—Quem me obedecerá, se ordenar a todos que fiquem aqui, em Greneforde? —questionou William.

—Eu não —respondeu Rowland com determinação.

—De acordo, mas o resto sim, me obedecerá, e isso significa que o resto ficará aqui —declarou William.

—Não pensa ir em sua busca?

—Não. —Sorriu William — O localizarei sigilosamente, prefiro pegá-lo despreparado.

—Já entendo, quer acabar com ele você sozinho, sem que ninguém se entrometa —observou Rowland astutamente.

—Assim é. Não penso permitir que ninguém se entrometa —admitiu William sem ocultar sua vaidade.

—Ele sabe que o rei enviou um mensageiro —acrescentou Kendall.

—Enviou-o, mas ainda não chegou. Jogamos com vantagem. Ele não sabe que eu sei —argumentou William.

—Assim se parte antes de que chegue o mensageiro...

—E o encontro enquanto me espera, sem lhe dar tempo para ficar em guarda... —concluiu William.

—Pensa que Lambert está esperando que saia de Greneforde? —inquiriu Kendall, que estava perdendo o fio daquela rápida conversação.

—Sei que me espera —respondeu William.

—Mas... —começou a dizer Kendall, franzindo o cenho.

—Sei que me espera, do mesmo modo que eu o faria, para ter a possibilidade de recuperar Greneforde. E agora parto para desfrutar da companhia de minha esposa antes de que chegue a hora de partir. Rowland, quero que esteja preparado para sair antes que amanheça.

Essa foi sua última ordem antes de se levantar sossegadamente de sua cadeira e atravessar o salão em silêncio, com a capa flutuando atrás dele tão silenciosamente como a névoa movida pelo vento. Kendall observou como partia, boquiaberto.

—Nunca suspeitei que quereria ficar com ela, sabendo o que agora sabe a respeito dela —murmurou meio para si, meio para Rowland — Ela esteve com outro homem.

Rowland se inclinou para diante de sua cadeira e agarrou a taça de vinho. Tomou um longo sorvo, que bebeu de um só gole antes de olhar Kendall de soslaio.

—Sim, ela esteve com outro homem —disse.

Kendall olhou o rosto de seu velho amigo com surpresa.

—William é realmente um cruzado de Jesus Cristo se for capaz de perdoar tamanha traição. Jamais conheci um homem capaz de perdoar semelhante pecado, é como se fosse Deus.

Rowland tomou outro longo trago, enquanto as palavras de Kendall giravam vertiginosamente em sua mente como facas até que já não pôde suportar mais. Já era hora de que Kendall deixasse de comportar-se como um idiota.

—Cathryn de Greneforde foi violada por um homem desumano que ocupou o castelo de forma ilegal —soltou com uma força avassaladora, sem prestar atenção ao olhar de horror que se perfilava nos traços de Kendall — Durante aquela invasão, ela foi testemunha do brutal assassinato de seu irmão pequeno nas mãos desse homem. Ela se submeteu a ele para proteger ao resto dos habitantes do castelo. —Rowland tomou outro sorvo, e notou como o vinho descia por sua garganta com extrema facilidade — E o mais importante é que ela não guarda nenhum rancor pelo dano que teve que suportar para salvar a todos. Entregou-se por eles. Agora que sabe a verdade —fez uma pausa e olhou Kendall com seus olhos escuros — crê que William deveria amá-la menos por seu sacrifício?

—N... não —balbuciou Kendall, enquanto as imagens afloravam em sua mente com a força de um torvelinho — Acredito que deveria amá-la ainda mais.

Rowland se inclinou para Kendall para lhe dar um soco com todo o carinho que uma mãe daria a seu filhote de urso antes de concluir:

—E isso é o que faz.

CAPÍTULO 18

Quando William subiu a seu quarto viu que Cathryn estava lutando para se livrar do vestido escarlate. A capa de cor âmbar se sobressaía meio enrugada por cima da tampa da arca. Cathryn não deu a volta para olhá-lo quando entrou. Tampouco lhe deu de presente nenhum sorriso belo. Estava de um péssimo humor. William já esperava. Ela tinha assumido o mesmo papel da mulher que o tinha recebido naquele primeiro dia, com toda a fria e calculadora tenacidade do fio de uma espada, a mulher que ele tinha libertado do pesadelo dos abusos sexuais e do duro sentimento de culpa, tinha retornado a sua prisão ante a mera menção do nome de seu carcereiro. Sua prisão lhe oferecia uma coisa que William não podia lhe oferecer: familiaridade. A familiaridade podia ser um quente companheiro —ele sabia de primeira mão— entretanto, não podia permitir que ela se afundasse de novo na gelada tumba do absoluto e frígido controle, um controle que mantinha unidos os pedaços quebrados de seu coração. William tinha jurado salvá-la, e tinha que fazê-lo. Tinha que fazê-lo, já que não tinha podido salvar Margret. Tinha a obrigação de fazê-lo porque amava Cathryn com um amor mais profundo que a intensa dor de ter falhado a Margret em sua inocência quebrada e banhada de sangue. Aquele pensamento, novo e familiar de uma vez, filtrou-se em sua mente. Tinha jurado amá-la desde o começo, e ele era um homem de palavra, mas agora... agora sabia que a amava indiscutivelmente. Não a amava pela promessa que tinha feito. Não a amava por Greneforde. William não sabia quanto tempo fazia que sentia esse amor, só sabia que não era um sentimento novo para ele, o único novo era que agora reconhecia aquele sentimento.

William sorriu a Cathryn melosamente e brincou:

—Já tira isso? Eu adoro lhe ver com esse vestido.

Ela o tinha ouvido entrar. Estava se acostumando a suas chegadas e a suas partidas sigilosas, inclusive podia notar quando ele estava perto. Mas Lambert

estava mais perto. Lambert estava em sua cabeça e ela não podia desterrá-lo dali. Lambert havia tornado a invadí-la, a invadir e a conquistar seus pensamentos mais profundos, e apesar de não ser uma invasão física, era total, e inviolável. Lambert tinha se apresentado ante o rei para reclamar a propriedade de Greneforde, para reclamar a ela. Seguro que retornaria. Cathryn via seus pálidos olhos azuis tão claramente, notava suas mãos úmidas e sebosas sobre seus seios, ouvia sua voz lhe falando com uma condescendência repulsiva, ouvia como a chamava «gatinha», e tremia como se tivesse frio. Mas não era frio. Era Lambert.

Cathryn dobrou o vestido escarlate. Suas mãos se moviam com delicadeza sobre a rica seda, e o guardou em sua arca. Era um tecido muito luminoso para ela. Não era seu estilo.

—Sinto-me mais cômoda com meus velhos trajes —respondeu com rapidez, sem acrescentar que além disso sentia que despertava menos receios.

A conversa a respeito de Lambert a tinha alterado de uma forma incomensurável. Ela era o objeto de um jogo letal e carecia de defesas, não, tinha uma defesa: William. Ele a defenderia, ele a convenceria de que o faria, mas seria uma promessa de cavalheiro, sem um puro convencimento. Os ânimos de Cathryn tinham ficado totalmente no chão aquele dia.

—Eu adoro te ver com a seda escarlate —voltou a repetir William carinhosamente, ao tempo que se deslocava para a lareira para avivar o fogo — Embora a verdade é que eu gosto mais sem o vestido. —E a olhou fixamente, com um sorriso sedutor.

Instintivamente, Cathryn retrocedeu para separar-se dele. Só levava posta a roupa interior. A pesar do rude peso que notava no peito, sabia que ele estava tentando animá-la. Cathryn recuperou a compostura, sorriu e respondeu:

—Pois eu, o que verdadeiramente adoraria, seria ter a certeza de que você me ama com todo seu coração. Até que não esteja segura, não me desperei.

—Uma boa estocada, sim senhora —riu ele, abraçando-a e beijando-a docemente no nariz — Pois tenho que dizer que não acredito que possa te amar mais do que te amo.

Ao ouvir aquelas palavras pronunciadas com tanta naturalidade, a laje que Cathryn notava em seu coração ameaçou rachar-se. Não, ele não a amava. Nunca o havia dito. Respeitava-a como esposa e não a abandonaria, pelo menos não o faria facilmente, mas não a amava. William falava de amor em um tom zombador, com uma enorme leveza. Depois de tudo, era um homem francês, e os franceses tratavam esses temas de um modo diferente. Ela sabia. Afogando suas emoções, Cathryn colocou um de seus velhos vestidos. Que mais lhe dava que a cor fosse insípida e aborrecida? Fazia jogo com seu estado de ânimo. Era o traje mais apropriado para ela.

—Já entendo —respondeu a William brandamente, lhe dando as costas com a intenção de abandonar o quarto.

—De verdade, minha querida esposa? —perguntou ele, lhe bloqueando o passo. Ela não entendia nada. Isso tinha que mudar... e tinha que mudar agora. —Amo-te tanto que tenho passado as noites acordado, contemplando como dorme com a mão debaixo da bochecha e seu cabelo solto e revoltado ao redor do pescoço.

Cathryn olhou a seu marido diretamente aos olhos. Eram da cor da madeira queimada ao entardecer.

—Amo-te tanto —continuou ele sussurrando — que odeio percorrer mais de duas léguas de distância porque me invade a dor de estar longe de ti, apesar de saber que tenho que sair para caçar para encher seu estômago faminto, porque não quero que caia doente.

As lágrimas se amontoaram nos olhos de Cathryn, e ela pestanejou várias vezes seguidas para as dispersar, mas não conseguiu, rapidamente, novas lágrimas substituíram às anteriores. Cathryn começou a ver William impreciso.

—Amo-te tanto que estou preparado para ir ver o rei sem demora, para declarar a ele que não penso, que não posso, me separar de ti, minha querida esposa, porque é o sangue de minha vida, a menos que seja Deus quem dita nos separar.

E de repente ela viu —ou lhe pareceu ver— o verdadeiro William, e o amor que gotejava por todos os lados de seu marido a enfeitiçou, curando as feridas de seu coração que ainda permaneciam abertas. Lambert se desvaneceu na chama do

amor de William como se nunca tivesse existido. Por fim se sentia limpa. O amor de William a tinha desencardido, tal e como lhe tinha prometido que faria.

—Preferiria morrer antes, que me separar de ti, Cathryn —sussurrou William — Não, esposa minha, é impossível te amar mais. —E tirando um ramo que se enredou em seu cabelo dourado, acrescentou — Mas se você me pedir isso, prometo-te que tentarei te amar mais.

Cathryn não tinha palavras para responder a aquele homem de tal eloquência. Não tinha palavras capazes de explicar a desenfreada paixão de seu coração nem as lágrimas que empanavam suas bochechas. Sem poder se conter, jogou-se a seus braços, chorando de amor, de paixão, de gratidão pelo amor que lhe professava. Chorava, pega a seu peito, e seus soluços espontâneos, provenientes do mais profundo de sua alma, afogavam-na e se estrelavam contra o poder do imenso amor de seu marido. William a estreitou com força, sem permitir que a força descomunal de seus soluços a separasse dele.

Marie, que tinha subido para lhe fazer companhia depois de ter presenciado com tristeza como sua senhora partia do salão, permaneceu na soleira da porta, escutando. Finalmente deu a volta e se afastou. As lágrimas amplificavam a intensidade de seus olhos azuis antes de escorregar por suas bochechas.

CAPÍTULO 19

Uma hora antes da alvorada, William e Cathryn saíram ao pátio de mãos dadas. Com sua cota de malha e sua armadura, William ia totalmente camuflado de cor cinza, quase invisível sob a brumosa luz do amanhecer. Cathryn também ia vestida para viajar. Pôs-se um grosso traje de lã de uma cor marrom tão escura que virtualmente se confundia com o chão, e uma capa de cor marrom mais clara. Em sua cintura levava um presente de seu marido: uma faca adornada com pedras preciosas que acariciava brandamente enquanto se encaminhavam para os cavalos. Posto que não a esperavam, não tinham selado outro cavalo para ela.

Ou isso era o que pensavam.

—Viajará com William? —exclamou Kendall com surpresa ao vê-la.

—Sim, viajará comigo —respondeu William por ela — Não é lógico que um homem recém casado se separe tão logo de sua esposa. Cathryn virá comigo — concluiu com uma firme determinação, visivelmente emocionado.

—É possível que o caminho não resulte fácil —murmurou Rowland seriamente, pensando em sua querida Lubias ao ver Cathryn ali de pé, ao lado de seu marido, com aquele porte tão decidido.

—Nenhum caminho é fácil, companheiro —replicou William brandamente — Deus me ensinou essa lição faz tempo, mas Cathryn me pediu para ir comigo. Não posso rechaçá-la. A verdade é que não desejo fazê-lo.

—Lambert espera —sussurrou Rowland em voz baixa, dando as costas a Cathryn para que ela não o ouvisse.

—E Cathryn sabe, Rowland, certamente é mais consciente da presença de Lambert que nós. Por isso está aterrorizada ante a ideia de ficar em Greneforde, para ela resultaria uma cena muito parecida com a já vivida. Eu posso protegê-la melhor que os muros de Greneforde, disso estou absolutamente seguro, e ela também. Não penso deixá-la aqui.

Rowland escrutinou os olhos chapeados de seu amigo, e compreendeu que William não abandonaria Cathryn. Do mesmo modo que ele não tinha podido abandonar Lubias. Inclusive agora, até sabendo o desenlace, teria partido deixando a sua amada na relativa segurança do povo? Não, não teria feito, porque lhe resultava impossível abandoná-la. Aquele tinha sido o poder do amor de Lubias, e a debilidade de Rowland.

—Então não a deixe —aceitou Rowland solenemente — Mas quero que saiba que desta vez não cavalgarei a seu lado a não ser atrás dela, para protegê-la. —E seus escuros olhos refletiram sua mais sincera promessa.

William estreitou o braço de seu amigo da alma em um rápido e efusivo apertão e sorriu.

—O fato de saber que você cavalaria conosco foi um fator definitivo para que acessasse ao pedido de Cathryn. Entretanto, você, Kendall —continuou William, elevando a voz à medida que se separava de Rowland — você terá que ficar em Greneforde para defender o castelo. E lhe advirto isso, não haverá lugar na Terra onde possa se esconder se não defender minha propriedade como é devido.

—Sua propriedade estará intacta quando retornar —respondeu Kendall com um sorriso— e mais, é possível que quando voltar veja o resto dos campos do lado oeste semeados, e então esperarei uma compensação por ter sujado as mãos nos trabalhos do campo.

—Não, Kendall —objetou William — Não saia da paliçada até que retornemos e lhe anunciemos nosso êxito. Não abra a porta a nenhum desconhecido, já venha andando ou montado a cavalo. Preciso ir com a confiança de que Greneforde estará a salvo.

—Sim, William —acatou Kendall sem vacilar, enquanto toda a alegria se apagava de seu rosto. William o deixava a cargo de sua propriedade. Não podia lhe falhar — Retornará e encontrará uma propriedade digna de ti.

William sorriu ao tempo que colocava as manoplas.

—Me bastará poder retornar à propriedade que me foi outorgada. Pelo que já não estou tão seguro é se retornarei a uma propriedade digna de mim. Pensando-o bem, possivelmente preferiria um palácio real.

E enquanto Kendall e Rowland riam ante a última frivolidade de William, plenamente conscientes de que o tinha feito com a intenção de subtrair seriedade à viagem para ver o rei, Cathryn começava a ficar séria com Marie.

—Não, já está decidido —voltou a repetir pela última vez — Irei com meu marido e você ficará em Greneforde.

—Mas, milady, é perigoso para você! Deixe que a acompanhe! —suplicou Marie.

—Marie, estarei a salvo com ele —concluiu Cathryn com toda a confiança de uma mulher apaixonada — Mas não me atrevo a lhe exigir muito. Que homem, por mais valoroso que seja, poderia brigar com duas mulheres de uma vez? —Sorrindo ante sua ocorrência, conseguiu por fim arrancar um sorriso de Marie. Continuando, Cathryn disse em um tom mais sério — Sei que estará a salvo, e para mim será mais fácil se só tenho que me preocupar por mim. Compreende-o?

E em um momento de iluminação, Marie compreendeu. Lady Cathryn tinha suportado inumeráveis adversidades, sacrificou-se muito com o objetivo de protegê-los. A imagem de sua senhora empurrando-a para que se escondesse na arca antes de que Lambert aparecesse na soleira da porta do quarto emergiu de novo em sua mente, e novamente teve a certeza de que, com aquela ação, sua senhora lhe tinha salvado a vida. Para lady Cathryn tudo teria sido muito mais fácil se não tivesse tido que conter seu caráter para atuar em defesa de Philip, de Marie, de John, e do resto dos habitantes de Greneforde.

—Sim, lady Cathryn, compreendo-o —acatou Marie humildemente — Que Deus lhe guie e proteja —sussurrou, e rapidamente beijou a mão de Cathryn com afeto e gratidão.

Cathryn lhe devolveu o afeto daquele beijo com um rápido abraço e lhe sussurrou ao ouvido:

—Eu também peço a Deus que te proteja de qualquer mal. —E quando Marie se afastou para olhar a sua senhora com olhos surpreendidos, Cathryn acrescentou — Tinha a esperança de poder te proteger dentro dos limites de Greneforde, mas agora me pergunto se o perigo maior não mora sob meu próprio teto. —E com o olhar assinalou Ulrich, que tinha se encetado em uma conversação com William ao inteirar-se de que seu senhor não pensava levá-lo com ele naquela nova aventura.

Marie mudou radicalmente a expressão do rosto e ficou rindo como uma menina. Possivelmente o fato de ficar em Greneforde não seria tão má ideia, depois de tudo.

Após as despedidas, os três se encarapitaram nos cavalos e partiram antes das primeiras luzes do dia, apesar de terem atrasado bastante a partida. William cavalgava diante, guiando o cavalo de sua esposa, o qual reconfortava Cathryn, já que fazia muito tempo que não cavalgava e não se sentia totalmente segura, e Rowland a seguia de perto. Cathryn tinha a certeza de que Lambert os espreitava de algum esconderijo próximo e que ainda desejava apoderar-se de Greneforde, por isso estava tão animada com aquela viagem e com a ideia de acabar de uma vez por todas com as pretensões daquele vilão. Além disso, assim teria a oportunidade de explorar as terras além dos limites de Greneforde. Sim, sentia-se livre, tão livre como em sua infância. Provavelmente os caminhos na Inglaterra já não eram tão seguros como nos tempos de seu pai, isso era somente um pressentimento, posto que ninguém o tinha confirmado — entretanto, não tinha medo. Acaso não cavalgava ao lado de William? E acaso ele não a amava? Sorriu abertamente, embalando aquele pensamento no mais profundo de seu ser, temerosa de que a força daquela alegria transbordante a derrubasse do cavalo.

O dia amanhecia sereno mas frio, o sol nascente acariciava a terra gelada com debilidade, sem chegar a propagar a sensação de calor. Mas o caminho aparecia ante ela espaçoso e ensolarado, sem vestígio daquela insidiosa chuva que não tinha cessado de cair durante as últimas semanas. Cathryn se sentia eufórica com aquele dia tão perfeito, e por que não ia está-lo?

As árvores nuas se manifestavam como silhuetas cinzas que contrastavam com o intenso azul do céu, sem uma gota de vento que sacudisse seus ramos desprovidos de folhas. O chão parecia gelado e firme e marrom sob os cascos dos cavalos, a chuva que tinha caído incessante ultimamente havia dissolvido a neve. O ar desprendia um aroma limpo, não havia nem rastro do aroma de lenha queimada ou a sopa ou a esterco, como em Greneforde. Era um dia limpo, tão limpo de qualquer mancha como ela. Um dia delicioso.

As horas foram passando tranquilamente. Enquanto Cathryn saboreava sua liberdade, Rowland e William permaneciam alertas ante qualquer perigo para que

ela pudesse seguir gozando daquele estado de placidez. Começava a anoitecer quando Cathryn emitiu algum som instintivamente que expressava seu bem-estar, e William deu a volta e lhe sorriu, ou possivelmente não tinha emitido nenhum ruído e simplesmente ele deu a volta para olhá-la e deleitar-se com sua expressão de júbilo.

—Hoje está radiante, mais radiante que o sol. —Sorriu ele, diminuindo a marcha até colocar-se a seu lado.

—É que é um dia perfeito, e por isso estou tão contente —respondeu ela animadamente, olhando diretamente para o ocaso.

—Entretanto eu estou preocupado pelo fato de ter que me ocupar da segurança de uma dama, e ainda por cima não estou contente porque não estou em casa, a não ser na metade de uma viagem, por caminhos inseguros. Juro-te que daria algo por dormir em minha cama esta noite.

Cathryn sorriu, lhe lançando um olhar coquete, desses que tinha aprendido de Marie.

—E como é possível que pense em dormir, quando existem outras formas de desfrutar na cama?

Rowland, sorrindo levemente, diminuiu a marcha para afastar-se deles e lhes proporcionar um pouco mais de intimidade.

William arqueou as sobrancelhas zombeteiramente como se estivesse surpreso e, sacudindo a cabeça teatralmente, respondeu:

—Pelo visto é insaciável, milady! Pois lhe digo que é realmente afortunada de me ter por marido, já que possuo o remédio para curar sua enfermidade.

—Não é uma enfermidade —riu ela.

—Possivelmente para ti não, mas o que diz de seu pobre marido fatigado, que se está fazendo velho?

—De verdade me casei com um homem fatigado?

Os olhos cinzas de William faiscaram com todo o esplendor do aço acabado de brunir.

—Bom, não tão fatigado, mas ainda não sabe o remédio para te curar.

—Não estou convencida de que se trate de uma enfermidade.

—Convencerá-te de que é uma enfermidade quando conhecer o remédio — respondeu ele, aproximando-se mais a ela.

—E é uma enfermidade francesa? —interessou-se Cathryn, mostrando seu receio.

William se encolheu de ombros arrogantemente.

—Não me atreveria a assegurar que nós, os franceses, sejamos os únicos conhecedores de tal enfermidade, mas te asseguro que não há ninguém mais eficaz que nós na hora de curá-la. Não sabia?

—Deveria ter me figurado isso. Suponho que agora falará do orgulho francês como outra das qualidades de sua gente, realmente, a lista de sua...

—Superioridade? —propôs ele com afã de ajudá-la.

—Arrogância — corrigiu ela — Cresce a cada hora que passa. Mas será melhor que voltemos ao assunto, quase esqueci do que estávamos falando.

—Então me permita que te refresque a memória —assinalou ele melosamente — Você, minha querida esposa, sofre uma enfermidade, denominada fome, fome insaciável.

—Não estou faminta.

—Sim, está. Posso ouvir como grita seu corpo.

—Meu corpo não emite nenhum som! —negou ela ruborizada, temerosa que William pudesse ouvir os rugidos de seu estômago.

—Não, não se trata de sons reais, mas entretanto posso ouvir sua chamada. Tem fome de mim, Cathryn. —Com a gema dos dedos lhe acariciou a linha de seu delicado queixo, e aproximou a boca perigosamente a de sua esposa — Ou me equivoco?

—E isso é uma enfermidade? —defendeu-se ela.

—Tem fome de mim? —voltou a lhe perguntar meigamente.

—E qual é o remédio? —contra-atacou Cathryn.

—Deseja-me, Cathryn? —insistiu ele de novo.

O rosto de William estava tão perto dela que Cathryn desejou intensamente poder estar a sós com ele. Os últimos raios de sol conferiam a seus cachos negros uma bela tonalidade de um azul intenso, e seus olhos tinham adotado um matiz

mais escuro, como o das nuvens de tormenta, enquanto sua pele era tão fina como a seda. Sim, desejava-o.

—Desejo você —cedeu ela em um sussurro.

William sorriu com satisfação. Apesar de parecer estranho, ela não se sentiu ofendida por sua reação.

—Então aqui tem o remédio: o método mais infalível para curar a insaciabilidade de qualquer tipo é o desenfreno total. —Os olhos de Cathryn se abriram como um par de laranjas enquanto ela se inclinava sobre sua mão varonil, que lhe acariciava o rosto de uma forma deliciosa — Sim, minha querida esposa —disse William — asseguro-te que te servirei uma dieta correta e abundante de mim. Encherei-te até o limite, até que se sinta plenamente saciada.

—Este remédio não funcionará —comentou ela com um sorriso.

—Porque é um remédio francês? —perguntou William franzindo o cenho.

—Não, William —repôs ela brandamente — porque nunca poderei me curar completamente de ti.

Os olhos escuros de Cathryn refulgiam demonstrando todo o amor e a paixão que sentia por ele, mas William era consciente da presença de Rowland. Inclinando-se um pouco mais para ela, beijou-a sensualmente com delicadeza nos lábios durante um instante e depois obrigou seu cavalo a colocar-se de novo diante do cavalo de Cathryn. Era absurdo rechaçar a companhia de sua esposa daquele modo, mas sabia que se seguiam por essa via não poderia conter-se e os dois acabariam rodando pelo prado em busca de algum lugar escondido onde poder amar-se desenfrenadamente. Definitivamente, William não respondia por seus atos se Cathryn seguia olhando-o daquela forma e fazendo comentários tão provocadores.

—Suponho que o diz porque é um remédio francês —brincou ele quando esteve a uma distância segura dela.

—Digo-o porque tenho um marido francês —respondeu ela relaxadamente, com a vista fixa nas costas de William.

Apesar de ter ouvido, William não respondeu, mas sorriu com satisfação.

—Será melhor que nos preparemos para acampar —sugeriu Rowland — Não há nenhuma casa, nem monastério por aqui perto onde possamos passar a noite. Sinto muito, lady Cathryn, mas hoje terá que dormir no chão.

Pensando em sua conversação com William, Cathryn não albergava muitas esperanças de passar a noite dormindo, mas não expressou seus pensamentos em voz alta a Rowland.

—Não se preocupe, para mim é uma grande aventura —repôs com alegria.

Ao Rowland, que acreditava conhecer Cathryn, não deveria ter surpreendido sua resposta, entretanto sim se surpreendeu. Sem dúvida, Cathryn era uma mulher de notável caráter e com uma grande firmeza. William tinha recebido um valioso presente quando o rei lhe tinha concedido Greneforde e a sua senhora.

Entretanto o perigo espreitava. Lambert estava perto e não demorariam para dar com ele. No dia seguinte chegariam a corte. Se tinham que sofrer um ataque, o mais conveniente era não estar nem muito perto de Greneforde nem muito perto da corte.

Rowland observou seu amigo enquanto guardava o pequeno plano que seguiam. Não muito longe dali, William tinha divisado as ruínas de uma cabana de pastores abandonada. O vento começava a aumentar sob a mortiça luz do sol. Cathryn necessitava um refúgio onde poder descansar, embora fosse um refúgio tão desmantelado como aquele abrigo.

William olhou para trás, e Rowland assentiu com a cabeça para indicar sua conformidade. Rowland viu o olhar felino que William dedicava a sua esposa e decidiu que depois de comer algo se dedicaria a rastrear a zona em busca de sinais humanos antes de dormir —embora provavelmente dormiria pouco— sob as estrelas. Desse modo William e Cathryn gozariam de mais intimidade.

O jantar consistiu em partes de carne de gamo, pão e vinho, e apesar de a carne estar fria, lhes contribuiu com energia para suportar o que se apresentava como uma noite muito fria. Além disso, a companhia era grata. William não queria arriscar-se a acender uma fogueira, mas o céu estava espaçoso e iluminado por centenas de estrelas. Inclusive na relativa escuridão do abrigo, Cathryn podia ver os

brilhos chapeados que emanavam dos olhos de William graças à luz que se filtrava pelas frestas e pelo enorme buraco no teto.

E soube que aquela noite provaria «o remédio» de William.

Rowland limpou os dedos na parte de tecido que guardavam a comida e ficou de pé rapidamente. William o olhou com espera.

—Vou dar uma volta —declarou Rowland — mas não me afastarei.

William e Cathryn o observaram enquanto se afastava sem lhe dizer nenhuma palavra, como se não desejassem atrasar sua marcha. Rowland não se ofendeu, mas justamente o contrário. Sorrindo, pensou que os recém casados jamais se mostravam muito educados, quando apresentava a oportunidade de ficar sozinhos.

Uma rajada de vento lhe indicou o caminho para a escuridão da soleira sem porta, e então desapareceu. Cathryn olhou William, e seu rosto se iluminou com um sorriso de antecipação.

—Como está, minha querida esposa? —perguntou ele, mantendo distância dela — Estava boa, a carne de gamo?

—Um verdadeiro manjar —respondeu ela com paquera.

—E o vinho? Fixei-me que só tomou um par de taças. Não estará doente?

Cathryn não necessitaria nunca mais recorrer ao vinho para reunir a coragem necessária para enfrentar aos rigores do quarto, e William sabia, mas ela não queria perder aquela partida contra ele.

—Não, a verdade é que me sinto estupendamente —respondeu Cathryn com impassibilidade.

—Está segura de que não adoece de nenhum mal? —insistiu ele, também com impassibilidade.

—É estranho o duplo sentido que vós, os franceses, outorgam a uma palavra — comentou ela — Mas não, estou segura de que não estou doente.

—Então, se não há enfermidade, não há necessidade de te aplicar nenhum remédio —a provocou com uma voz rouca.

—Oh, outra vez o ditoso duplo sentido, mas volto a repetir que não posso me curar. O que me diz, esposo meu, quer tentar um milagre? —desafiou-o Cathryn.

—Sim —respondeu William, ficando de pé — Não cessarei até conseguir um milagre.

Cathryn também ficou de pé, preparada para aceitar seu abraço, encantada de não ter sucumbido a retirada que lhe tinha jogado e ter conseguido que William lhe seguisse o jogo. Ao levantar ficou de costas à soleira da porta, e William só tinha dado um passo quando ela notou o frio fio de uma espada no pescoço. William se deteve e pôs a mão sobre o punho de sua espada, mas não fez nenhum movimento mais. A arma que ameaçava a Cathryn parecia realmente afiada.

A noite era escura, mas as estrelas brilhavam no céu limpo de nuvens, por isso a Cathryn não custou reconhecer a seu agressor.

—Não! —chiou ela com desespero, enquanto lhe gelava o sangue ao saber quem era o homem que a imobilizava.

—Sim gatinha, como pode ver, não te esqueci. Seria um iludido se pensasse que você tampouco me esqueceste?

Era Lambert. Seu descomunal anel brilhava sob a fria luz da noite. Aquele anel tinha captado sua atenção como não tinha conseguido a espada. Era aquela mão, com aquele anel, a que lhe tinha provocado a cicatriz na sobrancelha que a marcaria para sempre. Cathryn elevou uma mão trêmula para apalpar a cicatriz. Sim, seguia ali. Ele a tinha marcado para sempre.

Nada tinha mudado.

Lambert estava ali, tocando-a. Sua mão era dura, completamente diferente da de William. Ele a olhava com seus olhos de um azul tão pálido que pareciam brancos, mais pálidos que o céu no inverno, tão diferentes dos olhos cinzas como nuvens de tormenta de William. Lambert. Havia retornado. Tocava-a. Imobilizava-a.

Em sua mente não havia espaço para ninguém mais, nem para ela. Nem sequer pensou na faca adornada com pedras preciosas que tinha ao alcance de sua mão. Não havia escapatória, não podia defender-se.

O frio que a afogava não provinha do exterior, mas sim de seu próprio interior, como se a eterna e irreversível frieza de todos os cadáveres da Terra se concentrassem em alguma parte secreta de seu ser para lhe dar a bem-vinda ao mundo dos mortos.

Cathryn se entregou a aquele frio sem oferecer resistência.

Desejava unir-se aos mortos. Quem poderia lhe fazer mal, quando estivesse morta?

E William viu sua mudança radical e sua gélida retirada em si mesma e temeu por ela. Aquele perigo era inclusive mais letal que o fio em sua garganta, porque significava a morte de sua alma.

—Segue sendo a gatinha tranquila de sempre, e isso me agrada, é uma de suas virtudes —disse Lambert com um falso tom sedoso — Me alegro, porque fica tão pouca virtude...

O som daquela brincadeira tão maliciosa conseguiu que Cathryn reagisse e ela deu a volta rapidamente. Como se se achasse na metade de um túnel interminável, viu William imobilizado por dois homens de Lambert. Duas espadas o ameaçavam, apontando diretamente a seu torso. Ele não podia defender-se. William não se movia, não dizia nada, mas não afastava os olhos de seu rosto. Ela apenas se deu conta daquele detalhe. Entretanto, uma vozinha em seu interior lhe remarcou que os dois vilões que imobilizavam seu marido eram imundos. Notavelmente imundos.

Uma risada convulsiva a sacudiu. Estava louca por fixar-se naquele detalhe, já que em realidade isso não importava. Acaso podia alguém estar mais sujo que ela?

—Ainda treme por mim, gatinha —sorriu Lambert — Vejo que não me esqueceu.

Não, não o tinha esquecido, apesar que por uns dias tinha tido a ilusão que tudo tinha sido um sonho, mas agora estava despertando. William era o sonho, e o olhou com olhos totalmente insensíveis, olhos carentes de expressão e de qualquer emoção, e então afastou a vista e deixou que a mão de Lambert riscasse com uma molesta precisão a curva de seus seios até seu quadril. Sabia o que ia passar a seguir, e não podia suportar que William fosse testemunha. Ao afastar a vista dele, tinha fechado a porta a William, com chave.

Lambert ia violá-la. O único que pedia a Deus era que a levasse até algum rincão onde William não pudesse ver sua humilhação. Embora parecesse estranho, isso era o que mais a importava. Quase podia aceitar a violação de seu corpo, quase...

Cathryn não compreendia que sua fria submissão evidenciava a morte de sua alma. Mas William sim compreendia.

Jamais a tinha visto tão fria, tão distante de tudo o que a rodeava, inclusive estava se distanciando de si mesma. Cada vez que inalava ar, distanciava-se mais dele, abandonando-o indevidamente, após toda a calidez e carinho que lhe tinha dado. Aquele distanciamento era letal, absolutamente letal. Cathryn não sobreviveria.

William, tão silencioso no campo de batalha, observou como Lambert arrastava à mulher que compartilhava seu coração até um imundo rincão do abrigo.

—Cathryn! —gritou com uma voz desesperada, equilibrando-se contra as pontas das espadas que o ameaçavam, sem dar-se conta de como o cravavam, sem ser consciente de como seu sangue manchava a túnica antes de desenhar uns frágeis rastros no chão.

Guichardet e Beuves não se atreviam a lhe fazer mais mal.

Lambert tinha reclamado o direito a matar o Brouillard do mesmo modo que tinha reclamado o direito de possuir a sua esposa, entretanto, não sabiam o que podiam fazer para mantê-lo imobilizado.

—Cathryn! —repetiu William — Ele não tem nenhum direito sobre ti!

As espadas cravavam mais profundamente no músculo que envolvia as costelas, sem que William reagisse ante a dor. Guichardet e Beuves se olharam mutuamente com um crescente mal-estar. Como iriam deter um homem que não se sentia coagido pelas espadas? Guichardet desfrutou durante um instante com satisfação. Não tinha repetido uma e outra vez que o Brouillard era um cavalheiro realmente perigoso?

—Foi entregue por Deus e pelo rei, a mim e não te abandonarei! —gritou William, com a intenção de que ela ouvisse suas palavras e reagisse.

Beuves e Guichardet lançaram suas espadas inúteis ao chão e o agarraram pelos braços para mantê-lo afastado de sua esposa. E então William soube que não iriam matá-lo, ao menos não ainda, e isso lhe conferia vantagem, já que ele não pensava mostrar nem um ápice de compaixão na hora de matá-los.

—Lute por você, igual eu luto! —lhe ordenou ele — Faça-o!

E como se se achasse no meio de uma densa bruma, Cathryn o ouviu.

Ela era a esposa de William. Unicamente pertencia a ele. Não pertencia a Lambert.

A mão sebosa de Lambert se dispunha a lhe elevar a saia. Cathryn notou o ar frio em sua pele. Sem vacilar, agarrou-o pelo pulso para detê-lo.

Nada que ela tivesse podido dizer ou fazer teria deixado Lambert mais desconcertado.

Sua gatinha jamais resistia, não depois daquela primeira vez, quando ele a tinha golpeado violentamente e tinha matado seu irmão. Tinha-a adestrado para nunca lhe opor resistência.

E ao ver que Lambert não fazia nada, que ficava totalmente paralisado, Cathryn se encorajou. Empurrou-o com força e logo lhe deu um empurrão na mão que ficou imóvel sobre sua perna. Lambert se recuperou de sua paralisia momentânea. Seguro que o truque que tinha funcionado uma vez funcionaria de novo. Ao melhor a gatinha tinha esquecido umas quantas lições. Ele as recordaria.

Com uma força brutal, Lambert a esbofeteou em pleno rosto.

Cathryn sentiu um desagradável enjoo durante uns segundos, e deixou de oferecer resistência. Lambert riu com satisfação e lhe elevou a saia até os quadris. O impacto do ar nas pernas lhe esclareceu rapidamente a cabeça e, depois de inspirar ar profundamente, voltou a dar um empurrão a seu agressor.

Não tinha visto vir a bofetada, apesar de a esperar. Com o golpe, as ideias lhe tinham esclarecido com uma força demolidora, inclusive superior à força da bofetada: Lambert não podia matá-la. Matá-la supunha perder todas as possibilidades de reclamar a propriedade de Greneforde. Se não podia matá-la, então não tinha nada que temer, já tinha feito o pior que lhe podia fazer. Cathryn tinha suportado o vexame a que ele a tinha submetido de forma constante. Mas não pensava suportá-lo nenhuma só vez mais.

William se achava a poucos passos de Cathryn, entretanto parecia que estavam separados por mil léguas, e a batalha que Lambert tinha iniciado com sua entrada no abrigo tinha durado menos de duas dúzias de batimentos de coração, mas William tinha a sensação de que estavam apanhados no túnel da eternidade. Lambert tinha recorrido novamente a seu descomunal anel e tinha atizado Cathryn

com ele só como um homem aticaria a um cão. Ao vê-la com aquela expressão desorientada, William sentiu uma intensa dor no coração. Não pensava perdoá-lo. Lambert não viveria para recordar o que acabava de fazer.

Com uma vertiginosa rapidez, William se apoderou da faca que tinha pendurada no cinturão, e sem pronunciar nenhuma só palavra, deu a volta por um dos vilões e o apunhalou justo no ponto onde a malha não lhe cobria a garganta.

Guichardet caiu ao chão fulminado.

Beuves retrocedeu um passo ao tempo que soltava o braço de William. Aquele homem era mais temível do que tinha suposto. Guichardet estava morto. Morrer não era o que tinham combinado quando tinham planejado recuperar Greneforde.

O olhar nos olhos do Brouillard quando se voltou para ele, depois de matar Guichardet, com o sangue brilhando intensamente no fio de sua faca, provocou em Beuves um susto mortal. Aquele homem ia matá-lo. Não havia fúria, nem raiva contida, nem sede de sangue naqueles olhos cinzas. Simplesmente o selo da morte. Uma morte fria. Sua morte.

Beuves deu a volta para sair correndo, para escapar não do ato de morrer — todos os homens tinham que enfrentar cedo ou tarde à morte— mas sim da morte personificada naquele rosto insensível e solene ante ele. Aqueles olhos escuros e insondáveis unicamente mostravam um pinga de vida: a vida atormentada dos condenados. O rosto do Brouillard bastava para voltá-lo louco.

Inclusive antes de poder completar um passo frenético, Beuves caiu morto. A ponta de uma flecha lhe atravessou o pescoço. Rowland apareceu atrás de William através da fresta, com o arco nas mãos.

—Sinto muito, William. Afastei-me muito.

Não disse nada mais. Não precisava pronunciar mais palavras em um momento tão complicado, e William não se preocupou em responder. Ambos se equilibraram para o rincão onde Cathryn estava deitada, perto da porta do abrigo, com Lambert montado sobre ela. A tinha golpeado uma vez, e uma de suas bochechas começava a inchar e a arroxear, entretanto era Lambert que estava suportando a dor. Cathryn, segura de que não a mataria, estava se vingando dele.

Tinha-lhe colocado os polegares em ambos os olhos e apertava com raiva. Lambert tinha pensado que podia violá-la. Mas não podia. Tinha pensado que podia golpeá-la. Cathryn não pensava amedrontar-se ante tão insignificante castigo.

Foi William quem culminou aquela batalha. Com uma ferocidade letal, afastou Lambert de sua esposa com um chute, pegando-o totalmente despreparado. A seguir, desencapou a espada e esperou que Lambert ficasse quieto, sem mover nem um dedo no chão. Quando Lambert compreendeu que sua morte estava escrita no rosto de William, William fez o que nenhum cavaleiro faria a outro: não concedeu a Lambert a oportunidade de morrer dignamente, defendendo-se. William afundou toda a fúria de sua espada no pescoço de seu inimigo.

Rowland se colocou diante de Cathryn para que ela não visse o desagradável espetáculo. E fez bem.

Com um absoluto desdém, William deu um chute à cabeça sem vida de Lambert e a enviou rodando à outra ponta do abrigo, e depois, ao fixar-se no brilho do brutal anel, seccionou a mão de Lambert e com um chute a enviou ao mesmo rincão que a cabeça, para que ambas as partes se fizessem companhia grotescamente.

Lambert estava morto.

Era a última vez em sua vida que William dedicaria um segundo para pensar em Lambert.

Rowland, que conhecia perfeitamente William, sabia que Lambert não ocuparia nunca mais os pensamentos de William. Seu bom amigo centraria toda sua atenção em Cathryn e em sua propriedade, tal e como tinha que ser. Rowland recolheu os restos de Lambert de Brent e lançou o corpo pela fresta. Com uma calma pasmosa, recolheu a mão e a cabeça e se desfez delas da mesma maneira. Depois recolheria todas as partes e enterraria o homem que tinha abusado de Greneforde. Também enterraria aos outros dois cavaleiros desconhecidos junto a Lambert, sem que tivessem recebido a extrema-unção. Os três vagariam juntos pela eternidade, gostassem ou não.

William era parcialmente consciente dos movimentos de Rowland no abrigo, já que não podia afastar a vista de sua esposa. Ela tinha realizado um esforço sobre-humano para superar aquela última humilhação, e temia havê-la perdido para

sempre. Cathryn jazia deitada, completamente imóvel, não tinha se levantado quando tinha tirado Lambert de cima, nem tampouco tinha demonstrado de nenhuma forma se se tinha informado da morte de seu agressor. Pela boca lhe emanava livremente um rastro de sangue, sem que ela tentasse limpar-lhe.

William tampouco era consciente de que ele mesmo estava sangrando por causa das duas pequenas feridas nas costelas. Tinha posto toda a atenção em sua esposa.

Podia ver que Cathryn estava muito longe dele. Não havia nenhum pingo de confiança em seus adoráveis olhos escuros. Nem havia sinal de que ainda estivesse viva, exceto pela pesada respiração que inchava e desinchava seu peito. Entretanto, estava seguro de que ela o tinha ouvido no meio de seu pesadelo particular, já que Cathryn tinha reagido quando lhe tinha ordenado que lutasse.

Tinha-o ouvido.

William sentiu como a esperança emergia em seu interior. Se o tinha ouvido uma vez, podia voltar a ouvir. Tinha que ouvi-lo. Mas como chegar até ela?

Brandamente, William acreditou ouvir o sussurro de Deus. Efetivamente, não podia lhe falar com cuidado porque isso a esmagaria até matá-la.

—Levante-se, Cathryn! —ordenou-lhe com um tom gentil mas enérgico — Não pode se revolver pela sujeira um dia antes de conhecer novo rei da Inglaterra!

Cathryn se sentou antes de que as palavras tivessem aflorado completamente pela boca de William, e então sua mente assimilou seu significado. Tinha que levantar-se. William tinha ordenado. E por que? Porque Lambert estava morto.

Lambert estava morto. Ela tinha lutado contra ele. William o tinha matado. William o Brouillard não a tinha abandonado, tal e como lhe tinha prometido infinidade de vezes.

Ela confiava nele, depois de tudo, ele nunca tinha perdido nenhuma batalha em sua vida.

Lentamente, um sorriso começou a curvar a comissura de seus lábios. Cathryn secou o sangue com a ponta do vestido e apalpou com cuidado a zona intumescida perto do olho. Toda ela estava cheia de sujeira e de contusões e de sangue seco,

mas olhava seu marido com olhos brilhantes que expressavam a intensa força de sua personalidade. William pensou que nunca a tinha visto mais bela.

Cathryn tinha retornado da cova escura em seu interior, a cova em que sempre se encerrava quando se sentia ameaçada. Tinha temido perdê-la, mas a tinha recuperado.

—Prometo —disse Cathryn, levantando-se lentamente — que não direi ao rei quão entristecedor resulta às vezes, sempre dando ordens. —Ergueu as costas e colocou as mãos nas costelas, suspirando pesadamente antes de atravessar William com seu penetrante olhar — Lhe digo isso com todo o afeto do mundo, meu querido marido, às vezes pode chegar a ser um verdadeiro aporrinho.

William arqueou suas sobrancelhas negras com ar contrariado, enquanto as olhadas sedutoras de sua esposa e suas palavras provocadoras o encantavam. Definitivamente, amava-a.

—Eu? Um aporrinho a você?

—Entretanto —o cortou Cathryn, lhe dando de presente um sorriso triunfal— seu amor por mim não me supõe nenhuma carga.

William cruzou os braços sobre o peito com uma atitude altiva.

—Cada uma de suas estocadas é tão doce como um beijo —lhe disse — Não obstante, que estocadas!

—E seguro que agora espera que me desculpe, não é assim? —Cathryn sorriu.

William arqueou uma sobrancelha ante a brincadeira.

—Desculpa à francesa ou à inglesa? —perguntou ele.

—Você escolhe —respondeu ela, encolhendo os ombros.

William deu uma olhada ao redor do abrigo. Todos os sinais de luta e de morte tinham desaparecido. O lugar estava mais ou menos igual a quando tinham chegado. Possivelmente seria um bálsamo reparador para Cathryn, se agora faziam amor.

—Inclino-me por uma fusão de ambas as tradições —anunciou ele com um tom sedutor mas diplomático — Que tal se combinarmos o melhor das duas culturas?

Cathryn levou as mãos à costas, propulsando os seios a modo de convite, enquanto desatava as fitas do vestido, que em poucos segundos se soltou e caiu

por seus ombros, deixando descoberta sua pele cálida e suave inclusive sob a tênue luz da noite.

—Rápido ou lento, William?

Era evidente que não chegariam a um acordo.

Com uma vigorosa sacudida de ombros, Cathryn se liberou completamente do vestido, que caiu a seus pés sobre o chão de terra. A seguir tirou a regata rapidamente. Como uma mulher segura de si mesma, lançou a roupa de um chute aos pés de William e então ficou brincando charmosamente com seu esplendoroso cabelo, como se se tratasse de uma capa que a resguardava do ar da noite, acariciando a si mesma com suas mechas. Estava plenamente segura de que não teria que suportar o frio invernal durante muito tempo.

William só tinha que lhe dar uma resposta, e se apressou a declarar:

—Rápido.

Cathryn sorriu e se aproximou de seu marido, confiada e cômoda com sua nudez e consigo mesma. Elevou os braços e os enredou ao redor de seu pescoço.

—Meu querido Brouillard, parece-me que está se convertendo num cavalheiro inglês.

FIM

GRH

Grupo de Romances Históricos

Para entrar neste grupo, enviar e-mail para
moderacaogrh@yahoo.com.br

